

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

O embaixador Arvengas com algumas das senhoras presentes à cerimónia

O embaixador da França ao receber a colónia do seu país falou do propósito de pôr fim à custosa luta na Indochina

Para celebrar o 14 de Julho, Dia Nacional da França, o embaixador deste país em Lisboa e sua esposa receberam, esta manhã, nos salões da embaixada, a colónia francesa residente na capital.

Rodeado pelo consul de França, sr. Xavier Picot de Moras, e pelo pessoal superior da Embaixada e do Consulado, o sr. Gilbert Arvengas recebeu os cumprimentos de cerca de duas centenas de compatriotas seus.

Logo que principiou a recepção, o embaixador de França agradeceu, pessoalmente, ao representante do «Diário de Lisboa» o facto de dedicarmos o nosso jornal de hoje ao seu país. O suplemento especial da nossa edição, que a essa hora já estava impresso e que o sr. Gilbert Arvengas foi, como ele próprio acentuou, o primeiro francês a compulсар, mereceu-lhe as melhores referências, e traduz bem, segundo disse, um forte laço de união a estreitar a já sólida amizade que une Portugal e a França.

(Continua na página central)

D. Jacinto Benavente

faleceu em Madrid
com 88 anos de idade

MADRID, 14.—As 13 e 10 faleceu na sua casa da «calle» de Atocha o dramaturgo D. Jacinto Benavente, vitimado por uma trombose cardíaca que os médicos haviam diagnosticado de fatal desde que surgiu. Melhores aparentes tinham permitido esperanças aos íntimos do escritor, que faleceu nos braços do actor Hurtado e de sua esposa, que há anos residiam com Benavente e lhe faziam companhia com seus filhos.—(Efe).

D. Jacinto Benavente nasceu em Madrid, em 1866; contava, portanto, 88 anos; curso de Direito, mas abandonou os estudos para se

(Continua na página seguinte)

32 cadáveres retirados

dum desprendimento de terras

BOGOTÁ, 14.—As últimas notícias provenientes do local, próximo de Medellín, a segunda cidade da Colômbia, onde se registaram ontem dois desprendimentos sucessivos de terras, dizem que já foram retirados 32 cadáveres.

Espera-se que não haja muitas mais vítimas, embora de princípio se receasse que um elevado número de homens da brigada de salvamento tivesse ficado soterrado.

O número de feridos transportados para os hospitais é de 40.—(R.).



A CARTA DE WASHINGTON — (1)

Os Ingleses visam a distância separar a China da U. R. S. S.

convertendo Mao Tsé Tung como converteram Tito

por ATTICUS

PARIS, Julho — Os resultados das conversações anglo-americanas de Washington confirmaram as previsões que era possível arriscar antes da sua realização. Os dois documentos publicados no final—o comunicado de 28 de Junho e a declaração comum de 29—não dissiparam a impressão causada pelo conhecimento das divergências suscitadas recentemente entre os governos de Londres e Washington. A imprensa americana resumiu, exactamente, a situação ao dizer que essas divergências subsistem, especialmente pelo que se refere ao problema asiático, o que quer dizer pelo que se refere à atitude das potências anglo-saxónicas em relação aos casos concretos da China e da Indochina.

Dos documentos contraditórios

Aparentemente a declaração comum Churchill-Eisenhower, de 29 de Junho, completa o comunicado publicado no dia anterior. No fundo, estes dois documentos contradizem-se. O primeiro reflecte as ideias e as teses britânicas e regista o compromisso a que foi possível chegar entre estas e as teses britânicas. O segundo exprime as teses americanas e resume o compromisso a que foi possível chegar entre estas e as teses britânicas. Isto equivale a dizer que o primeiro compromisso foi anulado pelo segundo e que, praticamente, Ingleses e Americanos ficaram nas posições em que se encontravam.

O pacto asiático

Pelo que se refere ao problema asiático, o comunicado de 28 de Junho diz

que as duas partes «examinaram a situação que resultaria da realização de um acordo sobre a Indochina» e também «a situação que resultaria se os esforços envidados para chegar a um tal acordo se malograssem». Esta maneira de encarar o problema asiático representa uma concessão americana. Os dirigentes dos Estados Unidos admitem, pela primeira vez, a possibilidade de um armistício na Indochina e a eventualidade da política a seguir

(Continua na 6.ª página)



O primeiro encontro de Mendès-France e Eden para o restabelecimento culminante das conversações de Genebra

AS CONVERSACOES DE PARIS

O secretário de Estado americano mostrou-se compreensivo e não se exprimiu em tom autoritário

PARIS, 14.—As conversações que se realizaram no palácio Matignon (Presidência do Conselho) entre Mendès-France, Foster Dulles e Anthony Eden, na base das negociações de Genebra, versaram única e exclusiva-

mente a Indochina. Duraram das 22 e 45 à meia noite e vinte e foram como que um seguimento das que se realizaram à tarde, durante a visita do presidente do Conselho ao secretário de Estado americano e das que se efectuaram durante o jantar que reuniu os três ministros ocidentais e nove dos seus colaboradores. Pode, pois, dizer-se que foi uma conversação de cinco horas quase seguidas, conversação que, por proposta de Foster Dulles, continuou hoje, às 11 e 30. Antes disso, porém, o secretário de Estado americano conferenciara com Douglas Dillon, embaixador dos Estados Unidos

(Continua na última página)

Está em riscos de se perder no delta de Tonquim material de guerra americano no valor de 1 bilião de dólares

As autoridades militares americanas resolveram suspender o envio de material de guerra para as forças que

se encontram concentradas na parte Sul do delta do Tonquim, com o argumento de que essas forças podem ser forçadas a um novo Dunquerque. Com a retirada, em massa, dos Franceses para Hanoi e Haiphong, foram transportadas para estas duas cidades

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

(Continua na 6.ª página)

Diário de Lisboa

de hoje é de 40 páginas

das quais 24 constituem um
suplemento dedicado à França
que não pode ser vendido
separadamente

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

D. Jacinto Benavente

(Continuação da página anterior)

dedicar à vida literária. Em 1894, estreou-se como autor dramático, com a peça «El nido ajeno», sucedendo a Echegaray no domínio do teatro espanhol, e passou de cem as suas obras que desde então triunfaram plenamente. Entre outras devem citar-se «La Comedia de las fieras», «Los intereses creados», «Lo Cursi», «Señora Ama», sendo esta a sua peça preferida; «La noche del sábado», «Rosas de Otoño», «La Malquerida», «Campo de armiño», «La mariposa que voló sobre el mar» e «Cuando los hijos de Eva no son hijos de Adán», esta e outras representadas em Lisboa pelas companhias de María Guerrero-Díaz de Mendoza, no antigo D. Amélia, e de Enrique de Rosas, no D. Maria II.

Algumas peças de Benavente foram traduzidas em português e aqui representadas com grande êxito. Devem-se à pena do dr. Norberto Lopes algumas dessas traduções mais felizes e de maior agrado, tais como «y amargaba», que se representou em português, com o título «Era doce e amargava»; e «Al amor hay que mandarle al colegio», que subiu à cena com o título «O amor precisa de escola»; e ainda «Melodía del jazz» — todas representadas pela companhia Amélia Rey Colação-Robles Monteiro no Teatro D. Maria.

Jacinto Benavente esteve em Portugal em 1923, precisamente no ano em que lhe foi conferido o Prémio Nobel de Literatura, e aqui voltou depois, com Lola Membrives, de passagem para a América. Apesar da sua avançada idade, Jacinto Benavente continuava a escrever incessantemente. Estreava cerca de meia dúzia de peças por temporada e já este ano apresentara duas em que mantinha todo o fulgor do seu talento de príncipe dos autores dramáticos espanhóis.

12 crianças afogadas

MONTREAL, 14.—Num lago dos arredores de Montreal, um pequeno barco a motor, no qual seguiam 15 crianças negras que iam tomar parte num piquenique organizado pela colónia negra de Montreal, voltou-se devido a um golpe de vento. Morreram afogadas 12 crianças. Só se salvaram 3 crianças e o proprietário do barco. — (France Presse).

A VOLTA À FRANÇA

BREST, 14.—A partida para a sétima tirada da Volta à França, Brest-Vannes (211 quilómetros) foi dada às 10 horas da manhã. O Espanhol Langanica, que na sua queda de ontem se feriu no cotovelo, e Ruffet (Oeste), com uma dor cláica, não alinham. — (France Presse).

AUTOMOBILISMO

O Circuito de Monsanto

foi hoje visitado
pelo presidente da Câmara

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal, visitou hoje de manhã, o Circuito de Monsanto, onde, nos dias 24 e 25, se realizarão importantes provas automobilísticas, de carácter internacional.

O presidente do Município, que ali chegou, acompanhado do seu secretário, sr. Rodolfo Serpa, era aguardado pelos srs. dr. Mário Madeira, João Ortigão Ramos e eng.º Francisco Ribeiro Ferreira, directores do Automóvel Club de Portugal. Presentes, também, estavam os srs. eng.º Ricou, Ciro e Rodrigo, dos serviços técnicos da C. M. L., que têm sido preciosos colaboradores da organização.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que tem dispensado especial interesse pela realização de corridas de automóveis em Monsanto, trocou impressões com os directores do Automóvel Club e com os engenheiros do Município sobre o andamento dos trabalhos, mormente os que dizem respeito à instalação do público e alargamento e beneficiação da faixa de rodagem.

Junto da meta, podem já ver-se as tribunas reservadas à cronometragem e à Imprensa e as bancadas A e B — todas de armação metálica e oferecendo um conjunto, de facto, impressionante.

A venda de bilhetes

Conforme foi anunciado, começou, ontem, na sede do A. C. P., a venda de bilhetes para as provas. Durante o dia, passaram pelo Automóvel Club centenas de pessoas para esse fim. Pedem-nos a direcção do A. C. P. que informemos as pessoas que fizeram marcações que estas só serão respeitadas até amanhã, às 19 horas.

Instituto de Oncologia

Realiza-se amanhã, pelas 21 e 30, na sala de Aula do Instituto Português de Oncologia, a lição de encerramento da actividade académica do ano de 1953/1954, que será proferida pelo presidente da Comissão Directora do Instituto Português de Oncologia, prof. Francisco Gentil. O tema da lição é: «Aspectos cirúrgicos dos miomas uterinos». A entrada é livre.

NO SECRETARIADO

Uma exposição

de Arte e Bibliografia
sobre Marrocos

Na sala do rés-do-chão do palácio Foz, foi hoje inaugurada, e ficou aberta para o público, uma exposição artística e bibliográfica de Marrocos, promovida pelo Círculo Português de Marrocos, de que são directores os srs. dr. Garcia Domingues e António Pestana, e que tem por fim estreitar as relações culturais e de turismo entre Portugal e o Norte de África. A exposição, que tem a colaboração do Comissariado do Turismo Francês, da Delegação Espanhola de Turismo e do Departamento de Turismo de Tanger, oferece realmente interesse e consta de quatro reproduções litográficas de quadros de Rosemberg representando portas de antigas cidades árabes e outros motivos marroquinos; dum busto e de quatro pastéis de Ivone de Sousa; de quatro óleos de Mariam de Sousa, além de outros quadros e fotografias da região e ainda de livros portugueses acerca de Marrocos e objectos de uso dos indígenas, como rifles e gumias, utensílios para a preparação do famoso chá dos Arabes, peças do vestuário típico e duas arcas, uma das quais se ilumina e mostra o Alcorão.

A interessante exposição seleccionada e disposta pelo pintor Carlos Botelho, foi oficialmente inaugurada pelo sr. dr. José Alvelos, director interno do S. N. I., na ausência do secretário nacional da Informação, e por alguns representantes do círculo organizador e dos organismos francês e espanhol que colaboraram.

O desabamento do edifício do Senado de Goa

CIDADE DE GOA, 14.—Foram já identificados três cadáveres das vítimas do trágico desabamento de parte do edifício do 1.º Senado de Goa, ontem ocorrido, quando funcionavam as repartições. Trata-se do cabo reformado José Maria Rodrigues, natural de Escalhão, distrito da Guarda; Miguel João de Almeida, solteiro, de 43 anos de idade, e Gonzaga Caldeira, casado, que deixa 8 filhos.

Toda a Imprensa de Goa presta hoje eloquente homenagem às forças militares, que dedicadamente colaboraram na remoção dos destroços, ajudando assim a salvar algumas vítimas. — (Lusitania e ANI).

Um estudante invisual

concluiu hoje a sua licenciatura
na Faculdade de Letras

A sala de actos da Faculdade de Letras de Lisboa encheu-se, hoje, de uma assistência em que predominavam as alunas e alunos daquele estabelecimento de ensino superior. Tal concorrência deve-se ao facto de concluir, ali, esta manhã, as suas provas de licenciatura em Filologia Romanica, o invisual Augusto Medina, estudante dos melhores e dos mais considerados pelos colegas e mestres.

O juri, presidido pelo prof. dr. Vitorino Nemésio, que foi, também, o arguente, ouviu o candidato defender a sua tese, intitulada «Tentativa de dar informação e interpretação de Fernão de Oliveira, sobre a pronúncia do português do século XVI», após o que reuniu e atribuiu ao dr. Augusto Medina, a classificação de 12 valores.

Que Fazer para aliviar PÉS DORIDOS

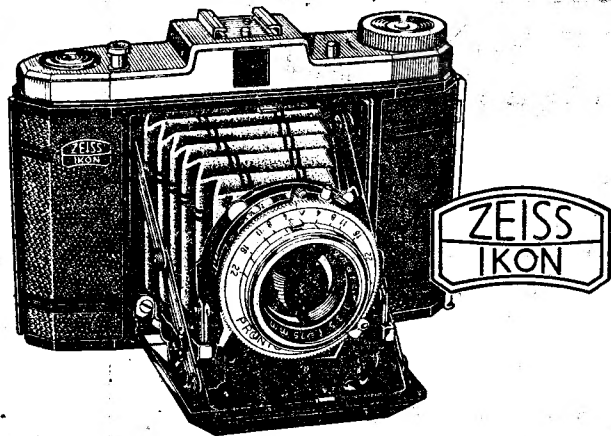


Para obter um bem-estar imediato e para desembaraçar-se de todos os sofrimentos, façam o seguinte: Ponham uma mão cheia de Saltratos Rodel em água e metam nela os seus pés doridos. Este banho leitoso faz desaparecer imediatamente a dor, e suprime o inchaço. Os calos e calosidades amolecidos tiram-se facilmente sob a pressão dos dedos. Seus pés ficam «descansados». Hoje mesmo um banho aos pés com Saltratos Rodel. Amanhã pés «novos». A venda nas farmácias, drogarias, perfumarias e em todas as boas casas. Preços módicos.

Contente com a camara...

Contente com as fotos...

Vê-se que tem uma
Zeiss Ikon...



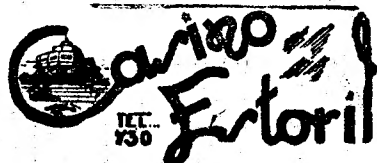
De linhas inconfundíveis e planeada com precisão científica, a sua camara Zeiss Ikon será admirada onde quer que a leve. É fácil obter fotografias excelentes com uma Zeiss Ikon, por causa das suas soberbas lentes Zeiss, linhas modernas e simplicidade e rapidez de manejo. Vale a pena comprar uma camara Zeiss Ikon, porque as boas fotografias não custam mais do que as más. Tem a sua escolha 23 modelos que vão desde a baratíssima Zeiss Ikon «Box Tengor» até a suprema CONTAX III.



ZEISS IKON AG STUTTGART



LINDA WHITE



«LINDA WHITE e seus BOYS»

Vedeta das famosas revistas «SOUTH PACIFIC» e «SHOW BOAT» de BROADWAY

Toilettes das casas «CRISTIAN DIOR - JACQUES FAITH e GRIFFE»

PREÇOS — No «Wonder-Bar», consumo mínimo, 60\$00
No «Restaurante», entrada 20\$00 (Para a u-los)

AMANHÃ
SENSACIONAL ESTREIA
da grande artista norte-americana

Evite o cheiro a suor

E que a acção cáustica deste se impregne na roupa branca e no vestuário, usando o **Sabonete Desodorizante Casulo**, composto com a famosa substância alemã Wirkstoff F. S. 64, da Terpal-Chemie, de Hamburgo, cujo sabonete impede também as infecções bacterianas e as da fungosidade da pele (inflamações, borbulhas, espinhas, etc.). A venda nas melhores Drogarias, Perfumarias, etc., do País.

MUTUALIDADE

Companhia de Seguros
Seguros em todos os Ramos

DESPORTOS

HOQUEI EM PATINS

O Futebol Benfica bateu o Sintra por 6-2 A C.U.F. ganhou em Cascais

Tudo indica que o encontro do próximo sábado será o jogo decisivo deste campeonato do Sul de 1954.

Benfica e Campo de Ourique, separados apenas por três pontos — uma derrota e um empate dos segundos classificados — podem resolver já a questão do primeiro lugar, embora ainda falte uma dúzia de jogos para se chegar ao fim da primeira volta.

Na verdade se o Benfica ganhar, terá afastado o seu perseguidor mais próximo, e mais perigoso, para cinco pontos de distância — margem quase impossível de anular considerando a boa forma e a categoria da equipa dos encarnados.

De contrário, o triunfo dos Ouriquenses aproximaria os vencedores retardando o passo aos benfiquistas e animando o campeonato que, afinal, o título é sempre a melhor atracção para o público.

Por tudo isto se espera que o rinque da Travessa do Cabo pequeno para realizações de menos interesse, não possa comportar todos os que no sábado, desejam assistir ao grande encontro.

Neste caso, e outros semelhantes, porque não se fazem os jogos no Pavilhão dos Desportos? Estamos certos de que a receita compensaria bem a organização, e a modalidade ganharia sempre que as partidas são jogadas em rinques capazes com lugares para toda a gente. Não é ainda o Pavilhão dos Desportos o recinto ideal, que muitas vezes o temos dito. Mas é, sem dúvida o melhor e o único que pode corresponder pela sua lotação, ao interesse do público pelo encontro do próximo sábado, entre o Benfica e o Campo de Ourique.

Realizaram-se ontem mais dois jogos a contar para o regional do Sul da 1.ª Divisão. Em Cascais, a C. U. F. ganhou ao grupo local por 3-1, resultado que tem muito valor para os visitantes dada a boa resistência que os Cascaenses sempre opõem aos adversários.

Em reservas e segundas categorias triunfou o Cascais, por 6-2 e 5-3, respectivamente.

No rinque «Fernando Adriaes» jogaram o Futebol Benfica e Sintra e verificou-se mais uma surpresa. Não pela vitória dos visitantes porque, hoje, os Sintrenses já não valem o bastante para que assim os consideremos. Todavia, a surpresa deu-se no resultado. 6-2 é marca pouco própria para uma defesa que sabe o que faz; só em noite desastrosa é possível que isto aconteça.

Sob a arbitragem de Manuel Henriques, os grupos alinharam:

Futebol Benfica — Ferreira, Carlos Alberto, Rogério, Sales, Soares e João Francisco.

Sintra — Magalhães, Raio, Edgar, Velez, Pompílio e Faria.

No Sintra apareceu pela primeira vez o jovem campeão da Europa de juniores Rui Faria, agora autorizado a jogar em seniores.

O Futebol Benfica, diga-se desde já, mereceu inteiramente a vitória. Jogou com vontade, boa ligação e entendimento, e soube aproveitar a noite desastrosa de Magalhães e Edgar.

Rogério Ramos foi o homem dos vencedores. Integrando-se constantemente no ataque, proporcionou aos avançados a progressão rápida, e aproveitou as aberturas dos adversários.

A sua actuação no primeiro tempo podia ter sido fatal para o Futebol Benfica. Muitas vezes Carlos Alberto ficou só, e um contra-ataque, nessa altura, podia ter tido más consequências. Mas o Sintra nem sequer viu a facilidade que se lhe oferecia e, mesmo com a bola em seu poder, os defesas demoraram por sistema os passes à frente, perdendo-se em lances sem sentido ofensivo, para os lados ou para trás.

Após o intervalo, o médio do Futebol Benfica continuou a integrar-se no ataque, mas então já teve quem lhe fizesse as dobragens, o que anulou por completo a remota possibilidade de uma viragem no resultado.

A meio da segunda parte, num período que não excedeu dois minutos, o marcador funcionou quatro vezes, passando-se de 2-0 para 5-1. Com a diferença de quatro golos o Futebol

Benfica abrandou, defendendo a vitória sem exageros de jogo negativo mas com calma e bom entendimento.

O Sintra conseguiu o segundo ponto pouco depois mas, nos últimos momentos da partida, um penalti fixou a marca em 6-2 a favor dos visitantes.

O triunfo é merecido, e o Futebol Benfica conseguiu-o com toda a naturalidade, batendo-se com entusiasmo, à defesa e ao ataque. Podem os números parecer exagerados para a categoria da defesa sintrense; contudo, na noite de ontem, há que aceitá-los. Magalhães e Edgar estiveram longe da sua bitola de internacionais e Raio, mesmo a tentar lutar contra o mau jogo da equipa, nem sempre fez o que mais era de aconselhar, pacando, como sempre, por demorar as entregas.

Pompílio foi o melhor mas não teve parceria. Com Rui Faria entendeu-se perfeitamente, como era de esperar mas este foi utilizado pouco tempo e já quando não havia nada a fazer.

Rogério Ramos foi o melhor elemento do Futebol Benfica, o impulsor e animador do ataque. Mas José Ferreira, apenas batido quando era quase impossível evitá-lo, deu ao «team» aquela confiança que é necessária para se construírem os resultados ganhando os jogos.

Em reservas ganhou o Sintra por 7-5 e em segundas o Futebol Benfica por 7-4.

J. S.

A jornada de hoje

Realizam-se esta noite, os seguintes encontros: Oeiras-Campo de Ourique e Benfica-Vila Franca.

Os jogos principais iniciam-se às 22 e 30 h.

PROVAS DE NATACÃO

Os valores individuais, de conjunto e de organização observados na II Travessia da Baía de Cascais

Tendo por cenário, naturalmente magnífico, a extremidade poente da Costa do Sol, a II Travessia da Baía de Cascais, uma das melhores provas de mar do calendário da Associação de Lisboa, foi disputada com mar calmo e água algo fria.

Embora decorresse com interesse, a prova deste ano não fez esquecer a do ano passado, já pelo numero de concorrentes, já pela assistência que se juntou no Passeio Maria Pia para assistir á chegada.

Dos 38 inscritos, só 23 compareceram, tendo desistido durante a prova 4 concorrentes.

F. Madeira, que formou com Perdigão e Veloso o pelotão da frente, manteve-se sempre no comando da prova, sem se estorçar, dando a sensação de lhe agradar a companhia daqueles dois nadadores. Só próximo da meta, Madeira «disse adeus» ao seus colegas do pelotão e arrancou, para chegar com 19 segundos de avanço sobre Veloso, que deixou para traz Perdigão com 42 segundos de diferença.

Veloso, que fez boa prova, venceu individualmente na categoria de juniores num tempo bastante bom. O tempo de Peter Tonnies, 26 minutos e 58 segundos, também se pode considerar muito bom, visto que fez a prova no estilo bruços. A anotar também, pelo mesmo motivo, a prova do jovem Vasco Ribeiro, e da equipa de juniores do Nacional, cujos componentes se classificaram um após outro, mediando entre si 1 minuto e 2 segundos.

O percurso foi este ano encurtado numas boas dezenas de metros, mas o tempo do vencedor foi pior do que o da I Travessia, feito, aliás, pelo mesmo nadador.

Com a sua vitória deste ano, obteve o menor numero de pontos possível (1+2+3+6) o Algués entrou na posse definitiva da Taça «Junta de Turismo de Cascais» e o Estoril, vencendo em juniores com 16 pontos, inscreveu o seu nome na Taça «Sociedade Estoril», onde já figura o do Algués, vencedor em 1953.

A equipa de juniores do Nacional classificou-se em segundo lugar com 18 pontos. De lamentar, a ausência de nadadores da categoria de principiantes, especialmente por parte do Estoril-Praia, que podia ter ganho facilmente e definitivamente, a Taça «Costa do Sol» por ter vencido nesta categoria a prova do ano passado.

A organização foi boa, apesar das dificuldades suscitadas no Clube Naval de Cascais, facto que se regista sem comentários.

E, assim, a partida foi dada precisamente á hora fixada. A meta teria sido colocada num sítio ideal para todos, concorrentes e publico, se os desportistas da vela que tem os seus barcos ancorados junto do cais do clube, tivessem sido amáveis para com a Associação de Natacão de Lisboa, organizadora da prova, retirando para outro ponto, apenas, pelo escasso periodo de 1 hora, os respectivos barcos. Por este facto, a chegada dos concorrentes não teve a beleza nem os atractivos que seria de desejar para uma prova com que se pretende fazer propaganda da natacão.

O «Dia Olimpico» é comemorado amanhã com um festival em Algués

A Associação de Lisboa organizou, em comemoração do «Dia Olimpico», um festival que se efectuará amanhã, pelas 21 e 30 horas, na piscina do Sport Algués e Dafundo.

O programa, elaborado de modo a satisfazer inteiramente as necessidades de momento e constituindo verdadeiramente mais uma jornada de preparação, inclui as seguintes provas: Iniciados: 100 metros costas, 100 metros bruços, 100 metros livres e 4X100 metros livres; Aspirantes: 100 metros costas, 100 metros mariposa, 200 metros livres e 4X100 metros livres; Principiantes, juniores e seniores: 100 metros costas, 200 metros bruços, 100 metros mariposa, 200 metros livres e 4X200 metros livres.



nova **Parker "51"**

... O PRESENTE DE UTILIDADE E PRAZER CONSTANTES!

Seja em que ocasião for que oferecer um presente, bem sabe que a Parker «51» dará prazer durante muitos anos. A Parker «51» deve a sua fama universal ao facto de escrever sem esforço, e ao seu incomparável desenho. Só esta caneta

possue o sistema «aero-metric», que torna o enchimento fácil e escrita suave. Ofereça uma Parker «51» acompanhada de uma lapiseira «51».



Para obter os melhores resultados, tanto com esta como com qualquer outra caneta, use Parker Quink com solv-x.

Preços: Canela Parker «51» Dourada: Esc. 600\$00 - Conjunto: Esc. 885\$00

Canela Parker «51» Lustraloy: Esc. 500\$00 - Conjunto: Esc. 725\$00

Representantes Exclusivos e Posto Central de Reparações:

Papelaria da Moda — António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa

REX-BAR

Ger. de Ricardo Ruas

R. NOVA DA TRINDADE, 1-B

O local indicado para V. Ex.ª almoçar, ou tomar o seu whisky.



Festivos e Cinemas

Atrás do reposteiro.

A companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, que nos últimos dias do corrente mês chega a Lisboa, vinda de Angola, seguirá em fins de Agosto para uma digressão à Madeira e Açores, estando as negociações concretizadas nesse sentido.

Pelo escritor Victor Ruiz Iriarte, foram cedidos os direitos de tradução, em língua portuguesa, da sua última peça intitulada «O Café das Flores», ao poeta e escritor teatral Silva Bastos.

Por ter deixado de ensaiar a coreografia da nova revista «Viva o homem!», foi o ensaiador Mariano Franco substituído pelo seu colega Carlos Alberto.

A actriz e declamadora Dulce de Oliveira está a preparar uma digressão artística pelas praias e termas do País.

E' provável que, na próxima época, suba à cena, num teatro de Lisboa, em estreia, um novo original, do escritor Félix Bermudes e Adolfo Coelho intitulado «Dama, Valeta e Rei».

O escritor e empresário Alberto Barbosa começou já a preparar o repertório e elenco com vista à próxima época do Teatro Apolo que deve reabrir em Setembro com uma companhia de comédia.

Notícias vindas de Lourenço Marques dizem que a companhia de revistas e operetas do empresário Giuseppe Bastos embarca naquela cidade com destino a Lisboa, no dia 11 de Agosto, a bordo do paquete «Império».

O actor Pedro Lemos continua a exercer as funções de ensaiador na companhia do Teatro Monumental.

Hoje e amanhã realizam espectáculos em Monte Real os artistas que compõem o conjunto «4 num automóvel» e o mágico Max Lossafan.

VIDA RELIGIOSA

Consagração da Obra dos Soldados ao Sagrado Coração de Jesus

Promovida pela Obra dos Soldados, realiza-se na próxima sexta-feira, pelas 19 e 30, na Basílica da Estrela, uma solene consagração desta obra da Juventude Católica ao Sagrado Coração de Jesus.

Presidirá o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Mitilene e presidente da Junta Central da Acção Católica Portuguesa.

Precedendo a leitura do acto de consagração que será feita por aquele prelado, ante o Santíssimo Sacramento exposto solenemente, celebra missa, acompanhada a cantos por toda a assistência, o padre Arnaldo Duarte, capelão do Governo Militar de Lisboa, e assistente-diocesano da Obra dos Soldados.

No final, após a bênção, é feita processionalmente a reposição do Santíssimo Sacramento que, sob o pátio, por entre filas de soldados e cantos eucarísticos, virá até ao adro da Basílica.

Missas em Almada

ALMADA, 14.—E' o seguinte o horário das missas nesta paróquia, aos domingos, até 26 de Setembro. Na igreja paroquial de Almada, missas às 8 e 12 horas; na capela do Bairro da Piedade, missa às 9 e 30; na capela da Cova da Piedade, às 10 e 30; na capela de Cacilhas, às 19 e 30; e na capela do Seminário, às 8.

Relojoaria, Ourivesaria, Joias e Pratas

VENDAS COM FACILIDADES

CASA MAX

193-A, Rua D. Estefania, 193-F

SAIAS

1 9 5 4

em
rafia
linha
palha
estopa
algodão

única

Casa especializada

em confecções de senhora
para campo e praia

LOJA DAS MALHAS

Rua do Carmo, 99

—No sábado e domingo, o Coliseu volta a apresentar espectáculos de cinema com programas duplos de filmes estrangeiros.

—Foi entregue à empresa de um teatro de Lisboa a comédia «A viuva que dormiu cem anos», que, por dificuldades de elenco, foi retirada de ensaios do Teatro Monumental.

—No Teatro da Trindade vão começar as obras de renovação da instalação eléctrica, a fim de estarem concluídas no início da época de Inverno.

Novo «écran» panoramico

nos Odéon, Palácio e Royal



Vicente Alcántara

Vicente Alcántara, o conhecido empresário do Odéon e Palácio e distribuidor de filmes, não dorme a sombra dos louros colhidos. E' o que se pode dizer com a notícia da instalação do moderníssimo «Ecran Cycloson» naquelas salas, anunciada para esta noite, com a estreia do filme musical italiano «Cavalcada de Canções». Justo é salientar a sua actividade, pois cada vez mais tem procurado, com o maior acerto, valorizar aquelas salas, tornando-as credoras da mais sincera simpatia do nosso publico. Vicente Alcántara pode orgulhar-se

de haver batido nesta ultima temporada o «record» de exhibição, pois bastaram-lhe verdadeiramente três películas para realizar uma época brilhantíssima, tal o caso de «Prestigio Real», «Violetas Imperiais» e «O Direito de Nascer». Nenhum outro empresário se pode vangloriar de semelhante facto, como indicio de um seguro conhecimento do gosto do publico português, que ele tem servido sempre com entusiasmo, como se prova, agora, com a notícia da instalação nas suas salas de uma tela maravilhosa, ainda inédita em Portugal, que transmite as imagens um brilho de consequências revolucionárias em luminosidade e dando-lhes um campo muito mais vasto de projecção.

Primeiras exhibições

«O heroi sou eu», no Capitólio

O heroi é o cómico italiano Renato Rascei, mas a heroína é Delia Scala, com outras heroínas, e Carlo Bragaglia realizou com vista ao maior rendimento do primeiro. Renato Rascei representa um pobre vendedor, de genidos e de tudo que possa ser vendido, até da sua própria presença num filme. Abundam as situações complicadas, as confusões e os equívocos, e com tudo se faz rir sem outra intensão. Em reposição, o famoso filme «Persianas Corridas», com Elenora Rossi Drago.—Visor 60.

As estreias de hoje

No Império

O filme que hoje, á noite, se estreia no Império é uma bela comédia alemã, repleta de situações divertidíssimas, com uma história diferente de todas as outras histórias. São intérpretes de «Esposa precisa-se» o novo galá europeu Dieter Borsche e as bonitas vedetas Ruth Leuwerik e Bruni Lobel.

No Odéon e no Palácio

Além da estreia do novo filme italiano, «Cavalcada de canções», os cinemas Odéon e Palácio apresentam, hoje, pela primeira vez em Portugal, o écran «Cycloson», considerado uma das melhores descobertas da moderna técnica cinematográfica.

A película «Cavalcada de canções», que é filmada em Ferraniacolor, apresenta Silvana Pampanini, Renato Rascei, Anna Maria Ferrero, Cosetta Greco, Maria Fiore, Olga Villi e muitos outros artistas.

VIDA MUSICAL

Concerto do C. C. M. no Pavilhão dos Desportos

O Circulo de Cultura Musical findou a sua temporada com um concerto de sensação, plenamente integrado nas manifestações nacionalistas: toda a musica era de lavra portuguesa, assim como toda a execução foi entregue a executantes portugueses; juntou-se a este facto já invulgar o importante mérito do programa ter ilustrado abundantemente um período de musica portuguesa conhecida até hoje pouco mais que de cor, e reconhecemos o apaixonado, o pertinaz labor do musicólogo e director do grupo «Polyphonia», Mário de Sampaio Ribeiro. São com certeza documentos importantes para a história da musica portuguesa o Responsório para coro, dueto de solistas e grupo instrumental *In dedicatione templi*, de Francisco António de Almeida, a que não falta nobreza de estilo e expressão, o mais mundano *Stabat Mater* de Luciano Xavier dos Santos, mas com um feliz efeito de colorido no coro «Quando corpus morietur», e sobretudo a «Missa obrigada a instrumentos de sopro» de João de Sousa Carvalho, de que o programa executou fragmentos representativos.

O que nos parece óbvio, da maneira como são feitas, são as comparações de mérito relativo ou as aproximações por exemplo com Bach, Haendel, Gluck, Haydn, Mozart, e até Beethoven! (nas notas de Sampaio Ribeiro á margem do programa. E já agora continuaremos a lastimar também o falho gosto literário, a torcida bonomia com que se exprime o ilustre musicólogo). Não foi nem podia ter sido grande a afirmação de portuguesismo musical erudito em seicentos, e as dificuldades para um levantamento de nível e uma definição de estilo reportaram-se duramente nos três lustres seguintes. Mas isto não nos impede de reconhecer que existe um património que interessa estimar e conhecer, e de que bem preciso era poder consultar a documentação. E, voltamos a dizer, foi de vivo interesse o concerto a que nos estamos referindo.

Fez parte integrante do concerto, é claro, o não menos valioso trabalho de Sampaio Ribeiro como director do grupo «Polyphonia», de que destacou para solistas a excelente soprano Olga Violante, Regina Diniz da Fonseca, Maria Adelaide Robert, (que embora em pequenas intervenções permitiu-nos constatar bons progressos vocais), Julieta da Silva Santos, especialmente distinguida pela numerosa assistência na ária *Domine Deus*, de Sousa Carvalho, Alberto Manzoni de Sequeira e o dr. J. A. da Silva Santos, ajuntando-se-lhes Maria

Germana de Medeiros. As oscilações entre o mais frívolo estilo operático setecentista, uma certa rigidez da escrita polifónica, rigidez a quem nem Sousa Carvalho escapa, e o aflorar de expressividade portuguesa, existem de modo equivalente mas por conta própria, um pouco, na execução coral, por sua vez nem sempre suficientemente caracterizada mas muitas vezes unuosa, ou brilhante. Dos solistas, Regina Diniz da Fonseca, na ária talvez a mais bela do programa, apesar de também um pouco estirada, — *Gratias agimus tibi*, para contralto, da missa de Sousa Carvalho, — marcou um lugar de cantora completa, pelo estilo, a igualdade de voz, a técnica pura e segura.

O grupo orquestral, composto dos necessários elementos destacados da Orquestra Sinfónica Nacional, deu o requerido apoio. Como mérito de escrita instrumental, distinguu-se o quarteto de oboes e fagotes.

No final da sua actuação, Mário de Sampaio Ribeiro foi ovacionado.

Na 2.ª parte do programa, orquestral e solística, prosseguiu o desenrolar do panorama histórico, com a bem traçada e vivaz abertura da ópera *Ascanio in alba*, de A. Leal Moreira; uma *Fantasia* para piano e orquestra, de João Domingos Bontempo, o primeiro sinfonista português; e «La danza», de Xavier dos Santos, que conta de uma suite de árias que se tornaram algo monótonas, e em que Germana de Medeiros e Natália Viana, ambas sopranos, deram um contraste interessante, a primeira deixando antever um temperamento dramático de que se deverá tirar partido, ambas razoavelmente á-vontade.

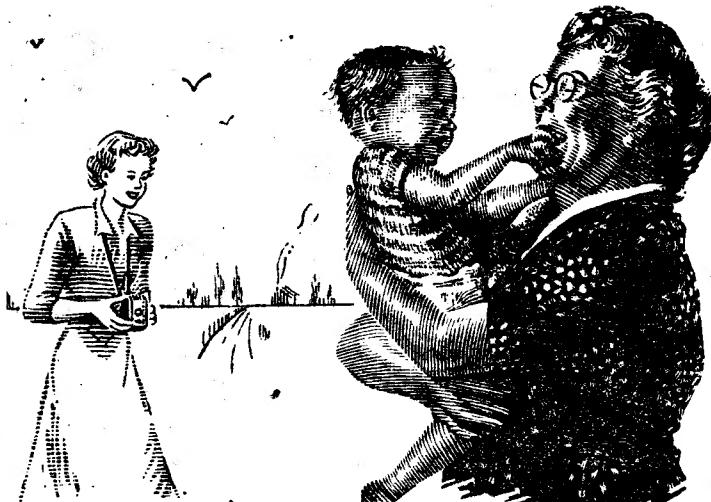
Na *Fantasia*, de conteúdo fraco e estilo um tanto desigual, mas de boa escrita pianística, o que já é bem meritório da parte de Bontempo, Helena Moreira de Sá e Costa deu uma colaboração perfeita, valorizando as intenções e atendendo sem uma falha á qualidade e clareza da percussão.

Nesta parte do programa, a direcção de Pedro de Freitas Branco no seu aspecto desembarradamente brilhante.

FRANCINE BENOIT

Electrificação rural na ilha da Madeira

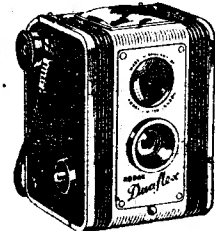
O empréstimo de 9.000 contos destinado a ocorrer aos encargos com a execução da primeira fase da electrificação rural da ilha da Madeira será contratado, na Caixa Geral, pela Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira e pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.



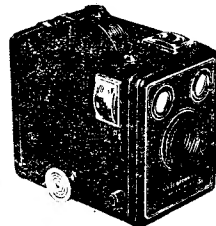
Guarde para sempre esses sorrisos!

Não perca esses instantes incomparáveis da avó e do neto! Basta carregar no botão do seu aparelho Kodak e para sempre ficarão fixados esses maravilhosos momentos. Tenha sempre á mão o seu aparelho Kodak... ele faz parte da família.

Visite o seu revendedor Kodak e escolha a máquina que lhe convém.



KODAK DUAFLEX — Mostra o motivo e fotografe. Tire 12 fotografias, 6x6.



KODAK BROWNIE 127 — De manejo facilissimo, faz 8 fotografias, formato 4x6,5.



KODAK BROWNIE 127 — De manejo facilissimo, faz 8 fotografias, formato 4x6,5.

Kodak

KODAK PORTUGUESA LTD. — R. Garrett, 33 — Lisboa

HOJE

NOITE DE GRANDE ACONTECIMENTO

**DUAS NOVIDADES SENSACIONAIS
EM ESTREIA NO ODEON E PALACIO
E NA 6.ª FEIRA NO ROYAL CINE**

A empresa VICENTE ALCANTARA

SEMPRE ATENTA AS MAIORES CONQUISTAS DA TÉCNICA PARA VALORIZAÇÃO DO ESPECTÁCULO DE CINEMA COMUNICA QUE, DEPOIS DOS RIGOROSOS ESTUDOS A QUE PROCEDEU PARA SATISFAÇÃO DO PÚBLICO, OPTOU PELA INSTALAÇÃO NAS SUAS SALAS DO

«ECRAN CYCLOSON»

UMA MARAVILHA, AINDA INÉDITA EM PORTUGAL, QUE TRANSMITE AS IMAGENS UM BRILHO DE CONSEQUÊNCIAS REVOLUCIONÁRIAS EM LUMINOSIDADE E COM A QUAL SE MARCA A

ESTREIA DO FAMOSO FILME ITALIANO

CAVALGADA DE CANÇÕES

com SILVANA PAMPANINI, ANNA MARIA FERRERO e OUTRAS CELEBRIDADES

AS MAIS FAMOSAS CANÇÕES DOS ÚLTIMOS 50 ANOS NUMA EVOCAÇÃO MAGISTRAL ATRAVÉS DE SETE EPISÓDIOS ONDE HA DRAMA, COMÉDIA, FARSÁ E AMOR À MANEIRA DOS NOSSOS PAIS E DE TODOS AS RAPAZES E RAPARIGAS... MODERNAS



(Maiores 18 anos)



QUANDO ALGUÉM PERGUNTA:

ONDE IREMOS ESTA NOITE?

TODA A FAMÍLIA RESPONDE A UM TEMPO

À FEIRA... À FEIRA... À FEIRA...

O PARQUE DE PALHAVA PROPORCIONA A TODOS OS VISITANTES HORAS DE ALEGRIA E ANIMAÇÃO INESQUECÍVEIS. ALI SE ENCONTRA DE TUDO PARA SE DISTRAIR, PARA COMER, PARA BEBER OU PARA VER. O GRANDE LUNA PARQUE DA CAPITAL TEM CATEGORIA INTERNACIONAL. NUM CONJUNTO A QUE NÃO FALTAM AS BARRACAS E RETIROS TÍPICAMENTE PORTUGUESES

FEIRA POPULAR DE LISBOA

ENTRADA UM ESCUDO

Pavilhão dos Desportos

Amanhã, quinta-feira, 15 de Julho, às 21,45

Concerto oferecido pela CAMARA MUNICIPAL ao publico da capital com a obsequiosa colaboração da EMISSORA NACIONAL, e no qual tomam parte a ORQUESTRA SINFONICA NACIONAL, sob a regência do maestro PEDRO DE FREITAS BRANCO, e o violoncelista MARIO CAMERIM.

PROGRAMA: «A Italiana em Argel» (Abertura), de Rossini; «Concerto em ré menor», de Lalo; «Dança Oriental», de Flaviano Rodrigues; «Adagietto», de Mahler; «Pássaro de Fogo» (Suite de bailado) (1.ª audição integral), de Stravinsky.

No Serviço Informativo dos Paços do Concelho, distribuem-se hoje e amanhã, das 9 às 11 e 30 horas, bilhetes de bancada e no Pavilhão dos Desportos, nos mesmos dias mas das 14 às 17 horas entregam-se os bilhetes cativos por inscrição e distribuem-se também bancadas. A partir das 20 e 30 horas do dia do concerto, nas bilheteiras do mesmo Pavilhão, distribuir-se-ão indistintamente todos os bilhetes que sobejarem e não forem levantados.

Cartaz dos Espectáculos

TEATROS

NACIONAL—As 21 e 45—«Prémio Nobel».
MONUMENTAL—As 21 e 45—«Crime perfeito».

CINEMAS

TIVOLI—«A estrela».
EDEN—«As mulheres amam assim».
SAO JORGE—«Casanova Junior».
IMPERIO—«Esposa precisa-se».
MONUMENTAL—«Caminhos da noite».
POLITEAMA—«Sob uma falsa bandeira».
ODEON e PALACIO—«Cavalgada de canções».
ALVALADE—«Caravana».
CAPITOLIO—«O herói sou eu».
CONDES—«Parabéns, sr. Vicente».
OLIMPIA—«Capitães do mar».
TERRASSE—«O que acontece na vida».
LIS—«Vento do Oriente».
PROMOTORA—«Segue o teu caminho».
JARDIM—«Missão na Coreia».

DESPORTOS

ESTADIO INTERNACIONAL (Parque Mayer)
—As 21—Continuação do campeonato regional de handebol de sete: Glória-Alvalade, Benfica-Liberdade e Sporting-Belenenses.
BENFICA (Av. Gomes Pereira)—As 21 e 30—Continuação do campeonato regional de hóquei em patins, da 1.ª Divisão: Benfica-Vila Franca.
TECNICO (Av. Róvisco Pais)—As 21 e 30—Continuação do campeonato regional de tenis de mesa, em pares-mistos.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje, às 21 e 45 o original em 3 actos, de Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros

PRÉMIO NOBEL

com Amélia Rey Colaço, Raul de Carvalho e Robles Monteiro em grandes criações

(Maiores de 13 anos)

Teatro Monumental

As 21,45, a peça policial de grande emoção

CRIME PERFEITO

com Laura Alves, Assis Pacheco, Augusto de Figueiredo, Luis de Campos e Curado Ribeiro

Preços de Verão. Lugares desde 5500
(Para maiores de 13 anos)

A 30 ANOS

Da comédia à tragédia

Explodira uma bomba na Rua Maria Pia, em frente do prédio onde estava instalada a Concentração Musical Imparcial de Sport quando ali se representava uma comédia que se transformou em tragédia.

Os espectadores julgaram que tinha rebentado o gásmetro vizinho e invadiram o palco porque as portas laterais da sala não davam saída para todos. Uma amadora que representava a comédia transfigurou-se com o susto e sobre o tumulto pairaram os seus gritos de tragédia de mérito—dizia o «Diário de Lisboa» de 14 de Julho de 1924.

VILA FRANCA

SABADO, 17, ÀS 22 HORAS

**GRANDE CORRIDA DO
COLETE ENCARNADO**

com TOIROS de José Pinto Barreiros para os cavaleiros

JOSÉ ROSA RODRIGUES

E

MANUEL CONDE

e para os espadas

FRANCISCO MENDES

E

PEPE ORDOÑEZ

Pegas pelos forcados de JOSÉ DA VILA

DOMINGO, 18

GRANDE NOVIHADA

ANIMADAS ESPERAS DE TOIROS

A bilheteira dos Restauradores, 7

ABRE AMANHÃ, abrindo também a bilheteira de Vila Franca

Foto Achilles

Os melhores retratos, materiais e trabalhos para amadores.

Av. Almirante Reis, 1—Tel. 47063

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — **Cavalgada de canções** — ODEON E PALACIO
DE HOJE: **ESPOSA PRECISA-SE** — IMPERIO

TIVOLI

TEL. 50595

As 3 e 6.15 da tarde (a preços red.) e 9.30 da noite

A genial

BETTE DAVIS

em

A ESTRELA

(Para adultos)

SAO JORGE

BALCÃO 54154

PLATEIA 54153

(13 anos)

As 15,15 - 18,15 - 21,30:

Ultimas exhibições e despedida de

CASANOVA

JUNIOR

com os famosos bailarinos Marge e Gower

Champion e Debbie Reynolds

IMPERIO

PLATEIA 55134

BALCÕES 55135

(Maiores 13 anos)

As 21,30, estreia da encantadora comédia alemã

ESPOSA

PRECISA-SE

com Dieter Borsche e Ruth Leuwertik

ODEON PALACIO

TEL. 24283-47163

Sóiree as 21,30

(Para adultos)

Estreia sensacional em ecran Cycloson

CAVALGADA

DE CANÇÕES

7 maravilhosos episódios, com Silvana Pampanini, Anna M. Ferrero, Renato Raseel e Cosetta Greco

MONUMENTAL

TEL. 55131

(Maiores 13 anos)

As 21,30

Peter Lawford e Dawn Addams e Roland Culver

no filme policial

CAMINHOS

DA NOITE

Uma misteriosa história de terror que põs em alvoroço a Scotland Yard

ALVALADE

TEL. 773865

(Maiores 13 anos)

As 21,30

O apaixonante romance

CARAVANA

com Stewart Granger, Jean Kent e Anne Crawford

TERRASSE

TEL. 20917

As 21,15

O QUE ACONTECE

NA VIDA

O HOMEM DAS

CALÇAS PARDAS

(Maiores de 13 anos)

EDEN

TEL. 20768

(Para adultos)

As 15,30 - 18,30 e 21,30

EM 2.ª SEMANA

AS MULHERES

AMAM ASSIM...

A história dum amor único, definitivo, com

Maria Schell

Neste cinema não há

época de Verão

POLITEAMA

TEL. 26305

As 15,15 e 18,15 e às 21,30

Hoje—EM «DESPEDIDA

A grandiosa epopeia

SOB UMA FALSA

BANDEIRA

(col.) com Jeff Chandler

(Maiores 13 anos)

CONDES

TEL. 22523

15,15-18,15 e 21,30

Maiores 13 anos)

2.ª semana da comédia

que faz rir e faz chorar

PARABENS,

SENHOR VICENTE

com M. Santos Carvalho,

Ana Paula, Maria Olguim

e Virgílio Teixeira

CAPITOLIO

TEL. 27493

As 21,30

A preços reduzidos

Della Scala e

Renato Raseel

na impagável farsa

O HEROI SOU EU

e uma cópia nova do grande filme

PERSIANAS CORRIDAS

NO TERRAÇO—Em complemento:

Não há paz entre as oliveiras

com Raf Vallone e Lucia Bose

O bilhete dá acesso às duas salas

(Adultos)

PAVILHÃO PORTUGUÊS

PARQUE MAYER

Preços populares

(Maiores 18 anos)

Vento do Oriente

TEL. 48560

Cantinflas no circo

As 21,15

(Maiores de 13 anos)

CASINO ESTORIL

TEL. 402 EST

As 21

Cinema ao ar livre

As 21,30

REPUDIADA

com Iyonne Sanson

O corsário Laffite

(cpl.) com Paul Henseid

A política britânica em relação à China comunista

(Continuação da 1.ª página)

nesse caso. Por isso o comunicado das conversações de Washington foi interpretado em Paris como um cheque em branco dado pelos Anglo-saxões ao novo Governo francês para negociar a paz na Indochina.

A possibilidade de se negociar imediatamente um pacto defensivo do Sueste asiático, possibilidade incessantemente posta em relevo pelos Americanos, perdeu o seu carácter de urgência. Os Americanos dão mesmo, de alguma forma, a entender que prescindiram desse pacto se se chegasse a um acordo satisfatório em Genebra para liquidar o conflito indochinês.

Os Ingleses não querem compromissos

No comunicado anglo-americano de 28 de Junho diz-se também que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, «irão para diante na realização de planos comuns» para fazer face ao êxito como ao malogro da Conferência de Genebra. Além disso, os seus signatários acrescentam que, em caso de malogro, «a situação internacional se agravará de maneira sensível». Em 29 foi anunciado que se reuniriam imediatamente duas comissões anglo-americanas para proceder ao exame pormenorizado dos diversos planos necessários para a defesa do Sueste asiático.

Em 30, começou em Washington uma conferência dos países da A. N. Z. U. S. (Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos) a fim de examinar o problema asiático, pronunciando-se, pouco depois, a favor da realização do pacto preconizado pelos Americanos. Ora é evidente que para estes últimos seria difícil, senão impossível, manter o seu

EXCURSÃO A TOMAR

Está a despertar vivo interesse a grande excursão a Tomar, que se realiza no próximo domingo, organizada pela Casa da Comarca de Arganil, com a colaboração da Casa do Conselho e o patrocínio da Câmara Municipal daquela cidade. Acompanham a excursão vários automóveis particulares, com Arganilenses, Goenenses e Pampilhosenses residentes em Lisboa. Irão ao encontro dos excursionistas outros automóveis, com as principais individualidades da vila de Arganil. A inscrição continua aberta, na sede da Casa da Comarca de Arganil, Rua da Fé, 23, 1.º telefones 50896 e 22951.

RECLAMAÇÕES LOCAIS

Serviço de telefones em Valpaços

VALPAÇOS, 9.—Foi esta vila dotada de um serviço de telefones semi-automático. Era um melhoramento que, desde há muito, se impunha e, portanto, foi recebido com grande regozijo. Porém, até à data, está a vila pior servida, pois com muita dificuldade se consegue uma ligação, isto é, está, praticamente, privada de comunicações telefónicas. Dizem que o motivo são as constantes avarias a que estes aparelhos estão sujeitos, desculpa essa que não remedia os aborrecimentos que causa. Aguarda-se, portanto, que as entidades competentes tomem as providências necessárias.



HEINKEN'S BIER

A CERVEJA HOLANDESA QUE SATISFAZ A QUEM A SERVE E A QUEM A PROVA

ATTICUS

projecto de pacto do Sueste asiático, desde que a Conferência de Genebra terminasse de maneira satisfatória.

A posição britânica

O facto é que, de qualquer maneira, o comunicado anglo-americano, «não significa que a Grã-Bretanha se comprometeu a entrar em qualquer N. A. T. O. ou organização semelhante prevista para o Extremo Oriente». Este comentário do editorialista do «New York Times» resume, perfeitamente, a situação. Se os Ingleses até agora se opuseram aos projectos americanos, foi—como se sabe—para não comprometerem a Conferência de Genebra. Mas nada na atitude do Governo de Londres indica que ele esteja disposto a seguir os Estados Unidos, no caso de a Conferência se malograr.

Muito pelo contrário, tudo leva a crer que, nesse caso, sir Winston Churchill redobrará de esforços para evitar um novo agravamento da situação, o qual resultaria inevitavelmente da execução do projecto americano, e que procuraria abrir o caminho para a realização de um acordo de carácter geral com a China comunista, acordo que continua a ser um dos principais objectivos da política externa da Grã-Bretanha.

Nenhum aviso à China

Nesta ordem de ideias, nada mais distante do pensamento do Governo de Londres do que dirigir um aviso à China comunista, aviso que algumas pessoas quiseram descortinar na frase do comunicado relativa ao agravamento da situação internacional que resultaria do malogro da Conferência de Genebra. O editorialista do «Monde» acentua que esse aviso seria pueril depois «de se ter malogrado, lamentavelmente, o «bluff» arquitetado, em Abril, entre os governos de Washington e de Paris» para exercer uma pressão diplomática sobre os comunistas chineses e indochineses representados na Conferência de Genebra.

No fundo, este aviso jogaria contra as intenções dos Americanos. «Estamos convencidos—diz o comunicado da Conferência de Washington—de que, se em Genebra o Governo francês se encontrar colocado perante exigências que impeçam a conclusão de um armistício sobre a Indochina, a situação internacional se agravará sensivelmente». Ora esta ameaça seria de molde a facilitar a conclusão do armistício. Foi assim que essa passagem do comunicado se interpretou em Paris. Toda a gente sabe que o armistício está longe de corresponder aos desejos dos Americanos.

O jogo britânico

Para compreender bem a atitude dos Ingleses e a firmeza de que têm dado provas em relação aos Estados Unidos, no debate travado sobre o problema asiático, é preciso ter em conta o conjunto da política da Grã-Bretanha. O Governo britânico vê muito para além do simples restabelecimento de relações normais entre Londres e Pequim. Os Ingleses procuram fazer na China um jogo idêntico ao que tão bons resultados lhes deu na Jugoslávia: separar a China da U. R. S. S. Toda a política britânica gira à volta de uma ideia central: converter Mao Ts. Tung ao titismo. Isto independentemente das considerações de carácter económico que influem nesse jogo.

Aquela ideia central vêmo-la incessantemente repetida nos comentários dos jornais ingleses e nas declarações dos dirigentes da política britânica. Ainda recentemente o sr. Eden, na Câmara dos Comuns, aludiu aos pontos de vista divergentes que dividem os Chineses, dos Russos, os quais na sua opinião são mais graves do que aqueles que separam os aliados ocidentais. Sir Winston Churchill teria feito alusão a esse facto nas conversas que teve em Washington com os Americanos. Os Ingleses pensam que, no dia em que fosse possível separar definitivamente a China da União Soviética, todo o problema chinês teria de ser considerado por um prisma novo.

O material de guerra ameaçado no delta de Tonquim

(Continuação da 1.ª página)

quantidades de equipamento militar, munições e veículos cuja valor está calculado em cerca de um bilião de dólares.

Uma parte desse material pode cair em poder das forças rebeldes do Vietnã e de aí a urgência de serem tomadas rapidamente medidas para o acautelar. Já se iniciaram conversações, por conselho da Secretaria de Guerra, entre diplomatas franceses e americanos, pedindo os últimos às autoridades locais informações prévias sobre as suas intenções e sobre esse aspecto da situação na Indochina.

No ano findo o Governo americano pagou 78 por cento das despesas que a guerra da Indochina acarretou à França. No dia 1 deste mês começou a produzir os seus efeitos a lei de Segurância Mutua para o corrente ano fiscal americano. Nesse documento estava inscrita a previsão para gastos suplementares com a referida guerra, até o montante de 800 milhões de dólares destinados a custear as despesas da União Francesa e dos Estados Associados do Vietnã, do Laos e do Camboja. Desde que, no quadro da luta anti-comunista travada em todo o Mundo, o Governo americano começou a custear parte das despesas com a guerra da Indochina, foi essa a cifra mais elevada que a tesouraria dos Estados Unidos inscreveu nos seus cálculos anuais.

O total das verbas gastas desde 1946 pelos Americanos com a guerra da Indochina—apenas com a entrega de materiais para fins militares—elevou-se até agora a dois biliões de dólares. Uma grande parte desses materiais foi destruída ou está em vésperas de ser destruída, sem ter sido utilizada pelas forças da União Francesa que o inutilizam durante a retirada perante o avanço do Vietnã. Isso não obsta a que na Secretaria da Defesa de Washington receiem que outra parte caia nas mãos dos rebeldes comunistas.

Sir Winston Churchill disse em Washington que considera inevitável a admissão da China na O. N. U.

Referindo-se à evolução do conflito da Indochina, o senador democrático Fullbright declarou que uma das consequências da campanha conduzida pelo seu colega Mc Carthy foi minar o prestígio dos Estados Unidos entre os seus aliados europeus. Aquele membro do Senado acrescentou mesmo que «devido a Mc Carthy esses aliados nuseram em causa a capacidade do povo americano para resolver os seus assuntos internos e portanto para orientar a coligação atlântica».

Estas declarações foram feitas num debate televisado com outro categorizado senador republicano, Bourke Hickenlooper, do Iowa, o qual, por sua vez, as contestou enérgicamente. «As dificuldades, que atravessam as relações dos Estados Unidos com os seus aliados europeus, disse Hickenlooper, resultam de estes últimos não nos terem dado, no momento próprio, um apoio completo, sincero e vigoroso, impedindo-nos de traçar as linhas de defesa que permitiriam avisar os comunistas de que se as ultra-

passassem seria a guerra». Para este membro do Senado é a única forma de deter a expansão crescente do comunismo no Mundo.

A diferença de critérios entre os dois membros do Senado reflecte a que divide o próprio Senado e exprime os pontos de vista antagónicos dos que os perfilham, independentemente dos partidos a que pertencem. Essa diferença de critérios, latente nos últimos tempos, acentuou-se em consequência da recente visita a Washington do primeiro-ministro e do secretário dos Negócios Estrangeiros britânicos, e dos incidentes que se seguiram, e é notória à volta da ideia de coexistência, entre o bloco ocidental e o bloco comunista, e da admissão da China na O. N. U.

Sir Winston Churchill fez da ideia de coexistência o tema central das conversações com o presidente Eisenhower e não ocultou a sua vontade de ver a China admitida na O. N. U. num prazo de tempo relativamente curto explicando que esse acontecimento se dará fatalmente por ser uma das condições da liquidação do conflito da Indochina, actualmente em curso na Conferência de Genebra.

A ideia de coexistência prolongada dos blocos comunista e anti-comunista não corresponde à realidade

No diálogo televisado entre os senadores Fullbright e Hickenlooper, o primeiro apoiou a tese britânica da coexistência, declarando que «é essa a única alternativa para a guerra, e que a América, não está, por enquanto, preparada para atacar a Rússia». Referindo-se, mais de espaço, às divergências entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus explicou-as da seguinte forma:

«O povo americano começa a compreender que lhe é impossível agir em comum com esses aliados. Esta conclusão implica a necessidade de termos eventualmente de lutar sózinhos. Seria um desastre se chegássemos desde já a essa conclusão. Se os povos que se conservam a nosso lado desertarem o campo comum em que nos encontramos e puserem em dúvida a nossa capacidade para os orientarmos, a única alternativa que nos resta é combatermos sem eles, procurando sobreviver através uma solução de força».

Em resposta, o senador Hickenlooper afirmou que «é errônea a ideia da coexistência prolongada entre os dois blocos, pois o objectivo final do bloco comunista é reduzir os outros povos, entre os quais o povo americano, à escravidão». Ambos estiveram de acordo em condenar a admissão da China comunista na O. N. U.

Hickenlooper referiu-se à atitude do leader da maioria republicana no Senado, Knowland, que ameaçou resignar as suas funções se a China for admitida na O. N. U., embora ainda não tivesse assente o procedimento que pessoalmente adoptaria nesse caso. «No entanto, acrescentou, tenho em séria consideração a ameaça de Knowland, por pensar que a admissão da China na O. N. U. envolve um problema de natureza moral e política sem precedentes pela sua gravidade».

Como outros membros do Senado, este advogado o uso do veto no Conselho de Segurança para evitar que aquele facto se dê, pensando que ele seria o prólogo da morte rápida do organismo de segurança.

D. A. SCHMIDT

LISBOA EM CAMISA

Leia os engraçados «Casos da Cidade» do jornal humorístico «SEMPRE FIXE», que só ele conta. É de morrer a rir!

BOLACHAS BISCOITOS



À VENDA NAS BOAS CASAS



EXITO

Só dançamos num Verão na «Rue de l'Estrapade»...



Françoise Arnoul, uma das mais insinuantes actrizes francesas, é a intérprete, contracenando com Fernandel, de «Le mouton à cinq pattes»



A insinuante actriz Lisa Gaston (18 anos), exercita-se com o arco para o filme «Marinheiro à vista»...

A essencialidade de «Ela só dançou num Verão», de Arne Mattson e «História Parisiense» (Rua de l'Estrapade) de Becker, tem dois pontos comuns: o amor e a «virtude» desse amor. Tem, porém, um outro ponto divergente: o amor «instintivo» e o amor «cosmopolita», definidos em termos próprios, peculiares a cada uma das psicologias dos realizadores e argumentistas e ao módulo da sua cultura, da sua raça e das respectivas tradições cinematográficas.

No filme de Mattson pareceu-nos ver a afirmação total de um sentido amoroso elevado e levado às últimas consequências—até à sua aniquilação. O comportamento de duas jovens criaturas, estruturalmente puras que, apesar da força interior que os animava, não puderam escapar à tutela onnipotente do meio, lançadas que foram nos caminhos da maldição pela crueldade dos homens. E, todavia, eminentemente instintivo, verdadeiro. E a fórmula-base que preside à sua condição humana, a sua maneira de amar, é «nossa» maneira de amar. A paixão não vem do intelecto mas do líbido. A racionalização do amor pode, na realidade, ser um acto da inteligência. Mas nunca o é totalmente. Os poetas, na sua condição de videntes, assim no-lo ensinam... Já este amor parisiense, cosmopolita, segundo Becker, é o meio-termo, o equilíbrio entre o instinto e a razão. Há nele uma ética secreta a adivinhar-se nas relações do casal, o segredo burguês da «conservação» do matrimónio e, na verdade, sujeito às cambiantes de situação, do joguinho equivoco do adultério do marido, ao «momento de fraqueza» da respeitável esposa. Mas eles amam-se muito para além disso...

Entretanto, perguntamos: que mais valerá? Este amor que, apesar de não saber lutar, se afirma intrinsecamente puro, comungando com a matriz da Natureza ou o camalhãoismo do amor parisiense, subtilmente muito casa de chá, um «petit-peut» de Saint-Germain-des-Prés,—entre duas discórdias uma oportunidade para escapar à mutua tutela do matrimónio? Amor de fora ou amor de dentro?

O jogo está feito. As sínteses estabeleceram-se. E' por isso que só dançamos um Verão na Rua de l'Estrapade...

EURICO DA COSTA

NOTICIÁRIO

ESTADOS UNIDOS

* Jean Negulesco já começou as rodagens do seu terceiro filme pelo cinematógrafo: «Uma mulher do Mundo» que conta, de maneira humorística, a história de três esposas lutando e rivalizando para a obtenção de um cargo de director para os respectivos consortes.

ALEMANHA

* Durante 1953, foram rodados nos estúdios germanicos da Republica Federal Alemã, 82 filmes de grande metragem, a mesma cifra atingida em 1952.

* O numero de cinemas neste país actualmente em actividade, elevava-se no final do ano, a 5,160, dispondo de cerca de 2-100 lugares. O numero de espectadores foi de 660 milhões contra 600 milhões no ano transacto.

Um dos incontestáveis êxitos da ultima época teatral parisiense que há pouco terminou foi a peça «L'Alouette» de Jean Anouilh. A critica francesa que desde há tempos se preparava para enterrar o famoso autor, cobriu-o de flores, que é como quem diz de elogios.

Na próxima época veremos de novo trabalhos de Anouilh. Vai para dois meses que o autor de «La Marguerite» se encerrou na sua casa de Montfort-L'Amaury.

As unicas distrações que a si próprio se oferece são um jogo de cartas ou uma partida de ping-pong em casa de seu amigo, o poeta Marcel Aymé. Precisamente, agora que terminou a sua ultima peça, leu-a a um outro seu vizinho no campo, Claude Sainval, director da Comédia dos Campos-Eliseos, que a porá em cena no final das representações de «Clémentine». Desta vez, Anouilh teve como colaborador uma personagem illustre: Oscar Wilde.

A peça é uma das mais engraçadas que foi escrita pelo grande autor inglês: «A importância de se chamar Ernesto», que recentemente vimos em Lisboa, no cinema. A adaptação feita por Anouilh obedece aos seguintes princípios, expostos por ele mesmo:

—Havia na peça de Wilde algumas considerações que hoje não interessam a muitas pessoas e, sobretudo, ao publico francês. Tive, pois, que refundir os três actos da peça que terá agora dois apenas.

E acrescentou ainda:

—Apaixonei-me pelas deliciosas personagens de Wilde, personagens essas que evoluem num mundo encantador e um pouco funambulesco.

* No Teatro Nacional, continua em cartaz, já próximo da 70.ª representação, a peça «Prémio Nobel», de Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros, Agora que os dois primeiros autores se deram tão bem com o publico, por que teriam resolvido separar-se, depois de tantos anos de parceria?

Vai realizar-se em Lisboa o Congresso Internacional de Cinema de Amadores

Realizar-se-á em Lisboa de 2 a 9 de Agosto o Congresso Internacional de Cinema de Amadores, no qual já estão inscritos até à data: Portugal, Alemanha, Austria, Bélgica, Brasil, Espanha França, Inglaterra, Suíça, Sarre, Argentina, Itália e Noruega.

No Palácio Foz, onde decorrerão as sessões, serão projectados os cinquenta filmes seleccionados pelos diferentes países. Um júri escolherá as obras premiadas no final do Congresso.



Filme americano da série «colossal»

As ilhas dos Açores em «écran» mágico

Segundo informações que obtivemos, a Comissão de Turismo de Ponta Delgada entrou em negociações com a Warner Brother's, para a realização de um filme colorido sobre S. Miguel. Aproveitar-se-ia a oportunidade da deslocação da equipa daquella firma produtora que vai aos Açores filmar, em cinematóscopo, «Moby Dick».

HITCHCOCK tem medo da Policia...

De passagem por Paris, Alfred Hitchcock, o rei do «suspense» no cinema americano, deu uma entrevista colectiva à Imprensa. Perguntaram-lhe os jornalistas:

—Por que é que o senhor faz tantos filmes policiais?

A resposta immediata:

—Porque tenho medo da Policia. E depois, partiu para Hollywood.

Rádio e Televisão

Reuniram-se, recentemente, em Cannes, os directores dos programas de televisão e dos serviços técnicos de oito organismos de radiodifusão, membros da União Europeia de Radiodifusão. No decorrer da reunião, foram estudados e resolvidos numerosos problemas comuns e, entre eles, a elaboração e sistematização das trocas mutuas, por meio de filmes, relativos aos programas apresentados.

Por outro lado, procurou-se associar todos os esforços, no sentido de ser alimentada uma rede de 80 estações de radiodifusão e 41 emissoras de televisão.

O QUE NÃO VIMOS



Um dos mais notáveis filmes de Luchino Visconti, «Bellissima», com Anna Magnani e a pequena Tina Apicella (que vemos na gravura junta) e que toda a critica, italiana e estrangeira, incluindo a americana, consagrou como sendo uma das mais importantes obras da actual cinematografia transalpina, já se encontra desde há muito tempo no nosso País, legendado e autorizado pela censura.

Pois, por mais estranho que pareça, nenhum dos exhibidores dos cinemas da capital se «atreveu» a exhibir esta obra-prima, filme profundamente humano e cheio de ternura e de esperança, com o receio de um malogro de bilheteira. Receio de que o publico não corresponda, receio de uma crise de que já se fala, ou falta de confiança no espectador? Pode ser tudo isto. Mas, (tutetanto, é certo, «Bellissima»)—a história de uma mãe ambiciosa que quer fazer da sua filha uma actriz de cinema—continua a repousar nas prateleiras do exhibidor, a cobrir-se daquele pó que é bem o indicio da calmaria assustadora e do desinteresse cultural que vão descendo sobre este pequeno rincão da Europa.

Que não seja necessário gritarmos como aquele almirante francês aos seus officais que debandavam: «Courage, messieurs!».

E. C.

O cinema americano tem medo da televisão...

O cinematóscopo continua a ser lançado pelas empresas americanas, assustadas com o progresso da televisão. Assim, recentes informações dão-nos conta de que existem, actualmente, nos Estados Unidos, 2.793 cinemas equipados com o novo processo.

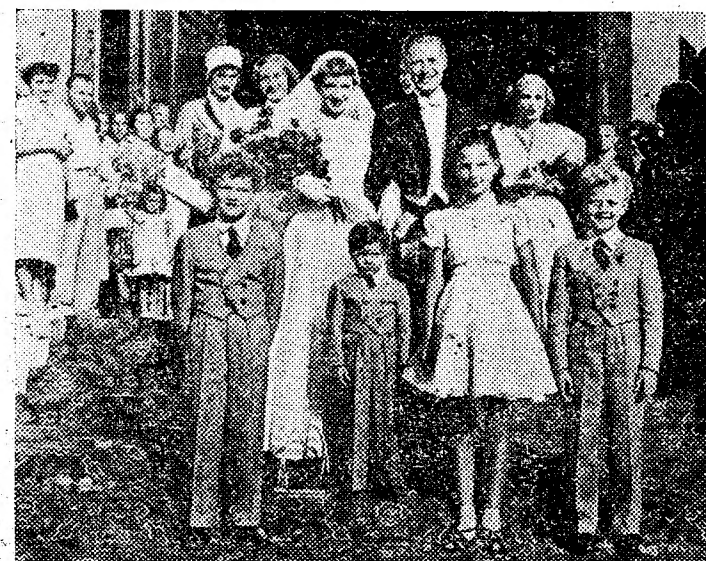
Por outro lado, também a produção de filmes em cinematóscopo tem aumentado consideravelmente.

Os ultimos números publicados acusam a saída, dos E. U. A. até ao mês de Março passado, de 12 filmes cinematográficos estando mais 13 já terminados e em realização e 39 em preparação.



Os Manos Alexandres que, ultimamente, têm actuado em Paris com êxito, reuniram-se há pouco, naquella capital, na Federação Internacional de Harmónicas, com o célebre trio Baisner. Na gravura, vêem-se os dois simpáticos artistas portugueses a entregar um galardão aos seus colegas franceses. Os Alexandres vão, brevemente, actuar num festival internacional que se realizará em Estrasburgo.

«Esposa precisa-se»



O cinema germanico, que vem reconquistando a posição de relevo que ocupou há anos, tem agora no IMPÉRIO, o belo cinema da Alameda, um excelente êxito que, sem duvida, mais o aproximará do grande publico. «ESPOSA PRECISA-SE» é uma comédia cheia de originalidade, que nos relata as complicações de um jovem viúvo a quem quatro filhinhos resolvem arranjar esposa, pois «reconhecem» a falta de uma mulher naquela casa desolada. Daqui tirou Harald Braun uma engraçadíssima película, que muito vai divertir o publico do IMPÉRIO. A interpretação principal pertence ao já admirado Dieter Borsche, e ás lindas vedetas Ruth Leuwerik e Bruni Lobel.

As contrapropostas egípcias sobre o canal de Suez

LONDRES, 14—O Governo inglês está a estudar as contrapropostas egípcias acerca do canal de Suez e embora não se dêem indicações nos círculos oficiais quanto às principais propostas formuladas pelo Governo britânico e as dos Egípcios, vários observadores calculam que sejam as seguintes: 1) Reocupação da base do canal de Suez pelas tropas aliadas em caso de ameaça contra os países árabes, nomeadamente a Turquia e o Irão. O Egípto deseja que este último seja excluído. 2) A evacuação da zona escalonar-se-ia por dois anos. O Egípto propõe 18 meses. 3) O novo acordo anglo-egípcio a substituir o Tratado de 1936 deve ter a duração de dez anos, duração que os Egípcios propõem seja de sete. 4) Finalmente, a questão dos técnicos britânicos que continuariam na zona do canal, depois da retirada das tropas, estaria já solucionada.

Os círculos políticos desta cidade declaram que a atitude dos «rebeldes» conservadores não influirá na posição do Governo, cujas razões para evacuação do Canal assentam, na opinião daqueles círculos, em três considerações principais: a) A bomba de hidrogénio tornaria, em caso de conflito, impossível aumentar a zona do Canal. E' preferível dispor as tropas britânicas no Médio-Oriente em Chipre, na Líbia, no Iraque e na Jordânia, sendo o quartel general em território cipriota, isto para evitar uma concentração num pequeno espaço; b) O alto custo da manutenção da base (50 milhões de libras por ano); c) Necessidade de ter de dar outras missões aos 80 mil homens que se encontram no Egipto, como por exemplo no Sueste asiático em caso de agravamento da situação. —(F. P.).

A atitude de um grupo de deputados conservadores

LONDRES, 14 — Uns 40 deputados conservadores, tendo à frente o capitão Charles Waterhouse, fizeram anunciar que votarão contra o Governo, se este concluir um acordo com o Egíto susceptível de levar à evacuação das forças britânicas da zona do canal do Suez. Esta decisão foi tomada durante uma reunião do grupo «rebeldes», o qual, desde há um ano, não deixou ainda de afirmar a sua oposição irredutível a toda e qualquer política de apaziguamento com o Egíto. —(F. P.).

O terrorismo na Tunísia

Morreram as duas vítimas do atentado de ontem

TUNES, 14—O médico pessoal do Bey, dr. Abderhaman Mami, vítima de um atentado ontem à noite, foi atingido por cinco projecteis, três no peito e dois na cabeça, falecendo hoje no hospital. O médico estava a arrumar o seu carro numa pequena praça quando, repentinamente, crepitou fogo de uma pistola malthadora. Atingido mortalmente, seu primo, Tahar Mami, que estava junto do carro, caiu logo, vindo a falecer pouco depois de ter dado entrada no hospital.

Na Marsa (cidade árabe), todos os comerciantes fecharam as lojas, com excepção de padarias e estabelecimentos de venda de tabaco, em sinal de protesto contra o atentado. —(France Presse).

Prisão de terroristas em Marrocos

CASABLANCA, 14—A Polícia conseguiu prender três Marroquinos autores de três atentados iguais na medina de Port-Lyautey, em 2 de Março, 26 de Maio e 17 de Junho, e em que perderam a vida um sheik do tribunal do paxá, um agente de negócios e um ex-sargento. A Polícia prendeu também numa aldeia 7 trabalhadores marroquinos suspeitos de terem deitado fogo a colheitas. —(France Presse).

OBRAS NAS ESTRADAS

E' de 989 contos a base de licitação do concurso para a pavimentação da estrada nacional n.º 321, entre Viseu e Baiuca de Oliveira de Barreiros; e de 1.688 a do que se refere a pavimentação e diversas obras complementares da estrada nacional n.º 231, entre Nelas e Ponte Nova.

Canetas Kaweco-Elite

Papelaria Vasconcelos, Lda.
Rua da Trata, 270.

Receia-se que as inundações venham a causar graves epidemias na Alemanha e na Austria

VIENA, 14—O Danubio desmentiu hoje as esperanças e previsões e continuou a subir, em Viena e na Austria Oriental. A meia noite de ontem tinha ultrapassado a marca de 8,45 metros, inundando ruas e casas, nos subúrbios. Voluntários continuam a tapar brechas nos diques e a evacuar pessoas isoladas. As autoridades voltaram hoje a sua atenção para novo perigo—doenças. A água poluída faz recetar uma epidemia em grande escala e os habitantes das áreas inundadas foram advertidos de que só devem beber água fervida.

Nas províncias a Oeste, onde as águas das inundações começaram a descer, os habitantes regressaram aos lares, que estiveram durante dias debaixo de água. Tropas americanas e russas continuam a prestar auxílio. Aviadores americanos e soldados de engenharia soviéticos trabalharam lado a lado nos diques na noite, passada, na zona soviética. Foi suspensa a navegação no rio Danubio, na Hungria.

Na Alemanha, os 35.000 habitantes da cidade de Passau, duramente atingida, tinham começado a voltar a casa no fim de semana, mas o Danubio, que chegou a cobrir um terço da cidade, subiu ontem para 6 metros acima do seu nível normal. Os diques, naquela área, estão sob forte pressão e muitos sacos de terra colocados por voluntários, trabalhando de dia e de noite, foram arrastados pelas águas. Foram evacuadas mais 14 aldeolas como medida de precaução.

No Leste da Alemanha, espera-se que o Elba atinja hoje o seu nível mais elevado. Em Dessau, foram já evacuados 10.000 dos 95.000 habitantes. A via férrea oriental alemã de Leipzig, na Saxónia, para Saalfeld, na Turingia, foi cortada quando se desmoronou parte de uma ponte de via dupla próximo de Gera. —(R.).

A extensão da tragédia

VIENA, 14—Depois de trabalharem durante toda a noite, mais de 12.000 polícias e bombeiros, auxiliados por muitos voluntários, con-

(Continua na 15.ª página)

Foi esta tarde empossada a comissão nacional encarregada das comemorações do centenário henriquino

O sr. prof. dr. Costa Leite (Lumbrals), ministro da Presidência, deu posse hoje, de tarde, à comissão nacional encarregada de promover as comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, recentemente nomeada, e que é constituída pelos srs. prof. dr. Caeiro da Mata, presidente da Academia Portuguesa de História, que preside a comissão, e pelos vogais: dr. José Manuel da Costa, secretário nacional da Informação; coronel Alberto Faria de Moraes, director do Arquivo Histórico Militar; prof. dr. Mendes Correia, presidente da direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa; dr. Joaquim Manso, director do «Diário de Lisboa»; dr. Augusto de Castro, director do «Diário de Notícias»; almirante Gago Coutinho, 1.º tenente Avelino Teixeira da Mota, prof. dr. Damião Peres, Diogo de Macedo, director do Museu de Arte Contemporânea; prof. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura; eng.º Francisco de Melo Ferreira de Aguiar, escritor Costa Brochado, eng.º Henrique Gomes da Silva e Sá e Melo, respectivamente, directores-gerais dos Edifícios e Monumentos Nacionais e dos Serviços de Urbanização; dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga;

eng.º Nazaré de Oliveira, director dos Serviços de Melhoramentos, Joaquim Leitão, da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização; prof. dr. Manuel Lopes de Almeida, arquitecto Luís Cristino da Silva e Joaquim Leitão, secretário-geral da Academia das Ciências de Lisboa.

A cerimónia da posse realizou-se, às 16 horas, na Presidência do Conselho. Lido o auto de posse, o sr. prof. dr. Costa Leite (Lumbrals) proferiu um discurso de saudação aos componentes da comissão, de cuja actividade o Governo espera, confiante que as comemorações henriquinas venham a assumir o brilhantismo e o significado que tal facto histórico comporta.

Palavras do sr. professor Caeiro da Mata

Em resposta às palavras do sr. ministro, da Presidência, falou, em nome da comissão empossada, o sr. prof. dr. Caeiro da Mata, que proferiu o seguinte discurso:

—Quero começar por agradecer a V. Ex.ª, sr. ministro, prestigiosa figura de professor e

(Continua na 15.ª página)

30 mil latas de conserva imprópria para consumo foram apreendidas pela Fiscalização que prendeu dois comerciantes

Os agentes da Direcção dos Serviços de Fiscalização têm desenvolvido grande actividade para localizar os estabelecimentos onde ainda se encontram depositadas e armazenadas várias caixas de pasta de peixe em conserva, fabricadas há 12 anos e que estão impróprias para consumo. Como temos noticiado, foram já apreendidas milhares destas latas de conservas, para serem analisadas pelos respectivos técnicos, uma por uma. Os vendedores das referidas latas que percorreram em furgoneta vários pontos da Província prestaram ontem declarações aos agentes da fiscalização as quais foram reduzidas a auto, dizendo que haviam adquirido as latas em Lisboa.

O sr. major Silva Pais teve conhecimento de que um comerciante estabelecido na Rua do Arsenal havia vendido aqueles indivíduos três caixas com latas da referida conserva, cada uma com 100 embalagens. Imediatamente mandou aquele estabelecimento dois fiscais, ouvir os donos da casa e verificar se eles ainda lá tinham algumas expostas à venda ou guardadas. Ambos, ouvidos em auto, declararam que não tinham alguma dessa conserva, pois haviam vendido todas as latas que adquiriram, ignorando os nomes das pessoas que fizeram tal aquisição. Os agentes insistiram em perguntar se eles teriam em seu poder algumas latas, ao mesmo tempo que lhes pediam que se recordassem das pessoas a quem as tinham vendido. Eles demonstraram que lhes era impossível recordar-se de tal.

Enquanto decorria esta diligência, o sr. major Silva Pais havia recebido comunicação de que os referidos comerciantes tinham um armazem na Rua 24 de Julho, imediatamente mandou para ali seguir um agente da fiscalização com a incumbência de vigiar o estabelecimento e, em dado momento, surgiu à porta do armazem uma camioneta com seis indivíduos. Em seguida, um deles abriu a porta e exclamou:

—Vamos a isto, rapazes, que é uma pressa! E começou a azaflama do carregamento de caixas para a camioneta. O agente da fiscalização aproximou-se discretamente a observar o que se passava e quis meter conversa com os carregadores.

O empregado que dirigia os trabalhos voltava a exclamar em voz forte de comando:

—Vamos a isto! Não há tempo para conversas, meus senhores... Tenho pressa...

O agente da fiscalização afastou-se e foi buscar um guarda da Polícia de Segurança e meteu-se com ele num taxi, ficando depois a certa distancia a ver toda a manobra e até que a carga estivesse terminada para depois ver o destino que ela levava, o que fez.

A camioneta deu uma volta larga até chegar ao local onde devia ser feita a descarga, que era num armazem pertencente aos donos do referido estabelecimento, que era para os lados do Boqueirão, junto a um prédio em obras. Os trabalhos de descarga foram feitos com a mesma ligeireza que tinha sido empregada na carga.

O empregado da casa, sempre apressado, ia impondo rapidez aos carregadores que faziam a descarga:

—Vamos, rapazes! Não há tempo a perder, depressa, depressa!

E assim foram descarregadas trezentas caixas em poucos minutos, com 30.000 latas de conserva de pasta de peixe.

Terminada a operação, o agente da fiscaliza-

(Continua na 15.ª página)

As cerimónias

(Continuação da 1.ª página)

No acto, usou da palavra o sr. Albert Neu-ny, presidente dos Agrupamentos Franceses, que, em nome da colónia, apresentou os habituais cumprimentos ao embaixador e à sua esposa. Evocou a obra civilizadora realizada pela França, designadamente nos seus territórios do Ultramar e saudou o heroísmo dos soldados franceses que «defendem a causa do seu país e também a da civilização» dando, assim, «prova tangível da sua bravura, digna de um passado histórico que fez a glória da França». A concluir, referindo-se ao nosso País, disse:

—Portugal é um país em que desfrutamos de uma comovedora hospitalidade. Eis por que, neste dia de Festa Nacional, os nossos votos de prosperidade e grandeza vão também, para ele, numa homenagem comum prestada aos dois países.

O discurso do embaixador

Falou, depois, o sr. Gilbert Arvengas que agradeceu as saudações da colónia francesa e acrescentou:

—Voltando o olhar para o nosso país, vemos o Governo animado de um vivo espírito de decisão, resolvido a agir, encarando claramente os seus objectivos, enfrentando afoitamente os obstáculos, iniciando uma ampla política de resurgimento e renovação. Seguindo os votos da Nação, o nosso actual Governo esforça-se, com um espírito realista, sem descurar o factor tempo e dando a prioridade a essa tarefa, em pôr cobro, na Indochina, a uma guerra que exige da França sacrificios humanos e também financeiros, que ela não poderia suportar muito tempo, ainda, sem fazer perigar a sua própria existência. Para atingir esse fim, o seu caminhar é rápido, os seus gestos decididos, as suas intenções claramente afirmadas. Esperemos firmemente que ao desejo de paz, assim nitidamente expresso, respondam as disposições do adversário. Esta guerra da Indochina, que propagandas hostis desvirtuaram, imprimindo-lhe o carácter de uma guerra de imperialismo e colonialismo, —é necessário tornar a dizê-lo altamente, hoje, nesta Festa da Liberdade, é uma guerra em que a França defende a liberdade do Mundo ao proteger, contra a opressão ameaçadora, populações que lhe manifestaram a sua confiança. Muitos daqueles que tinham relutância em admitir esse facto estão já hoje convencidos e eis a razão por que Dien-Bien-Phu teve, no Mundo, tamanha repercussão.

O embaixador de França abordou, em seguida, o grave problema da Comunidade Europeia de Defesa que se tornou, em França, disse, alvo de controversias apaixonadas, o que bem demonstra a vitalidade do patriotismo francês. Lembrou, a propósito, que as modalidades da contribuição alemã provocam divergências de vistas e acrescentou:

—Importa sobretudo que se faça um amplo entendimento nacional a respeito da solução que deve permitir edificar e defender a Europa. E' precisamente por esse motivo que o che-

MADAME TILLY

CORSETIÈRE

RUA CONDE REDONDO, 64, 1.º, ESQ.

LIQUIDAÇÃO TOTAL

A PREÇOS REDUZIDOS ATÉ 50 %

por motivo de sua retirada definitiva para o Estrangeiro

dos seus MODELOS de CINTAS — SOUTIENS — COMBINAÇÕES c. soutiens
FATOS DE BANHO e os restos do MATERIAL só 2 DIAS, QUINTA e SEXTA-FEIRA

Dias 15 e 16 de Julho das 10 às 13 horas e das 15 às 19 horas





VOAR EM... BICICLETA—Esta imagem foi colhida durante uma demonstração aeronáutica, no campo da Royal Naval Air, em Ford, Sussex, na Inglaterra. Suspenso de um moderno helicóptero, Thomas McAllister, da «Fleet Air Arm», viaja comodamente instalado numa bicicleta. Deve ser recomendável... pelo menos, para tomar o fresco...

Em três anos aumentaram em mais de 5 milhões de contos os depósitos bancários no País — diz o relatório da Caixa Geral

Foram agora publicados o relatório do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (Caixa Nacional de Crédito e Caixa Nacional de Previdência), relativos à gerência de 1953.

O primeiro começa por dizer que «quatro factores influem actualmente no volume das nossas disponibilidades monetárias»: 1.ª a lei económica segundo a qual se modifica, com as flutuações da balança de pagamentos, o sistema de interdependência funcional dos vários elementos que, no âmbito das economias nacionais, estruturam o circuito de bens e serviços, e o circuito monetário; 2.ª o modo como a evolução da economia portuguesa nos últimos catorze anos se reflectiu no nosso sistema bancário; 3.ª o do Tesouro público; 4.ª a política de Fomento Económico, iniciada em 1950. «Em obediência a ela, tanto o Estado como alguns organismos para-estaduais investem dinheiros com vista ao desenvolvimento da nossa estrutura industrial e à valorização do nosso solo e subsolo»—diz-se a seguir.

Apresenta como objectivo «focar apenas a participação do sistema bancário na criação de meios de pagamento, consoante as fases da

conjuntura económica dos últimos anos, a fim de se colocarem as actividades da Caixa em 1953 no seu ambiente próprio».

Comentando um quadro, elaborado com a ajuda das estatísticas financeiras de 1952 e do Boletim Mensal do Instituto Nacional de Estatística até Janeiro de 1954, diz-se:

«Obedecendo ao influxo da balança de pagamentos—que apenas se interrompe de 1947 a 1949—a circulação monetária quase quadruplicou nestes últimos catorze anos: os depósitos quase quintuplicaram; e os meios de pagamento em poder do público e os criados pelo crédito aumentaram cerca de quatro vezes e meio. Se for recordado que, neste mesmo lapso de tempo, se procede ao reequipamento do País, se lançam indústrias básicas, se realizam grandes obras de hidráulica agrícola, se efectua a renovação das frotas, se criam empresas novas e se desenvolvem antigas, forçoso é concluir: a evolução do nosso sistema financeiro, condicionada por anos sucessivos de saldos positivos da balança de pagamentos, favoreceu, por sua vez, o desenvolvimento da nossa economia. E' hoje diverso do que era no passado o sistema de interdependência funcional entre a produção industrial e agrícola, o circuito de bens e de serviços e o circuito monetário».

O capítulo seguinte acentua que «analisar desta presumível modificação não ter ainda encontrado rélica na estrutura do sistema bancário, que permanece a mesma, embora com mais tendência para acentuar a actual divisão de trabalho e de campos de acção entre os seus elementos constitutivos, o mercado monetário pôde até hoje dispensar notável apoio financeiro às várias solicitações da vida económica nacional». E observa que, enquanto os bancos comerciais, «enrortando-se sobretudo pela apreciação das necessidades mercantis», se afastaram, em regra, «dos investimentos, isto é, do fomento de novos bens de capital, para se dedicarem à assistência financeira do circuito de bens de consumo e de serviços», a Caixa, «trabalhando muito embora com dinheiro da mesma natureza, manteve, tanto pela Caixa Nacional de Crédito, como pelos Serviços Privativos, a sua tradicional política de crédito tendencialmente qualitativa, concedendo predominantemente auxílio financeiro ao estímulo da produção agrícola e industrial e aos empreendimentos públicos».

Uma afirmação digna de registo: De 1950 a 1953, aumentaram de 5.113.000 contos os depósitos bancários no País.

Quanto aos empréstimos hipotecários, elevou-se para 867.000 contos, em 1953, os saldos em balanço, sendo de 8.084 o número de empréstimos em vigor.

A política de crédito da Caixa Geral de Depósitos e da Caixa Nacional de Crédito, nos anos de 1951, 1952 e 1953, exprime-se, respectivamente, pelos seguintes números: 5.164.709, 5.010.465 e 6.160.039 contos. O acréscimo, em 1953, em relação ao ano anterior, foi de 150.000 contos, dos quais 90 por cento a favor da política da produção.

Referindo-se à colaboração da Caixa na execução do Plano de Fomento, informa-se: «Para o ano de 1953, previa este plano investimentos no montante de 1.713.500 milhares de escudos, de que se investiram efectivamente, segundo relatório recente do Fundo de Fomento Nacional, 1.486.771 contos».

Na Caixa Geral de Depósitos, feitas as amortizações e constituídas as reservas convenientes, os lucros líquidos anuados foram de 57.049 contos, mais 1.329 que em 1952. Ao Estado couberam 44.032 contos, correspondentes a uma participação de 80 por cento. Na Caixa Nacional de Crédito, a conta de Ganhos e Perdas apresentou um saldo líquido de 6.830 contos, números redondos, o qual foi acrescer os fundos de reserva nos termos legais. E no último triénio os juros atribuídos aos depositantes e as entregas ao Estado, relativas à sua participação nos lucros totalizaram 328.846 contos.

Quer Ter Sempre Dinheiro?...

Aplique as suas economias em OURO, PRATAS JOIAS E RELOGIOS, no
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
RUA BARROS QUEIRÓS, 56

MODERNAS CONFECÇÕES

Elegantes, práticas pelos mais recentes processos americanos
Em tecidos e padrões escolhidos da ultima moda

SEMPRE PRONTAS A VESTIR

Avenida João XXI, 10-D

Sucursal: R. Tomás da Anunciação, 1-B

EM 3 LINHAS

O Governo do Panamá depositou a carta de ratificação do instrumento de emenda à Constituição da Organização Internacional do Trabalho, de 1946.

Foi hoje publicada a lista de classificação dos candidatos ao concurso de admissão de arquitectos de 3.ª classe do quadro da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

O Ministério da Educação Nacional mandou que a José Paulino de Melo, de Freches, concelho de Trancoso, seja dado publico testemunho de louvor pela sua generosa dedicação aos problemas de assistência escolar da referida localidade.

Está aberto concurso para preenchimento de vagas de mecanico-electricista de 1.ª classe do quadro unico do pessoal auxiliar da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

Um despacho ministerial aprovou o Regulamento do Trabalho nos Serviços Médicos-Sociais—Federação de Caixas de Previdência.

Foi nomeado chefe da 1.ª Repartição da Direcção da Marinha Mercante, do Ministério da Marinha, o capitão de fragata José Pereira da Silva Costa.

O sr. H. N. Vincent foi exonerado, a seu pedido, do cargo de vice-cônsul de Portugal em Mossel Bay.

A Camara de Cascais foi concedida, pelo Fundo de Desemprego, uma comparticipação de 100 contos, nos encargos com o pagamento da 1.ª prestação do custo do projecto de saneamento da Costa do Sol, os quais importam em 200 contos.

A 1.ª fase da empreitada de adaptação do edificio do antigo Paço Episcopal do Funchal a Museu de História Natural e de Arte Sacra e a Biblioteca, está orçamentada em 1.745 contos.

No Castro de Vila Nova de S. Pedro, concelho de Azambuja, vão ser feitas uma escavação metódica e a recolha de objectos de interesse arqueológico.

Foi publicada hoje, na folha oficial, a lista de classificação do concurso para médicos-veterinários de 2.ª classe do quadro comum do Ultramar.

Uma frase de Pinheiro Chagas

Num artigo que se publica nas páginas centrais do nosso suplemento de hoje, dedicado à França, vai citada uma frase de Pinheiro Chagas, que aparece deturpada, por insuficiência de revisão. Por simples respeito pela memória de Pinheiro Chagas e com justa admiração pela beleza da frase e do fundo que ela traduz, aqui se lhe dá a correcta reprodução: «On lui reproche, bien souvent, les incendies qu'elle allume, mais c'est elle qui brule, et c'est le monde qui est éclairé».



AGENTES EXCLUSIVOS
GARAGEM CONDE BARÃO LDA.
LARGO DO CONDE BARÃO 50
TELEF. 60156 - 60905 - 61644

Se V. Ex.ª possuir

Ouro, prata ou brilhantes não tem dificuldades económicas
A nossa casa paga muitíssimo bem.

Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA, 257

CAEM COMO MOSCAS

Nexa
PAPEL INSECTICIDA

O MAIS ECONÓMICO
Carteiras com 5 folhas 2\$00

EM TODAS AS IDADES...



...EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS!

Se quer manter a sua saúde, desde a infância até à velhice, tanto no trabalho como nos desportos, reconstitua periodicamente o seu organismo, tomando o FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE
O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DA ÁFRICA

«UÍGE»
(viagem inaugural)
7 DE AGOSTO

Para: Luanda, Lobito e Moçamedes
Com escala prévia por Leixões, recebe carga em Lisboa até 2 de Agosto.

«PÁTRIA»
17 DE AGOSTO

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«SANTA MARIA»
6 DE AGOSTO

Com escala por Funchal e S. Vicente, para: Recife, Rio de Janeiro e Santos

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«VERA CRUZ»
19 DE JULHO

Com escala por Vigo e Funchal para: Tenerife, La Guaira, Curaçao e Havana.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telf. 23342

SOLDADURA ELÉCTRICA

ELECTRODOS

PARA AÇO MACIO E FERRO FORJADO

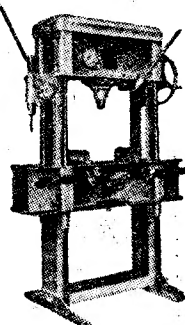
ESPECIAIS PARA FERRO FUNDIDO — AÇO INOXIDÁVEL E PARA PEÇAS SUJEITAS A CHOQUE E DESGASTE — PARA COBRE, LATÃO, BRONZE E ALUMÍNIO — MÁQUINAS ROTATIVAS, AUTÓNOMAS E POSTOS ESTÁTICOS UNI E MULTI OPERADOR

UTENSÍLIOS PARA SOLDADOR

MONTEIRO GOMES, LIMITADA

RUA CASCAIS, 47 (Alcantara) — Telf. 37083-84-85 — LISBOA

PRENSAS HIDRÁULICAS PARA 60 TONELADAS



COM GARANTIA DA MARCA

«LAYCOCK»

ENTREGAS IMEDIATAS
Soc. de Lubrificantes
Ingleses, Ld.^aRua Conceição da Glória, 8/12
Telefones 33202/4/5 — LISBOA

VIEIRA DO MINHO

Todas as estações de Caminho de Ferro vendem bilhetes e despacham bagagens para a localidade de Vieira do Minho.

No Despacho Central instalado na localidade de Vieira do Minho vendem-se bilhetes e despacham-se bagagens para qualquer estação de Caminho de Ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse utilize este serviço combinado.

BELMONTE

Todas as estações de Caminho de Ferro aceitam a despacho mercadorias para o Despacho Central de Belmonte.

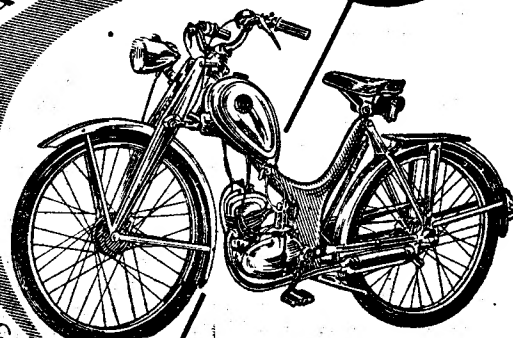
No Despacho Central instalado em Belmonte aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse utilize este serviço combinado.

MICROMOTOR, L.^{DA}

APRESENTA
... MAIS UM COLOSSO
NO CICLISMO
MOTORIZADO!...

MODERNA • ROBUSTA • PERFEITA
CÔMODA • SEGURA • ELEGANTE



Concessionários exclusivos
MICROMOTOR, L.D.A.
Lisboa: Av. de Paris, 3
T. 76138/9

Filiais:
Aveiro-Coimbra-Faro

COMPANHIA COLONIAL DO BUZI

S. A. R. L.

SEDE: RUA DA CONCEIÇÃO, 107, 1.º — LISBOA

Aumento do Capital Social

Participa-se aos Senhores Accionistas que o Conselho de Administração usando da faculdade que lhe confere o artigo 5.º dos Estatutos e de harmonia com a Portaria Ministerial publicada no Diário do Governo n.º 150, 3.ª série, de 28 de Junho de 1954, resolveu elevar o capital da Companhia de Esc. 71.500.000\$00 a Esc. 110.000.000\$00, destinando-se o produto da emissão a fazer face aos encargos resultantes da execução do plano de reatracamento das instalações da Companhia, já em curso

A emissão obedece às seguintes condições:

1.ª—A subscrição é reservada aos actuais Accionistas na proporção de uma acção por cada duas de que forem possuidores e ao preço de Esc. 120\$00 cada acção.

2.ª—Os direitos dos Senhores Accionistas serão exercidos:

a) —Pela entrega do cupão n.º 36, tratando-se de acções ao portador;

b) —Pela apresentação dos títulos, quando se trate de acções nominativas.

3.ª—O pagamento das acções subscritas será efectuado em três prestações, pela forma seguinte:

Esc. 40\$00 por acção, no acto da subscrição.

Esc. 40\$00 por acção, de 11 a 20 de Outubro de 1954.

Esc. 40\$00 por acção, de 6 a 16 de Dezembro de 1954.

4.ª—As acções que forem liberadas no acto da subscrição ficam com direito a metade do dividendo que vier a ser distribuído em relação ao exercício de 1954. As que não forem liberadas nessa ocasião somente terão direito ao dividendo de 1955.

5.ª—As 25.000 acções que sobram da subscrição em firme e bem assim as acções que porventura não forem subscritas, serão rateadas entre os Senhores Accionistas que tenham declarado por escrito, no acto da subscrição, desejarem concorrer ao rateio, o qual será feito na proporção das acções que lhes couberem firmes.

6.ª—A subscrição estará aberta de 12 a 22 do corrente, nos seguintes estabelecimentos de crédito e suas dependências:

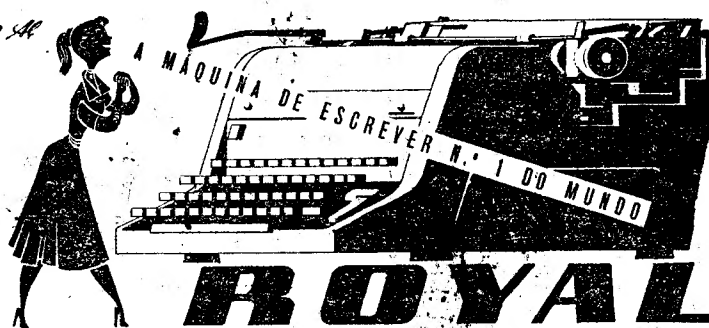
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco José Henriques Totta
Banco Lisboa & Açores
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Bank of London & South America, Ltd.
Crédit Franco-Portugais
Montepio Geral

7.ª—A subscrição dos Senhores Accionistas possuidores de acções nominativas é feita exclusivamente no escritório da sede da Companhia.

8.ª—O resultado do rateio será publicado até ao dia 2 de Agosto próximo nos mesmos jornais em que se anunciar a subscrição, e o pagamento das respectivas acções deverá ser efectuado até ao dia 7 do referido mês, inclusive, caducando o direito ao rateio se não for paga a 1.ª prestação dentro do mesmo prazo.

Lisboa, 3 de Julho de 1954.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



Soc. Com. Luso-Americana, Lda.
LISBOA • PORTO • FARO

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da Clínica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sittis
Travessa Nova de S. Domingos, 9.
L. às 15 horas. Telefone 29062

O «Diário de Lisboa» vende-se actualmente na Guarda, no Café Mondego.

Para as «Tarifas» não há distâncias...

e o preço é o mesmo, para qualquer distância

Volumes: até 5 Kgs. 35\$00

De 5 a 10 Kgs. 7\$00

De 10 a 20 Kgs. 14\$00

De 20 a 30 Kgs. 20\$00

Serviço prático, rápido e económico.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

O ABADE Marignan usava com altivez o seu nome de guerra. Era alto, magro, um fanático exaltado mas uma consciência recta. Crente convicto, jamais hesitava no caminho da sua crença. Julgava conhecer Deus, penetrar os seus designios, vontades e intuitos. Às vezes, ao passear no jardim modesto do presbitério, detinha-se a perguntar: «para que foi que Deus fez isto?» e procurando obstinadamente resposta, punha-se no lugar de Deus e encontrava o que desejava. Jamais murmurara, num transporte de piedosa humildade: «Senhor, os vossos designios são impenetráveis!» Não, o abade Marignan dizia: «Sou o servo de Deus, compete-me penetrar as suas razões, adivinhando-as, se as não interpreto».

Tudo lhe parecia, assim, criado na Natureza, com uma lógica absoluta e admirável. Os princípios e os fins, segundo a sua lógica, equilibravam-se maravilhosamente. As madrugadas haviam sido criadas para fazer mais alegre a hora do acordar, o Sol para amadurecer as searas, as chuvas para as regar, o pôr do Sol para apetrechar a hora de repousar, a noite escura, para adormecer. A seu ver, as quatro estações correspondiam, em absoluto, às necessidades da agricultura. Jamais poderia admitir que não há intenções na Natureza e que tudo o que existe, ao contrário do que ele pensava, se submetia às duras necessidades das épocas dos climas e da matéria.

Todavia, o abade Marignan odiava inconscientemente as mulheres, desprezando-as por instinto, repetindo as palavras de Cristo: «mulher, que há de comum entre nós dois?» E às palavras de Deus acrescentava: «O próprio Deus se descontentou da sua obra».

Para ele, a mulher era a criança doze vezes impura, de que fala o poeta. A tentação que arrastara o primeiro homem para o pecado, continuando a obra infernal. Era o ser fraco, perigoso, misteriosamente perturbador. E detestava-lhe ainda mais a alma amorável, do que a matéria de perdição. Na verdade, o abade Marignan algumas vezes sentia a sua ternura envolvente. E, embora se considerasse inexpugnável, desesperava-o a circunstância de pressentir na mulher a necessidade de amar. Em suma, achava que a mulher viera ao Mundo para tentar e experimentar o homem, pelo que todos deviam aproximar-se da sua natureza, preparados para se defender das armadilhas da sua condição—braços e lábios suplicantes, sempre estendidos para o homem.

Nesta conformidade, o abade Marignan abria apenas um parentesis de indulgência para as irmãs de caridade, cujo voto de caridade as tornava seres inofensivos. Mas, mesmo assim, tratava-as com uma certa rudeza, porque sentia latente, no fundo dos seus corações acorrentados à ternura que o tocava, se bem que fosse padre. Pressentia essa ternura nos olhares mais emudecidos de piedade do que os dos frades; nos seus transportes de inspiração divina, em tudo enfim, quanto neles era amor e o indignava, porque em

À LUZ DO LUAR

tudo via as tendências da matéria. Via a maldita ternura na própria docilidade, na humildade da voz com que lhe falavam, nos olhos postos no chão, nas lágrimas resignadas, se acaso as prendia com rudeza. Por tudo isso, sacudia a sotaina à saída dos conventos, afastando-se, à pressa, como se fugisse a um perigo.

CONDENSAÇÃO do conto de Guy de Maupassant

Ora, o abade tinha uma sobrinha que vivia com a mãe numa casita próxima. E por força que havia de fazer dela uma freira. Mas a pequena era bonita, alegre e trocista. Quando o tio lhe ralhava, ria-se; quando se zangava, beijava-o, apertando-o ao peito. O abade evitava aquele abraço mas, no fundo, sentia a alegria doce de um instinto de paternidade, latente em todos os homens. E começava a falar-lhe de Deus, do seu Deus, caminhando consigo pelos campos. A pequena, porém, nem o ouvia. Olhava o Céu, as estrelas, as flores, amava a vida e a felicidade de viver, correndo atrás das borboletas e dizendo: «até dá vontade de as beijar!» E esta necessidade de beijar aborrecia-o.

Até que um dia a mulher do sacristão, depois de muitos rodeios, lhe disse que a sobrinha tinha um namorado, o que o deixou sufocado de asombro.

—Você mente, Melanie!—disse por fim.—Isso não é verdade!

Mas a camponesa jurou que a pequena, depois da mãe deitada, passeava à beira do rio, entre as dez e a meia-noite.

A sua revolta de padre que de tanto temer o amor o odiava, juntava-se a indignação de um sentimento paternal, enganado por uma criança. Como se fosse seu pai, revoltava-o a ideia egoísta de que a pequena escolhera por si própria um homem para marido.

Depois de jantar, em vão a indignação o deixou ler. E assim, ao soar das dez agarrou na bengala, e contemplou-a sorrindo.

Abriu, então, a porta mas deteve-se surpreendido pelo esplendor do luar, belo como raras vezes o vira. E o seu espírito entusiasta e sonhador distraiu-se da sobrinha. No jardimzinho do presbitério, banhado de luz suave, as árvores de fruto desenhavam no chão os ramos frágeis, a madressilva-gigante, unida ao muro da casa, exalava sopros deliciosos, fazendo flutuar na noite tépida uma alma perfumada.

O abade pôs-se a respirar fundo inebriado, e

foi andando, esquecido da sobrinha. Quando chegou à campina, parou a contemplar a planície banhada da luz do luar e imersa no encantamento suave daquela noite languida e serena. As rãs lançavam para o ar as suas notas curtas e metálicas e, lá ao longe, os melros cantavam aquela musica feita de devaneios e criada para beijos, trocados com a cumplicidade da Lua.

Sem que soubesse por quê, o abade sentia o coração perturbado e enlanguescido, adorando a obra de Deus, sem contudo encontrar a resposta para a pergunta que o assaltava: para quê? Sim, para quê, tanta beleza?

Lá ao longe, contornando a linha ondulada do ribeiro, serpenteava a orla extensa dos choupos. Uma névoa fina, um vapor branco que os raios da Lua atravessavam, tornando-a prateada e brilhante, suspendia-se em volta e por cima das margens, envolvia o curso das águas, como se fosse algodão flutuante e transparente.

Penetrado de um enternecimento crescente, irresistível, a pergunta voltava-lhe, porém, inquietante: Com que fim criara Deus semelhantes noites, se estas haviam sido feitas para dormir? Para quê, aquela musica da Natureza? Para quê aquele veu subtil a envolver a Terra? A quem se destinava aquele desdobrar de encantamentos, se os homens estavam aquela hora dormindo em suas camas?

E o abade não achava resposta para as suas perguntas.

Mas eis que, lá adiante, sob a abóbada das árvores, a brilhar humedecidas pela bruma, duas sombras apareceram, caminhando a par. O homem era mais alto e enlaçava pelo pescoço a companheira que beijava de vez em quando na testa. E, de repente, as duas sombras animaram a paisagem imóvel que os rodeava. Pareciam um ser único, o ser a quem era dedicada aquela noite bela e calma. Caminhavam na direcção do abade e pareciam a resposta viva que o Senhor concedia às suas perguntas. Ele, entretanto, continuava perplexo, palpitante, imaginando uma cena bíblica, como os amores de Ruth e Booz, ou a realização de um designio de Deus, num daqueles grandes cenários de que falam as Escrituras. Lembrou-se do «Cantico dos Canticos», de toda a quente poesia deste poema ardente de ternura. E consigo mesmo disse:

—Deus, por certo, fez estas noites, para velar de ideal o amor dos homens.

Diante do par abraçado que avançava na sua direcção, o abade ia recuando. Sem duvida, tudo aquilo que deduzira correspondia à lógica e à verdade divina. Mas, tratando-se da sua sobrinha, não, não devia desobedecer à vontade de Deus? Mas voltou a pensar:

—Pois, então, Deus não permite o amor, visto que o rodeia, visivelmente, de tamanhos esplendores?

E o abade Marignan fugiu, perturbado, quase com vergonha, como se acabasse de penetrar num templo onde não tinha licença para entrar...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4244

HORIZONTAIS: 1—Magistrado francês que defendeu Luis XVI perante a Convenção e morreu no cadafalso. 2—Procedem. Sulca. 3—Limpar com água. Campeão. Céu. 4—Amofinam. Pronome pessoal. 5—Homem novo. Pátria. 6—Preposição. Trabalho à noite. Apellido. 7—Um dos apelidos de um dos descobridores da Madeira. 8—Old! Figura arquitectónica formada por dois arcos que se cortam na parte superior. 9—Batráquio. Nesse lugar. Termina. 10—Ergueu. Metal precioso de cor amarela. 11—Elevasses-te.

VERTICAIS: 1—Doença. Dissipar. 2—Escrava egípcia de Abraão e mãe de Ismael. Caixa forrada para condução de roupas. 3—Conduzir para lá. Nome de uma letra. Prefixo de negação. 4—Metes na mala. Ferro endurecido. 5—Raspe. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 6—Existe. Serra do Norte de Portugal. Antigo nome da nota musical dó. 7—Data. Quezília. 8—Chefe abissínio. Medicamentos para os ouvidos. 9—Prefixo de duplicação. Artigo definido (ant.º). Do feitiço do ovo (pl.). 10—Flancos. Descerra. 11—Curaram. Preposição e artigo (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4243

HORIZONTAIS: 1—Vera. Adro. 2—Macabro. 3—Aa. Ala. Al. 4—Im. Abusa. Ré. 5—Sagrai. Gris. 6—Doar. Brio. 7—Roam. Aréola. 8—Ir. Ermas. Os. 9—Má. Aos. Si. 10—Agriam. 11—Agra. Lios.

VERTICAIS: 1—Mais. Rima. 2—Amadora. 3—Em. Goa. Ag. 4—Rá. Arame. Gr. 5—Aca-bar. Raia. 6—Alui. Amor. 7—Abas. Brasil. 8—Dr. Agres. Al. 9—Ró. Rio. Mó. 10—Ariolos. 11—Eles. Asia.

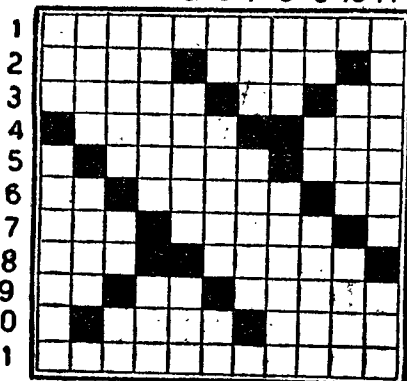
CAMISAS BRANCAS

AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS

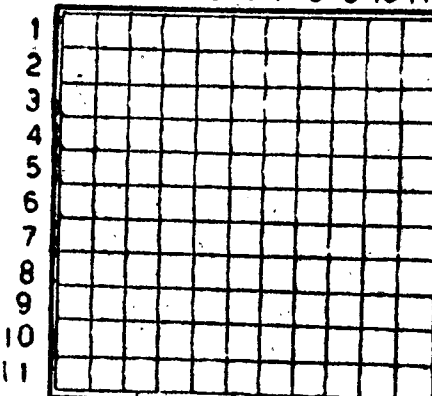
TORRE EIFFEL

104 — RUA DO CARMO — 108

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 863

HORIZONTAIS: 1—Nome de uma ilha do arquipélago de Cabo Verde. Embarcações semelhantes ao bote, mas maiores do que eles. 2—Perfume. Cantão da Suíça. 3—Ligue. Peça da espingarda. Campeão. 4—Senhores. Acrescentei. 5—O mais Pronome possessivo. Destro. 6—Ecoara. 7—Estimar. Intimo. Céu. 8—Posuir. Origem. 9—Reis. Nome de um astro. Colocou. 10—Amofine. Nome de homem. 11—Ume. Aqui está.

VERTICAIS: 1—Apellido. Inferno. 2—Sapo do Amazonas. Direcções. 3—Peta (fam.). Parceiro. 1050—romanos. 4—Nociva. Haver. Existo. 5—Nota de musica. Ente. Raleim. 6—Que tem forma de cruz. 7—Espaço de um mês (pl.). Alumen. Símbolo químico do rado. 8—Boi selvagem. Amarro. Rio de Itália. 9—Nesse lugar. Procedi. Nome de um dos apóstolos. 10—Acrescentara. Parte. 11—Abrigara. Artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 862

HORIZONTAIS: 1—Caiu. Mata. 2—Cantara. 3—Em. Miara. Co. 4—Mor. Clá. Mos. 5—Orava. Trons. 6—Sala. Arte. 7—Tia. Aos. Erg. 8—Es. Atros. Aa. 9—Ala. Bis. 10—Estarrecido. 11—São. Amas.

VERTICAIS: 1—Demógenes. 2—Morais. Si. 3—AC. Rala. Ata. 4—Iam. Vã. Alão. 5—Unica. Atar. 6—Tal. Por. Ré. 7—Marat. Sobre. 8—Ara. Rá. Sica. 9—Tá! Moie. Sim. 10—Contra. Dá. 11—Sossegados.

Por 22\$00

V. Ex.ª almoça ou janta maravilhosamente no Restaurante Clementina. Rua Jardim do Regedor, 37-1.º. (aos Restauradores).

MOBILIAS

Quarto ou Casa Jantar em casanho ou mogno 3.300\$. Em con. raplçado 2.800\$. Em casanho e cucupite 1.800\$. 1.º. Fiéis de Deus. 69 (à esquina da Rua da Rosa).



DE LUTO

Augusto Machado

Contando 73 anos de idade, faleceu, na cidade de S. Paulo, no Brasil, após doloroso sofrimento, o sr. Augusto Machado, que foi nosso colega no jornalismo, tendo feito parte das redacções do «Diário de Notícias» e de «A Luta», de Brito Camacho.

Tendo seguido, há cerca de 45 anos, para o Rio de Janeiro, exerceu em vários periódicos da capital do Brasil, como «O País» e «A Pátria», a profissão a que se devotara, salientando-se como articulista em defesa da legião imensa de humildes portugueses que trabalham na nação irmã, como, por exemplo, quando da célebre campanha contra os pescadores pobres.

Também se salientou com as reportagens da chegada ao Rio de Janeiro dos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e do presidente António José de Almeida, e ainda como crítico musical, sob o pseudónimo de «D. Camilo».

Ainda como jornalista, veio a Portugal, Espanha e França, integrado em missões oficiais do Itamaraty.

Tendo abandonado o jornalismo há mais de 25 anos, Augusto Machado, que era natural de Lisboa, fixou residência em S. Paulo, onde, como corretor oficial, se dedicava ao comércio de importação e exportação.

O nosso ilustre compatriota era avô do sr. Eber Vasques Machado, residente em Santos, e da sr.ª D. Flávia Vasques Machado Quintela Soares, esposa do sr. Geraldo Xavier Soares e filha do nosso prezado camarada na imprensa, Mário Quintela.

Os efeitos do casamento unicamente canónico

Num parecer da Procuradoria-Geral da República, esta diz, dirigindo-se ao sr. ministro da Justiça:

«Determinou V. Ex.ª que a Procuradoria-Geral da República emita parecer sobre se existe crime de bigamia quando, após um casamento civil válido, é celebrado um segundo casamento canónico, não obstante este segundo casamento não produzir efeitos civis».

A hipótese que suscitou a formulação da consulta, e que a esta esclarece, é a seguinte: Carlos da Silva Esteves contraíu casamento civil com Rosa da Silva. Sem que tenha ocorrido dissolução desse casamento, o marido contraíu, já no domínio da Concordata vigente, casamento canónico com Maria de Belém Ferreira da Silva.

Cumprido, portanto, a este corpo consultivo pronunciar-se sobre o problema no âmbito que lhe foi fixado pelo despacho de V. Ex.ª.

No final do relatório—que ocupa quatro páginas do «Diário do Governo»—foi formulado o seguinte parecer:

«Constituiu-se autor do crime de bigamia o indivíduo ligado por casamento civil não dissolvido que contraíu casamento canónico com outro cônjuge, embora este casamento não esteja nem possa ser transcrito no registro civil».

Academia das Ciências

Amanhã, às 14 e 30, reúne-se a Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, sob a presidência do prof. Egas Moniz. Na ordem do dia, o prof. Almeida Lima apresentará um trabalho de neurocirurgia. Nesta sessão, deve tomar posse do lugar de académico efectivo o prof. Reinaldo dos Santos, que evocará a figura do falecido académico prof. Moreira Junior.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Começam no sábado as 2.ªs Jornadas Médico-Hidrológicas

Principiam no próximo sábado e durarão seis dias as segundas jornadas Médico-Hidrológicas, organizadas pela Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica.

Os médicos que tomam parte nestas jornadas visitarão, em primeiro lugar, a estância dos Cucos, percorrendo, depois, sucessivamente, as termas de Caldas da Rainha, Monte-Real, S. Pedro do Sul, Caldas da Saúde, Caldelas, Gerês, Monção, Vizela, Caldas das Taipas e as termas das Salgas, na Batalha, e da Piedade, perto de Alcobaca. Será percorrido um circuito de 1.358 quilómetros, ao longo da costa Ocidental portuguesa, desde Lisboa até Monção, no extremo Norte do País. Durante as jornadas, além das visitas às instalações balneares das termas referidas, efectuar-se-ão onze sessões científicas em que serão expostos diversos problemas relacionados com a terapêutica hidrológica.

A sessão inaugural das 2.ªs jornadas Médico-Hidrológicas realizar-se-á na estância termal dos Cucos, a sessenta quilómetros da capital, com uma «Alocação inaugural», pelo sr. dr. Cid de Oliveira. Usarão, também, da palavra os srs. drs. Neiva Vieira e Boaventura Dias Gameira que falarão, respectivamente, sobre «Termas dos Cucos. Estação anti-reumática. Suas águas e lamas medicinais» e «Indicações terapêuticas».

III Congresso Internacional de Antropologia Diferencial

Reune-se no mês de Setembro, em Mogúncia (Alemanha) o III Congresso Internacional de Antropologia Diferencial Symposio do «Bureau International d'Anthropologie Différentielle: Applications Médicales». A propósito desta reunião, informa a delegação portuguesa no Campo dos Mártires da Pátria, 110 (telefone 46470).

Uma missão de estudantes

vai à Austria e à Alemanha

Descola para Francfort, pelas 9 horas de amanhã, num quadrimotor militar português, uma missão de estudo, composta pelos alunos que terminaram este ano o Curso de Engenharia Químico-Industrial do Instituto Superior Técnico, chefiada pelos engenheiros Afonso Morgenstern e Vítor Pinheiro, com o fim de visitar as mais modernas indústrias químicas e metalúrgicas da Austria e da Alemanha e os seus laboratórios.

Estas visitas foram preparadas pelo delegado comercial da Austria, sr. Schranz, e pelo adido cultural da Alemanha, dr. Deubner. Por sua vez, o sr. ministro da Defesa Nacional e o chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas, sr. general Costa Macedo proporcionaram enormes facilidades.

Entraram hoje doze navios no porto de Lisboa

No porto de Lisboa registou-se hoje grande movimento de navios, tendo entrado doze, nove dos quais portugueses. Entre estes figura o «Ribeira Grande», com material de guerra, explosivos e tanques, do Canadá para o Exército português. No «Ribeira Grande» vieram também treze passageiros, e entre eles os catedráticos canadianos sr. Charles Coulter e senhora Florence Blake.

CRÓNICA CINEGÉTICA

A acção da Venatória Regional do Sul em defesa das espécies

A Comissão Venatória Regional do Sul, a que preside o comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, sr. coronel Monteiro Libório, instituiu, há anos, com o intuito de estimular a fiscalização da caça na sua área e melhor recompensar os actos praticados por repressão das infracções que mais podem afectar as espécies cinegéticas, prémios pecuniários, anualmente atribuídos aos agentes que mais se distinguem nessa repressão.

Um prémio especial de 100\$000 é conferido ao agente da fiscalização, por cada uma das transgressões mencionadas no edital respectivo, e extraordinários, totalizando 5.000\$000, são conferidos, anualmente, aos quatro indivíduos que, durante o ano, tiverem efectuado mais elevado numero de autoações, além de 15, por qualquer das transgressões do Regulamento da Caça, classificadas no citado edital como sendo daquelas a que, pelo mesmo, é concedido o prémio especial.

Com o prémio extraordinário de 2.000\$000, 1.500\$000, 1.000\$000 e 500\$000, foram galardoados em referência a 1953, os guardas da caça, privados daquela Comissão Venatória Regional, Francisco dos Santos Costa, José Novais de Carvalho, Julio Rodrigues Higinio e Diamantino Bucho Cristóvão, em serviço em Mértola, Évora, Caldas da Rainha e Fronteira, respectivamente.

A espécie e numero de transgressões que deram origem ao benefício do prémio especial de 100\$000 foram como segue: 23, por uso de armadilhas; 6, por uso de canhão; 408, por caçar em tempo de defeso; 47, por caçar de emboscada e à espera; 99, por uso abusivo de fuzil; 20, por armar laços; 6, por excesso de caçadores em linha; 32, por uso de «maracha»; 8, por excesso de cães; 9, por apanha de perdizes a corriação; 60, por uso de redes; 1, por uso de reclame; 7, por destruição de luras; 1 por destruição malévola de ninho de perdiz.

Estes prémios, concedidos em função das transgressões pagas voluntariamente pelos infractores ou que estes tenham sido condenados em juízo, no referido ano de 1953, foram atribuídos às seguintes entidades: a G. N. R., 300; a guardas da Comissão Venatória Regional do Sul, 337; a guardas de Venatórias concelhias, 77; a Guarda Fiscal, 16; e a vogais de Comissões Venatórias concelhias, 2.

Merece os mais rasgados encómios a acção, a todos os títulos louvável, da Guarda Nacional Republicana, que, apesar dos múltiplos serviços que lhe estão confiados nas zonas rurais, levantou 300 autos por transgressão ao Código da Caça, na área da Comissão Venatória Regional do Sul, durante o passado ano.

NABAIS DA CUNHA

PUBLICAÇÕES

«Guias» de caminho de ferro e de camionagem

Recebemos o «Guia Geral dos Caminhos de Ferro, Viação, etc.» e o «Guia Geral de Camionagem e Turismo», editados pela Financal, da Rua Passos Manuel, 134, 1.º, Porto.

Para que todas as pessoas possam beneficiar das informações do «Guia Geral dos Caminhos de Ferro», a Financal oferece-o às pessoas que lhe enviarem um escudo, para despesas de porte e expediente.

«Sempre Fixe»

Classificações artísticas



A falsificação de quadros é o assunto sobre que mestre Francisco Valença traçou mais uma das suas admiráveis páginas em «Sempre Fixe» hoje posto à venda.

Nas restantes páginas Stuart Carvalhais, o grande humorista internacional, apresenta também alguns dos seus magistrais trabalhos, sempre tão apreciados pelo leitor.

Na parte literária, Manuel Martinho, Santos Fernando, José Rosado, Raul da Costa, Manon, Neves Reis, A. Nazaré, Sanz Vieira, Carlos Pinhão e outros humoristas aumentam o interesse do interessante semanário, de página para página. São também de citar pela sua graça e oportunidade as crónicas de Porto e Coimbra e a página da Bola, onde mesmo agora, nesta época, não há defeso para as boas piadas.

O PORTO pelo telefone

Ministro Carlos Brandes

PORTO, 14.—Por motivo da sua próxima retirada desta cidade, para novas funções diplomáticas, o consul-geral do Brasil e sua esposa darão, no próximo sábado, recepção, na sua residência—«Vila Adriano»—onde esperam reunir o escol da sociedade portuense.

Por deferência para com o ministro Carlos Brandes, estará presente naquela reunião o illustre embaixador do Brasil, em Portugal, dr. Olegário Mariano.

Conferências sobre o Oriente

O nosso prezado colega Ernesto Balmaceda vai realizar no próximo sábado, no Clube dos Fenianos, uma conferência subordinada ao título: «Portugal no Oriente». Para esta conferência é especialmente convidada a mocidade escolar.

Atropelada gravemente

No hospital de Santo António, ficou internada a octogenária Julia de Oliveira, residente em Pedroso-Gaia—que foi atropelada, nos Carvalhos, por uma furgoneta conduzida por António Nunes da Silva. Sofreu ferimentos de gravidade e fracturas.

Sabonete inglês
B-B-B
O MELHOR PARA A DENTE

MORADIA

Casais vende-se. Facilita-se pagamento. Rua do Comércio, n.º 7, 2.º, d.º., Lisboa.

Leram «O SEMPRE FIXE»



Salvador de Sousa Carvalho FALECEU

Sua esposa, filhos, genro, nora e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do querido extinto e convidam as pessoas das suas relações e amizade a assistirem ao funeral, que se realiza amanhã, quinta-feira, pelas 11 horas, da sua residência na Rua Alfredo Cunha, 99, em Matozinhos, para a igreja de Bom Jesus de Matozinhos, onde serão rezados os responsos por sua alma: Matozinhos, 14 de Julho de 1954.

D. Maria da Apresentação de Lemos, Salvador de Lemos Carvalho, D. Maria Alice de Lemos Carvalho, menina Zulma Margarida de Lemos Carvalho, António Figueiredo da Fonseca Rocha, D. Maria das Neves Macedo Carvalho.

A cargo da Casa Silva — Armador.

«GAMMEXANE 50»

Contendo 50 % de isómero gama puro do BHC (Lindane))

SEM CHEIRO

Produto altamente concentrado, com grande poder insecticida e que não transmite aos órgãos das plantas (tuberculos, folhas e frutos), qualquer cheiro ou gosto quando usado no combate às pragas que tanto apoquentam a Lavoura, como:

ESCARAVELHO DA BATATEIRA

Pulgão ou altica da vinha, Lagartas das couves, da vinha ou dos cereais, Hótipocampas, afideos, etc., etc.

Para quem o preferir continua á venda o tão já afamado

«GAMMEXANE» P. 520

Pedidos e informações á

União Fabril Farmacêutica

Rua da Prata, 250-2.º

LISBOA

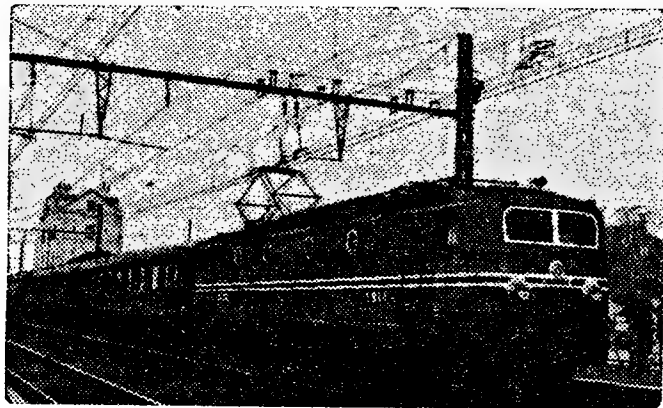
Companhia União Fabril

Rua Sá da Bandeira, 84

PORTO

ou a qualquer Depósito da C. U. F. na Província

85 por cento das linhas férreas de toda a rede francesa estarão brevemente electrificadas



Esta composição rebocada por uma Alsthom c. c. 7121 bateu o «reclamo» mundial de velocidade, fazendo em Fevereiro último 243 km. á hora

dentro em pouco, equivale a dizer que 85 % dos seus transportes ferroviários será feito por tracção eléctrica.

Assim se põe em evidência um ponto essencial que os estudos franceses trouxeram á realidade: a taxa de rendimento de uma electrificação aumenta com o tráfego kilométrico a assegurar, e já sabemos que a electrificação é — e será — uma operação cara, apesar dos esforços para diminuir os encargos.

Esta realidade geral, que ninguém discute na sua aplicação, é, no entanto, influenciada por dificuldades a vencer, e que vem aumentar o interesse de uma electrificação, produzindo o abaixamento da taxa de rendimento.

Diga-se, entretanto, que foi no desejo de obter uma melhor utilização de energia e uma extensão cada vez maior das aplicações industriais da electricidade, que a França adoptou, em 1920, a corrente continua a 1.500 V. Na mesma ordem de ideias, lançou-se na corrente monofásica alta tensão, 25.000 volts frequência industrial (50 HZ). A corrente monofásica 16/3 HZ dá certamente uma solução satisfatória aos problemas de tracção, mas considera-se de resultados anti-económicos.

É igualmente interessante verificar que os progressos registados em França na produção e utilização da corrente continua para a tracção encontra a sua aplicação tão feliz como imediata neste domínio de utilização de corrente monofásica, a ponto da locomotiva BB 8051 ALSTHOM, utilizando corrente ondulada pro-

veniente de rectificadores instalados na locomotiva, dar provas de qualidades de utilização da aderência absolutamente excepcionais. Assim, confirma e ultrapassa o que se observava nos Estados Unidos, conduzindo a resultados notáveis em subidas, ou seja, arranque de 800 toneladas em rampa de 20 %.

As tendências em matéria de equipamentos

De 1920 a 1938 as subestações que transformam a corrente alternada de alta tensão em corrente continua de tracção, utilizavam essencialmente comutadores hexafásicos, pesados e caros. Mas, a partir daquele ultimo ano, foram equipadas com rectificadores, cujas potências aumentaram de 1.000 a 4.000 kW, enquanto que as suas estruturas e preço diminuíam constantemente.

Via-se, assim, que os construtores como Alsthom, Jeumont, Schneider e Westinghouse, criavam rectificadores polianódicos ou monanódicos do tipo soldado, de arrefecimento por ar ou por água, marcando o primeiro uma tendência nítida para uma extensão cada vez maior das suas aplicações. Simultaneamente, a capacidade de sobrecarga destes conversores aumentou de tal forma, que se podem diminuir facilmente o numero e as dimensões dos aparelhos necessários á observação dos programas de tracção.

Não se fala expressamente das subestações sobre corrente monofásica 50 HZ 25.000 volts, pois que estas tornaram-se quase inexistentes. Os aperfeiçoamentos realizados, pelos construtores de instalações de comando á distancia permitiram igualmente uma notável redução de preço da instalação destas subestações que se tornaram verdadeiros postos automáticos.

O desejo de resolver os problemas de tracção sempre mais difíceis, do ponto de vista das cargas rebocadas e da velocidade máxima a atingir em patamar e em rampa; o desejo de construir locomotivas com o máximo de «souplesse», permitindo baixar o numero de unidades e diminuir o capital investido nas reservas; e, enfim, a vontade de reduzir a importância de encargos financeiros que representa a constituição de um parque de máquinas de tracção — tudo isso levou a construção francesa a abandonar o tipo 202, excelente, mas inutilmente caro. Do mesmo modo, aperfeiçoou o tipo BB de utilização universal, tanto sob o ponto de vista de tracção, manutenção, resistência em serviço, como de potência e conservação da via, criando uma locomotiva CC rápida e potente, mas de boa aderência com velocidade, sobre a via, que poderá assegurar o reboque de comboios de mercadorias.

Estas tendências acentuaram-se sob a direcção da «Division des Etudes de Traction Electrique» encarregada de coordenar e orientar pelas observações de utilizador, as pesquisas dos construtores que estudaram e realizaram protótipos de locomotivas BB com dupla utilização. A industria francesa teve, desta forma, ensejo de se equipar e conceber motores particularmente potentes e muito maleáveis. A escolha de materiais sempre cuidada e de isolantes mais resistentes tornaram estas máquinas notáveis pela sua resistência térmica e mecânica, enquanto uma comutação perfeita em todas as velocidades permite um serviço ao mesmo tempo difícil, variado e prolongado.

As «performances» obtidas foram, assim, possíveis graças á utilização de equipamentos simples, práticos, pouco onerosos, e ainda graças á utilização de contactores individuais electro-pneumáticos ou contactores de bostas com ou sem automaticidade. Os caminhos de ferro franceses, dispondo de máquinas de uma potência de 4.800 CV, aproximadamente, puderam dar aos comboios rápidos um «standing» excepcional. E com estas locomotivas que se viaja de Paris a Lyon e vice-versa em 4 horas e 10 minutos, com cargas que vão de 650 a 750 toneladas.

Frequentemente, é possível ganhar 20 minutos, quando se registam atrasos provocados por incidentes de exploração da rede.

A circulação de comboios de mercadorias beneficia também destes progressos. Este ano, circularam nas vias Norte-Este equipados com 25.000 volts, monofásicos, 50 HZ — comboios com minérios ou hulha de 3.000 toneladas, sendo rebocados em rampas de 11 0/00 cargas de 1.800 toneladas.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS DE HOJE — Continua o bom tempo no continente português por acção conjunta de um anticiclone centrado a Nordeste dos Açores e de uma depressão localizada na região de Cáceres.

PREVISÃO ATE A'E 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu limpo, vento moderado do quadrante Nordeste podendo soprar com rajadas frescas á tarde. Pequena subida de temperatura.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — As 18, Danças; 18 e 30, Meia hora americana; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras de salão; 20 e 53, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 21, Notícias; 23 e 50, Resumo noticioso e encerramento.

Programa «A» — As 19, Notícias; 19 e 5, Recreio musical; 19 e 30, Cantares e danças populares; 21 e 15, Instrumentistas em voga; 21 e 30, 19.º episódio da adaptação radiofónica, da obra de Julio D. nis «Os Fidalgos da Casa Mourisca»; 21 e 50, Ouvindo as Estrelas; 22 e 50, «Vozes do Mundo»; 23 e 10, Valsas; 23 e 20, Danças.

Programa «B» — As 19, Ciclo Beethoven; 19 e 50, Notícias regional; 21 e 15, Leituras Portuguesas; 21 e 30, ópera «Madame Butterfly», de Puccini; 23 e 15, Musica sinfónica.

RADIO CLUBE — As 18, Trechos recreativos; 18 e 30, Musica de dança; 19, Fados e guitarradas; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Ultimas gravações; 20 e 45, Programa Robbially; 21: Passatempo; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Fados e guitarradas; 0 e 30, Orquestra de Miguelito Valdés; 0 e 45, Rádio-jornal; 1, Fecho.

RENASCENÇA — Das 18 e 30 ás 0. POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30, Rádio Restauração; das 19 e 30 ás 22, Rádio Graça; das 22 á 1, Rádio Peninsular.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO H — União — Estrada de Benfica, 592-594 — Tel. 58-092; Aguiar — Estrada de Benfica, 197-199 — Tel. 58-043; Leal de Matos — Rua de Neves Costa, 33-35 (Carnide) — Tel. 58-181; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124 — Tel. 79-332; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B (Sítio de Alvalade) — Tel. 70770; Miranda — Campo Pequeno, 36-B-C — Tel. 70778; Belmar — Avenida de Roma, 53 — Tel. 76314; Imperial — Avenida de Guerra Junqueiro, 30-B — Tel. 76860; Figueiras — Avenida do Marquês de Tomar, 20 — Tel. 44995; Latina — Avenida de António Augusto de Aguiar, 17-A — Tel. 44995.

A evocação da figura

de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires

Está a despertar vivo e justificado interesse a sessão evocativa de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires que já depois de amanhã se realiza na Casa de Entre-Douro-e-Minho, em celebração do 364.º aniversário da morte do insigne Bracarense.

Na conferência sob o tema «O Arcebispo Santo visto pelos seus contemporâneos» que ali vai proferir o padre frei Raul de Almeida Rolo, prescindindo quase completamente dos numerosos biógrafos conhecidos, dará a saber alguma coisa do que constitui o fruto das demoradas investigações a que procedeu no vasto arquivo da Dominiana de Roma, na Ambrosiana de Milão e em Simancas, bem como na larga correspondência dos jesuitas portugueses conservada no cartório da Companhia em Roma.

Dizendo-se que o douto investigador dispõe hoje, em cópia fotográfica, de mais de 2.500 páginas autógrafas do Venerável, pode avaliar-se da excepcional autoridade que lhe assiste para estabelecer, á luz da concepção científica da História, uma critica, não só esclarecida como inédita, de arbitrárias tendências ou preocupações apenas agiográficas daqueles que até aqui se ocuparam da grande figura da Igreja de Portugal de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires.

Assim se compreende que haja enorme interesse em assistir á conferência de tal natureza, e a direcção da Casa de Entre-Douro-e-Minho, para atender á inumeros pedidos que lhe foram feitos nesse sentido, além da entrada que cabe aos seus sócios, resolveu concedê-la, independentemente de convites, a todos os irmãos terceiros da Ordem Dominicana.

O «Colete Encarnado» em Vila Franca de Xira

E' já no próximo sábado que em Vila Franca de Xira se celebra a Festa do Colete Encarnado, este ano centrada na Estalagem do Gado Bravo, em plena lezíria, e em cujo redondel entrarão, ás 13 horas, os touros que á noite serão lidos na Praça Palha Branco pelos cavaleiros José Rosa Rodrigues e Manuel Conde e pelos novilheiros Francisco Mendes e Pedro Ordoñez. Na Estalagem do Gado Bravo, telefone, Vila Franca 324, e no S. N. I. na Praça dos Restauradores, em Lisboa, está aberta á inscrição para o almoço regional e para o jantar que ali são servidos num ambiente castiço, com fados e fandangos. A's 18 horas, faz-se a entrada dos touros na rua da vila para a corrida que começará ás 22 horas, seguida de arraial na Avenida Constantino Palha.

42312; Salutar — Rua do Conde de Redondo, 9-A — Tel. 43314; Ascenso — Rua 19 Bairro da Encarnação — Tel. 399216; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25 — Tel. 39612; Banha — Estrada de Chelas, 173-175 — Tel. 39683; Martins, Lda. — Rua de Fernão de Magalhães, 33 — Tel. 849448; Ziler — Rua de S. Tomé, 34-56 — Tel. 22835; Morão — Largo da Graça, 63 — Tel. 848700; Nova Luz — Rua A, á Avenida de D. Afonso III, 28-A — Tel. 843439; Simões — Rua do Padre Sena Freitas, 10-A — Tel. 842518; Veral — Rua de Moraes Soares, 109 — Tel. 40632; Delio — Rua Açores, 32 — Tel. 52388; Colonial — Caminho do Forno do Tijolo, 40 — Tel. 841122; Martins, Herdeiros — Rua dos Anjos, 41 — Tel. 50730; Silva Santos — Rua da Escola Politécnica, 80 — Tel. 60280; Central de Campolide — Rua do Gener. Ta-borda, 17 — Tel. 43304; Almeida — Rua de Silva Carvalho, 136 — Tel. 63226; Lobel — Rua de Infataria 16, 98-B — Tel. 63807; Pava & Parente — Rua de Santo António, á Estrela, 96-98 — Tel. 65196; Bom Sucesso — Rua de Bartolomeu Dias, 63 — Tel. 38754; J. A. Silva — Rua dos Quartéis, 25-27 — Tel. 37777; Lisbonense — Rua do 1.º, de Maio, 10 — Tel. 37020; S. A. E. Silva, Filhos — Rua de S. João da Mata, 74 — Tel. 62275; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38 — Tel. 25636; Labor — Rua do Diário de Notícias, 81-83 — Tel. 23428; Centro Farmacéutico — Rua de Eugénio dos Santos, 88 — Tel. 21211; Ferrão — Rua da Mouraria, 12 — Tel. 28064; Unifa — Rua da Vitória, 21 — Tel. 23793.

FARMÁCIA LATINA

está de serviço

Av. António Augusto de Aguiar, 17-A
Telefone 42312

BOLSA DE LISBOA

VALORES | Efectuado Compra/Venda

Fundos do Estado

Consolid. 2 3/4 T. 10...	8325	8315	8325
Consolid. 3% T. 10...	9165	9155	9165
Consolid. 3 1/2 % T. 10...	1.0105	1.0105	1.0125
Centenários 4% 1940...	—	2.2235	2.2265
Obg. Tes. 2 1/2% 1942	—	—	9975
Obg. Tes. 2 1/2% 1943	—	—	9975
Obg. Tes. 2 1/2% 1944	—	—	—
Externo 1.ª série ...	1.3385	1.3355	1.3405
Externo 1.ª série car...	—	1.3105	—
Externo 2.ª série ...	1.3205	1.3105	—
Externo 2.ª série car...	—	—	—
Externo 3.ª série ...	—	1.4405	—
Externo 3.ª série car...	—	1.4405	—
Caut. 3.ª série s/juro...	—	1.745	1.805

Obrigações

Agua de Lisboa 5% ...	—	5095	5125
Norte de Portugal 5% ...	—	1095	1115
Gás e Electricid. 3 3/4% ...	—	9815	—
Gás e Electricid. 4% ...	1.0055	1.0045	1.0065
Gás e Electricid. 4 1/2% ...	—	1.0155	1.0185
Gás e Electricid. 5% ...	—	1.0355	—
U. E. P. 3 3/4 % ...	—	945	955
U. E. P. 4 % 1945 ...	975	9655	9755
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	975	—
U. E. P. 4 1/2 % ...	—	1005	—
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952 ...	1035	10255	1035

Ações

SEGUROS

Fidelidade ...	—	—	120.0005
Mundial ...	7375	7365	7385
Nacional ...	—	—	—
Sagres ...	—	—	—
Tagus ...	—	—	—

BANCOS

Alentejo ...	—	3905	—
Angola ...	6155	6145	6155
Espirito Santo ...	—	—	—
Lisboa & Açores ...	2.5405	2.5305	2.5505
Portugal ...	—	—	—
Ultramarino ...	5725	5715	5755

C.ª DIVERSAS

Agua Lisboa 1934 ...	—	—	—
Agua Lisboa 1936 ...	—	—	—
Cimentos Tejo ...	—	4155	—
Cimentos Leiria ...	—	4505	4705
Crédito Predial ...	—	4155	435
Elect. das Beiras ...	—	1.4405	1.4605
Gás e Electricidade ...	21755	2175	21755
H. Alto Alentejo ...	14355	1435	1445
H. E. Cávado ...	1.3705	1.3685	1.3705
H. E. Zézere ...	1.3005	1.2975	1.3005
Industrial Aliança ...	—	4505	4705
Portugal e Colónias ...	4505	4485	4525
Nac. de Electricidade ...	—	1.2655	1.2705
Nac. Navegação ...	1.2915	1.2905	1.2935
Col. Navegação ...	—	6365	6405
Port. de Pesca ...	1.2305	1.2255	1.2355
Port. Tabacos ...	4415	4415	44155
Tabacos de Portugal ...	—	5805	5905
União Elect. Port ...	2595	2575	2605

C.ª ULTRAMARINAS

Ag. Casseque ...	1.8125	1.8115	1.8135
Ag. das Neves ...	1.6805	1.6805	1.6905
Agricultura Colonial ...	—	1.7105	1.7505
Açúcar de Angola ...	3.2505	3.2455	3.2705
Boror ...	—	6605	6805
Cabinda ...	—	3805	3905
Col. do Buzi ...	33785	33755	3385
Ilha do Principe ...	2.5805	2.5605	2.6005
Moçambique ...	1795	1795	1805
Zambézia ...	1665	1665	16655

J. BURNAY. LDA. Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

Excursões

S.ª CRUZ - ERICEIRA - SINTRA

Quinta-feira, 15 de Julho
Preço 50\$00

Visitando a feira semanal da MALVEIRA, TORRES VEDRAS, SANTA CRUZ, ERICEIRA, SINTRA, P. DAS MAÇAS, AZENHAS DO MAR, COLARES, PRAIA DO GUINCHO, BOCA DO INFERNO, CASCAIS, ESTORIL, ESTRADA MAR-GINAL

E TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

PORTINHO DA ARRABIDA

Quinta-feira, 15 de Julho, visitando CABO ESPICHEL, SESIMBRA (castelo), PORTINHO (praia), ARRABIDA (serra), OUTÃO, SETUBAL, PALMELA (castelo), AZEITÃO, etc.
Preço 60\$00

FIM DE SEMANA

COIMBRA-LUSO-BUÇACO

Em 17 e 18 de Julho, visitando CASTELO DO BODE, TOMAR, CASTANHEIRA DE PÉRA, SERRA DA LOUSA, COIMBRA, PENACOVA, CRUZ ALTA, MATA DO BUÇACO, CURIA, F. DA FOZ, ALCOBACA, etc. — Preço 150\$00
E TODOS OS FINS DE SEMANA

MADRID

De 20 de Julho a 1 de Agosto
Visitando: SALAMANCA, AVILA, ESCORIAL, TOLEDO, ARANJUEZ, CORDOBA, SEVILHA, GRUTAS DE ARAGENA, etc. — Preço 500\$00

Festas da Senhora da Agonia

VIANA DO CASTELO

Preço 300\$00

De 20 a 24 de Agosto

Programas, informações e inscrições na

Empresa Izidoro Duarte

Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro)
Tel. 21034 — Cabines 2 e 3 — LISBOA

Filmes para a propaganda da defesa civil das populações

O sr. dr. Veiga de Macedo, subsecretário de Estado da Educação Nacional, recebe, esta tarde, no seu gabinete, os srs. general Almeida Topinho e tenente-coronel Pereira da Conceição, respectivamente, comandante-geral e chefe do estado-maior da Legião Portuguesa, que vão oferecer áqueles membros do Governo filmes sobre a defesa civil das populações.

A interessante colecção de filmes da Campanha Nacional de Educação de Adultos, mercê da oferta da Legião Portuguesa, fica assim muito valorizada. Por outro lado, a exibição conjunta de filmes contra o analfabetismo e de propaganda da defesa civil das populações constitui uma iniciativa acertada que, sem dúvida, obterá os melhores resultados.

O tempo e a agricultura

COLARES, 12.—A amostra das vinhas, tanto do chão rijo, como das areias, nas quais se produz o famoso ramisco, está muito prometedora, esperando-se que, se não houver qualquer contratempo inesperado, a produção vinícola seja excelente, mesmo superior á do ano passado. O nevoeiro e a chuva de ontem á tarde, lavando os cachos e permitindo que as uvas engrossem, foram excelentes para aumentar a produção.

Tauromaquia

Joaquim Marques

Joaquim Marques, que no próximo sábado, ás 18 horas, segue em avião para o México, onde tem contratadas três novilhas na capital e 4 nos Estados, veio apresentar-nos as suas despedidas, acompanhado pelo seu apoderado em Portugal, António Correia. Joaquim Marques, que deve tomar alternativa no México, tem realmente condições para fazer carreira como matador de touros, porque sabe tourear e tem personalidade e faculdades.

As de S. Fermim em Pamplona
PAMPLONA, 14.—Terminaram as corridas de S. Fermim em Pamplona, famosas pela entrada dos touros através das ruas da velha cidade de Navarra e precedidos de valentes rapazes que com eles, em mistura impressionante, penetram na arena. Este ano figurou entre os valentes o filho segundo de Aga Khan, príncipe Sadruddin, que vestia como os Navarros, calça branca e boina, e como eles toureou e bailou, confessando-se encantado com a festa e prometendo trazer seu pai no próximo ano, ainda que o velho Aga Khan já não esteja para tais folias.—(Efe).

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo Branco na casa António Sá Rodrigues

Vida mundana

RAINHA VITORIA DE ESPANHA

De avião, e acompanhada da sr.^a condessa de Campo Alegre, partiu para Genebra, esta manhã, a antiga rainha Vitória Eugénia, de Espanha, que veio a Portugal passar alguns dias com seu filho e sua neta Maria Del Pilar, que no mês de Setembro próximo, deverá ser apresentada em sociedade. Estiveram a despedir-se da rainha Vitória, que passou alguns dias no Estoril, entre outras individualidades, os condes de Barcelona, rei Humberto de Itália; embaixador de Espanha, duque de Soto Maior, condes de Alcubierre e de Ruiseñada, marquês de Valdeza, etc.

MINISTRO DA HOLANDA

Por via aérea, seguiu para Genebra, o sr. Van Kleffens, ministro da Holanda em Lisboa.

GENERAL JAGUARIPE DE MATOS

O embaixador Olegário Mariano e esposa ofereceram hoje, no «Forte Velho», do Estoril, um almoço ao general brasileiro Jaguaripe de Matos e esposa. As senhoras que constituem a direcção do «Forte Velho» ofereceram um ramo de flores á sr.^a embaixatriz do Brasil.

ANIVERSARIOS

Faz hoje anos a sr.^a D. Olinda de Almeida Rocha, tesoureira da Universidade de Lisboa.

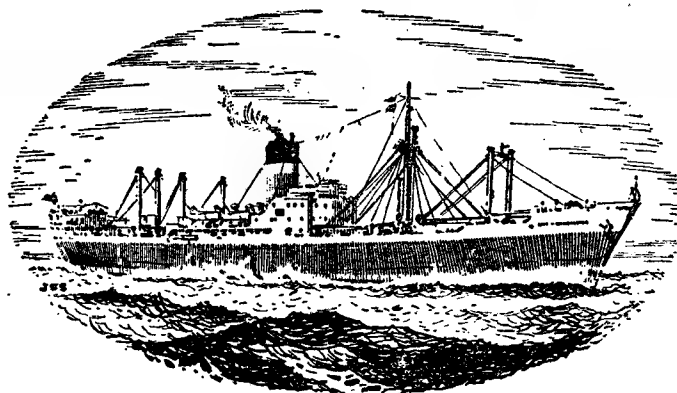
Curso de Aperfeiçoamento para professoras de ginástica da M. P. F.

Prossegue, na «Nossa Casa»—Estoril—e no Instituto de Educação Física, o III Curso de Aperfeiçoamento para Professoras de Educação Física Diplomadas e Instrutoras com o Curso da Mocidade Portuguesa Feminina.

Hoje, de manhã, as componentes do curso fizeram, no I. N. E. F., exhibições de ginástica e de ténis. De tarde, no Estoril, houve a ultima lição de danças regionais do Douro, com a colaboração de um par do Grupo Folclórico de Trás-os-Montes, que veio a Lisboa expressamente para esse fim.

O esqueleto dum macaco

que viveu há 80 milhões de anos
SABADEL, 14.—A mais sensacional descoberta paleontológica de todos os tempos verificou-se nesta cidade ao ser achado o esqueleto dum macaco do tamanho dum chimpanzé, que deve ter vivido há oitenta milhões de anos. Vinte professores de oito nações europeias, reunidos em sessão extraordinária provocada pelo sensacional achado, confirmaram o interesse da descoberta, que foi relatada pelo director do Museu de Paleontologia de Sabadel, dr. Cruasfont.—(Efe).



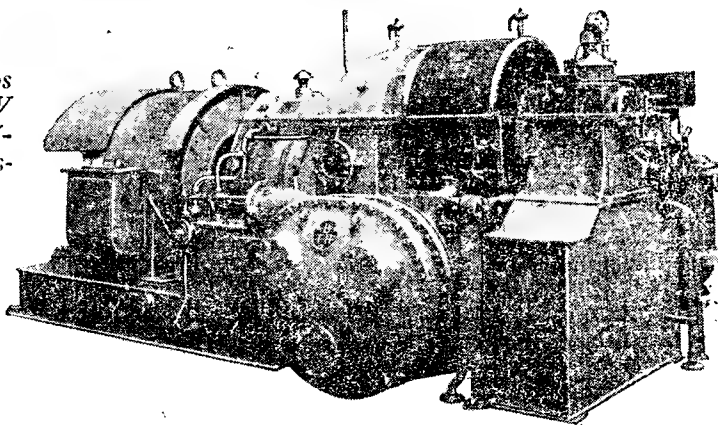
Segurança de Funcionamento no Mar



EQUIPAMENTO MARÍTIMO

Os produtos BTH para serviço marítimo vão desde unidades de propulsão de 20.000 HP até às lâmpadas Mazda e artigos de iluminação e incluem equipamentos de propulsão accionados por turbinas a vapor, turbinas a gás ou motores Diesel; engrenagens e acoplamentos electro-magnéticos para motores Diesel; turbo-geradores auxiliares e Grupos Diesel-geradores para corrente alternada e contínua juntamente com uma linha de equipamento auxiliar como motores, aparelhagem de control, etc. O radar marítimo BTH também alcançou uma grande reputação mundial.

A figura mostra 2 grupos turbo-geradores de 300 KW 220 volts, de corrente contínua, 8.000/1.100 r. p. m., construídos pela BTH e que equipam o navio «City of Winchester». O navio «City of Brisbane» é equipado com 2 grupos semelhantes.



THE
BRITISH THOMSON-HOUSTON
COMPANY LIMITED, RUGBY, ENGLAND

Member of the AEL group of companies

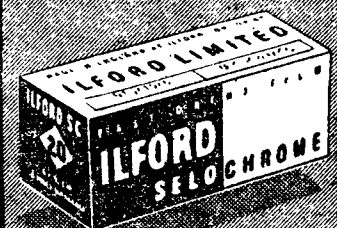
A4557

REPRESENTANTES GERAIS
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

RUA DO NORTE, 5
LISBOA

RUA SÁ DA BANDEIRA, 585
PORTO

ILFORD O FILM MAIS RÁPIDO
SELOCHROME



O expoente mais alto em películas fotográficas!

A VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRAFICOS

REPRESENTANTE: M. SIMÕES JR.
R. CONCEIÇÃO 44, 45-50 - TEL. 30306 LISBOA



Portáteis

CAMPO E PRAIA

Modelos desde 980\$00

A venda em todas as boas casas

COSTA & BRITO, LDA.

RUA DA CONCEIÇÃO 35 1. LISBOA - TEL. 24253

chegaram pilhas americanas de longa vida «Eveready» para todos os receptores portáteis



Dr. Be arm no de Almeida

MISSA DO 30.º DIA

Sua Mulher, Filhas, Filhos, Noras, Genro, netos e restante família participam que amanhã, pelas 11 horas, será celebrada Missa na Igreja de S. Domingos, por Alma do seu saudoso Marido, Pai, Sogro, Avô e parentes.

O discurso do prof. Caeiro da Mata

na posse da comissão nacional henriquina

(Continuação da página central)

de homem de Estado, as palavras que acaba de nos dirigir, excessivamente generosas para mim e tão justas para todos os demais ilustres membros da Comissão Nacional encarregada de promover as comemorações do 5.º Centenário da morte do Infante D. Henrique.

«Ao sr. presidente do Conselho, a cuja superior visão política se ficava devendo mais um acto de relevante interesse nacional—a sua obra, (por que não dizê-lo mais uma vez?) é, ao mesmo tempo, a obra de um grande renovador do País, e de um seguro construtor de História—e que quis confiar à Academia Portuguesa da História a honra da presidência da Comissão, a história, com as homenagens da Academia, a expressão do meu reconhecimento. E também do reconhecimento de nós todos.

«Com o acto de hoje vão iniciarem-se os trabalhos da organização do programa daquelas comemorações, a submeter oportunamente à aprovação do Governo. Desse programa, um numero está já assente por disposição de lei e terá em breve efectivação: o da abertura do concurso para a construção no promontório de Sagres de um monumento que, além de constituir particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos descobrimentos dos Portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente».

«Velha aspiração é a da construção do monumento, que será a expressão máxima das comemorações. Como se escreveu no relatório do decreto n.º 23.405, de 27 de Dezembro de 1933, não se trata apenas da estátua de um príncipe, mas da síntese de uma época.

«Bem o tem compreendido a Imprensa portuguesa. E uma referência especial é devida ao dr. Joaquim Manso, pela tenacidade e pelo carinho com que há duas décadas de anos vem fazendo, com a maior elevação e com o maior brilho, a sua propaganda e a sua defesa.

«Estou certo de que a feliz iniciativa do Governo, de tão elevada significação, não suscitara simplesmente o apoio unânime do País: passando além fronteiras, não deixará de ter repercussão em todos os grandes centros de cultura. E que se o «Príncipe do Atlântico», como lhe chamava há pouco em um dos seus magistrais, fulgurantes artigos, o dr. Augusto de Castro, é uma das mais altas, se não a mais alta figura portuguesa de todos os tempos, é também um dos grandes artífices do mundo moderno. A sua personalidade não cabe no quadro estritamente nacional. O Infante D. Henrique simboliza a História a glória dos descobrimentos e um momento de retoração profunda e simboliza também, para nós, Portugueses, a criação da consciência da nossa universalidade espiritual. Bem poderíamos dizer que ele foi, ao serviço da Cristandade e da grandeza da Pátria, um verdadeiro descobridor do Mundo. Com aquela admirável constância, que se alimenta de esperança, e Infante Navegador transpôs, primeiro do que ninguém, o abismo que separava, desde há muito, um grande sonho da realidade. O grande sonho da nossa expansão marítima... Homens como o Infante D. Henrique ensinam a humanidade a recuperar a fé em si própria.

A princesa Margarida

voou em helicóptero, mas foi forçada a voltar para trás

SENNELAGER (Noroeste da Alemanha), 14.—A princesa Margarida, voando pela primeira vez num helicóptero, foi hoje forçada a voltar para trás por nuvens baixas, a 3 quilómetros do campo de Sennelager, onde forças militares britânicas estavam formadas para ela as inspeções. O helicóptero levantou voo de Constedt, onde a princesa tem sido hospeda do general sir Richard Gale, comandante-chefe das forças britânicas.

Numa grande praça, estavam reunidos 150 tanques «Centurion», 30 carros blindados e 300 veículos pesados. Seria a parada mais poderosa de blindados britânicos até hoje vista por um membro da família real.—(Reuter).

Hidroeléctrica do Douro

O «Diário do Governo» publicou hoje o caderno de encargos relativo à concessão do aproveitamento da energia das águas do rio Douro, outorgada à Hidroeléctrica do Douro, sociedade com sede no Porto.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 35,2; mínima, 24,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 26,8; mínima, 16,6.

CAMISAS

POPELINE INGLESA a 160\$00 e de NYLON a 275\$00

ESMERADA CONFECÇÃO

Casacos de malha e gravataria

CASA MAX

193-A, Rua D. Estefânia, 193-F

história—a história que é a política do passado. Mais do que nunca, nesta hora caracterizada pela perturbação das ideias e pela incerteza das convicções, debatendo-se o Ocidente entre o temor e a ilusão, e em que, em nome da paz, tanta se fala da reorganização do mundo Atlântico, vem a propósito a consagração daquele que, trazendo na alma a chama generosa, aventureira descobridora, e, primeiro do que todos e para sempre, o Atlântico à humanidade.

«As comemorações centenárias de 1960 vão lembrar uma daquelas épocas históricas que contribuíram para aumentar o património milenário no qual o homem soube incorporar a série jamais terminada das suas aventuras.

«A hora da maior coragem e heroísmo na história da Europa, disse-o um dos mais nobres espíritos do nosso tempo, é a hora do esforço português.

«Saibamos recordá-la ao Mundo através das comemorações que vão realizar-se. Vamos trabalhar para isso».

A apreensão de conservas impróprias para consumo

(Continuação da página central)

ção e o guarda da Polícia de Segurança surgiram no momento oportuno, barrando a saída aos carregadores das caixas e ao empregado, até solução superior. O encarregado teve antes de se escapular, com a mesma pressa que imprimia a transferência de um armazém para o outro.

O agente da fiscalização, enquanto o guarda da Polícia de Segurança ficou postado à porta do armazém, dirigiu-se à sede da Direcção da Fiscalização a comunicar o caso ao sr. major Silva Pais. Entretanto, momentos antes da sua chegada, alguém telefonava ao director da Fiscalização a comunicar-lhe que suspeitava da pressa com que estava a ser feito um carregamento de caixas de conserva, pois uma das caixas havia rebentado e tinham-se espalhado algumas latas.

Imediatamente, o director da Fiscalização, acompanhado de técnicos, dirigiu-se ao local, tendo posto em sequestro as referidas caixas com latas de conserva, as quais vão ser analisadas, uma por uma.

Os donos do referido estabelecimento foram detidos por falsas declarações e assabarcamento. Estes limitaram-se a dizer que nada sabiam, mas está demonstrado que, enquanto eram ouvidos no estabelecimento pelos agentes, mandaram o seu encarregado transferir a mercadoria.

O sr. major Silva Pais mandou seguir para várias localidades algumas brigadas.

A série trágica

dos desastres de viação

Esta semana foi trágica no capítulo de desastres de viação, todos eles verificados em circunstâncias espectaculares. De alguns deles resultou perda de vidas e em todos houve feridos, alguns dos quais se encontram hospitalizados.

Como o «Diário de Lisboa» ontem noticiara, no viaduto Duarte Pacheco uma camioneta guiada pelo seu proprietário, António Verancio, depois de ter chocado com uma viatura do Exército, que andava em instrução de transmissões, galgou o parapeito e, depois de o ter derrubado, despenhou-se com grande fragor nos terrenos conhecidos pelo sítio do Fernando, sobranceiros ao ramal ferroviário entre Campolide e Alcantara, na Avenida de Ceuta. Em consequência do desastre morreu o ajudante do motorista Delfim Pinto Gouveia e ficou ferido e hospitalizado o motorista António Venancio e três soldados de engenharia.

O cadáver do ajudante de motorista Delfim Pinto Gouveia foi removido para o Necrotério, de onde amanhã se realiza o funeral, a hora ainda não indicada.

O estado dos feridos, que se encontram no hospitalizados em S. José, e que são António Venancio e soldados Manuel Carneiro Cabral, António Francisco Martins e António Meireles da Fonseca, respectivamente n.ºs 625/54, 710/54 e 837/54, não sofreu alteração.

O duplo desastre do Dafundo

Os chefes Sampaio e Corte Real, da Polícia Judiciária, continuam a proceder a investigações sobre as circunstâncias em que há dias se deram dois desastres, quase simultaneamente no Dafundo, e nos quais perderam a vida duas pessoas e ficaram feridas sete. No Tovel, encontra-se preso o condutor do automóvel Julio Mateus Gago, a quem foi arbitrada a caução de 20 contos, que não prestou, pelo que ficou preso. No Hospital de S. José foi ouvido o motorista António Mendes, que ficou, por determinação da Polícia, sob prisão. Foi-lhe arbitrada a caução de 15 contos.

Um inspector da Polícia Judiciária

homenageado pelos seus subordinados

Os chefes e agentes da Polícia Judiciária que trabalham sob a direcção do inspector daquela corporação, sr. dr. Alexandrino Melo e Silva, prestaram-lhe hoje uma significativa homenagem por ele, a partir de amanhã, ficar na situação de bolseiro do Instituto de Alta Cultura. O chefe Glória Santos e o agente Pais, em nome do pessoal, pronunciaram algumas palavras de elogio, traçando o perfil do homenageado e apontando as suas qualidades de inteligência e carácter. Em nome dos promotores da homenagem, falou o chefe Sampaio, que, no final, pediu licença para, em nome dos seus subordinados, oferecer uma pequena lembrança, como testemunho da estima dos funcionários que trabalham sob as suas ordens.

As inundações na bacia do Danúbio

(Continuação da página central)

tinuaram hoje a reforçar as margens do Danúbio. O rio ameaça ainda transbordar em vários sítios. Em Gaensendorf, 40 quilómetros a Noroeste de Viena, barro e pedras evitaram que se desmoronasse a margem do Russbach, afluente do Danúbio. Foram utilizados 10.000 sacos de terra para tapar uma possível brecha.

O cemitério dos anónimos, próximo do porto de Viena, onde estão sepultados centenas de cadáveres não identificados de tragédias de afogamento no Danúbio, estava hoje aberto por um metro de água. Julga-se que estão mais de 20.000 pessoas sem lar na Baixa Áustria, em consequência das inundações.

Foi estabelecida uma central telefónica especial em Budapeste para chamadas de emergência.

O «Fundo para Salvar Crianças», na Grã-Bretanha, pediu dinheiro, víveres, colchões, roupa de cama e vestuário de crianças para as vítimas das inundações, na Áustria, depois de receber um relatório do seu representante, dizendo que a situação era grave. O Fundo anunciou que ia enviar imediatamente mantimentos, colchões, géneros e vestuário.—(R.).

Até as crianças colaboram nos trabalhos de defesa

MUNICH, 14.—As autoridades militares francesas usaram a disposição das autoridades alemãs, duas companhias dos serviços de engenharia militar a fim de auxiliarem as operações de defesa contra a inundação das regiões da Baviera.

A situação não parece ter melhorado nas regiões de Plattling, Deegendorf e Straubing, onde os diques ameaçam ceder. A população, incluindo mulheres e crianças, trabalha activamente ao lado das tropas americanas e alemãs. O Governo suíço, por intermédio da Cruz Vermelha, pôs à disposição das autoridades bávaras, a importância de 50.000 francos-suíços.—(F. P.).

Budapeste ameaçada

VIENA, 14.—Radio Budapeste informa que, na capital da Hungria, o Danúbio continua a subir. O nível do rio tinha subido ontem meio metro. Em dois pontos as águas romperam os diques de protecção, estando as tropas a reparar as brechas. Organizou-se, oficialmente, uma comissão de luta contra as inundações.—(F. P.).

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

CARTEIRA ROUBADA—Manuel dos Santos Correia, de 26 anos, residente na Rua D. Rodrigo da Cunha, 7-C, r/c., queixou-se contra dois indivíduos cuja identidade indicou, acusando-os, por suspeita, de, num bar da zona da Baixa, lhe terem furtado a carteira com 5.400\$00.

PELOS HOSPITAIS

AGRESSÃO À FACADA—Em estado grave, deu esta tarde, entrada na sala de observações do Hospital de S. José, Deolinda Piedade Alves, de 35 anos, residente em Marinhais, que, em Coruche, foi agredida por uma cigana com várias facadas no tórax e que diz não saber a razão da agressão.

QUEDA DUMA CAMIONETA—Na Avenida da Ribeira das Naus caiu duma camioneta de carga o carregador Luciano Costa, residente na Calçada de Santo André, 38, 4.º, e ficou muito ferido na cabeça e contuso pelo corpo. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

COLHIDO POR UMA CAMIONETA—Na Avenida Almirante Reis, foi colhido por uma camioneta, Rui Gonçalves Patrício, de 14 anos, morador na Praceta 1, ao Areiro, 4, r/c. Ficou muito ferido na cabeça e contuso pelo corpo, pelo que ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

QUEDA MORTAL—Faleceu hoje no Hospital de S. José, onde se encontrava há dias, por ter dado uma queda na sua residência, Rosário Fernandes, de 42 anos, residente na Avenida Afonso III, 10, r/c.

A projectada marcha de «vo untários» sobre Goa

GOA, 14.—«The Times of India», anunciou ontem, que também os comunistas de Bombaim pretendem juntar-se à anunciada marcha de «satiagrahis» contra Goa, marcada para o dia 15 de Agosto, em que, segundo o mesmo jornal, devem participar 500 «voluntários», recrutados entre os Goeses residentes naquela cidade da União Indiana.—(A. N. I.).

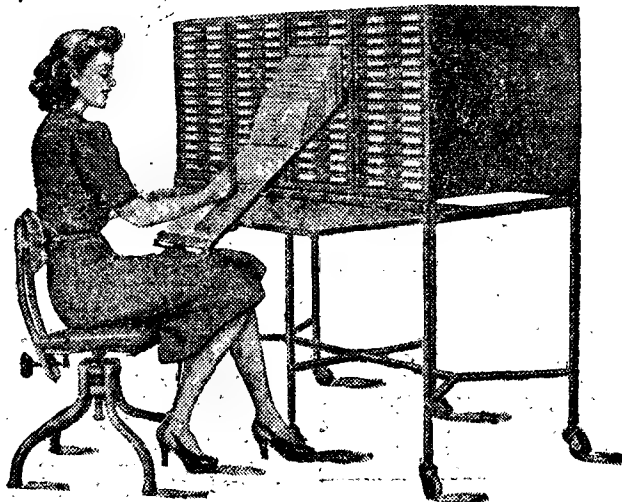
Prisão de Goeses em Bombaim

GOA, 14.—Os três Goeses presos pelas autoridades da União Indiana em Bombaim por terem protestado contra um manifesto hostil a Portugal, e distribuído por outros Goeses naquela cidade, são os srs. Edwin Bonifácio Sousa, E. A. Morais e B. R. Ferreira.—(A. N. I.).

Fataça à Ribatejano

Mais um prato regional do «Ribatejano»—Salvaterra de Magos—Tel. 14

Melhor organização? Maiores lucros!



SEELDEX
SISTEMA DE FICHAS VISÍVEIS

INDÚSTRIA NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

VENDAS • CRÉDITOS • COBRANÇAS • EXISTÊNCIAS • ASSINATURAS
PROPAGANDA • MÃO DE OBRA • PREÇOS DE CUSTO • ETC. • ETC.

SERVIÇOS PÚBLICOS • COMÉRCIO • INDÚSTRIA • PROFISSÕES LIBERAIS

RESOLVAM OS PROBLEMAS QUE SE LHE DEPAREM
UTILIZANDO O SISTEMA VISÍVEL "SEELDEX"

CONSULTE A

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LDA.

LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º — TELEFONE 2 4986
PORTO: A. LENCAS & SOUSA — Rua de Santa Catarina, 130

Prosseguiram hoje em Paris

as conversações entre os três ministros dos Negócios Estrangeiros ocidentais

(Continuação da 1.ª página)

em Paris, com Douglas Mac Arthur, que o acompanha desde Washington, e Alexis Johnston, chefe da missão diplomática americana em Genebra.

As conversações de ontem permitiram confrontar o ponto de vista americano com os pontos de vista francês e britânico, que são praticamente os mesmos. Com efeito, Eden interveio ontem várias vezes, só para apoiar as afirmações do chefe do Governo francês.

Segundo se sabe, de boa fonte, os argumentos apresentados, de um e de outro lado, foram claros e precisos, mas Foster Dulles, em nenhuma altura, pôs «condições» ou se exprimiu em tom autoritário. Pelo contrário, mostrou-se sempre compreensivo e o facto das conversações recomencem esta manhã, a seu pedido, dá a entender que pretendeu que lhe fosse dado tempo para reflectir sobre os esclarecimentos e as garantias que lhe foram dadas.

Foster Dulles sabe bem que a França deseja a paz, mas que esta não poderá ser obtida por qualquer preço. A recente declaração do presidente do Conselho acerca da preparação de reforços para a Indochina, em caso de malogro das negociações, é suficiente prova. A questão do reagrupamento das forças foi examinada e estudada. A das garantias foi exposta também por Mendès-France. As diversas formas que esta garantia poderia tomar refizeram a atenção do secretário de Estado americano.

Duma maneira geral a impressão

nos círculos franceses é boa. Estes primeiros contactos pessoais franco-americanos foram, sem dúvida alguma, positivos. A boa-fé recíproca evitou mal-entendidos, mas só amanhã se chegará a uma conclusão definitiva. — (F. P.).

As conversações terminam hoje

PARIS, 14 — Depois de assistir à tradicional parada do 14 de Julho, o presidente do Conselho, Mendès-France, dirigiu-se ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em companhia de Harold Stassen, director da F. O. A., com quem conferenciara antes de retomar, às 10 e 30, as ultimas conversações tripartidas. Stassen tinha ontem conferenciado com Guérin de Beaumont, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Entretanto, Eden está em conferência com Foster Dulles. Depois das conversações tripartidas das 10 e 30, Eden almoça na embaixada do seu país e segue depois para o aeródromo, donde um avião da R. A. F. o levará a Genebra. Por seu turno, informam de Cannes que chegou ali o príncipe Bun Loe, alto-comissário do Vietnam em França que foi imediatamente recebido pelo imperador Bao Dai.

Quanto à partida de Mendès-France para Genebra, não há ainda hora fixada, pois depende da duração das conversações com Dulles e Eden. É possível, no entanto, que parta esta tarde. — (F. P.).

Comentários dos jornais franceses

PARIS, 14 — Os editorialistas da Imprensa de Paris, desta manhã, dedicam os seus comentários às conversações anglo-franco-americanas que começaram ontem logo após a chegada do secretário de Estado, Foster Dulles.

«Le Parisien Libéré» escreve:

«A improvisada reunião de Paris passou a ser uma das mais importantes da diplomacia ocidental e as suas conversações podem comparar-se ao recente diálogo Churchill-Eisenhower, visto que aqui, também, a facinada da amizade necessitava de retoques. Se ao fim e ao cabo duma tão difícil negociação para um «cessar fogo» na Indochina, Foster Dulles tivesse de fazer o gesto dum Poncio Pilatos, é seguro que isso criaria um profundo mal-estar na opinião pública francesa e reacções na Assembleia Nacional, perigosas para a nau do Governo. Mas até que ponto — é de perguntar — poderá o secretário de Estado americano provar realmente certa compreensão, quando se sabe que ele é atentamente vigiado pelos grandes eleitores do seu partido? Se o trabalho de Penélope a que se entregou Mendès-France for coroado de êxito, não deixará de se ouvir falar numa nova viagem a Washington. Mas «outros remendos há ainda por deitar», nomeadamente na nossa política alemã...»

«L'Aurore» pergunta:

«Impressão optimista? Na fase actual das negociações: sim! Seja como for, a convicção, tanto em Londres como em Washington, é que uma paz de capitulação está completamente excluída dos projectos da França e que os nossos aliados não se arriscam

a ter aprovado, quando o fizerem, um «Munich asiático». Trata-se apenas de fazer coincidir pontos de vista que estão já suficientemente aproximados. Esta tentativa chega para explicar a viagem-relâmpago de Foster Dulles a Paris e... talvez o seu próximo regresso a Genebra».

«Le Figaro» esclarece:

«Não passam de romances, as hipóteses de que Foster Dulles vinha a França propor uma troca: a C. E. D. contra a garantia americana na Indochina. O que há é a possibilidade dum regresso do secretário de Estado americano a Genebra. A ideia faz caminho na opinião pública americana, segundo informações chegadas do outro lado do Atlântico. É possível que Foster Dulles a isso se decida finalmente... Não é forçoso que seja hoje ou amanhã. Depois de passado «certo tempo, para salvar as aparências».

O «Combat» conclui:

«Sobre o que se passa à sua retaguarda, o secretário de Estado não se sente solidamente firme. O Congresso espreita a fim de lhe notar um movimento de fraqueza. O corpo eleitoral, meio sonolento ainda, despertará em forma no próximo mês de Outubro. Uma intervenção, o mesmo que um abandono, em qualquer ponto da Ásia, receberá uma sanção categórica. O que é certo é que a viagem de Foster Dulles para se encontrar com Mendès-France é, já por si, uma fórmula de compromisso feliz. Não é de crer que se trate de qualquer regateio e realmente o tema do reagrupamento alemão foi abordado, é certo que não foi apresentado em forma categórica».

«Franc-Tireur» observa:

«Foster Dulles compreendeu que fazer de Poncio Pilatos para evitar reconhecer de facto uma conquista do comunismo equivaleria a estimular este a que se apresentasse mais exigente e levaria, talvez, as populações da Indochina ao desespero. Mesmo que o secretário de Estado regressasse de todo a Washington, o que é certo é que o presidente do Conselho francês não entra em Genebra com as mãos vazias. O facto dos Americanos se terem associado a esta fase final da negociação é suficiente para permitir que Mendès-France siga no bom caminho sem receio duma crise na aliança atlântica, nem de se ver preso no dilema: capitulação ou extensão da guerra». — (F. P.).

Comentários americanos

NOVA YORK, 14 — Comentando as conversações de Paris entre Foster Dulles, Mendès-France e Eden, e as suas repercussões nos trabalhos de Genebra, o «New York Herald Tribune» escreve, nomeadamente:

«Nas condições actuais, as principais potências reunidas em Genebra vão, talvez, encontrar uma solução que representará um compromisso assumido por todos. Nas circunstâncias actuais, será, talvez, a melhor solução. Isto não quer, porém, dizer que os Estados Unidos devam necessariamente assumir um compromisso em todos os seus pormenores e sejam forçados a aceitar a solução no seu conjunto. Para nós será uma boa notícia saber que Foster Dulles pôde ficar convencido, nas conversações de Paris, de que as principais condições, permitindo nomeadamente a salvaguarda da independência do Laos e do Camboja, serão respeitadas. Isto, contudo, parece pouco provável. De momento, os Estados Unidos farão bem em ficar um pouco à margem, sem se fazerem ilusões — mas também sem desesperarem — quanto à possibilidade de se criar uma nova organização defensiva no Sueste asiático. — (France Presse).»

As condições

em que a América e a Inglaterra se associariam ao armistício na Indochina

NOVA YORK, 14 — No seu numero de 19, que sai amanhã, o «News Week» publica um artigo do seu correspondente diplomático em Washington, Edward Weintal, acerca das condições em que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha poderiam associar-se ao armistício na Indochina. Essas condições seriam: 1) Retirada do Vietnam do Laos, Camboja e Sul do Vietnam. A independência destas três regiões seria garantida; 2) O acordo do armistício deve prever a possibilidade de uma unificação do Vietnam por meios pacíficos; 3) Deve compreender medidas práticas contra a infiltração comunista nas três regiões citadas; 4) Todas as transferências de populações devem ser asseguradas por comissões mistas e devem alcançar-se garantias satisfatórias para tratamento humano dos prisioneiros de guerra e foragidos; 5) O armistício deve ser fiscalizado internacionalmente.

«Os Franceses foram avisados — escreve — destas condições e que os Britânicos, não os Americanos, estão dispostos a apoiar e a endossar um armistício com estas cláusulas. Os Franceses sondaram os diplomatas americanos em Genebra acerca de uma linha de demarcação no Vietnam, ao Norte de Donghoi, com estatuto especial para Haiphong, a fim de apurarem se corresponderia de facto áquelas condições. Foster Dulles afirmou aos Franceses que faria tudo quanto pudesse para manter a aliança entre os Estados Unidos e a França, mas que não podia tomar compromisso firme quanto a um armistício no momento presente. Enfim, conhecidas as cláusulas do armistício, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estudarão os meios e métodos — inclusive o emprego da força — para proteger os três Estados contra a agressão comunista aberta, mesmo que os ditos Estados não possam participar no Pacto de Defesa do Sueste Asiático. — (F. P.).»

Os trabalhos

dos peritos militares sobre o «cessar-fogo»

HANOI, 14 — De acordo com as ultimas instruções vindas de Genebra, os trabalhos dos peritos militares continuaram ontem em Trung Gia, num ritmo acelerado.

O estudo de uma realização prática de movimentos militares que a possível conclusão de um acordo, em Genebra, sobre o «cessar fogo», tornará necessário e que começara a semana passada, ficou ontem bastante adiantado. Se bem que se observe segredo absoluto, crê-se, nos círculos próximos da delegação francesa, que as questões de índole técnica relativas às «zonas de reagrupamento» têm sido objecto de estudos aturados, durante os quais as dificuldades vão surgindo cada vez em menor numero e, sempre, numa atmosfera favorável. — (F. P.).

As operações militares

HANOI, 14 — Ao Sul do dispositivo de defesa do delta há calma. Mas o Vietnam continua a exercer pressão nas zonas Norte e Oeste, principalmente nos sectores de Viet Tri e Sontay, onde defensores e atacantes têm travado combates. Principalmente nestes sectores, a aviação executou 150 missões de bombardeamento e flagelação. — (France Presse).

Limpeza a seco e desustragem

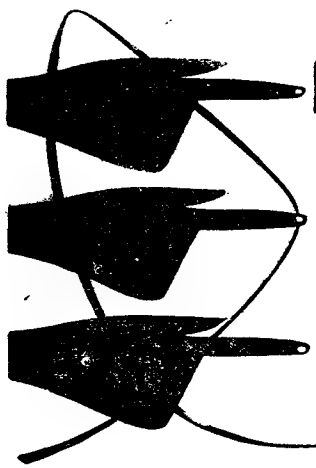
De confiança absoluta. Bastará ligar a 23422, Rua da Prata, 156, S/loja

O debate nos Comuns

sobre política internacional e a atitude dos trabalhistas

LONDRES, 14 — Os deputados trabalhistas reuniram-se esta manhã para ouvir da boca de Clement Attlee, as decisões tomadas pelo «shadow cabinet» com respeito ao debate de política estrangeira que se inicia hoje nos Comuns. Attlee será o primeiro a falar, seguindo-se imediatamente no uso da palavra sir Winston Churchill. Não haverá voto a fechar o debate, que será, todavia, bastante animado, porquanto abrange variadíssimas questões, como Suez, Alemanha, Indochina, relações anglo-americanas, China, bomba de hidrogénio, etc.

Na parte referente ao Suez o debate parece suscitar inquietações no Governo relativamente à atitude que alguns membros do Partido Conservador podem tomar. Efectivamente, ontem, 40 deputados deste partido tomaram a decisão, aliás inesperada, de se pronunciarem contra qualquer acordo anglo-egípcio que envolva a retirada das tropas britânicas da zona do Canal. Por outro lado, também se deve manifestar desacordo nas fileiras trabalhistas acerca do problema alemão, porquanto Bevan e Attlee não-de-expor opiniões divergentes. — (F. P.).



COLEÇÃO O ESCARVELHO DE OURO

N.º 35

VERSÃO ORIGINAL

por

BILL BALLINGER

MAIS UM VOLUME

EXITO TOTAL
Limpia
Clube 2099
(PARA ADULTOS)
CEIAS TODA A NOITE

A BRILHANTE VEGETA BELGA
DEDA PAMARA
em admiráveis números de canto e bailados clássicos e de fantasia
num conjunto de atracções com o
CONJUNTO SANTA CRUZ

A França e o seu lugar no Mundo

7 de Julho de 1954

EMBAIXADA DE FRANÇA

Le Portugal et la France, héritiers d'une même civilisation, liés par une amitié séculaire, forment plus étroitement, ont toujours été et restent les mêmes problèmes et à faire face aux graves problèmes qui menacent le monde occidental nous nous sommes de la civilisation.

Tout au long d'une merveilleuse histoire qui exalte les imaginations, histoire qui n'est pas seulement celle de la partie occidentale de l'Europe, mais qui se déroule sur tous les continents, le Portugal a montré qu'il n'est pas seulement un pays qui a des richesses naturelles, mais un pays qui a des richesses humaines.

En ce jour de notre Fête où nous proclamons notre attachement aux grands principes de fraternité humaine, nous nous félicitons de voir le Portugal et y associer l'âme de la France de notre siècle.

G. ARVENGAS

As nações não podem viver, a não ser por um esforço sobre-humano, reclusas, no silêncio e na solidão, fechadas no seu orgulho, olhando com desdém o resto da Humanidade. O melhor exemplo que podemos citar é a França cuja existência, em muitos séculos, tem sido uma elevação permanente aos ideais educativos e civilizadores.

Há nela qualquer coisa de nobre e de perfeito que a leva ao convívio universal, votando-se a uma obra que se impõe ao respeito e à simpatia de quantos vêem nela o modelo das grandes virtudes.

Até nas suas faltas, ela procede sempre de maneira a obter o seu resgate, portando-se com animo robusto e senhor de si. Há povos que apelam para ela, nas suas horas difíceis, porque sabem que, na sua história, há páginas que são verdadeiras lições.

Quem as não lê e medita?

Nos primores do seu génio, contam-se criações que a colocam, na dianteira de todos os feitos, em todos os tempos. Pelo seu espírito—rico, brilhante e magnânimo—merece bem que a consideremos uma prodigiosa ressurreição da velha e eterna Grécia. Possui a arte subtil e sublime de dar forma aos altos sonhos e às pequeninas verdades que nos encantam e nos embalam.

Quer, acaso, isto dizer que a França vive tão pura, no domínio aristocrático em que assentou os seus esplendores, que os outros, perante ela, fazem uma mesquinha figura de satélites?

Não está no nosso propósito atribuir-lhe um privilégio único, na terra que habitamos. Cada povo tem as suas qualidades, os seus dotes e as suas superioridades inegáveis. Sem favor nem lisonja, a França cultiva, com um fundo sentimento de fraternidade, o universal. pois se empenha em que, através da sua alma, o Universo apareça como um domínio comum.

Existe, porventura, quem se não entenda com ela e com ela se não sinta plenamente humano?

Pertence-lhe a magistério de todas as ideias e de todas as orientações: mesmo o que ela não descobriu ou in-

(Continua na 40.ª página)

Portugal e a França, herdeiros da mesma civilização, ligados por uma amizade secular cada vez mais estreita, têm hoje os mesmos problemas a resolver e que fazer face aos graves perigos que ameaçam o mundo ocidental, alimentado pelas fontes do Cristianismo.

Ao longo de uma história maravilhosa que exalta as imaginações, história que não é apenas a da parte ocidental da Europa, mas que se desenrola em todos os continentes, Portugal mostrou como eram generosos os sentimentos que animavam os seus audazes navegadores e os seus corajosos pioneiros.

No dia da nossa Festa, em que proclamamos a nossa união com os grandes princípios da fraternidade humana, felicitamo-nos de ver Portugal associar-se-nos. Deste modo é do coração que agradeço ao «Diário de Lisboa» o haver-me convidado para acompanhar com uma mensagem o numero especial do seu jornal, que teve a generosa ideia de consagrar à França.

G. ARVENGAS

A tomada da Bastilha

vista pelos contemporâneos
por ALBERT MOUSSET

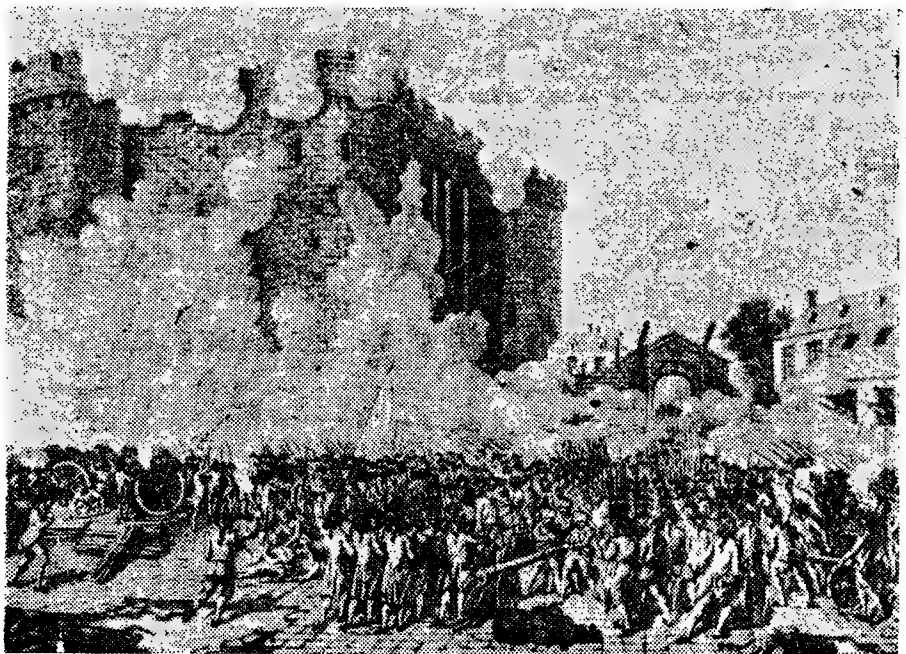
É muito raro que a importância de um acontecimento histórico seja compreendido pelos que o presenciaram e que o seu julgamento antecipe o da posteridade.

No entanto, foi esse o caso da tomada da Bastilha, que, aos contemporâneos, surge como sendo o advento de uma nova era, ainda que a destruição da velha fortaleza—onde já não havia prisioneiros políticos—não tivesse tido um carácter mais que simbólico. Nessa altura, somente estavam aí reclusos uma meia dúzia de indivíduos pouco recomendáveis e dos quais o povo parisiense ignorava completamente o nome e a existência.

Decorridos mais de 150 anos sobre este acontecimento, os historiadores ainda se interrogam sobre o motivo que neste memorável dia fez voltar o furor do povo para a Bastilha quando havia o Châtelet, a Conciergerie, o Temple e La Force, prisões que não tinham uma reputação menos sinistra.

Explica-se talvez isto pelo facto de, entre todas estas prisões, ser a Bastilha que, com as suas oito torres e os seus fossos, mantinha um aspecto mais espectacularmente feudal. A entrada da capital, ela era como que uma evocação fantasmagórica da Idade Média. Muito tempo antes da Revolução, um historiador parisiense, Piganiol de La Force, escrevia: «Não deveríamos nós arrasar este medonho testemunho da barbaridade dos nossos antepassados? O aspecto de toda esta massa informe desonra um bairro inteiro!»

Pelo mesmo motivo, a população olhava a fortaleza como uma ameaça de repressão permanente sobre a capital. Era da Bastilha que, segundo as palavras da regente Ana de Austria, «podia-se ter Paris acamada». Foi ainda da Bastilha que, durante os tumultos da Fronde, a duquesa de Montpensier fez disparar o canhão sobre as



O incêndio e assalto da Bastilha, a 14 de Julho de 1789, segundo uma reconstrução da época

(Continua na 40.ª página)

Com satisfação prestarei breve depoimento acerca da França, grande país, velho amigo de Portugal. Três palavras o resumem: amizade, admiração, confiança.

Em primeiro lugar, uma palavra de amizade. Nela quero exprimir, os laços de cordialidade, de afeição, de comunhão de espírito, que unem Portugal e a França.

Em segundo lugar, uma palavra de admiração pela intensidade de valor humano que caracteriza a França e, em particular, pela luminosidade da sua Cultura, fonte inexgotável de tantas outras e com tantas outras entrelaçada.

Por fim, uma palavra de confiança no futuro da Nação Francesa, norteada pelos valores transcendentes que definem a Civilização Cristã e formam a razão das suas maiores glórias.

Faço votos por que as relações entre a França e Portugal—que de tantas afinidades históricas e espirituais estão repassadas—se radiquem e fortaleçam cada vez mais, para bem dos dois países e da humanidade.

PAULO CUNHA



PIERRE MENDES-FRANCE
chefe do Governo francês e ministro dos
Negócios Estrangeiros



PROF. PAULO CUNHA
ministro dos Negócios Estrangeiros de
Portugal

Nas páginas seguintes:

- Os grandes problemas da política francesa.
- Os estudantes portugueses em Paris, por Urbano Tavares Rodrigues.
- A moda francesa.
- O turismo entre os dois países.
- A arte francesa, por João Canto.
- A visita do presidente Lebel.
- Relações económicas, por Manuel Bello.
- O palácio da embaixada, por Gustavo de Matos Sequeira.
- O esforço militar português na guerra de 14, por Faria Afonso.
- Literatura francesa, por Casais Monteiro.
- A «mademoiselle» que ensina francês.
- As comemorações do 14 de Julho em Paris, por Antoine Schmitz.
- O que vem de França, por José Ribeiro dos Santos.
- O significado histórico do 14 de Julho, por Rémy Roure.
- O teatro francês, por Norberto Lopes.
- Relações desportivas.
- O Instituto Francês em Portugal.
- O Liceu Charles Lepierre.
- A actividade da «Alliance Française».
- Vivem em Portugal 1.750 franceses.
- A colaboração de técnicos franceses em grandes obras de engenharia em Portugal.
- Uma escultura de João da Silva em França.

Os grandes problemas da política francesa

que a experiência Mendès-France está a defrontar

A formação recente do Governo presidido pelo sr. Mendès-France representa, na evolução da política francesa, do pós-guerra, um acontecimento digno de registo. Pela personalidade do seu chefe, pela sua composição, pelas condições em que se formou e pelas responsabilidades que abertamente assumiu, pode considerar-se como uma tentativa ousada para romper com o passado e para encarar o futuro em termos diferentes dos que foram, quase invariavelmente, concebidos pelos seus antecessores. As regras de condicionamento parlamentar e de regularidade política observadas desde a fundação da IV.ª República, tinham sido anteriormente quebradas apenas com a experiência Pinay, interrompida ingloriamente a meio caminho.

Mas, enquanto a experiência Pinay se orientava no sentido da direita marcando uma viragem de inegável significado interno, o sr. Mendès-France orientou a sua tentativa, actualmente em curso, no sentido da esquerda. As expressões de direita e esquerda são aqui empregadas tendo em conta as etiquetas com que aparecem rotulados os agrupamentos das respectivas maiorias. O sr. Pinay fez estalar a unidade do R. P. F., que alcançara um rotundo êxito eleitoral na última consulta para a escolha da Assembleia Nacional, precipitando a crise latente nas fileiras do gaullismo e tornando impossível uma solução com o chefe da Resistência. O sr. Mendès-France viu, pela primeira vez, depois do fim do tripartidismo, associados os votos de comunistas e socialistas para tornarem viável a solução que simbolizava há muito na oposição.

Colocado num quadro externo relativamente estável—era a altura em que os problemas internacionais apesar da sua gravidade se não revestem ainda do carácter de acuidade impressionante que mais tarde vieram a assumir—o sr. Pinay pôde dedicar exclusivamente a sua atenção a uma experiência de ressurgimento económico que assentava os seus alicerces na reforma financeira e na estabilização do nível dos preços e dos salários. Desconhecendo as vicissitudes e as contradições, a agitação e as alternativas da política externa, essa referência não entrava em linha de conta com o factor externo para a elaboração dos seus cálculos e para a realização a distância, dos seus planos.

A liquidação honrosa da guerra da Indochina, primeiro ponto no programa do novo governo

O sr. Mendès-France—facto inédito depois da libertação—assumiu, com a direcção do Governo, a direcção da política externa da França. Só por si, esse facto basta para marcar, com um sinal inconfundível, o sentido em que procura orientar a tentativa de reabilitação da França que iniciou e de que vinham a acentuar-se os sintomas reveladores. Embora no programa que levou à Assembleia Nacional e que justificou a sua investitura, figure em lugar de relevo a realização de um vasto plano de reformas económicas e sociais, a sua execução está essencialmente condicionada pela liquidação de um passado que, embora recente, é fértil em motivos de inquietação e em limitações.

Liquidar a situação da Indochina, de uma forma honrosa, consolidar a posição ameaçada da França no Norte de África, onde a agitação indígena tem recrudescido nos últimos tempos de forma assustadora, esclarecer o papel que, este país se propõe desempenhar na Europa, eis os pontos fundamentais do programa Mendès-France, que exigem solução imediata e urgente. Sem essa solução seria inútil pensar sequer em esboçar as bases de uma reforma profunda das dificuldades económicas e sociais que paralisam ou embaraçam a vida francesa.

A surpresa causada pela autolimitação do tempo de duração do Governo a que preside não foi, certamente, dos menores nem dos menos justificáveis motivos de surpresa que surgiram no debate parlamentar que precedeu a investitura do sr. Mendès-France. Também pela primeira vez um chefe de Governo afirmou, com firmeza, o propósito de não se demorar no poder se verificasse a impossi-

bilidade de levar por diante a realização das suas ideias. Praticamente, o sr. Mendès-France pediu à Assembleia Nacional e aos seus compatriotas um mês para demonstrar a viabilidade das soluções que preconiza. Esta atitude faz um contraste flagrante com a tendência corrente para durar, de preferência a resolver, e para demorar, de preferência a deixar a outros, mais felizes ou mais previdentes, os encargos pesados da governação.

Dentro de uma semana, em 20 do corrente, expira o prazo previsto pelo chefe do novo Governo francês para demonstrar o fundamento das suas soluções e para as sujeitar ao teste indochinês. A franqueza, a sinceridade e a rectidão de que usou constituem outros tantos trunfos que averbou, desde logo, no seu activo de homem de Estado. Mas ninguém deixará de reconhecer o carácter arriscado desse jogo. O êxito da tentativa em que se empenhou depende, em parte, da boa

fé dos interlocutores com os quais iniciou um diálogo esmaltado de riscos e dificuldades.

No quadro vasto e complexo da negociação que tem decorrido com uma rapidez desconcertante—quaisquer que sejam as aparências reveladas pelo curso das hostilidades no teatro de operações do Extremo Oriente e pelas reacções suscitadas pelas conversações de Genebra—o sr. Mendès-France teve ocasião de estreitar os laços da tradicional amizade com a Grã-Bretanha e essa figura entre as vantagens imediatas do tratamento de choque que se propôs fazer seguir ao seu país.

Em Genebra e em Washington, a diplomacia britânica, tem procurado, persistentemente, favorecer a causa do «cessar-fogo» na Indochina, como primeiro passo para uma solução honrosa do conflito que se arrasta ali há oito anos. A sua recente viagem a capital dos Estados Unidos permitiu ao primeiro-ministro e ao secretário dos

Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha exporem o seu ponto de vista favorável às teses da França.

O sr. Mendès-France nunca ocultou que o animo o propósito de cortar com um passado em que, segundo a sua própria expressão, a França assumiu encargos que não podia satisfazer e fazia promessas a que não podia responder. As relações franco-americanas estavam a decorrer, de há tempos a esta parte, num ambiente de confusão e dúvida que se tornava insustentável esclarecer, embora para isso, de um e outro lado, tivessem de sacrificar algumas ilusões, de reconhecer muitas faltas e de enveredar por um caminho diferente.

A orientação a seguir no Norte de África e o problema espinhoso do Exército Europeu

Só o futuro, um futuro agora encurtado até o prazo limite de uma semana, dirá se os cálculos do chefe do novo Governo francês correspondiam a realidades tangíveis. No seu programa, a definição da posição francesa no Norte de África, de forma definitiva e categórica, ocupa o segundo lugar. O sr. Mendès-France combateu, com vivacidade, na oposição a política seguida no Marrocos e na Tunísia pelos seus antecessores, classificando-a como uma política de dilações e hesitações. O elemento fundamental da nova orientação que preconiza consiste em ir ao encontro das aspirações da população daqueles dois países iniciando em ambos uma era de colaboração efectiva e eficaz.

Em terceiro lugar, no seu programa—e este representa certamente o de mais delicada solução—figura o problema do Exército Europeu que se arrasta há cerca de três anos sem se ter previsto para ele um epílogo que evite os transtornos internos e remova os obstáculos externos que o complicam e desfiguram. Da atitude que a França vier finalmente a adoptar depende o conjunto das suas relações com aliados e adversários. O sr. Mendès-France foi claro nas suas declarações, ao anunciar que rejeita abertamente a concepção de uma «transacção planetária» no plano externo, como rejeitara o apoio dos comunistas no plano interno, se deste dependesse a sua investitura.

Queria ele dizer que não trocava a paz na Indochina, só possível com a aquiescência das potências comunistas, pelo repúdio das suas obrigações ocidentais—pacto do Atlântico e Comunidade Europeia de Defesa. Mas isso não o obriga a fazer ratificar o tratado de Paris pelo Parlamento, se da ratificação resultar uma crise insustentável na opinião pública francesa. Reeditar, numa hora de dificuldades terribles, o clima do caso Dreyfus, é tão grave para a França como continuar a sangrar na Indochina para valorizar a sua colaboração no combate ao comunismo.

Sejam quais forem os reparos que esta concepção suscita—e são muitos e ponderosos—não podem negar-lhe o mérito da lógica. Por outro lado, ela corresponde aos sentimentos profundos de um largo sector do povo francês, inquieto e desiludido.

O problema do Exército Europeu pertence ao numero daqueles que implicam com o futuro da França por um prazo praticamente imprevisível. A quota parte que lhe exigem, no capítulo delicado das cedências de soberania, não tem contrapartida válida nos benefícios que lhe oferecem. Além disso, o espectáculo das vantagens que resultarão, inevitavelmente, para a Alemanha é de molde a despertar no espírito dos Franceses do nosso tempo a recordação dolorosa das provações por que passaram em duas conflagrações mundiais.

Por estas razões, a tarefa que incumba ao Governo que há pouco assumiu naquele país as responsabilidades do poder, é das mais delicadas e exigentes que alguma vez foi cometida a qualquer governo em França. No plano externo, essa tarefa seria numa época menos perturbada, suficiente para consumir as energias e os esforços de uma geração, tal a sua amplitude e a sua complexidade. E, no entanto, o sr. Mendès-France marcou a si próprio o limite de um mês para começar a executá-la.



**Na Riviera Francesa
há sempre sol em
céu azul**

INFORMAÇÕES:

DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO FRANCÊS
234 - RUA ÁUREA - 242 - LISBOA

LA NATIONALE—INCENDIE

Compagnie l'onyme D'Assurances Contre L'Incendie Et Les Explosions
FUNDADA EM 1820

Capital de 150 Milhões de Francos — Importantes Reservas em Portugal

**SEGUROS DE INCENDIO
SEGUROS AGRICOLAS**

Delegação Geral em Portugal:

Praça da Alegria, 6, 2.º Esq. — Lisboa

Telef. 24324

Os estudantes portugueses nas escolas francesas

por URBANO TAVARES RODRIGUES

leitor de Português na Sorbonne

PARIS, Julho.—Foi no «41, rue des Ecoles», onde era a pensão de família de Madame Laille, que viveram António Nobre e o Chico Redondo, companheiro e amigo do mais português dos nossos poetas, o «dandy», o «lua», o anjo caído, assombrado de fatalidade, o poeta melindroso dos apocorísticos e dos diminutivos, plangente e garrido como certas paisagens portuguesas, suave e macabro, e com um encanto doentio de criança fraca e ensimesmada, de ser inacabado, tocante na sua dor, como que ansioso de regressar ao calor do ventre materno. Foi no «41, rue des Ecoles», ao lado da Sorbonne, que ele escreveu «D. Enguiço» e a «Balada do Caixão». Quando chegavam os primeiros frios do Inverno, o Joseph, criado da casa, tinha de acudir ao «poêle» com mais carvão, porque o poeta gelava, de frio e de saudades, no quarto sombrio onde estudava ciências políticas e recordava o seu «país estrangeiro», em conversa familiar com os moínhos de velas latinas e com a sua «torre de leites» ou com a lua, abedessa do convento verde das águas do mar português.

António Nobre foi em Paris o estudante do Bairro Latino. E, de então para cá, para só falar dos mais modernos, quantos Portugueses, por índole nacional, agravada de mimetismo involuntário, ou por simples desamparo entre estranhos, não sentiram em dado momento no Bairro Latino aquela tristeza fadista, um pouco piegas e um quase nada irónica em plena solidão, que era própria do nosso António Nobre! Mas vão vivendo. Vão-se deixando ficar. Divertem-se também. Convivem facilmente com os naturais. E gostam de Paris. Quando regressam ao seu Portugal saudosos, começam a sentir saudades da França. O Português é talvez o mais adaptável dos estrangeiros em Paris. E, contudo, estudantes e jornalistas, escritores, juristas, pintores, aventureiros, que de tudo por aqui tem passado, todos eles de um modo geral gostam de se reunir, não de uma forma gregária, disciplinadamente, como os Ingleses, por exemplo, mas em certos «cafés» a que se afeiçoaram, para onde transportaram a sua necessidade hereditária de arrazoarem quantas vezes de arte, de ciência ou de saneamentos sociais, em grandes gestos demolidores e inocentes, ou de narrarem projectos, aventuras, esperanças, amores, a portuguesa, com mais entusiasmo que paixão, terna, epidérmica, casual, desinteressadamente.

Enfim, estou já incorrendo em grave pecado de generalização. Aqui residiram e trabalharam com afinco, uns numa eufórica mocidade, outros quase monasticamente, gerações sucessivas de investigadores notáveis, que viriam a tornar-se personalidades marcantes da vida intelectual portuguesa: José Leite de Vasconcelos, por exemplo, que escreveu aqui a sua «Esquisse d'une Dialectologie Portugaise»; David Lopes, o nosso maior arabista (recentemente outro erudito arabista e especialista de assuntos marroquinos: Abreu Figueira); Manuel Rodrigues Lapa, historiador de literatura que figura entre os primeiros da Europa culta, e tantos outros cujos nomes de momento não me ocorrem: matemáticos como Francisco Leite Pinto, primeiro leitor na Sorbonne; geógrafos como Orlando Ribeiro e António

de Medeiros Gouveia; José Manuel da Costa, professor e actual secretário nacional da Informação, outro ex-leitor da Sorbonne; cientistas como Aniceto Monteiro, Manuel Valadares; historiadores como José de Bragança, Luís de Matos e Julião Soares de Azevedo, este último já falecido.

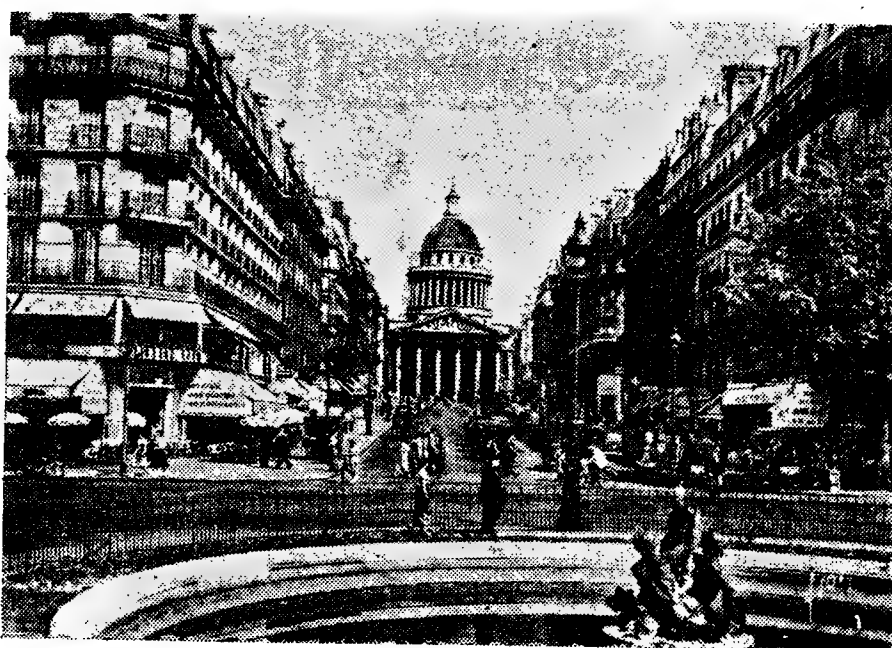
Depois de Filinto Eliseu, aqui exilado, que foi amigo de Lamartine e que dava lições de português para se manter, foram parisienses Eça de Queirós, no seu refúgio de Neuilly; Sá Carneiro, que de Paris fez o «timbre da sua aventura», «vinho de ouro bebido por taça logo quebrada»; Sá Carneiro, que por cá «andou às moscas», como ele próprio dizia, rei da incoerência e da dispersão, ganhou a pouco e pouco pela neurose, ambicionando por fim o sossego de um quarto todo branco de hospital, à beira de se suicidar, com certo aparato estético, num hotel de Montmartre, em traje de «soirée», antes da chegada dos convivas, a quem ele prometera um espectáculo original.

Parisiense foi Aquilino Ribeiro, autor das «Filhas de Babilónia». Foram no Santa-Rita, pintor, fenómeno do «Orfeu»; Amadeu de Sousa Cardoso, amigo de Modigliani, «virtuoso» da estilização na aurora do cubismo; e outros também já falecidos: Leal da Câmara, Manuel Jardim; e os sobreviventes dessa geração, artistas de real valor, a quem já me tenho referido, Francisco Smith, pintor da saudade, o escultor Canto da Maia. De entre os modernos, Maria Helena Vieira da Silva, mundialmente consagrada, cujas telas abstractas figuram hoje na National Gallery e no Museu de Arte Contemporânea em Paris.

Os artistas plásticos continuam a responder à chamada de Paris: depois de António Pedro e de António Dacosta, vieram Pedro Leitão, Vasco Horta, Eduardo Anahory, Castro e Sola, Estrela Faria, ultimamente Raul da Costa Camelo, Rui Filipe, a escultora e poetisa Isabel Meireles.

Alguns destes pintores reúnem-se à noite com Portugueses nos «cafés» de Saint Germain des Prés ou de Montparnasse, outros vivem e laboram quase isolados ou no meio de camaradas franceses.

Graças ao auxílio considerável do Instituto de Alta Cultura, das Relations Culturelles e das Recherches Scientifiques, numerosos bolseiros portugueses, simples licenciados ou professores já com experiência de ensino, têm-se aqui dedicado ultimamente à filosofia, à medicina, à investigação histórica, às ciências físico-químicas, aos estudos cinematográficos e musicais, etc. Outros estudantes portugueses há ainda que trabalham por conta própria em especializações diversas ou frequentam as Faculdades de Direito, Letras, Farmá-



A Praça Edmond Rostand, no enfiamento da Rue Soufflot, com o «Panthéon» por fundo. O «café» da esquina à esquerda é um dos locais de reunião dos estudantes portugueses

cia, Ciências Políticas, etc. De um modo geral, obtêm resultados muito satisfatórios nas provas a que se submetem, em competência com os próprios Franceses. Cito indistintamente: Eduardo Lourenço de Faria, actualmente leitor de português em Hamburgo, ex-assistente de filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra; Rafael Botelho, arquitecto; Luís Prista, assistente da Faculdade de Farmácia do Porto; José Gentil Dias da Silva, Joaquim Barradas de Carvalho, Vitorino de Magalhães Godinho, Margarida Brandão, historiadores; António Poiares Baptista, João Santos, Gonçalves Leitão, Castro Alves, médicos; Vítor Ramos, jornalista e estudante de sociologia; Lima de Faria e Maria do Carmo Anta, físicos; Pedro Martins, químico; Magalhães Vilhena, historiador da filosofia; Vasco Barbosa, violinista; Judite Lupi Freire, cantora; Ricardo Vaz Monteiro, Artur Ramos, José Ernesto de Sousa, cineastas.

Muitos estudantes formam grupos. Permanecem fieis ao hábito português das rodas de «café». Uns preferem o «Capoulade», na Praça do Luxemburgo, em frente da «Fontaine Médicis»; outros encontram-se no «Mabillon», em plena boémia artística de Saint Germain des Prés. Dão-se com outros Portugueses de passagem

por aqui ou residentes em Paris como os jornalistas Novais Teixeira e João Alves das Neves. Com eles conviveram também o poeta surrealista António Maria Lisboa, já falecido, o escritor Joaquim Ferrer, o actor Luís de Lima, hoje professor de Arte Dramática no Conservatório de São Paulo.

Certas casas são verdadeiros «foyers» portugueses. Assim, a poetisa Merícia de Lemos, relacionada, aliás, com inúmeros artistas e escritores parisienses, capricha em reunir periodicamente com singular gentileza os Portugueses de Paris.

Alguns destes estudantes são ligados à Casa de Portugal, onde vão, semanalmente pelo menos, ler os jornais.

Outro grupo, constituído não por Portugueses, mas por Franceses, viva e profundamente interessados pela nossa cultura, é o dos licenciandos de Português na Sorbonne. Tanto estes estudantes, como os nossos, têm, sempre que o procuram, encontrado o maior, o mais generoso auxílio, na pessoa do embaixador de Portugal, dr. Marcello Mattias, sempre pronto a dispensar o seu apoio a todas as iniciativas ligadas à vida universitária e a qualquer manifestação intelectual tendente à difusão e prestígio da cultura portuguesa em França.—U. T. R.

Paris, capital da moda — Lisboa, sua sucursal...

Já alguém disse, com propriedade, que Portugal é a tradução da França, em calão ou traço grosso. E não faltou quem acrescentasse que mais do que isso—era a sua sucursal. Isto, que pode parecer excesso de ironia e de má língua, tem, entretanto, a sua razão de ser, se olharmos, por exemplo, a influência das modas femininas francesas em Portugal. Quando Matilde, condessa de Bolonha, chegou a Portugal pela mão do rei Afonso, terceiro de nome, não seriam as mulheres que lhe moveram uma guerra de inveja?

Não trazia, ainda, os veludos, os «lamés», os brocados e os damascos de Lyon, pois estes

apareceriam só a partir do século XVII. Mas, quem sabe se não haveria já no seu guarda-roupa um prenúncio do deslumbramento dos enxovais das princesas da França que vieram casar a Portugal. E as Portuguesas começaram, então, a amar as rendas de Alençon e Cluny, Chantilly, Flandres e Argenton, as lindas «valenciennes», as «baptistes» e, por serem de Cambrai, perto de Lille, aquelas que o nosso povo baptizou de cambraias...

Comércio de importação

Um intenso comércio de exportação, começado não se sabe quando nem onde, se estabeleceu desde sempre da França para Portugal. E maior ainda do que essa exportação, constituída por tecidos ou artefactos, era a outra da criação das modas. Com muito esforço, criara já um prestígio maravilhoso em todo o Mundo—esse prestígio de «um gosto muito francês»...

E, durante séculos, a França reinou em todo o Mundo—incluído Portugal, onde chegavam as «idéias», os modelos trazidos pelas poucas mulheres que viajavam, enfiando-se, como dizia o Eça, nas secções de saldos dos grandes «magazins» du Printemps e Lafayette, para fazer inveja às amigas de Lisboa...

Já antes—antes da «Maria Eduarda» dos «Malas», está claro...—já haviam aparecido os grandes agentes do bom gosto e das criações de modas. Eram os figurinos—aliás, do italiano «figurina»—industriais que, rapidamente, havia de prosperar e difundir-se no mundo elegante. O primeiro devia ter sido «La Mode», uma revista fundada, em 1829, com o patrocínio da duquesa de Berry—«hebdomedário de modas, galeria de costumes, álbum de salões», mais tarde transformado em órgão violento do partido legitimista que lhe acarretou muitas dificuldades e condenações.

Aparece a polícia...

«La Mode» reapareceu com o título de «Mode Nouvelle» e, desde então, muitas foram as publicações em que se multiplicou. Lisboa passou a vestir, a partir de 1862, pelo figurino oficial de Paris.

Até que apareceram o fisco, as pautas alfandegárias. Era preciso fiscalizar não apenas a

(Continua na página seguinte)



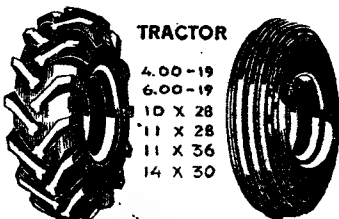
Calculados para determinadas cargas, os pneus só podem dar rendimento normal se não forem submetidos a pesos superiores. As cargas demasiadas ou mal distribuídas abreviam a duração dos pneus. Nas rodas duplas, há que evitar desigualdade de esforços.

MABOR

Assistência Técnica Gratuita

NOS POSTOS DE

LISBOA — LARGO DO ANDALUZ, 15-C — TEL. 57162
PORTO — PRAÇA DOS POVEIROS, 50 — TEL. 26136
COIMBRA — RUA DA SOFIA, 175 — TEL. 5253
VILA REAL — AVENIDA CARVALHO ARAUJO, 46 — TEL. 204
VISEU — AVENIDA 28 DE MAIO — TEL. 2801
FARO — AVENIDA DOS MERCADOS — TEL. 578
CASTELO BRANCO — AVENIDA MARECHAL CARMONA — TEL. 53
SANTARÉM — LARGO DA PIEDADE — TEL. 844



TRACTOR

4.00-19
6.00-19
10 X 28
11 X 28
11 X 36
14 X 30

Tem aumentado muito

o movimento de turistas entre Portugal e a França



Jacques Grasset

A importância crescente dos problemas turísticos luso-franceses, levou-nos a procurar o sr. Jacques Grasset, director do Commissariat des Français de Turismo, em Portugal e individualidade que, em vários anos de actividade, tem desenvolvido uma acção, sob todos os aspectos louvável e já vultuosa.

O sr. Grasset começa por nos definir a mágica palavra que anda á volta do seu cargo: «Durante um jantar oferecido pelo Touring Club de França, em Março ultimo, jantar ao qual tive a honra de assistir, o presidente Coty, presente a esta manifestação, provando, assim, todo o interesse que o Turismo lhe merece, começou a sua alocução, fazendo a leitura da definição da palavra «turista», segundo a edição de 1889 do «Litttré»: pois que «turismo» não teve ainda a honra de figurar nessa época: «Turista» diz-se dos viajantes que sómente percorrem paí-

es estrangeiros por curiosidade e distração, que fazem alguns percursos nesses países, habitualmente visitados pelos seus compatriotas (sobretudo viajantes ingleses na França, na Suíça e em Itália).

O nosso entrevistado acrescenta depois: «Os principais países verificaram, felizmente, depois disso, a importância do Turismo na sua economia e assistiu-se, após a época daquella definição, a um desenvolvimento crescente dos movimentos turísticos nos planos económico, social, cultural e político.

E concretizando: «Pouco a pouco, as barreiras e os entraves que paralisavam, ou paralisam ainda as permutas, vão desaparecendo. Desse modo, a França suprimiu, sucessivamente, e por reciprocidade, a formalidade maçadora e dispendiosa do visto, com todos os países da O. E. C. E., salvo com Portugal, que ainda não deu o seu acordo para a aplicação bilateral desta disposição.

«Mas cremos que esse importante problema está em vias de solução...

«Sim, diz-nos o sr. Grasset—sei que este assunto está a ser seriamente estudado e espero que seja resolvido para bem do desenvolvimento turístico, entre os nossos dois países.

«Qual o movimento actual de turistas portugueses em França?

«Actualmente pode calcular-se em 25.000 os Portugueses que se deslocam a França e que, em média, ficam no meu país cerca de 10 dias.

«Estas importantes cifras deixam bem avaliar o quanto a «douce France» atrai os Portugueses, uma velha paixão secular que vai aumentando...

Mas o sr. Grasset, acrescenta:

«Este ano, com as peregrinações, ocasionadas pelo Ano Mariano e, em particular, a peregrinação franco-portuguesa a Lourdes, que se vai efectuar em Agosto, o numero que lhe indiquei há-de ser muito ultrapassado.

E dando mais pormenores acerca do incremento de visitas dos Portugueses a França, o nosso entrevistado diz-nos:

«Assiste-se em Portugal a um fenómeno social extremamente interessante e sintomático. Enquanto que até 1950 o movimento turístico para a França não era senão praticado pelas classes ricas ou médias, o turismo médio e até popular fez a sua aparição de há três anos para cá e desenvolve-se rapidamente.

E, acrescenta:

«Cada ano numerosos grupos de estudantes, campistas, funcionários e empregados de escritório formam-se, a fim de ir a França em excursão, aproveitando as facilidades e os preços extremamente interessantes que lhes são facultados. Porque, contrariamente ao que pensam as pessoas mal informadas, o turismo em França está ao alcance de todas as bolsas.

«Pode-nos dar um exemplo?...

«Posso dar-lhe um dos melhores: uma excursão de um grupo de empregados, compreendendo ida e volta em caminho de ferro e oito dias de estadia em Paris, com excursão a Versailles e numerosas visitas, custa cerca de 2.000\$00 por pessoa.

E diz-nos, a seguir:

«E' precisamente este turismo social que desde há três anos eu me esforço por desenvolver. Já tenho em organização diversas viagens para 1955.

«E sobre o movimento de turistas franceses no nosso País, o que nos tem para dizer?

«As nossas estatísticas assinalam sempre um numero sempre crescente de Franceses que visitam Portugal. Estes turistas pertencem a todas as categorias sociais e verifica-se também, que muitos «Marroquinos» que se dirigem a França em férias ou de regresso ao lar, ganharam o hábito de atravessar o vosso País, saindo pelas fronteiras de Vilar Formoso ou Valença.



AS ILUMINAÇÕES DO 14 DE JULHO EM PARIS na «Pont Neuf» sobre o Sena, vendo-se, á esquerda, o famoso palácio da «Conciergerie»

A moda francesa em Portugal

(Continuação da página anterior)

importação de ideias sopradas pela Revolução Francesa e Pina Manique lá estava, contra os jacobinos. Seria possível fazer o mesmo «contrôle» ao «diklat» da moda? (Contra os «incroyables» erguiam-se, então, os «peraltas» e «séccias»...)

Ainda hoje os nossos comerciantes poderiam de coração aberto, dizer que não. As elegantes também. E' que não seria possível dizer onde começa o direito de adquirir para uso próprio e o outro de comprar para vender. Todos sabem que muitos importadores de rendas, sedas e modelos, dentro da lei, mandam vir muitos pacotes, cuja valor não vai além de dois contos e quinhentos mas que, «somados», chegam a muitas dezenas de milhar de escudos. Sob o olhar complacente da lei—ou não fosse ela «coquette» e feminina!—assim se vão collocando as Portuguesas a par das modas francesas e das mulheres elegantes de todo o Mundo. E' verdade que para o conseguir, são precisas muitas habilidades. Em Paris, há sempre quem consiga obter um convite para as passagens de modelos das casas mais afamadas: em Lisboa a modista ou comerciante «senhora A» chama-se ali «Madame B» e é turista. Assiste aos desfiles, entende-se com as colaboradoras dos grandes costureiros que, a troco de bom dinheiro, lhes cedem «croquis» de modelos—se é que não se satisfazem com «o ver para crer» ou não compram os modelos que entrarão em Portugal, sob as bandeiras estrangeiras. Em Lisboa, desfilarão nos melhores e mais elegantes centros de reunião, com etiquetas de origem mas sem salvo-conduto. E' que, aqui como em todo o Mundo, o «contrabando de modas» é uma industria como qualquer outra...

Naturalmente, há também as que vão como quem são. Chegam a comprar por dois mil escudos moldes de tela, para reprodução das grandes criações francesas. Esses moldes, porém, que darão trabalho ás industrias dos nossos tecidos e não ás costureirinhas portuguesas de todas as categorias, sofrerão o peso do direito alfandegário. enquanto—oh! suprema injustiça!—passam impunemente a fronteira as dúzias de vestidos e chapéus, comprados para vender...

Paris, capital da moda

Paris dita—e o mundo elegante obedece. E contra este poder descrecionista, nenhuma outra força consegue erguer-se. As guerras passaram e a moda francesa fica. Foi assim em todos os grandes conflitos europeus e também com o ultimo. Barcelona e Viena, por inspiração alemã, tentaram em vão editar figurinos e ditar modas; Londres manteve a sua «gaucherie» e Nova York e Roma não vão além de meras sugestões práticas, difundidas pelo cinema. A moda, como os meninos, continua a vir de França—e Paris continua a ser capital da moda.

Que importa aquella frase perversa dos Franceses? Os doidos inventam as modas e os azeitos seguem-nos. E' que, em matéria de indumentárias, cada vez tem menos verdade o velho ditado: cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. Ou seja, em bom francês: «chaque pays a sa mode»...

A indústria de tintas de impressão introduzida em Portugal por Ch. Lorilleux & C.^{ie}

Conhecido o seu fabrico desde 1488, quando se inventou o prelo, as tintas para a imprensa eram, então, preparadas manualmente, nas próprias oficinas dos impressores. Só em 1818 a manufatura das tintas de impressão se transformou numa verdadeira industria, graças á actividade de Pierre René Lorilleux, impressor da Real Imprensa de Paris, que fundou, naquelle cidade, uma officina para a preparação de tintas, que deu origem á sociedade Ch. Lorilleux & C.^{ie}, que hoje é a primeira do seu género em todo o Mundo.

A Pierre Lorilleux succedeu seu filho Charles, a quem coube a tarefa de fundar oficialmente aquella sociedade, no ano de 1880. O primeiro a reconhecer o valor incontestável da actividade daquelle industria foi o próprio Governo francês que, um ano depois, o agraciou com o grau de cavaleiro da Legião de Honra. Igual distincção foi concedida, depois, a René Lorilleux e, em 1904, a Guay Lorilleux, então gerente da sociedade, recebia a Cruz da Legião de Honra, com o grau de official. Actualmente, está á frente dos destinos da sociedade o sr.

Pierre René Lorilleux, bisneto do fundador e que é, também, cavaleiro da Legião de Honra. Em 136 anos de vida, 74 dos quais como sociedade constituída, a casa Lorilleux obteve cerca de 70 galardões em diversos certames, contando-se entre eles 13 Grandes Prémios, 4 fora do concurso, 11 vezes membro do juri e vários diplomas de honra.

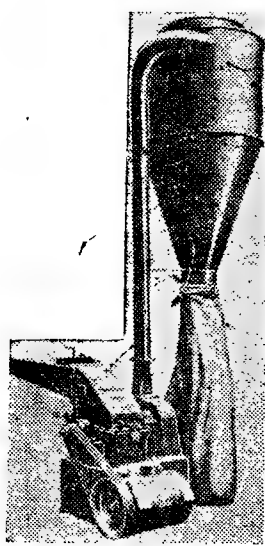
Actualmente, a sociedade Ch. Lorilleux & C.^{ie} possui um capital de 250 milhões de francos, inteiramente reembolsados, e tem a sua sede em Paris, na Rue Suger, 16. Em França, tem esta sociedade cinco grandes fábricas, em Puteaux, Nanterre (Seine), Beautirau (Gironde), Lyon e Marselha. Espalhadas pelas cinco partes do Mundo, existem mais 23 fábricas, 17 sucursais e 97 depósitos e agências.

Em relação a Portugal, a sociedade tem contribuído, activamente, para o progresso da industria de tintas de impressão, no nosso País. Em 1892, instalava, em Lisboa, na Travessa do Conde da Ponte, 51-55, uma fábrica, á qual irá succeder uma outra, de maiores proporções, que actualmente está a construir-se em Cabo Ruivo. Os escritórios e depósitos de venda estão instalados na Rua Paiva de Andrade, 3 e 5, a S. Carlos, onde são requisitados constantemente os produtos da Ch. Lorilleux & C.^{ie}, que baseiam a razão da sua alta qualidade, e excelente conceito em todos os mercados do Mundo, em 128 anos de ininterrupta actividade.

A firma Ch. Lorilleux & C.^{ie}, que se tem feito representar nas Feiras das Industrias Portuguesas, tanto em Lisboa, como ainda recentemente, em Luanda, concorreu, igualmente, á Exposição Industrial de Goa, nas quais os produtos apresentados mereceram a atenção especial de todos os técnicos e outros visitantes que examinaram a respectiva representação.

Tendo sido a primeira a industrializar o seu ramo, Ch. Lorilleux & C.^{ie} mantém-se inextinguível nos seus fabricos de tintas para todos os processos gráficos, massas para rolos, vernizes, secantes, etc. Fabricando todos os produtos para impressão, nomeadamente para tipografia e litografia de papel «offset» e folha de Flandres, a sociedade Ch. Lorilleux & C.^{ie} lançou, recentemente, dois produtos de excelente qualidade, cuja aceitação no mercado tem ultrapassado todas as expectativas. Trata-se das tintas para impressão tipográfica de secagem instantânea—Ultravit—e de reflexo metálico—Metoflex.

Assim, a casa Ch. Lorilleux & C.^{ie} continua a vincar bem a sua posição de primeira entre as primeiras, ao serviço das artes gráficas em todo o Mundo.



MOINHOS DE MARTELOS «GONDARD»

A grande marca francesa preferida pela Industria moageira

Modelos para:
AGRICULTURA e INDÚSTRIA

Pedidos:
MINASTELA, L.^{da}

Rua D. Filipa de Vilhena, 12
Telef. 771228 LISBOA-PORTUGAL

A arte francesa nas Janelas Verdes

A França está representada no Museu Nacional de Arte Antiga, sobretudo pela colecção de prata lavrada setecentista, uma das mais valiosas que actualmente existem.

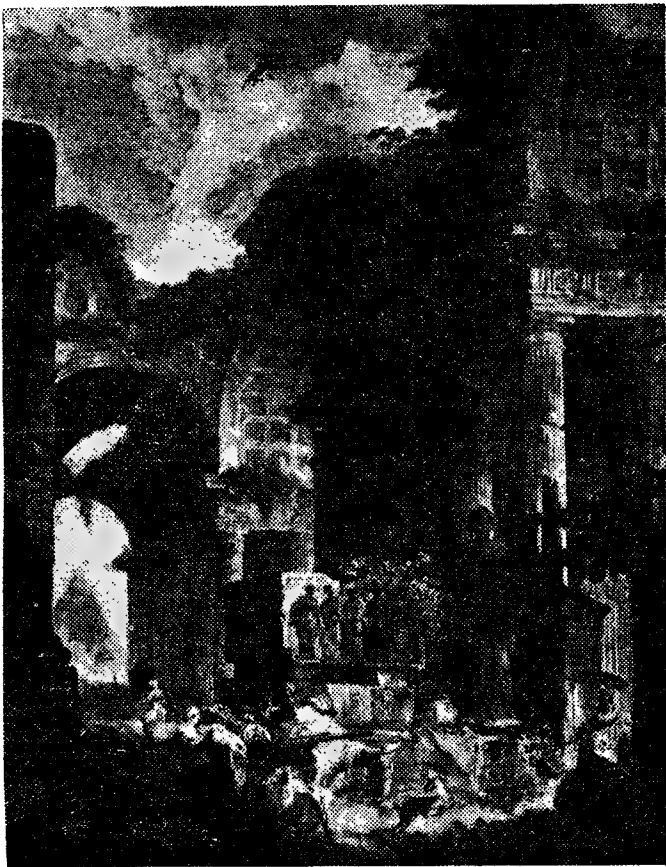
Este núcleo, muito importante pelo número, pela qualidade e pela raridade das peças que o compõem, é testemunho do interesse que as obras de arte francesas — a par das italianas — despertavam ao tempo no nosso País.

Durante todo o século XVIII, recorremos abundantemente ao estrangeiro para satisfazer as necessidades de compradores exigentes.

O rei D. João V, os nobres e os potentados da Igreja não se poupavam a esforços e dispêndio para enriquecerem os seus patrimónios, ombreando com a opulência da corte de França e das outras cortes estrangeiras. D. José não se mostrou nesta política menos zeloso do que o seu esclarecido progenitor.

Conhecem-se pelos documentos o número e destino das peças adquiridas e bem assim os episódios do trato difícil entre os artistas e os agentes portugueses encarregados de efectuar as compras.

Se o nosso Museu não possui, infelizmente, amostras dos quadros, das gravuras, das tapeçarias, dos tecidos, das joias, dos móveis, etc., que nessa altura vieram em grande quantidade para o País, por



«Templo em ruínas», de Hubert Robert (1733-1808), quadro adquirido em 1921 na Galeria Colnaghi, em Londres

ção do antigo Museu de Belas Artes, era composto principalmente por painéis de assunto religioso, que haviam pertencido às igrejas e aos conventos extintos.

Deve-se à rainha D. Carlota Joaquina e ao rei D. Fernando de Saxe Coburgo a incorporação de muitas espécies de temas profanos que deram novo aspecto à Galeria.

Provenientes do espólio da Rainha, figuravam as duas excelentes telas, representando assuntos marítimos, pintadas por Claude-Joseph Vernet, antes colocadas no Palácio do Ramalhão.

Com o dinheiro que o rei D. Fernando deu, de 1865 a 1868, o Museu pôde adquirir várias pinturas francesas entre as quais o representativo quadro de Nicolas Poussin — «Filisteus atacados de peste», do qual existem variantes, e o aparatoso retrato do Cardeal de Polignac, por Hyacinthe Rigaud. De ambos era possuidor o diplomata e coleccionador, Jorge Housson da Camara. (Conf. Marquês de Sousa Holstein — «Prelúdio ao catálogo provisório da Galeria Nacional de Belas Artes», Lx.ª 1868; Ernesto Soares — «El-Rei D. Fernando II, artista», 1952. Pág. 11).

Pelas verbas do legado Valmor, foram incorporadas, nos anos de 1913, 1914 e 1915, algumas obras importantes, tais como as «Cenas da Educação de um Príncipe», cuja atribuição a Charles Alphonse Dufresnoy não está ainda perfeitamente assente; Jean-Honoré Fragonard, «As duas Primas»; e o quadro de Charles Antoine Coypel que representa «Meleagro oferecendo a Atalanta a cabeça do javali de Cálidon».

Na venda da colecção Ameal, em 1920, o Museu adquiriu a «Cena galante num parque», pintura excepcional que, só com reservas, pode ser atribuída a Pierre-Antoine Quillard. Foi notório o papel que esta obra desempenhou na discussão suscitada a propósito da compra pelo Museu do Louvre de duas telas atribuídas a Watteau, tendo contribuído também para pôr em relevo a actividade, ainda mal definida, daquele apreciado gravador, retratista e autor de painéis religiosos que se guardam no Convento de Mafra e na igreja de S. Pedro de Alcantara.

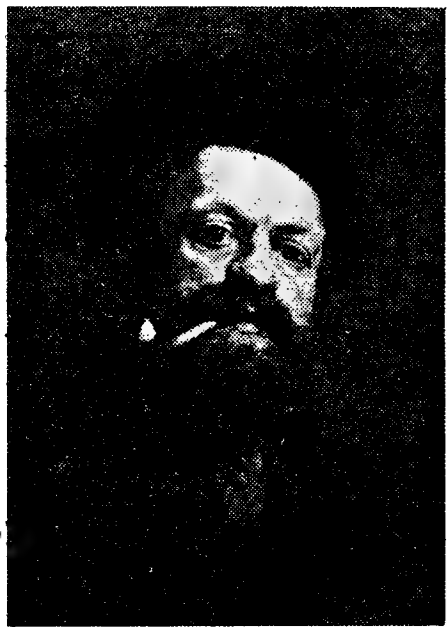
Da colecção Burnay, vendida em 1936, provieram algumas obras valiosas, entre as quais o aparatoso retrato de Luís XIV, sentado; o pequeno e formoso esboço de Van der Meulen, que já um dia foi dado sem justificado fundamento a René-Antoine Houasse, e dois grandes quadros de interesse decorativo de Antoine Coypel e de Louis Jean François-Lagrenée.

Outras obras expostas ou guardadas foram adquiridas pelo Estado ou oferecidas por particulares, como por exemplo as pinturas de Subleyras, de Jean Pillement, de Pierre Mignard, de N. A. Taunay, as duas últimas doadas, respectivamente, pelo

por

JOÃO COUTO

director do Museu
Nacional
de Arte Antiga



«O homem do cachimbo», de Gustave Courbet (1819-1877), oferecido ao Museu pelo sr. Calouste Gulbenkian



Retrato do Cardeal de Polignac por Hyacinthe Rigaud (1659-1743)



«Meleagro oferecendo a Atalanta a cabeça do javali de Cálidon», de Charles Antoine Coypel (1694-1752)



Estatueta de prata dourada, da autoria de Ambroise-Nicolas Cousinet (1710-1788)

muitas delas se haverem perdido, ele guarda ainda parte importante das peças executadas pelos ourives das oficinas parisienses, tais como os Germain, principalmente François-Thomas, e por outros oficiais não menos alçados.

O conjunto do Museu é notável pela qualidade, dimensões e variedade das espécies e pelo número de artistas que intervieram no seu fabrico. De alguns deles, as obras são raras, como sucede, por exemplo, com as de Nicolas-Ambroise Cousinet, autor das dezasseis figurinhas de prata dourada, que pertenceram ao duque de Aveiro e hoje se contam entre as obras-primas do mestre.

Depois da prata, sobressaem na colecção as pinturas que formam um agrupamento heterogénio, nem por isso desprovido de obras de merecimento.

O núcleo mais importante de quadros que constituía o fundo inicial da colec-

LICÉÉ FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

AVENIDA DUARTE PACHECO

57022

Telef. 56100

56109

LISBONNE

UMA REPORTAGEM QUE TEM MEIO SÉCULO

Há cinquenta anos Lisboa republicana recebeu em apoteose Emílio Loubet presidente da República francesa

Quando se fala das relações luso-francesas através da história contemporânea, não pode esquecer-se um episódio marcante no quadro das afinidades entre as duas nações, episódio que ficou também ligado, de certa maneira, aos tempos que precederam o advento do regime republicano em Portugal: a visita a Lisboa de Emílio Loubet, presidente da República francesa.

Não foi essa visita apenas um acontecimento político de invulgar relevo, na acepção mais lata do termo, porque teve também repercussões e efeitos na revelação dos sentimentos populares em favor da ideia republicana. Estávamos no ano de 1905. A Monarquia, duramente atacada, principiava a enfrentar uma propaganda ardorosamente conduzida, desde os recantos mais íntimos da alma popular às mais espetaculosas manifestações públicas. Ao receber, sob um Outono de Sol radioso, um presidente da República da França, o povo de Lisboa deu largas à expansão das suas ideias e vitorizou o nosso hóspede em termos particularmente significativos.

Quando o «landeau» aberto passava, com Loubet sorridente e cordial, pelo Chiado ou pela Avenida, pelo Rossio e pela Praça do Comércio, o povo não se continha e os vivas à República (francesa, evidentemente), irrompiam como clamores incontíveis das massas humanas, por detrás de densos cordões de Polícia. Foi, na verdade, um acontecimento que se repercutiu, por largo tempo, não só na opinião pública, como nos sectores responsáveis pela governação e pela sobrevivência da Monarquia.

Três Ordens, estava na estação, acompanhado por seu irmão e por seus dois filhos, por todo o Governo e pelas mais altas personalidades da vida nacional. Quando o comboio estacou, o presidente Loubet, de sobrecasaca, chapéu alto e a banda da Legião de Honra, desceu da carruagem. Trazia o melhor dos seus sorrisos, tão popular nessa época. O ministro da França em Portugal sr. Rouvier, aproximou-se reverente. Os dois chefes de Estado apertaram a mão cordealmente. Trocaram-se mais alguns cumprimentos. O presidente sorriu, em especial, para os príncipes, enquanto escutava a «Marselhesa» executada pela banda da Guarda Municipal. Depois, todos se dirigiram para a saída da estação, onde um dos mais ricos coches do museu de Belém aguardava o nosso hóspede. Ali, já havia multidão comprimida. E começaram as manifestações, conduzidas no sentido do aplauso à ideia republicana. Loubet agradecia as aclamações com uma discrição muito diplomática. O rei D. Carlos parecia não ligar ao caso a importância que outros lhe queriam atribuir. Os dois

Escoltavam o coche, não só a Guarda Municipal, como os regimentos de Cavalaria, 2 e 4, na sua totalidade de efectivos, formando um extenso cortejo de tropas a ladear os carros que precediam o dos dois chefes de Estado. À chegada a Belém, onde a Praça Afonso de Albuquerque, era um mar de gente, foi outra apoteose de lirante, sem que se registasse o menor incidente. Mas o coche entrou finalmente no palácio, onde Loubet pôde repousar algumas horas, das fadigas da viagem e das emoções produzidas pela sua chegada a Lisboa. E a Polícia descansava também das inquietações que aquele dia lhe trouxera...

Depois de um almoço íntimo, o presidente francês dirigiu-se ao palácio das Necessidades, para cumprimentar a rainha D. Amélia, com quem teve uma cordial entrevista, na presença de D. Carlos e de seus filhos. Acompanhado pelos reis de Portugal, Loubet abandonou as Necessidades, em «landeau» aberto, e dirigiu-se à Sociedade de Geografia, onde se efectuava a primeira recepção. Na vasta Sala Portugal, a rainha tomou a presidência, num pequeno estrado, um alto docel de veludo «grenat», encimado pelo escudo nacional e ladeado por duas grandes bandeiras da França. Loubet, já então de fraque e chapéu de coco, sentou-se à direita da soberana; D. Carlos ficou à esquerda. Sala repleta.

significativos entre os dois chefes de Estado, «afirmações tendentes — como escreveu um jornalista — a ligarem de uma vez para sempre Portugal e a França, mãe espiritual das nações latinas».

Nesse mesmo dia, uma comissão de jornalistas portugueses, presidida por Magalhães Lima e formada por Rangel de Lima, Abel Botelho, Lorjô Tavares, António Chaves, Tavares de Melo e Alfredo Mesquita, principiava a dar cumprimento a um programa de homenagens aos jornalistas franceses e de outros países, que se tinham deslocado a Lisboa por motivo da viagem presidencial.

Em Sintra, com a aristocracia portuguesa

No dia seguinte, Loubet tomou contacto com algumas figuras gradadas da aristocracia portuguesa, durante um almoço que os reis lhe ofereceram no palácio da vila, em Sintra.

A viagem fez-se em camião de ferro, e, desde a estação de Sintra até ao paço da vila, em carruagem aberta, puxada a uma parelha. O presidente subiu a escadaria do palácio, dando o braço à rainha D. Amélia, enquanto o Orfeão Infantil entoava a «Marselhesa» — pormenor que comoveu, por forma visível, o nosso hóspede. A multidão, contida ali a uma apreciável distância, aplaudia com entusiasmo.

Antes e durante o almoço que os reis de Portugal lhe ofereceram, o presidente Loubet teve ensejo de conversar com alguns dos vultos mais representativos da aristocracia portuguesa: o marquês de Soveral, a marquesa do Faial, a condessa de Figueiró, os condes de Sabugosa, o visconde de Asseca, a marquesa de Alvíto, o conde de Arnoso...

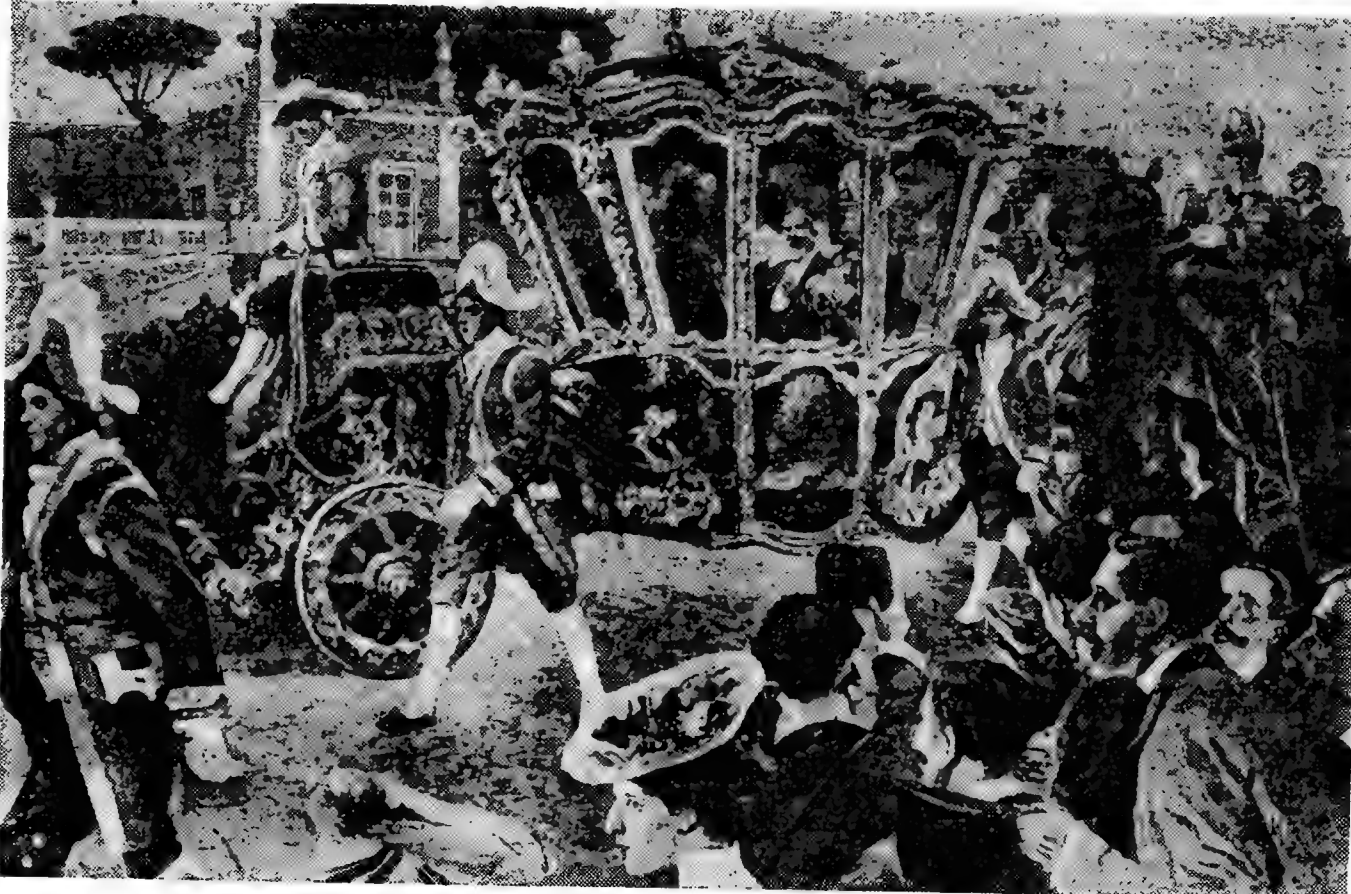
Estava igualmente presente um jovem oficial de Marinha, ligado à vida da Corte e que se evidenciaria mais tarde no regime republicano — o então 1.º tenente Jaime Daniel Leote do Rego.

O presidente Loubet, com a sua natural distinção de maneiras, aliada a um feitio tálhado nos moldes clássicos da democracia, encantou quantos o conheceram, quer pelo seu fino trato quer pela afabilidade irradiante da sua pessoa. Pode dizer-se que a fina flor da Monarquia apreciou sinceramente o presidente republicano... O dia de Sintra, que terminou com um passeio ao castelo da Pena, marcou um acontecimento de relevo e de particular significado na visita presidencial.

Tomando de novo o comboio, Loubet desceu às 16 e 40, na estação de Santos, de onde outro carro aberto o conduziu à legação da França, para receber a colónia do seu país. Houve um «garden-party» que assumiu grande importância. A legação já então se encontrava instalada no mesmo palácio onde está hoje a embaixada — o belo solar dos marqueses de Abrantes. Centenas de pessoas. Ambiente de requintada elegância. Loubet ouviu duas saudações breves — uma, lida pelo sr. Henry Mouton, em nome da colónia, outra pelo sr. Douan, presidente da Câmara de Comércio Francesa, na qual se solicitavam os bons ofícios do presidente em favor do estreitamento das relações comerciais entre os dois países. Loubet agradeceu e disse que «a aproximação luso-francesa, em todos os campos, era de há muito um dos seus objectivos». Depois, a colónia ofereceu ao presidente lindas lembranças e, por último, a sr.ª Barrault ofereceu-lhe um precioso leque executado pela sr.ª D. Maria Amália Bordaño Pinheiro.

Conversou-se animadamente. Toda a gente queria apertar a mão ao simpático ancião e confessava-se encantada. O presidente percorreu algumas dependências do palácio e demorou-se especialmente na Sala dos Pratos, cujo teto é todo forrado de louça da Índia e do Japão. Entretanto anoite-

(Continua na página seguinte)



O presidente Emílio Loubet, ao lado do rei D. Carlos, corresponde às aclamações da multidão, em frente do palácio de Belém, no dia da sua apoteótica chegada a Lisboa

A cinquenta anos de distância, não deixa de ser curioso reeditar uma reportagem que tem meio século de existência, mas da qual ainda muita gente se recorda.

O primeiro discurso de Loubet em Lisboa

Vindo de Madrid, em comboio especial, o presidente Loubet, acompanhado por um luzido séquito e, desde a fronteira, por dois membros do Governo português — Eduardo Villaça e D. João de Alarcão — chegou à estação do Rossio às 11 e 30 do dia 27 de Outubro de 1905. Teve uma recepção particularmente brilhante. O rei D. Carlos, vestido de general, com capote de plumas brancas e a banda das

chefes de Estado subiram para o coche. Criados, de calção e meia, ladeavam o carro a pé. À estribeira, o general comandante da Guarda Municipal, impassível, ante a multidão entusiasmada. O cortejo pôs-se em marcha a caminho do palácio de Belém. Em todo o percurso, foi uma apoteose. Locais houve onde os cordões de Polícia não puderam conter a multidão. E o povo chegou quase até junto do coche. O presidente Loubet, avisado pelo seu ministro em Lisboa, do estado de espírito que viria encontrar na população portuguesa, limitava-se a sorrir e a acenar, lentamente, com o seu luzido chapéu alto, na direcção daqueles que o aclamavam, vitorizando nele também a ideia da República que estava apenas a cinco anos de despontar em Portugal.

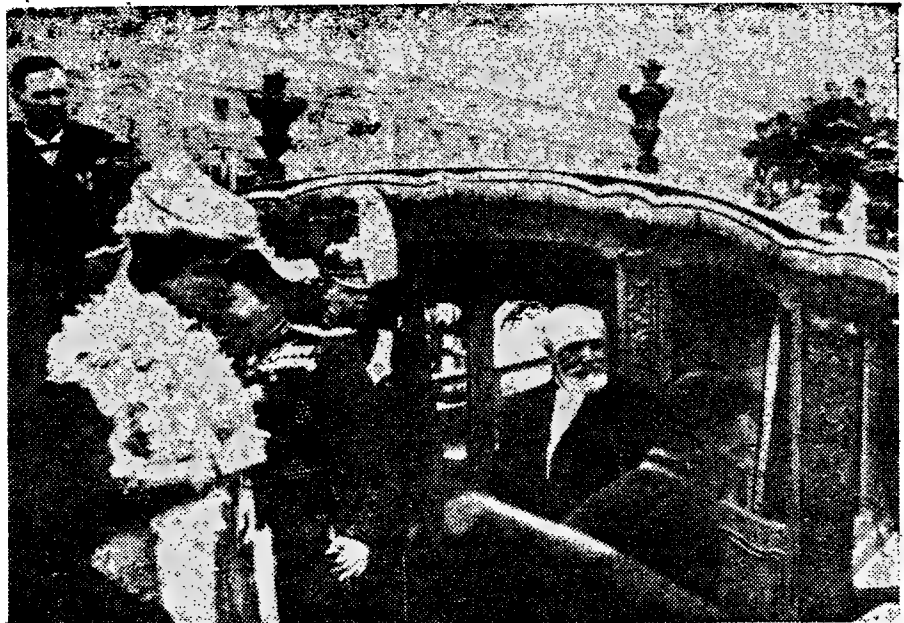
Falou o almirante Ferreira do Amaral.

O presidente respondeu de improviso. Duas frases de Loubet: «A minha visita a Portugal não representa apenas a comunhão de duas nações coloniais, mas também a existência de laços que interessam a humanidade inteira».

Outra afirmação: «A França saberá ser grata pela forma como Portugal recebeu o seu presidente da República».

Depois, Loubet percorreu as salas da Sociedade de Geografia e, sempre em carruagem aberta, passeou com os reis pela Avenida, no meio de novas e calorosas manifestações populares.

À noite, houve banquete de gala no palácio da Ajuda. Compareceu todo o mundo oficial. Brindes amistosos e



Ao abandonar a capital portuguesa, Loubet, acompanhado por D. Carlos, D. Amélia e D. Luís Filipe, embarca na galeota real que o conduziria ao couraçado «Leon Gambetta».

Loubet em Lisboa

(Continuação da página anterior)

ceu e acenderam-se as iluminações, a capricho, nos jardins, com focos de luz de todas as cores a penetrar na frondosa arborização. Em uma das paredes exteriores, voltado para o Tejo, onde já se encontrava o couraçado francês «Leon Gambetta» — que chegara para conduzir o presidente de regresso à sua pátria — refulgia um grande escudo com as armas da República Francesa em lampadas vermelhas.

Depois de um jantar íntimo em Belém, o presidente seguiu com os reis para Cascais, cuja baía oferecia um efeito surpreendente com a esquadra portuguesa iluminada em gala e os montes vizinhos recamados de luzes multicores. Antes da meia-noite queimou-se um dos mais surpreendentes fogos de artifício que se tem visto no nosso País.

O presidente teve então este comentário para o rei D. Carlos:

— Isto é um cenário das mil e uma noites...

«Convido Vossa Majestade a visitar Paris»

No dia 29 — dia da partida de Lisboa de regresso a França — o presidente foi, de manhã, à Câmara Municipal, despedir-se da cidade de Lisboa. Receberam-no todo o Governo e a vereação com o seu estandarte. Na Praça do Município reboaram, de novo, aclamações estrondosas. Foi uma das maiores manifestações que o nosso hospede recebeu.

Dali, o presidente Loubet dirigiu-se em carruagem aberta para o Terreiro do Paço, a fim de embarcar no couraçado «Leon Gambetta» fundeado ao largo. Numa tribuna, ao cimo do Cais das Colunas, aguardavam-no toda a família real e as mais altas figuras da vida nacional.

Loubet, novamente de sobrecasaca e chapéu alto, despediu-se do Governo e das personalidades mais em evidência. Formou-se depois um pequeno cortejo até ao ponto de embarque. O presidente saiu da tribuna, levando pelo braço a rainha, toda vestida de branco. À esquerda ia o rei D. Carlos, fardado de almirante. Depois, o infante D. Afonso, os príncipes e o ministro da França. As janelas dos ministérios regorgitavam e a multidão, ao longo da muralha, aclamava em delírio. Havia milhares de lenços a acenar. Foi um momento inolvidável.

A galeota real rebrilhava nas suas maravilhosas obras de talha e de metais. Entrou primeiro a rainha, depois Loubet, logo o rei e o resto da família real. O último a entrar foi o ministro da França. Os remadores, de remos ao alto, hirtos como estátuas, faziam a saudação da ordenança. No meio do rio, os navios da esquadra portuguesa e o «Leon Gambetta» salvavam, com as guarnições formadas. Soltaram-se os cabos e os remadores, em movimentos certos, arrancaram com a galeota de rumo ao «Leon Gambetta». A bordo do couraçado francês — quando a rainha D. Amélia chegou, com a sua imponente figura, ao patim superior da escada do portaló — a banda do navio atacou o Hino da Carta logo se-

guido dos acordes da «Marselhesa». De dezenas de barcos que haviam escotado a galeota real, partiam aclamações vibrantes, enquanto os dois chefes de Estado passavam em revista os marinheiros franceses.

Seguiu-se um almoço em honra dos reis de Portugal, oferecido pelo presidente da França nos seus aposentos. Brindes curtos, mas muito expressivos, Loubet saudou Portugal e os seus soberanos, disse que nunca poderia esquecer a visita a Lisboa, e, ao terminar, antes de levantar a sua taça pela Nação portuguesa e pelos seus soberanos, afirmou:

— «Tenho uma grande honra em convidar Vossas Majestades a visitar Paris!».

D. Carlos agradeceu, também num elegante improviso, fez o elogio da França e disse aceitar o convite:

— «Terei uma grande honra em visitar Paris brevemente!».

Eram 15 e 30. Os reis saíram de bordo. Loubet veio ao portaló. Quando a galeota se afastou, o presidente curvou-se reverente e dirigiu aos soberanos o seu último sorriso para Portugal e para os Portugueses. Meia hora depois, saudado por toda a esquadra portuguesa, com o ribombar das salvas, o «Leon Gambetta» navegava de rumo à barra...

Tinha-se encerrado um capítulo histórico nas relações luso-francesas, página que D. Carlos acrescentaria, poucos meses passados, com a sua viagem oficial a Paris, acontecimento que se revestiu igualmente de um alto significado político.

Doze anos depois, em plena Grande Guerra, iria a França, pela primeira vez, um presidente da República portuguesa: o dr. Bernardino Machado. Junto de Poncaré, que o acompanhou sempre, o presidente de Portugal entregava a Torre e Espada à cidade mártir de Verdun, a poucos quilómetros da frente de batalha, ao som lugubre do troar do canhão.

Continuava assim a escrever-se a história das relações de boa amizade entre Portugal e a França...

As relações económicas entre a França e Portugal

por MANUEL BELLO

A França ocupa, desde longa data, um dos primeiros lugares entre os países com quem mantemos mais intenso intercâmbio comercial.

Quer como consumidores dos nossos produtos de exportação, quer como fonte abastecedora dos artigos que normalmente importamos, o mercado francês, no período que antecedeu a última guerra, colocava-se quase sempre em terceiro lugar — logo depois da Inglaterra e da Alemanha.

Esta situação alterou-se consideravelmente nos anos que se seguiram à guerra. O estado de depauperamento em que se encontravam os países da Europa, e os próprios esforços de reconstrução que, necessariamente, tinham em vista, em primeiro lugar, os aspectos económicos internos, tornavam impossível o pronto restabelecimento das antigas correntes comerciais.

Deram-se, por isso, sensíveis modificações na estrutura do comércio externo português, das quais resultou a ascensão dos Estados Unidos ao primeiro lugar entre os países de origem das nossas importações.

Por outro lado, na Europa Ocidental era a Bélgica o país que se encontrava em condições mais favoráveis para reatar prontamente as relações comerciais com os mercados externos, o que lhe permitiu, no que se refere ao intercâmbio com Portugal, ocupar, em larga medida, o lugar deixado vago pela Alemanha, passando assim a ter uma posição superior à da França.

Fianlmente, a partir de 1951 a Alemanha iniciava, com extraordinária rapidez, a recuperação das suas antigas posições nos mercados mundiais, conquistando de novo o segundo lugar entre os países fornecedores do nosso mercado — praticamente equiparada à Bélgica, segundo os resultados de 1953, e tendo acima de si apenas a Inglaterra. Os Estados Unidos, mercê das medidas restritivas das importações da zona do dólar adoptadas em Portugal, passavam para o quarto lugar, também em 1953, figurando a França na quinta posição.

Como mercado de destino das nossas exportações, a França ocupou igualmente o quinto lugar, no ano findo, antecedida dos quatro países acima mencionados.

Observando a composição das nossas importações de origem francesa, verifica-se que elas são da mesma natureza que os fornecimentos feitos pelos outros grandes países industriais da Europa Ocidental. Assim, vem em primeiro lugar o ferro e o aço batido ou laminado e em obra. Seguem-se os aparelhos e as máquinas industriais e uma grande variedade de outras manufacturas. Os automóveis constituem também verba importante, embora bastante menor que no caso da Alemanha e da Inglaterra, tendo atingido, no entanto, 1.073 unidades no ano findo, no valor de 35.367 contos. É igualmente digna de nota a importação de antibióticos de origem francesa que, em 1953, se elevou a 16.000 contos.

Pelo que se refere às exportações portuguesas para França, os artigos que mais avultam nos registos estatísticos são as pirites, o vinho do Porto, as conservas de peixe e a cortiça em bruto e em obra.

Também se faz uma interessante exportação de amendoas secas e de ananazes, e de tecidos de algodão, sobretudo, destinados a Marrocos e outros territórios franceses do Norte de África. Com valores menores, vendemos ainda grande número de outros produtos que se torna impossível discriminar.

O valor total das nossas exportações para França desceu um pouco, de 1952 para 1953, passando de 288.964 contos para 216.009 contos. Para este resultado contribuíram, em primeiro lugar, as pirites que baixaram de 193.593 toneladas para apenas 66.703 no ano findo. Estes números são, aliás, muito inferiores aos do período anterior à guerra; em 1939 tinhamos, com efeito, exportado para França 39.302 toneladas de pirites.

O vinho do Porto exportado para França no ano findo atingiu um volume sensivelmente igual ao de 1952 (36.419 hectolitros contra 39.736). Contudo, também neste caso as quantidades exportadas ficaram muito aquém das que se verificavam no período anterior à última guerra. Em 1939 venderamos, de facto, para França 56.080 hectolitros de vinho do Porto.

As sardinhas em conserva melhoraram um pouco a sua posição em 1953, atingindo 2.617 toneladas, contra 2.350 no ano anterior. Todavia, estamos ainda longe das 3.350 toneladas vendidas em 1939.

A França figura, como se sabe, entre os países da Europa que mais lenta e dificilmente se têm adaptado aos programas de liberalização das trocas comerciais inter-europeias, postos em prática pela Organização Europeia de Cooperação Económica. A percentagem de liberalização das importações francesas foi há pouco consideravelmente aumentada, mas mantem-se ainda em cerca de 50 %, quando os restantes países já quase todos ultrapassaram os 75 %.

A maior parte dos produtos fundamentais da nossa exportação, como os vinhos, as conservas, a cortiça e os tecidos de algodão, não figura ainda nas listas dos artigos liberalizados, pelo que a sua importação em França está sujeita aos contingentes fixados nos acordos comerciais. As dificuldades relativas à administração destes contingentes, ao seu rateio entre os interessados e à obtenção das licenças de importação, não têm sido por certo estranhas ao facto, acima assinalado, de não ter a exportação portuguesa para França atingido ainda os níveis normais do período anterior à última guerra.

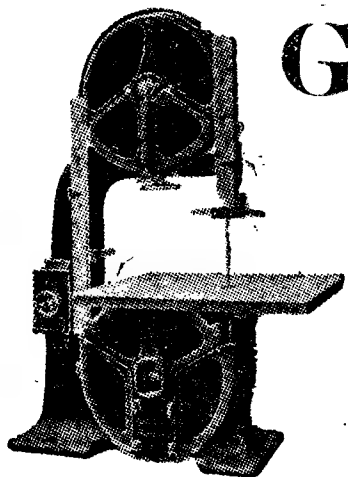
Pelo contrário, a importação em Portugal de produtos franceses está, desde há alguns anos, quase completamente liberalizada. Como se sabe, a forte posição credora do nosso País na União Europeia de Pagamentos tem levado as autoridades portuguesas a facilitar por todos os modos as nossas importações provenientes dos países europeus.

Assim, tem-se verificado um acréscimo constante dos valores totais das nossas compras em França, que passaram de 396.964 contos, em 1950, para 510.092 contos no ano findo. Como a evolução das nossas vendas tem sido inversa, o saldo negativo da balança comercial de Portugal Continental com a França passou de 142.723 contos, em 1950, para 293.993 contos em 1953.

Pelo que se refere ao intercâmbio com os nossos territórios ultramarinos, os números que já conhecemos, relativos ao ano findo, levam-nos a crer que deve ter havido um «superavit» a nosso favor, o qual, porém, não poderá certamente compensar o forte «déficit» comercial acima apontado.

No momento presente, anuncia-se uma melhoria substancial da posição da França na União Europeia de Pagamentos, resultante de uma diminuição considerável dos seus saldos devedores. Ao mesmo tempo, aumentaram as reservas francesas de dólares, de modo a afastar as agudas preocupações e dificuldades da balança de pagamentos que se sentiram nos anos anteriores.

Estas circunstâncias, aliadas aos compromissos internacionais assumidos pela França no sentido de alargar ainda mais a liberalização das suas trocas com os restantes países europeus, levam-nos a crer que as exportações portuguesas encontrarão brevemente maiores facilidades no mercado francês. Assim se poderão consolidar e desenvolver as relações económicas luso-francesas, que tão importante papel desempenham como elemento de ligação e de aproximação entre os dois países.



GUILLIET

MÁQUINAS PARA MADEIRA DE FAMA MUNDIAL

Fábrica em AUXERRE (FRANÇA)

Casa fundada em 1847

MOTORES FERRAMENTAS ACESSÓRIOS

Filial Portuguesa:

GUILLIET, L.^{DA}

Rua Dona Filipa de Vilhena, 10-B, 10-C

LISBOA

Dos Santos Mártires de Lisboa

ao palácio da embaixada da França

— por Gustavo de Matos Sequeira

Estamos na rampa de Santos. Vê o leitor um alto muro colorido que se agarra à igreja. O arvoredado que espreita sobre ele para o nosso velho Aterro, num intrometido ruralismo urbano, cerca e refresca o nobre casarão seiscentista que é hoje o solar da Legação de França.

O que isto é agora! O que isto foi! Há dezasseis séculos era um montículo áspero descaindo violentamente sobre a praia. Dezasseis séculos? Será possível? A estas duas interrogações responde a memória dos livros, e conta-nos uma longa história que o lisboeta não suspeita ao passar por aqui, a sessenta e hora, refastelado num automóvel. Lisboa era então, na era de César, de 307, um núcleo castrejo acunhado num cabeço ao Oriente.

Inocaram, este sítio de Santos, debruçado sobre o Tagus, viu um dia uma nave dos dominadores de Roma trazer-lhes três cristãos, três mártires voluntários, que vinham oferecer-se às ferocidades de Diocleciano e de Galério. Eram Veríssimo, Máxima e Julia, filhos de um senador romano, aos quais um anjo anunciador ordenara a viagem para que aqui viessem padecer o martírio. Julgados pelos pagãos e condenados à morte, depois de cruéis suplícios, não os quis o mar aonde os lançaram, e os corpos, devolvidos à terra pelas águas, foram recolhidos pelos cristãos às ocultas dos perseguidores, transmutando-se os despojos em matéria de Fé.

Correram largos anos. O Tempo, na sua carreira impetuosa, passou por Inocaram: Os santos mártires, durante oito séculos de assolações, conquistas, lutas de fés diferentes, nunca deixaram de valer aos cristãos, contra os bárbaros do Norte e os Muçulmanos do Sul. Estes destruíram-lhe o rude templo erguido pela piedade cristã.

Quando Afonso Henriques se apossou da Lizbuna moirisca e destruiu as hordas do Crescente, catou as reliquias de Veríssimo, Máxima e Julia e ergueu-lhe novo templo, doando-o aos seus ajudadores — os freires de São Tiago; mas as lutas prosseguiram e, depois da conquista de Alcácer do Sal, os freires acolheram-se a Mértola e, a seguir, a Palmela. A casa de devoção dos Santos — primeiros patronos de Lisboa, antes mesmo de São Vicente — passou para as donas dos arduos cavaleiros. (Em 1230 doa-se-lhe o tugurio devoto da ribanceira de Santos (já assim se chamava a vetusta Inocaram dos Romanos), e a primeira Comendadeira fica a reger o mosteiro das Donas. Sobre os milagres acontecidos — e muitos eram — encontra-se então a arca de pedra que guardava os despojos dos mártires, e principiam a aparecer, na praia e ao redor do Mosteiro Afonsino que se restaurara e enorandecera, pedrinhas rolaças pintadas de vermelho e os pomos das fruteiras da cerca, manchados do sangue dos Mártires. A fé recrudescer.

E assim que as velhas crónicas contam a lenda dos santos Mártires de Lisboa.

Quando do cerco do rei Henrique de Castela, e do que pôs a Lisboa, D. João, seguidamente, a Casa das Donas de São Tiago ficou quase destruída. O arraial dos Castelhanos fixara-se a

sua volta nas ultimas tentativas para a conquista da chave do reino que o nosso Mestre de Aviz tão bem soube defender. E as freiras mudaram-se para o Paço do Limoeiro. Era, então, comendadeira de Santos Inês Pires, a mãe do 1.º duque de Bragança. Devoto dos Santos Mártires, o nosso D. João II quis dar às Donas de São Tiago

Ali, no Paço de Santos, tomou D. Sebastião a sua última refeição na Pátria, antes de embarcar para a expedição aventureira que levou à jornada nevoenta de Alcácer Quibir...

go melhor moradia e escolheu para ela o sítio de Santa Maria do Paraíso. Em 1490, as freiras para lá passaram e, mais tarde, para o convento que lhe sucedeu e a que ainda hoje se chama Santos-o-Novo.

A Casa dos Santos da Boavista, que passou a nomear-se de Santos-o-Velho, pouco tempo ficou desocupada. Os seus eirados, donde os mestres menos assustados de 1384 tinham assistido àquele famoso passo, onde brilhou a espada de Nuno Álvares contra

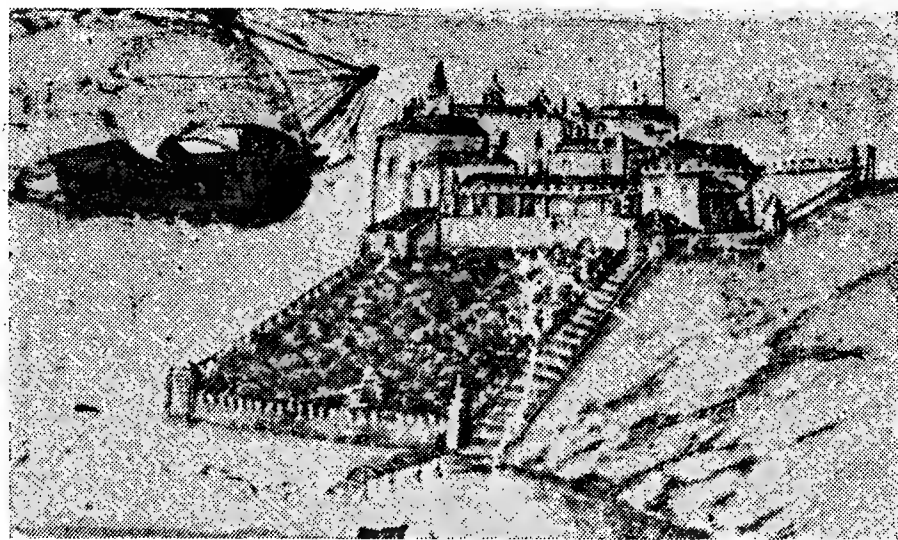
uma ousadia do invasor e que Fernão Lopes conta com tanta grandeza, e onde outros, mais tarde, teriam visto o Príncipe Perfeito rejeitar aos encrespados das águas do Tejo a pedra que o cardeal de Alpedrinha jurou que não lhe acertaria — tão carregado vira o sobrecenho do monarca, a uma observação do duque de Bragança, iriam ter em breve um novo senhor, Fernão Lourenço, o opulento feitor da Casa da Mina, que apeteceu o cenóbio abandonado entre os olivedos e



Panel dos Santos Mártires de Lisboa, pintura sobre tábuas, quinhentista, que foi da coleção Ameal e pertence actualmente ao sr. Vasco Bensaude. O edifício que faz fundo à figuração é o Paço da Ribeira, como devia ser no século XVI

vinhas da Boavista, com as suas varandas-mirantes e as suas janelas nobres de ponta de lança.

Houve, porém, não muito depois, outra personagem de maior relevo que o apeteceu também. Nada menos que o Rei Venturoso. Pelas suas recomendações ao Senado da Câmara, vê-se que o local lhe merecia uma atenção especial, e que já o escolhera para receber uma embaixada veneziana, em 1501 e, de aí a pouco, a pousada das Donas de São Tiago tornava-se em paço real, melhorava-se com obras de vulto o adorno manuelino de João de Castilho, enriquecia-o, e entrou na vida cortesã como pousada de Verão. Aqui se representaram o Auto da Fama e a Comédia de Rubena, do grande Gil Vicente que ainda há quem teime que foi ourives, aqui se deram festas pagãs de grande tomo, saraus, recepções, banquetes e, de uma das suas varandas, de largo panorama sobre o rio e a Outra Banda, caiu uma tarde o príncipezinho D. João que haveria de ser o terceiro do nome, como rei de Portugal.



O Paço de Santos, segundo a «vista» de Simão Beninc, numa iluminura existente no Museu Britânico, alusiva à geração dos Reis de Portugal. É a única representação conhecida deste palácio

O «Desejado» habitou este paço arrabalдино, entre vinhedos, olivais e hortas, já encostado ao novo templo dedicado aos Santos Mártires que o Cardeal Rei veio a reedificar, mas não estava lá quando houve aquela tremenda explosão de pólvora nas teras de Santos, a 13 de Dezembro de 1576, que abalou e arruinou grandemente a pousada realenga, esmagada debaixo de uma chuva de pedras. Diz a lenda que o infortunado soberano que neste paço morava, quando dos aprestos finais para o jornada de África, teve o seu ultimo almoço na Pátria, servido a uma mesa que hoje se encontra no terraço do palácio, toco troço de pedra a que esta tradição dá uma pincelada de saudade e de pena. Na igreja de Santos ouviu ele missa na manhã da partida. Nas margens do Lucus, tudo acabou.

As Comendadeiras de Santos, com a casa tão tristemente vaga, venderam-na depois, por 10.000 cruzados a D. Luís de Lancastre, o que prova que de novo tinha passado à sua posse, não se sabe bem como; mas a venda só mais tarde foi ratificada, em 1629, a favor de D. Francisco Luís de Lancastre, filho do primeiro comprador. Estava a casa bastante arruinada. Consertou-se. Ali habitaram seguidamente muitas gerações desta nobre família. O terramoto fez-lhe-a, decerto, malefícios, e a fisionomia do sítio mudou mais uma vez. Rompeu-se, através da quinta, a actual calçada que se chama do Marquês de Abrantes, tão mesquinha era para o trânsito a velha Rua Direita da Esperança, a praia de Santos entrou a ser habitada, fustigando o Tejo para o largo, aninharam-se outros conventos e pousadas em derredor do antigo Mosteiro e a fábrica de José Ossti, o famoso piro-técnico, ali fundou a primeira fábrica de fósforos que houve em Lisboa.

No Paço de Santos, tornada residência de fidalgos, viveu a imperatriz viúva duquesa de Bragança, D. Amélia, de 1840 a 1847, e, em 1853, a infanta D. Ana de Jesus Maria, duquesa de Loulé, e os Lancastres, que lá residiram de quando em quando, acabaram por o ceder, por aluguel, à Legação da França.

Sucessivas obras de restauro desfiguraram o edifício, que foi mosteiro, paço e pousada de grandes figuras lisboetas. O perfume do passado esvai-se de ano para ano, e a vida de agora despoetiza-o. As ruínas da velha ermida da ribanceira, onde se ia catar a terra da sepultura dos Santos Mártires, para curativo de males do corpo e da alma, perdem-se no arranjo moderno do montículo do tempo dos Romanos.

Os seus azulejos histotizados, os seus painéis de fina pintura perderam-se, talvez, as lembranças da espada de Nuno Álvares fuzilando entre a turba dos castelãos a figura do moço D. Sebastião, espreitando dos varandins do paço as naus e galés que haviam de o levar à perdição; o recorte do retrato de Verão onde João de Castilho deixou os sinais da sua arte, a lembrança das Donas de São Tiago, tudo isto apenas vive na nossa imaginativa.

É impossível pensar em Tarquínio e em Galério, em martírios pagãos, em vidas claustrais, em festas cortesãs, nos autos de Gil Vicente ou nas seroadas fidalgas, olhando para o alto da ribanceira, na passagem fugaz de um automóvel de luxo ou de um «eléctrico» da Carris...

Sociedade Portuguesa de Streetite, Limitada

Antiga Soc. Port. de Cheddite, Lda.

Fundada em 1911 por Eugène Béraud

Explosivos - Cápsulas - Rastilhos

Sede: Praça do Município, 19, 3.º - Lisboa

Fábrica no Lavradio

O esforço militar português

em terras de França durante a guerra de 1914-18

por FARIA AFONSO

Secretário-geral da L. C. G. G.



O monumento ao Soldado Português em La Couture

No decorrer dos oitocentos anos da nossa nacionalidade, são múltiplos os contactos entre Portugal e a França.

Desde o governo de uma provincia da Península por D. Henrique, conde da Borgonha e em 1097 do condado de Portugal, até aos nossos dias, encontramos em cada página da História ligações e afinidades que serviram á formação da nossa personalidade politico-geográfica e á sublimidade do amor pátrio que nos deu e nos mantém á independência secular. Seu filho, D. Afonso, foi o génio criador dessa independência.

Não admira, pois, que do seu espirito venha aos Portuguezes a inspiração das liberdades humanas, capaz de os levar á luta onde quer que se manifestem ameaças, presentes ou remotas, de extorsão ou de predomínio, atentatórias da sua soberania.

E é neste quadro, não noutro, que devemos considerar a participação de Portugal na Grande Guerra, em território francês, tomando-a puramente como fenómeno atávico ajudado pelas necessidades nacionais.

O esforço militar realizado por Portugal numa época que se ressentia ainda da mudança das instituições políticas, operada poucos anos antes, e em que se iniciava a maior convulsão social até então conhecida, arrastando sucessivamente para uma guerra cruenta e quiçá prolongada, de resultados imprevisíveis, a maioria dos Estados europeus, não pode negar-se que foi verdadeiramente notável em relação ás circunstâncias.

Olhando objectivamente a campanha em que tomou parte o Corpo Expedicionário Português á França, apenas esta, porque não teria propósito, no momento e para o fim em vista, uma referência, ainda que ligeira, ás operações desenvolvidas nas nossas principais provincias ultramarinas ou aos episódios da guerra no Mar, de

que aliás colhemos sólidos esteios para a conservação do nosso nome e do vo da presença das nossas tropas, constituído por um obelisco que a Cruz nosso património, sente-se a razão forte da presença dos soldados que nos foram representar na Flandres e ali cumpriram abnegadamente a missão que lhes cabia.

Embarcadas para França, em Fevereiro de 1917, as primeiras tropas portuguesas, constituía-se, dois meses depois, um Corpo de Exército de duas divisões; em Maio, a 1.ª Brigada ocupava o sector de Neuve-Chapelle, e o Q. G. da 1.ª Divisão passava a dirigir a defesa desse mesmo sector e a do de Forne du Bois, tendo como reserva uma brigada de infantaria britânica; em Julho, a defesa do sector de Fauquissart foi confiada, por sua vez, á 1.ª Divisão, que ficou, assim, com a responsabilidade de três sectores de brigada; e, finalmente, em Novembro, terminada que foi a instrução intensa das tropas, muitas delas já experimentadas em combate, e reconhecida a perfeita adaptação á guerra moderna, o Comando do Corpo tinha de facto e de direito um sector português na frente ocupada pelo Exército Britânico.

Foi ao longo dessa faixa de terreno alagadiço, defendida por Portuguezes, que ficaram colocados sete marcos oferecidos pela patriótica Comissão dos Padrões da Grande Guerra, em nome de Portugal, indicativos do máximo avanço do adversário. A inauguração do de Pont du Hem foi feita solenemente em 9 de Abril de 1923, cinco anos passados sobre a batalha de La Lys ou de Armentières. Os restantes seis ficaram localizados, respectivamente, 200 metros a Norte da Igreja de Locon; 1.600 metros a Nordeste de Hinges; 1.800 metros a Norte de Hinges, próximo do canal; 800 metros a Norte de Mont-Bernanchon; 800 metros a Nordeste de Robecq; e 500 metros a Sul da Igreja de St. Floris.

Em todos eles se distingue a legenda: *Ici fut repoussé l'envahisseur-Du Portugal*.

Naquele mesmo dia foi escolhido o local do reduto de Lacouture em que deveria erguer-se um monumento puramente português, de sentido artistico e de dimensões condizentes com o passo histórico que se pretendia assinalar, tendo Teixeira Lopes apresentado oportunamente a sua concepção, que foi aceite e teve o agrément do Governo francês. O descerramento desta obra de arte, já tão familiar ao grande publico, a propósito da qual, Briand, então ministro dos Negócios Estrangeiros, afirmou que *le peuple français gardera toujours une impérissable gratitude de la vaillante Armée Portugaise*, verificou-se em 11 de Novembro de 1918, num ambiente de verdadeira apoteose e de reconhecimento profundo pelo sacrificio e abnegação do soldado português.

Importa salientar, pela correlação existente, uma outra grande obra consagrada á memória dos combatentes do C. E. P., e essa é o cemitério de guerra de Richebourg l'Avoué, devido em grande parte ao artista Leal da Camara e expressamente construído pelo Governo português, contendo cerca de 2.000 sepulturas e no topo do qual se levanta o altar da Pátria, de granito, monumento votivo de uma simplicidade tocante, sobressaindo nele o escudo nacional sobre a Cruz de Cristo e os nomes das oito provincias em que então se dividia o Portugal continental.

Num outro cemitério, no de Boulogne-sur-Mer (Leste), entre as 44 sepulturas de soldados nossos, foi construída por subscrição publica, e inaugurada em 27 de Novembro de 1938, uma memória da autoria do architecto P. Drobecq, iniciativa da Association France-Portugal.

Convém salientar, entretanto, que foi em Ambleuse, assente sobre as dunas do canal da Mancha, que pri-

meiro se levantou um padrão evocativo. A Vermelha Portuguesa fez colocar no mesmo local em que funcionara o seu hospital de guerra.

Lançada a primeira pedra em 1 de Julho de 1919, procedeu-se á sua inauguração no penultimo dia desse mesmo mês, o que, por invulgar, é caso de registar-se.

Das mais salientes expressões que pudemos encontrar gravadas para a posteridade, nesta ronda que fizemos através dos poucos monumentos consagrados, em território francês, á memória dos soldados portugueses da Grande Guerra, destacamos como simbolo, e a terminar, estas palavras cavadas numa placa existente na cortina das muralhas de uma fortaleza de Baiona: *Aux Soldats de l'Armée Portugaise morts pour la France nous les admirons et nous les pleurons comme nos enfants, puisqu'ils sont morts comme eux, à coté d'eux, avec eux. Marechal Joffre.*

Por certo que nunca tais palavras teriam sido escritas, e muito menos gravadas no mármore, se não tivessem estado presentes no centro da contenda onde nos levaram o atavismo e o sentido exacto do interesse nacional.

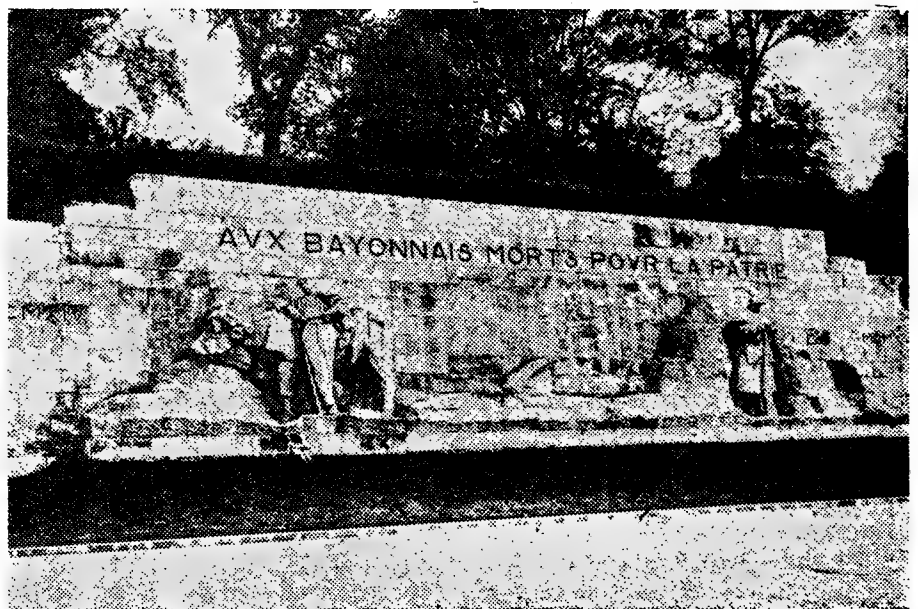
Quando o Armistício foi assinado no vagão histórico, na floresta de Compiègne, nenhuma potência, nenhum exercito, nenhum estadista ignorava que os Portuguezes estavam na Bélgica, para além do Escalda—Deus sabe mercê de quanta devoção e de quantos sacrificios—no momento em que o clarim soara entre os aliados dando o sinal da vitória.



O memorial português no cemitério de Boulogne

«Le peuple français gardera toujours une impérissable gratitude de la vaillante Armée Portugaise».

Aristide Briand



O monumento aos Mortos da Guerra, em Bayonne, onde se inscreve honrosa legenda aos soldados portugueses

«Aux Soldats de l'Armée Portugaise morts pour la France nous les admirons et nous les pleurons comme nos enfants, puisqu'ils sont morts comme eux, à coté d'eux, avec eux».

Marechal Joffre

Sociedade Comercial

OREY, ANTUNES & C.ª L.ª

Agentes de Navegação

Serviços regulares para os principais portos francezes:

MARSELHA, BORDEUS, NANTES, HAVRE, ROUEN

Representantes das Companhias francesas:

Compagnie Générale Transatlantique (French Line)—Paris
Compagnie de Navigation Cyprien Fabre (Cyp Fabre & Cie)—Paris
Société Naval Delmas-Vieljeux — Paris
Union Industrielle et Maritime — Paris
Compagnie Nantaise des Chargeurs de l'Ouest — Nantes
Compagnie Générale de Transports Maritimes à Vapeur—Marseille
Compagnie de Navigation Fraissinet—Marseille
Compagnie de Navigation Paquet — Marseille
Compagnie Franco-Africains de Navigation (Francafrica) — Paris
Compagnie Générale d'Armement Maritimes — Paris

PANORAMA E INFLUÊNCIA DA LITERATURA

O espírito universalista da cultura francesa

por ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Desde a mais remota memória da nossa civilização, a palavra cultura não só é sinónima de paz como de compreensão entre os homens, sem distinções de raças, sem preconceitos de cor, sem provincialismos nacionalistas. Os Gregos deram forma, e os Romanos deram realidade internacional a este espírito. Em todas as épocas de verdadeira cultura sempre o vamos encontrar, ao passo que o seu oposto predomina ali onde é mais forte o «espírito das trevas», a valorização de tudo aquilo que é «nosso», o desprezo por tudo que o não é.

Cultura e espírito universalista têm de andar juntos, precisamente porque a cultura vive da comunicação, do enriquecimento mútuo, dos vários povos, fazendo participar todos os outros no seu progresso; a cultura verdadeira nasce da compreensão das diferenças, do contraste, da consciência da relatividade dos valores de cada povo. Os povos que se fecham num orgulho estéril, que andam sempre com o que é «seu» na boca, acabam por delinhar nos seus palácios vazios.

Nenhum país teve nos tempos modernos tão importante função universalista como a França. Não que ela tenha assimilado e unificado todas as correntes da cultura ocidental, mas porque, além da sua contribuição própria, exerceu uma extraordinária actividade de transmissão, a qual, se não foi completa, nem por isso deixou de assumir enorme significado — e não se resumiu aliás à cultura ocidental, pois a parte que lhe coube na descoberta das civilizações orientais, foi, nestes dois últimos séculos, de primordial importância.

Nos países pequenos, a existência da cultura, quando o Estado não interveém a seu favor, só é possível graças a outra cultura que lhe sirva de ponto de contacto, através de cujos livros participe no pensamento mundial, do passado e do presente. A indústria do livro dos pequenos países nunca poderia satisfazer as suas necessidades culturais, pelo menos quando se trata de países pobres e de poucos leitores, onde o livro defronta o dilema de ou ser caro e não ser comprado, ou ser barato e dar prejuízo aos editores. Como seria possível, nestas condições, publicar traduções das grandes obras essenciais para a cultura geral e para as culturas especiais, os grandes tratados, as grandes histórias, as obras especializadas de cada ciência, os grandes monumentos da literatura? A salvação da cultura desses países é a existência de uma «segunda língua», através da qual tome conhecimento daquilo que só poderia existir na sua desde que o Estado se compenetrasse da sua função cultural, o que só costuma acontecer lá para o Norte da Europa...

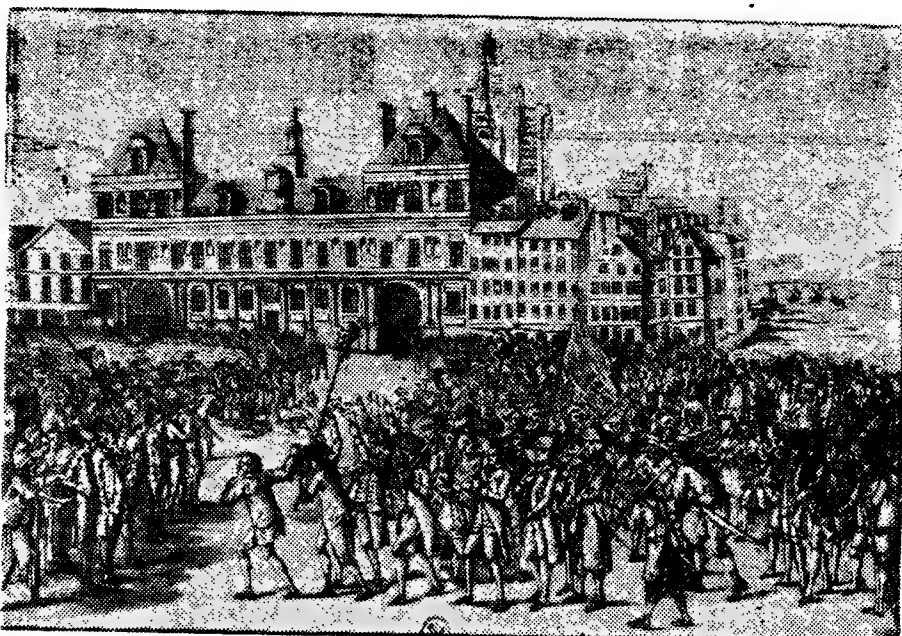
Devemos à França, por uma grande parte, a possibilidade de haver um escol intelectual no nosso país. E isto mau grado ser nação que em muitas das suas atitudes está longe de tomar posição de harmonia com o espírito da sua cultura, que não parece ter sido assimilada por grande parte dos que têm sido seus condutores — aos quais se aplica com justiça a qualificação de «chauvins», que os próprios Franceses generalizaram, não esqueçamos, o que significa ter o próprio país tomado

consciência do seu carácter negativo. Não me refiro, claro está, ao presente, quando bem sabemos o acolhimento que tantos grandes valores portugueses, aqui improdutos ou renegados, encontraram nas suas grandes instituições culturais oficiais, permitindo que esses valores não se perdessem para a Matemática, para a Física, para a História, para tantos outros aspectos da actividade científica e intelectual. O facto, porém, de a França ter ou não a consciência política do seu papel cultural não é de importância essencial; é na função espontânea que reside o poder de comunicação; os que conduzem os destinos de um país só podem coadjuvar, dar mais eficiência ao que já existe.

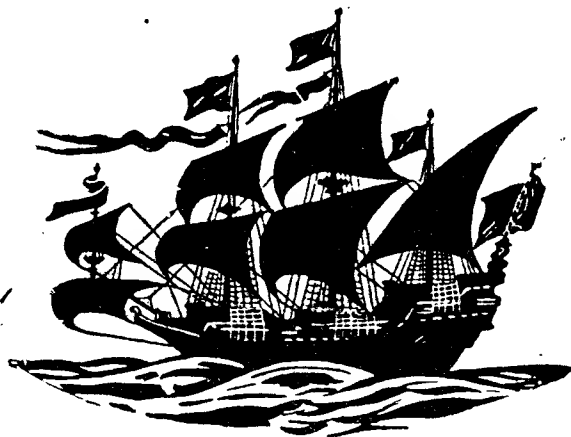
Se é certo que desde a última guerra outros países entraram em séria concorrência com a França, e que a escassez do livro francês então verificada fez desviar para outras fontes sedes que até aí se satisfiziam apenas nele e através dele, nem por isso a cultura francesa deixou de ter significado e importância de primeiro plano. Na realidade, se porventura, passamos a depender menos dela em quantidade, não há dúvida de que, em qualidade, continua a ser-nos imprescindível. O pensamento de Alain ou de Sartre, de Maritain ou de Lefèvre, as obras de Proust, de Romain Rolland, de Claudel, de Gide, de Malraux, de Aragon, de Mauriac, de Breton, de Valéry, de Supervielle, de Eluard, de Cassou, de Versors, de Simone de Beauvoir — eis uma lista que fica apenas em alguns grandes nomes, mas que se poderia estender longamente; e para só falar no plano do pensamento e da literatura, evidentemente. Mas, citando estes nomes, só quis fazer notar ao leitor, sobretudo pela variedade de posições intelectuais, políticas, literárias, que eles representam, como a grandeza de uma cultura se faz com a diversidade, e não com a direcção única. E o prestígio e a influência da França deriva precisamente de que todas as tendências podem encontrar nela com que satisfazer as suas particularidades, que os mais opostos espíritos irão encontrar no seu património cultural fontes graças às quais se vivifiquem e enriqueçam.

Bem sei que uma certa pseudo-cultura, que certa vida pseudo-espiritual também depende da França pelo eco de um falso brilho, que serve apenas para entretenimento de uma certa classe que acha necessário supor que também se faz cultura a ler os jornais literários ou os magazines para senhoras. Isso não prova nada contra a França, é bom lembrar; todos os países têm uma subliteratura, e nenhum deles tem culpa quando seja isso precisamente que nele mais aprecia uma certa espécie de publico. É aliás a própria projecção da sua cultura, da sua arte, da sua literatura autênticas que faz proliferar os subprodutos. Grave é, porém, quando se quer tomar os seus subprodutos como a verdadeira imagem de uma nação e da sua cultura. Já sabemos como isso se faz, e não ignoramos as estranhas confusões que em tais emergências se podem verificar. Se até houve quem, em 1940, atribuisse a derrota da França à influência de Picasso! É claro que, aqui, o caso ainda é mais grave, porque se tratava de passar as culpas a um verdadeiro artista — embora, se quisessem, os Franceses pudessem responder que, fosse ou não responsável pela derrota... Picasso não era francês.

Penso que a maior difusão da autêntica cultura, da autêntica arte, da autêntica literatura, sejam quais forem as tendências sociais e políticas nelas implícitas, é uma necessidade que, a não ser satisfeita, põe em perigo todos aqueles valores dos quais não dependem, mas com os quais mantêm um misterioso pacto: refiro-me aos morais, sociais e religiosos. Só a liberdade da cultura, a sua largueza de horizontes, o seu conceito implícito de diversidade, permite a formação do espírito, isenta do fanatismo, de estreiteza cultural, e do culto asfixiante das coisas mortas. E o que nesse plano devemos à França nunca será suficientemente louvado.



A «MEMORÁVEL JORNADA» — Eis uma gravura que reproduz um aspecto do levantamento de 14 de Julho, quando os manifestantes, vitoriosos, percorriam as ruas, em direcção ao Palácio Real



BUREAU VERITAS

CLASSIFICAÇÃO E INSPECÇÃO DE NAVIOS,
AVIÕES, MAQUINAS E MATERIAIS

PERITOS:

ENGENHEIROS DE TODAS AS ESPECIALIDADES

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

Agência Colonial e Comercial, Lda

RUA DO COMÉRCIO, 8 — LISBOA

TELEFONES: 20055
29840
25192
23688

TELEGRAMAS: OMNIA
LISBOA

M. CARP, Lda

FÁBRICANTES DE TECIDOS DE LA

EM TODOS OS GÉNEROS PARA VESTUÁRIO DE SENHORAS

CACHENEZ

LISOS, BORDADOS, JACQUARD E ESTAMPADOS

FÁBRICA:

RUA BARTOLOMEU DIAS, 120

TELEFONES 37017/37018
GRAMAS-MERINOS
LISBOA

DEPÓSITOS:

RUA DOS FANQUEIROS, 250, 2.º D.

TELEF. 21730 - LISBOA

RUA PASSOS MANUEL, 63

TELEF. 22634 - PORTO



O povo percorrendo as ruas de Paris na noite de 12 para 13 de Julho de 1879, segundo uma gravura atribuída a Sargent-Marceau

UMA PÉTALA GUARDADA NO LIVRO DAS SAUDADES...

Quando a «mademoiselle» vinha para Portugal ensinar meninos portugueses a falar francês...

Aqui há um século, um dos laços da fraternidade luso-francesa estava nessa espécie de importação viva da cultura da França que eram as «instrutrices». As famílias mais elegantes, de nome mais sonoro ou de mais dinheiro, iam ali buscar as fontes permanentes de uma luminosa presença espiritual. Na língua de Racine, os meninos aprendiam história e geografia, falando e escrevendo o seu idioma como o próprio em que escreveu António Vieira. Vinham com o seu encanto de francesinhas, entravam na intimidade mais íntima das famílias portuguesas, contavam-lhes como era ou como vivia o povo da França. De algum modo, eram um laço de continuidade de duas pátrias, uma introversão de sentimentos. Lá longe, em qualquer terrinha das províncias francesas, havia um coração que pulsava por outro coração onde corria o seu sangue e bendizia aqueles que em Portugal o acarinhavam. E, quando um dia as crianças, feitas homens, iam a França, já levavam gravadas no seu gosto e na sua memória os sentimentos de estima e admiração por um país que era grande nas artes, nas letras, nas ciências e na política.

Em regra, a «mademoiselle» era uma simples professora do ensino primário que iniciava os educandos na arte de falar e escrever francês, na arte de estar à mesa, de receber e fazer visitas, de ter, enfim, boas maneiras em sociedade.

Algumas, porém, iam mais longe: ensinavam labores ou piano, naturalmente às meninas. E, se é certo que todas vinham para dar alguma coisa da sua formação intelectual—e mais, porque não?—não é menos verdade que muitas vieram e interessaram-se por outros problemas da nossa vida, como essa boa «mademoiselle» Henriette Lenglet que acabou por se emaranhar na história de Portugal, por causa da paixão dos seus antigos alunos, descendentes de Afonso de Albuquerque, pela velha genealogia...

Quando Garrett amou uma «demoiselle»...

Nenhuma, porém, terá deixado o rasto perfumado de Pauline de Flaugergues. Era poetisa e viera como preceptora das filhas do marquês de Loulé, recomendada pela própria rainha da França. A ruína da família obrigara-a a grangear o pão de cada dia no exílio que soube, aliás, receber galantemente a proscrita irmã das musas. A alta sociedade portuguesa abriu-lhe as portas dos seus palácios—e Garrett abriu-lhe as do coração. Lê-lhe os versos em «L'Abeille», uma revista francesa literária que se publica em Lisboa, traduz a forma e a inspiração dos seus versos, dá a público essa tradução, conhece-a, ama a sua nostalgia—ele que é por fatalismo um nostálgico de todas as paixões do céu e da terra.

Pauline, então, paga-lhe a gentileza, traduzindo-lhe os poemas. E, dessa troca de favores literários, nasce um capítulo sentimental que não terá uma grave repercussão nos salões de Lisboa, porque Pauline vai regressar a França. Dura talvez três anos esse mútuo conforto espiritual. Mas Garrett, tão imprudente em questões sentimentais, guarda bem dentro da alcova o ciclar daquele amor, para não comprometer a posição de Pauline dentro da casa do marquês de Loulé—aliás, inimigo político do autor das «Viagens na minha terra». Pauline parte um dia, de regresso à pátria, abraçada à lembrança de Garrett e ao seu livro de versos «Au bord du Tage». Garrett ficará, já agora, para sempre em Portugal, para amar e sofrer outros amores. Mas, depois de Pauline Flaugergues—quantas outras «demoiselles» não virão perturbar o coração dos portugueses?

Uma francesinha em Lisboa

Vêm com o seu «chic», o seu ar picante, a sua graça francesa. Instalam-se no seio das famílias de dinheiro, são imitadas pela pequena burguesia. Em breve surgirão as «demoiselles» de Pampilhosa do Botão ou de Avintes... Mas elas, as francesas, cumprem integralmente o seu papel de «raffinées»

e de «instrutrices». Trazem o seu diploma e como já são muitas, fundam a sua Association des Instrutrices Françaises, porque nelas há qualquer coisa do espírito associativo dos portugueses. E todos os meses por obrigação ou todas as semanas por devoção, se reúnem numa sala da sua sede, para confraternizar e tratar dos pontos de interesse comum à profissão.

Muitas delas assim se foram, ficando por Portugal, no lar alheio que passou a ser o delas—e com um grave problema de coração a resolver...

—Gostaria de acabar no meu país, onde estive há três anos. Mas senti tantas saudades de Portugal e dos amigos que deixara cá... Como havia, então, de criar forma o meu propósito de regressar definitivamente à pátria, onde tenho apenas uma irmã, um cunhado, vagos parentes a contarmos o problema das casas? A França desta guerra não as ergue como em 1914...

E' «mademoiselle» Braud quem nos recorda o drama, o seu e o de outras companheiras, arrancadas pela força das circunstâncias económicas ao seu lar, à sua família, às suas paisagens, aos seus hábitos e costumes. Tem quase noventa anos—hoje, a decana das antigas «instrutrices» é «mademoiselle» De Latour—com seus 95 bem puxados—e, ao lembrar a pequena legião de quantas conheceu na sua faina de ensinar, há-de sentir amargor, verificando que as mais novas delas todas andam à roda dos 80...

«Mademoiselle» Braud é, pois, uma velhinha simpática, já muito inclinada para o chão. Mas esse jeito de olhar e andar não lhe encobre a estatura. Há-de ter sido uma elegante mulher. E assim o testemunham aqueles que a conheceram «coquette» sem cálculos, galante de corpo e alma, «nem bonita nem feia mas alegre»—é ela própria quem o reconhece—vistosa nos seus vestidos e chapéus chegados de Paris...

Cada terra com seu uso...

Vive como uma pétala de flor emurcheda no livro de lembranças da família Silva Pinto—em casa de um irmão do dr. Amandio Pinto, onde chegou já passa de um quarto de século.

Um belo dia de Março de 1889, «mademoiselle» Braud desce com as suas «valises» em Lisboa e ia ocupar no Colégio de Nossa Senhora das Dores, onde está hoje a sede dos Sindicato dos Engenheiros Auxiliares, o seu lugar de professora. Deixava, para lá dos Pireneus, os lindos monumentos da sua cidade de Limoges, a lembrança das torres de Saint-Etienne, a floreação graciosa das suas porcelonas.

E, sobretudo, a recordação dos dias felizes e prósperos, em que ela, os pais, todos os seus, eram senhores de nome e de fortuna...

Tudo, então, lhe parecia estranho: a maneira de vestir das Portuguesas, os seus hábitos recatados, o seu estranho comportamento nas igrejas, vendo-as sentadas no chão, quando nos templos da sua terra pagavam para se ajoelhar ou estar sentadas...

Não é verdade que um seu compatriota, «blagueur» enferrujado, ainda hoje diz que as Portuguesas nascem com 40 anos?...

Talvez «matemoiselle» sinta que é assim, vendo-se, esbelta, nos magníficos espelhos da sala de estudo do Colégio da Senhora das Dores, ou passeando nas aleas ensombradas do parque que o circunda...

E' sua aluna predilecta aquela que vai deixar o colégio para se casar e passará a usar o apelido sonoro de Moniz. Sonhará esta jovem com o que vai daí a 50 anos, representar o nome de Egas Moniz? Também ela, «mademoiselle» Braud, vai deixar o colégio e iniciar-se na profissão de «instrutrice». Tem para cima de 30 anos. Traçou há muito o seu caminho na vida que lhe negara a fortuna e o carinho da família: ficará solteira, repudiará todas as tentações do amor. E cumprirá, de facto, esta imposição feita a si própria, ficando pela vida fora modelo de dignidade—se é que o amor não é ou não pode ser digno...

Lisboa, 1900...

Demora-se algum tempo no lar dos Almeida Brito, passa para o dos Ottoni. Em casa dos Cancela de Abreu, aquele que será ministro ficará, para sempre, a ser o «mon Auguste». Mas é em casa dos Silva Pinto, sem deixar nunca partir aquele laço que a fica a ligar aos Egas Moniz, onde vai almoçar e jantar frequentemente, que encontrará o verdadeiro lar do seu exílio, agora, voluntariamente sujeito apenas às necessidades do coração. Duas gerações lhe passam pelas mãos. Os seus «garçons» de há trinta anos já hoje são papás e as alegres tagarelices dos seus «bébés» enchem os corredores da casa de Santana à Lapá...

Esqueceu-se da história e da geografia—quem havia aí que soubesse melhor ensinar nem livros nem consultar datas?—e, supondo que os pequenos não a apreciam, porque «as crianças não gostam dos velhos e têm razão», murmura com o seu ar desolado: —E é isto ainda viver?...

Perguntamos-lhe:

—Mas, antigamente, vivia-se ainda menos, pelo menos no Portugal da sua chegada...

—Sim, efectivamente. As senhoras só saíam acompanhadas e foram as estrangeiras que as ensinaram a usar da rua como de casa. E quando o havia



MADEMOISELLE BRAUD

Sessenta e cinco anos de actividade em Portugal—quantos anos, quantas páginas de recordações?

esta cidade deserta de crianças, perguntava admirada: mas, então, os meninos portugueses não vão à escola? Hoje, na verdade, tudo é tão diferente que Lisboa já me não parece a mesma. Depois, talvez porque a mulher viaja mais, veste melhor. Estou a ver o pasmo e o êxito que faziam os meus chapéus chegados de Paris, como aquele de papel que minha irmã me mandou... Enfim, esse segredo da arte de agradar não vem do dinheiro, não. A França tem bom gosto e sabe cultivá-lo mesmo quando não tem dinheiro. Verifiquei-o, através das minhas viagens à Noruega, à Alemanha e à Itália, quando acompanhava os amigos que me honravam, lendo-me na sua companhia. Em nenhuma parte, porém, senti que podia ter encontrado a paz, o carinho e a amizade que encontrei em Portugal. Quando vim para Lisboa, há cinquenta e tantos anos, podia ter escolhido Londres. Mas em Londres, eu sabia-o, não tinha o lar que me esperava aqui, porque o regime de trabalho lá, não é o familiar.

Instrumento diplomático...

Por isso vim, por isso fiquei e, por isso, talvez, venha a fechar um dia os olhos, para sempre, em Portugal...

«Mademoiselle» Braud é um símbolo de uma velha instituição que vai morrendo. A educação e a instrução fazem-se de maneiras diferentes—se é que às vezes se fazem...

Democráticamente, aprende-se francês nas escolas, em regime colectivo. Tiram-se cursos, fazem-se estudos práticos. E as velhas «instrutrices» vão desaparecendo à medida que vão morrendo, porque as famílias de tradições têm menos dinheiro para dar em casa, aos filhos, uma educação cara e inútil. E porque as famílias de dinheiro não terão sempre o gosto de cultivar boas maneiras, procuram dar aos filhos uma educação prática, não lhes ocorrendo a revivência das velhas tradições altamente burguesas e aristocráticas.

Depois, não é verdade, que muitas dessas velhas famílias decadentes, sem forças para manter o luxo de ter em sua casa uma «instrutrice» nem coragem para lhes negar um canto do seu lar, lhes permitam o grangear da sua subsistência?

Vêmo-las por aí, tristes, velhinhas, subindo e descendo escadas, a arrastar a surdez, a cegueira, o reumatismo, para ganhar penosamente, numa hora de conversação, o sustento de alguns dias, fortalecido, às vezes, pelos subsídios do consulado...

Mas, de uma forma ou da outra, tímidas, respeitadas, sempre com receio de incomodar ou de perder a segurança deste porto de abrigo e a confiança dos corações que se lhes abriram jubilosamente—a «mademoiselle» ficará como um símbolo de afecto franco-luso, uma pétala de perfume raro no nosso hino de saudades, um laço de afectividade e um instrumento da diplomacia da França em Portugal...

LA PRESERVATRICE

18 Rue de Londres — Paris (IX)

CAPITAL SOCIAL: 420.000.000 FRs.



Seguros de:
ACIDENTES DE TRABALHO
ACIDENTES PESSOAIS
AUTOMÓVEIS
COMPLEMENTAR DE VIDA
CRISTAIS
INCENDIOS, PERDAS INDIRECTAS
RESPONSABILIDADE CIVIL
TRANSPORTES AÉREOS
MARITIMOS E TERRESTRES

DELEGAÇÃO GERAL:

Rua Nova da Trindade, 2, 1.º e 2.º — LISBOA

Telefones: 29193 e 29194 — Teleg.: «Detrice»

O 14 de Julho festeja-se em Paris



Um aspecto da Bastilha, vista da Porta de Santo António, numa gravura de magnífico desenho

O que vem de França...

por José Ribeiro dos Santos

Não se sabe bem o que isto seja, mas toda a gente sabe que é assim. De resto, a ideia, mesmo que ela exista apenas sob a forma de um fundo subconsciente, não raciocinado, exprime-se com a veemência de um sentimento: a França é a segunda pátria dos homens cultos—e também dos homens livres ou que têm a aspiração de o ser.

É possível que este sortilégio da França, esta espécie de atracção milagrosa que a ela nos prende como um mistério arrebatador, tenha vindo a cada um de nós, portugueses, quando em pequenos soubemos que era «de França» que nos chegavam os irmãos mais meninos ainda... É alguma coisa que nos penetra até aos confins da infantil imaginação e que depois nos fica, perflurando, radicando-se, passando do emocional ao cerebral, alimentando a nossa fantasia e o nosso raciocínio. A França é tudo isso para nós — o irmão pequenino, o brinquedo imaginoso, o álbum das histórias de bichos ou de flores, o livro que um dia nos vale como uma revelação de íntimo prestígio, o jornal de ideias, os grandes nomes sonoros que são cada um deles, só por si, uma etiqueta ou o título de um capítulo na história de tudo—a História com H grande, o poema, a música, a pintura, os grandes sentimentos de ideal, os ideais que vão beber a sua fonte no sentimento, os grandes instintos generosos, os gritos de humanidade, Pasteur, Vitor Hugo, Paris—e «A Marselhesa», que nos faz estremecer de emoção, a certeza certa de alguma coisa que vem até nós através dos acordes vibrantes desse hino que é da França e que cada um se habituou a escutar como se fosse alguma coisa de si próprio, do seu património, da sua cidadania, do seu universo, das suas ansiedades de viver a vida livre e justa que é aspiração remota e silente da pura condição humana.

Esta força presente, este magnetismo inelutável, esta polarização de curiosidade não traduzem, por certo, nem cega idolatria nem incondicional submissão, aí onde, afinal, está apenas o reconhecimento claro de uma evidência que é essa chama criadora de ideias, a cintilação do espírito, o fervilhar incessante de vida mental, síntese de todas as grandezas presentes e passadas que são o património comum da civilização sem adjectivo—porque um adjectivo seria uma restrição. É esta expressão de prestígio que nos domina, que suscita a nossa admiração, que estranhamente nos revela como familiares, na primeira vez que lá nos encontramos, todos os recantos de Paris, com os seus museus, os seus monumentos, a larga perspectiva dos Champs Elysees ou a engalinhada malha das estreitas ruas que trepam para Montmartre, as pessoas, os gritos desencontrados dos jornais, o cortejo cívico, a disciplina voluntária, a presença de uma cultura que é, afinal, aquela que nos alimenta a todos, latinos, europeus, senhores de um mundo que pode parecer em ruínas, mas que tem de si uma profundidade de alicerces capaz de desaliar, na eternidade, todo o poder inerte que se traduz na profusão dos meios técnicos.

Essa, sim, é a grande força da França — e nela se gera a própria força da Humanidade que pensa, que sente, que sofre e dá valor ao sofrimento alheio—essa força que cada homem tem dentro de si mesmo ainda quando não dá conta dela, força que se afirma, que tudo impulsiona, que renasce quando parece apagar-se, porque vive do mesmo sopro que fez chegar aos nossos dias a essência da verdadeira

concepção de cultura e de todos os legítimos anseios que ela comporta.

* * *

Heverá, porém, que estabelecer alguma distinção entre a superficialidade evidente e a profundidade que se interpreta? Quantas vezes alguns cépticos apontam à França algumas expressões da sua vida onde pretendem não ver mais que certo fervilhar de futilidade, ora a inquietação que parece surpreender-se na sua vida pública, no funcionamento das suas instituições, deplorando-lhe o que chamam a sua instabilidade, porventura, até a debilidade do seu regime. Os que falam de futilidade ignoram, porém, o que seja a medida média de cultura que atingiram todas as classes sociais, a segurança com que cada um se move no exercício da sua profissão, o que é, afinal, isso a que, com propriedade, poder-se chamar-se a consciência colectiva. Os que dizem lamentar a sua fraqueza institucional, a sua instabilidade governativa esquecem, porém, que para além dela existe um quadro fixo que é sempre o mesmo, existem eixos fundamentais irremovíveis, existe um sentido de responsabilidade permanente, de busca ansiosa do termo justo. Esquecem que, através dessa instabilidade tão apregoada, a França destes dez anos posteriores à guerra teve, até há dias, apenas dois homens e uma só concepção à frente da sua política externa—menos que a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos, onde, apesar da configuração de uma estabilidade maior, as duas tendências que desde então já ocuparam o poder nos dois países se permitiram tranquilamente um número de substituições mais frequente. O velho axioma «plus ça change, plus reste la même chose», apesar de envolver um fundo de crítica, documenta a regra da estabilidade real dentro da instabilidade aparente.

E as greves? E o que chega cá fora, tantas vezes, sob a imagem de um estado de inquietação que fomenta invariáveis comentários de lástima?

* * *

Respondeu um dia Pinheiro Chagas, uma vez por todas, a quantos balbuciavam entristecidas críticas desse teor. Estava o grande escritor português de passagem em Paris, num almoço onde os Portugueses presentes tinham sido alvo de especiais saudações dos seus convivas franceses. Só ele, Pinheiro Chagas, com a sua oratória incandescente e arrebatadora, poderia providar a resposta. E improvisou de pronto um hino à França, um poema romântico e magnífico de compreensão por tudo, pelas suas grandezas e pelas suas fraquezas, pela sua generosidade e pela sua inquietação. Também ele, corajosamente, tomou o tema das mesmas censuras que já então se faziam à França:

—«On le reproche, bien souvent, les incendies qu'elle allume, mais c'est qui brûlle et c'est le monde qui est éclairé». E é esse fogo, afinal, que continua a iluminar o Mundo...

com ruidosas e alegres manifestações

por ANTONIO
director de

Não há data tão importante no ano e que signifique tantas coisas para o Parisense como o 14 de Julho! E', talvez, a maior festa, tanta agitação provoca em todos os sectores da população.

Sendo, na sua origem, uma festa política, tornou-se num motivo de manifestações patrióticas e divertimentos populares. O 14 de Julho marca o início dos grandes calores que tornam a estadia na capital um pouco penosa. E' o fim do ano escolar, o fim dos exames e o início do grande êxodo para o campo e outros locais de férias.

Esta data é, verdadeiramente, um ponto do ano que marca uma rotura na vida da capital. Toda a mocidade das escolas a espera como uma libertação. Após um ano de trabalho, chegando o calor, os estudantes não pensam senão em fugir da cidade. Para os pais é o começo dos preparativos de partida e o arranjo dos alojamentos para o grande sono do Verão...

Antes do 14 de Julho, o Paris dos Parisenses está em plena actividade, quer se trate de negócios, da vida mundana, de teatros ou de manifestações artísticas. Mas, passada esta data fatídica, verifica-se um abrandamento geral... Nos escritórios e nas administrações, os efectivos são reduzidos pelas sucessivas partidas para férias. Os amigos dispersam-se. Os médicos também partem e como nos bairros burgueses toda a gente desaparece, os comerciantes também acabam por fechar a loja.

Enquanto que os bairros residenciais se esvaziam pouco a pouco a partir do 14 de Julho, no centro da cidade, pelo contrário, verifica-se a chegada de multidões de estrangeiros em «shorts»

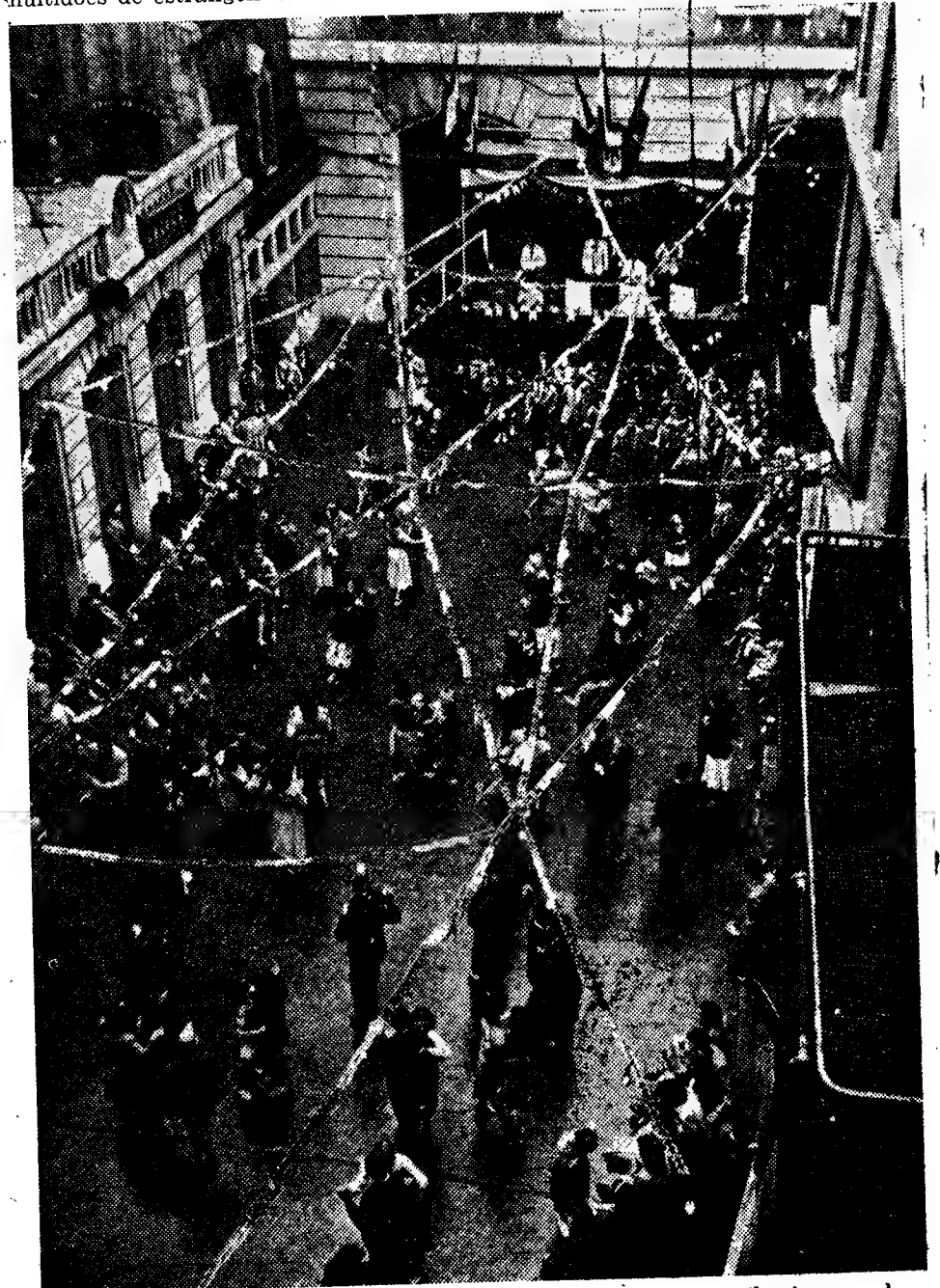
e toda a espécie de vestimentas engraçadas.

Que estranho acaso que a jornada revolucionária de 14 de Julho de 1789, muito menos notável, muito menos sangrenta que outros dias da mesma época, tenha sido escolhida para consagrar esta cesura, hoje tão profunda na vida dos Parisenses!

E' a um certo Benjamin Raspail, obscuro deputado dos primeiros tempos da III Republica, que se deve a iniciativa de ter honificado o dia em que o povo de Paris abateu a velha fortaleza da Bastilha, transformada em prisão política e que para ele era o símbolo do absolutismo no que ele tem de mais arbitrário.

Em Julho de 1880, Raspail propôs à Camara, onde se tinha instalado uma maioria republicana que tinha impedido o restauro da monarquia, que se consagrasse o 14 de Julho como festa nacional. Desse modo, os republicanos da geração do presidente Grévy, propuseram-se dar a entender que se tinham tornado os dirigentes do país e que a «Republica dos Republicanos» tinha sido definitivamente instaurada. Depois desta época, todos os anos, na mesma data, há um grande desfile militar, o povo dança toda a noite nas ruas, e nos quatro cantos de Paris é lançado fogo de artifício: de manhã, o povo em armas para defender a sua liberdade; à noite, o povo em reboliço, desfruta a sua liberdade.

Mais de 74 anos passaram, duas terribes guerras agitaram o país, a III Republica morreu e sucedeu-lhe a IV



Muitas das ruas de Paris, principalmente as dos bairros populares, iluminam-se durante a noite, as orquestras arvoram-se no alto de palanques, a animar os bailes que chegam a prolongar-se por três dias...

S

ções populares

NE HENRI SCHMITZ

France-Presse em Portugal

—mas o 14 de Julho ficou com os seus ritos imutáveis.

De manhã cedo, uma grande massa de povo sobe as avenidas que conduzem à étoile e aos Champs Ellysées onde se realiza o desfile das tropas. As pessoas previdentes levaram bancos e escadotes. As famílias agrupam-se e as crianças estão excitadíssimas. A grande avenida dos Champs Ellysées, vazia da sua circulação de automóveis, torna-se majestosa. Logo que as representações das diversas armas desçam do Arco do Triunfo para a Concórdia numa ordem impecável e que os aviões passam em rajadas a baixa altura, um sopro de espírito guerreiro sobe ao coração do mais desinteressado dos espectadores. Os alunos das escolas militares, com os seus lindos uniformes, os caçadores alpinos de marcha viva, os «saphis» marroquinos todos de branco e encarnado sobre os seus pequenos cavalos nervosos e os tanques, enormes monstros da guerra moderna, provocam aplausos e vivas. Terminada a parada, toda a multidão, contida pela Polícia nos passeios, se dispersa, e cada um vai para casa, contente e um pouco cansado...

A tarde, segundo aspecto da festa. Nas praças e nas principais avenidas, que são os pontos estratégicos onde se agrupam, geralmente, os «bistros» parisienses, são improvisados bailes populares. Grinaldas de papel e balões enchem a rua de um lado ao outro. Ao som de pequenas orquestras ou de simples alto-falantes, cuja música nem sempre é harmoniosa, os pares mais heterogêneos—velhos com jovens, mulheres com mulheres, soldados com burguesas—dançam no meio da rua, enquanto numerosos espectadores os contemplam bebendo cerveja ou vinho branco.

Consoante os bairros, o carácter e a clientela dos bailes muda. Em Montmartre, incluem, algumas vezes, atrac-



Lá, como cá—ou não fossemos todos latinos...—os festejos populares, como o Santo António em Lisboa e o 14 de Julho em Paris, são assinalados por coloridos festejos e tremuluzentos balões, a enfeitarem vistosamente as ruas, onde o povo se diverte o melhor que sabe e pode

ções cómicas. Sente-se a influência dos pintores. Na Bolsa, são mais calmos e circunspectos. Em Saint. Germain-des-Prés ostenta-se a juventude burguesa e pretensamente intelectual. Mas a atmosfera é um pouco perturbada pela presença de um grande número de curiosos que vêm apreciar estes jovens um pouco excêntricos...

Os autênticos bailes do 14 de Julho, aqueles onde não há preparo nem chique, são nos verdadeiros bairros populares, na Bastilha, em Santo António, em Menilmontant. Ai, as gentes estão à vontade e divertem-se a valer. Há alguma confusão, mas isso não tem importância nenhuma.

Sem qualquer pensamento político preconcebido, o 14 de Julho continua a ser a festa do povo na rua, festa sem limites e sem constrangimentos, festa simples e sem excessos, que não vai além do copo de vinho branco e do baile...

O significado histórico

da data de 14 de Julho

—de RÉMY ROURE

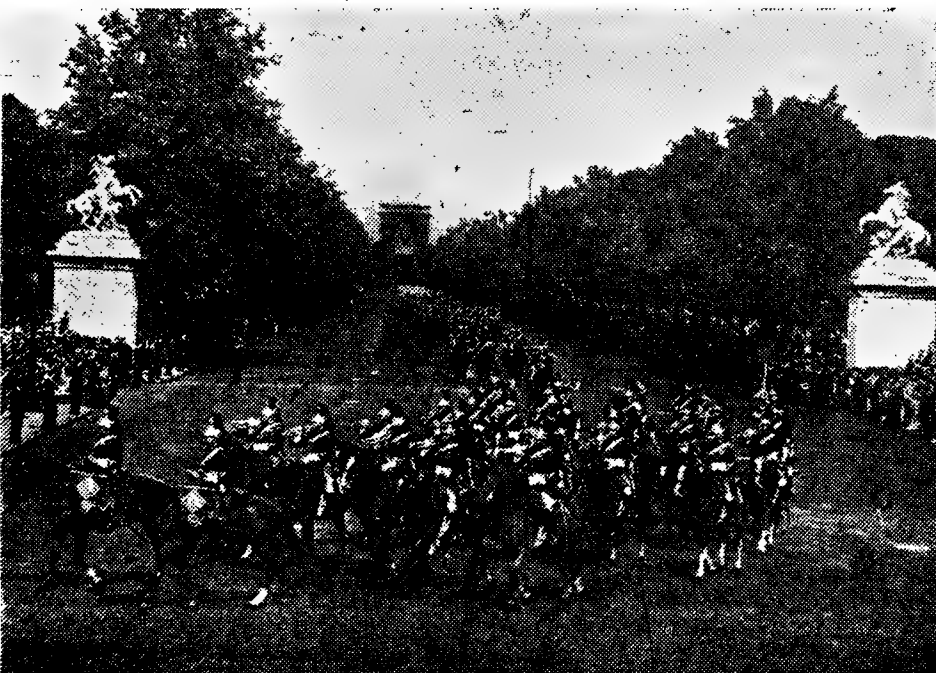
O que é e que significa o 14 de Julho? Evitemos os lugares comuns que inevitavelmente acompanham esta data-símbolo. O que é notável, porém, é que este símbolo é vivo, não se debilitou, e o seu valor moral é não só francês como mundial. É vivo mesmo em França, a tal ponto que se tornou familiar com o uso penoso e lento dos anos e dos diversos regimes destes últimos 165 anos. Não digo que o 14 de Julho eclipse outros aniversários recentes—o 2 de Novembro, data do vitorioso armistício de 1918; o 8 de Junho, dia do apelo à resistência; o 8 de Maio, data memorável da vitória dos exércitos aliados sobre o nazismo. Temos a impressão de que estes acontecimentos, que conhecemos bem por ter passado por eles, são, apesar de tudo, mais perecíveis, ou antes, que são como a continuação, como o epílogo da grande vitória humana da liberdade que simboliza o aniversário da tomada da Bastilha em 1789. Esta liberdade não cessou de ser atacada. Há que defendê-la e mantê-la permanentemente.

Talvez haja de futuro outras datas fatídicas de «libertação», outros aniversários de vitórias da liberdade humana sobre as eternas tentativas de dominação e opressão. Mas o 14 de Julho marca bem o despertar desta liberdade. Por isso, esta comemoração anual não é apenas uma festa nacional francesa. Pertence à humanidade inteira. Dai a sua importância e, daí, igualmente, o valor de que se reveste para os outros países, precisamente

porque foi o pioneiro, o artífice desta impercível vitória.

Os maiores espíritos de então não se enganaram. Goethe e Kant, compre-

(Continua na página seguinte)



Depois de passar pelo Arco de Triunfo, que se vê ao fundo, a Guarda Republicana Francesa desfila, garbosamente, pelos Campos Elísios. A parada militar é um dos números mais tradicionais dos festejos do 14 de Julho em Paris

O PRESTÍGIO DO TEATRO FRANCÊS

Portugal não teve ainda a honra de uma visita da «Comédie-Française»

por NORBERTO LOPES

A recordação dos acontecimentos dolorosos que enlutaram a França durante a segunda guerra mundial está ainda bem viva na memória de todos aqueles que sofreram com ela—como se os golpes fossem desferidos na sua própria carne—e que eram os seus verdadeiros amigos, os admiradores da sua cultura, das suas liberdades políticas, da irradiação do seu pensamento no Mundo. A queda da França representava aos seus olhos, mais do que uma simples derrota militar, a morte subita do primado do espírito, o regresso à barbárie medieval, a supressão brutal de todas as liberdades pelas quais se bateram os homens durante séculos e de que a tomada da Bastilha não é mais do que uma efeméride simbólica.

Abalada no seu prestígio militar, diminuída no conceito internacional, alvo de objurgatórias por vezes injustas que visavam sobretudo à condenação do sistema político por que se regia, a França viveu horas sombrias de confusão e de desânimo, que trouxeram até aos nossos dias o reflexo da sua influência nefasta. A derrota de 40 abalou o seu prestígio, é certo, mas não conseguiu roubar-lhe o primado da inteligência, que em todas as épocas lhe conferiu um lugar privilegiado no âmbito da cultura universal. Pintores, romancistas, poetas, homens de teatro continuavam a gozar, para além das fronteiras geográficas da França, a mesma reputação de antes da guerra.

Como escreveu Pierre-Aimé Touchard, «a França, mutilada, continuava a cantar todos os sonhos, todas as esperanças, todas as dores, todos os amores do Mundo». E nesta França subsistia uma ilha maravilhosamente protegida, verdadeira terra de asilo, onde havia perto de três séculos, apesar das revoluções e das guerras, o que o pensamento francês oferecera ao Mundo de mais livre, de mais generoso, de mais nobre, de mais íntimo, de mais exaltante, de mais lindamente insolente continuava a exprimir-se com a frescura, o vigor e a paixão dos mais gloriosos anos da sua História. Submetida apenas ao culto da perfeição, à única exigência do absoluto, vivendo ensinada em si própria, numa solidão que era lícito supor apenas reservada a monges, uma «troupe» de uma centena de artistas, recrutando-se eles próprios entre os maiores, mantinha a irradiação de um repertório cujo prestígio permanecia sem rival...

Esta ilha é a «Comédie-Française», o primeiro Conservatório de arte dramática do Mundo, que guarda as melhores tradições do teatro francês, e cuja fama universal tem chegado até nós somente através do que se ouve, do que se lê e do que contam os felizes que dispõem de dinheiro suficiente para pagar uma viagem a Paris.

Lisboa, a capital de um país latino, que mantém uma admiração inabalável pela cultura francesa, mau grado o desconhecimento e a indiferença que os mantenedores dessa cultura manifestam a nosso



PIERRE DESCAGES
administrador da «Comédie-Française»

respeito, ao contrário de Bruxelas, de Gand, de Liège e de Antuérpia, da Haia, de Viena, de Oslo, de Estocolmo, de Copenhague e de Helsínquia, de Roma, de Florença, de Veneza, de Milão e de Turim, do Cairo, de Alexandria, de Berlim e de Londres, de Nova York, de Washington, do Rio de Janeiro, de Montevideo, de Buenos Aires, de Moscovo e de Leninegrado, não teve ainda a sorte de ver representar num dos seus teatros a excelente «troupe» da «Comédie-Française» que a outros países tem levado as peças mais sugestivas do seu repertório, os nomes mais brilhantes do seu elenco e as montagens mais belas da sua escola de «metteurs en scène» e de decoradores. Estas «tournées», se por um lado servem o prestígio da França, por outro, enriquecem os países que percorrem com uma apreciável contribuição de cultura, de que o teatro é um veículo seguro e precioso.

Se contratamos anualmente para S. Carlos uma companhia de ópera e outra de «ballet», porque não havemos de oferecer aos amadores de teatro o ensino de admirarem, uma vez por outra, uma grande e prestigiosa companhia de declamação, que traga até nós as obras-primas da literatura dramática francesa, sem dúvida uma das primeiras do Mundo, e cujo idioma é mais acessível ao nosso público do que qualquer outro? A ópera tem, desde longa data, os seus admiradores em Portugal; o «ballet» vai criando entre nós uma audiência cada vez maior; mas o teatro tem também os seus direitos, também é cultura, também é arte, também é espectáculo. E desde que as entidades competentes se dispõem a correr os riscos financeiros de trazer até nós uma grande companhia de ópera ou uma «troupe» numerosa de «ballet», não compreendo a razão por que não se tenta a vinda a Portugal de uma companhia francesa de declamação, que seria naturalmente a «Comédie-Française», pois nenhuma outra oferece melhores garantias de repertório, de elenco e de montagem.

Porque é que Lisboa, que aplaudiu a famosa «troupe» dos bailados russos de Diaghilev e as companhias de Monte Carlo, do Marquês de Cuevas e da Ópera de Paris, o Sadler's Wells e o Festival's Ballet, não há-de poder ouvir, num dos dois teatros do Estado, a «Comédie-Française»? Se vimos a Pavlova, a Rosella Hightower, a Margot Fonteyne, a Chauviré e a Krassowska, Massine, Eglevsky, Skibine, Serge Lifar, Roland Petit, Anton Dolin e John Gilpin, porque não havemos de aplaudir Annie Ducaux em «Andromaque», Renée Faure em «La Reine Morte», Hélène Perdrière e Maurice Escande no

(Continua na página seguinte)

O teatro francês

e o seu prestígio em Portugal

(Continuação da página anterior)

«Jeux de l'Amour et du Hasard», Véra Korène na «Parisienne», Berthe Bovy na «Belle Aventure», Beatrice Bretty e Louis Seigner no «Bourgeois Gentilhomme», Fernand Ledoux no «Tartuffe», Clariond e Debucourt no «Othello».

Estaremos condenados a não ver as montagens preciosas de Jean Meyer e Julien Berthreau (que poderiam ser convidados a fazer entre nós algumas conferências sobre arte dramática, com evidente proveito para os nossos comediantes e homens de teatro), e a ignorar o bom gosto, a arte delicada e inteligente de Suzanne Lallique? Não veremos nunca obras como «Un conte d'hiver», «Poil de carotte», «Le plaisir de rompre», «Les fausses confidences», «Les Dindons», «Monsieur de Pourceaugnac» e «La double inconstance»?

Os Comediantes-Franceses representam hoje o que há de melhor e de mais puro no teatro em França. A Casa de Molière é um verdadeiro santuário onde se guardam as reliquias mais sagradas de uma poesia dramática que Corneille, Racine e Molière ilustraram com obras de reputação universal. A par dos clássicos, entre os quais se podem incluir Becque, Musset e Marivaux (e porque não Feydeau e Labiche?) também os grandes autores modernos, como Claudel, Gide, Mauriac, Bourdet, Montherlant, Vildrac, Jules Romain, Puget, Salacrou, Cocteau, Sarmant, Roger-Ferdinand, Audiberti, Maurice Rostand, Supervielle e outros, ali têm encontrado uma atmosfera de compreensão e de carinho que tem procurado valorizar as suas obras.

As melhores comediantes franceses juntaram-se, sem duvida, nesta sociedade artistica que se rege por um estatuto unico no Mundo e que reúne, além de uma trintena de societários, cerca de 80 pensionistas e contratados, que representam diariamente em dois teatros do Estado, o velho Odéon, denominado hoje sala Luxembourg, e a «Comédie» propriamente dita, que tomou o nome de sala Richelieu.

Estes artistas não se limitam a representar em Paris. Fazem frequentes «tournées» a cidades da provincia em França e ao estrangeiro. Aclamada até ao delírio na Inglaterra, em 1948, a «Comédie-Française» visitou a Itália no ano seguinte.

esteve no Egipto em 1950, percorreu a Escandinávia em 1951 (e os aplausos foram de tal modo entusiásticos em Helsínquia que os maquinistas idos de França choravam entre os bastidores), foi à América do Sul em 1952, e deslocou-se há pouco tempo à Rússia, sem falar noutras digressões a países limítrofes da França e sobretudo à Bélgica, onde apresenta regularmente um espectáculo novo em cada trimestre a um publico de assinantes do Théâtre du Parc, em Bruxelas.

Porque não havemos de aspirar a vê-la um dia—quanto mais depressa melhor—em Lisboa? Há entre nós um Instituto Francês e uma Alliance Française, aos quais se devem já algumas iniciativas louváveis no sentido de estreitar os laços espirituais que nos prendem à França. Porque não fazem essas entidades uma sondagem no sentido de averiguar em que condições se deslocaria à Portugal uma «troupe» dos Comediantes-Franceses, e não se põem em contacto com o nosso Instituto de Alta Cultura no sentido de conseguir o patrocínio do Governo português para uma iniciativa desse género, que seria, sem dúvida, um acontecimento de natureza a servir o prestígio do Teatro francês em Portugal?

Pierre-Aimé Touchard conta, nas suas memórias de administrador da «Comédie-Française», que o general Eisenhower ficou pouco menos que indiferente a uma representação da «Antigone» de Sófocles, que a «Comédie» caprichara em apresentar com relevante dignidade e na qual Renée Faure era deliciosa de fragilidade e de indignação contra a tirania de Creonte.

Em compensação, uma bela noite em que se representava «Andromaque» com Annie Ducaux, irrompeu pelo seu camarote um estudante americano que parecia perturbado e que se limitou a balbuciar: «—Perdoei-me que venha, deste modo, dizer-lhe a alegria que sinto, mas não posso calar-me por mais tempo: vi «Andromaque» na «Comédie-Française».

Ver «Andromaque» na «Comédie-Française» constituiu para aquele estudante americano um prazer inigualável e um privilégio raro. A honra da América estava salva.

NORBERTO LOPES

O significado do 14 de Julho

(Continuação da página anterior)

deram que um mundo novo surgia das ruínas da Bastilha. E, contudo, tratava-se apenas de um tumulto ou, pelo menos, assim o pensou a corte. Ninguém compreendeu a prodigiosa transformação que se ia seguir, preparada aliás, durante todo o grande século XVIII francês, pelos filósofos, precipitada pela guerra da Independência dos Estados Unidos e pela Declaração dos Direitos que ia universalizar a Declaração francesa: «Todos os homens nascem livres e iguais em direitos». E só o fim da escravidão, da arbitrariedade e da tirania. Surge o mundo moderno.

Não acabam aqui é claro,—sabemo-lo hoje mais do que nunca—as lutas que é preciso sustentar para manter em todo o seu vigor este princípio da liberdade e da igualdade dos homens. Mas não há duvida, porém, de que este princípio faz hoje parte integrante de todas as consciências, se tornou imortal, e que o 14 de Julho de 1789 foi o preludio universal desta immortalidade.

Permitam-nos uma observação. As longas guerra da Revolução e do Império deram á França a reputação de nação belicosa. Será necessário, porém, recordar que Napoleão não foi mais, em ultima análise, do que o correo dos Direitos do Homem? A própria Revolução era pacifica e a França nunca o deixou de ser. Estude-se com attenção a história post-napoleónica, a partir da Restauração, que foi forçada a manter as conquistas morais, politicas e juridicas da primeira Republica. Nunca a França cessou de ser fiel ao ideal do 14 de Julho, a este simbolo universal de liberdade e igualdade de todos os homens, de todas as raças humanas, simbolo que ainda não é uma realidade completa e, por isso

tem o significado de uma esperança—uma esperança que não pode deixar de se concretizar, quaisquer que sejam as forças adversas que se lhe oponham.

Este carácter universalista do 14 de Julho, da Declaração dos Direitos do Homem, da Revolução Francesa, é impossível negá-lo. A França poderia ter escolhido como festa nacional outras datas ou, mantendo o mesmo dia, preferir esta Festa da Federação das províncias que se realizou a 14 de Julho de 1790 e simbolizou a unidade indivisível da República. Foi, porém, o 14 de Julho de 1789 que coube o símbolo real, Tomada a Bastilha, era a conquista completa de liberdade, a afirmação do respeito da pessoa humana, que não pertence a um país apenas. As festas nacionais evocam outros triunfos vitórias de independência nacional, revoluções internas. O 14 de Julho transpõe todas as fronteiras.

E' por isto que esta simples data guarda, ainda hoje, em quase todo o mundo, a sua significação original e em uma tal repercussão. O 14 de Junho continua a exaltar as almas, e, se provoca por vezes certa nostalgia, o seu entusiasmo é sempre real, porque seu poder de esperança se não alterou. E' realmente a festa nacional, onde houver Franceses representa para eles um sinal de reunir, um laço fraternal. Mas, mais do que isso talvez, é um motivo de orgulho. Nos impérios poderosos, que por vezes desdenham injustamente de uma França debilitada, os nossos compatriotas sentem que esta data, este aniversário, os levanta. Por assim dizer, acima deles mesmos, que preserva ao seu país uma irradiação poderosa que nada pode nem poderá enfraquecer.

RÉMY ROURE

SE VERSALHES FALASSE... ANTES DO DILÚVIO O CURANDEIRO

3 FILMES QUE MANTÊM A FRANÇA NA VANGUARDA DO CINEMA

Serão apresentados na próxima época pela **MUNDIAL FILMES** que inclui ainda na sua sensacional lista de programação as super produções italianas

em **TECHNICOLOR**

ULISSES – CARROCEL NAPOLITA-
NO – TEODORA, IMPERATRIZ DE
BIZÂNCIO – ATILA – SENTIMEN-
TO – VÓRTICE – TURCO NAPOLI-
TANO – ALEGRE ESQUADRÃO –
MATRIMÔNIO – PASSEIO – VERDI
e ONDE ESTÁ A LIBERDADE
além de outras grandes produções
alemãs e espanholas

SIME

Sociedade Importadora de Minérios, Limitada

Rua das Flores, 71, 2.º D.

Téléphone : 2 5637 74963

Ad. Tél.: FREIGHTER

FILIALE À LISBONNE DE :

S C A C

**SOCIÉTÉ COMMERCIALE D'AFFRÈTEMENTS
& DE COMMISSION**

2, Rue Lord Byron — P A R I S

Téléphone: ELY. 15-25 (4 lignes)

Ad. Tél.: FREIGHTER

PYRITES — PHOSPHATES — MINÉRAIS
 AFFRÈTEMENTS — CONSIGNATION — TRANSIT
 ACCONAGE — MANUTENTION — SOUTES
 - MISE EN DOUANE

Sous la seule adresse télégraphique «**Freighter**»
la S. C. A. est présent en **FRANCE**, à

Dunkerque — Dieppe — Le Havre — Rouen — Cherbourg
Brest — Nantes — Bordeaux — La Rochelle — Sète et
Marseille

et dans **L'UNION FRANÇAISE** à

Tunis — Bizerte — Sousse — Sfax — Alger — Bône —
Oran — Casablanca — Safi — Agadir — Dakar — Douala
— Abidjan

No mundo do desporto

Portugal e França têm mantido relações em diversas modalidades que o público segue com vivo interesse

A França vive para o desporto e para o espírito. A sua actividade desportiva é extraordinária, movimentando diariamente milhares de praticantes. Os estádios encontram-se por toda a parte, a par de simples campos de jogos, às vezes ligados, em série, uns aos outros. Em Paris há recintos amplos e famosos, desde os Estádios de Colombes ou do Parque dos Príncipes, à conhecida piscina de Tourelles ou ao célebre Velódromo de Inverno.

Os Franceses interessam-se por todas as modalidades e em todas elas ocupam posição relevante, nadadores como Jean Boiteux, ciclistas como Luis Bobet, atletas como Mimoun, esgrimistas como Oriola, ginastas como Dot, pugilistas como Famechon, futebolistas como Ben Barek ou Bonifaci, sobressaem, é certo, mas não são mais que o produto de uma ampla aplicação da juventude francesa. São apreciadas as grandes organizações do desporto francês, a começar pela popular Volta à França em bicicleta, sem dúvida a prova desportiva mais conhecida em todo o Mundo.

A organização do desporto tricolor é perfeita. Vai, na escala descendente, desde o Subsecretariado de Estado da Juventude e Desportos aos clubes, através da Direcção Geral de Educação Física e Desportos, da Direcção de Educação Física e Desporto Escolar e Universitário, da Direcção dos Desportos, do Instituto Nacional de Desportos, do Comité Nacional e do Comité Olímpico.

Esta máquina, que não é só burocrática porque é também técnica abrange milhares de desportistas praticantes e, por extensão, alguns milhares de desportistas... espectadores. A França é, na verdade, grande no desporto, a ele se entregando com o mais vivo entusiasmo—não só na metrópole, mas igualmente no seu prolongamento colonial.

Traçado este quadro, evidentemente limitado, do desporto francês, aproveitemos para, também de relance, nos referirmos às relações desportivas franco-lusas, sempre desenvolvidas num plano de amizade e compreensão recíprocas.

Essas relações são antigas, bem podendo dizer-se que vêm dos primórdios do desporto português. Seria fácil, de certo modo, estabelecer um arquivo dos debates desportivos entre os Gauleses e os Lusitanos. Mas não é esse, já se deixa ver, o nosso propósito. Pretendemos, tão somente, em pinceladas largas, aflorar os acontecimentos desportivos em que os dois países estiveram envolvidos.

Tais relações têm-se observado cá e lá:

Ciclistas famosos

Remontando a alguns anos, largos anos, todavia, recordemos a visita de alguns ciclistas já de nomeada em França, ainda como amadores. Leducq, Wambst, Blanchonet e outros vieram disputar a Portugal uma prova de preparação olímpica. Mais tarde, vieram até o nosso País, Marcel Laurent, Parizet e Cossou; depois, ainda, Das e Girard; seguiram-se Pontet, Dassé e Lesguillons; tivemos a presença de Louvot e Archambaud, este antigo recordista do Mundo da hora. Por curiosa coincidência, quase todos os ciclistas nomeados foram, tempos após, nomes célebres. Laurent ganhou várias vezes o Bordeaux-Paris; Cossou foi 3.º numa Volta à França; Leducq, campeão nacional e vencedor do «Tour». Envergando a camisola de um clube português correram, em Portugal, Rodolphe e Chupin.

Mas não se fica por aqui no capítulo velocipedico. Fernando Moreira e D'as Santos foram a França disputar algumas provas, aliás, com boas classificações e Alfredo Trindade fez um estágio proveitoso no Levallois. Podíamos, ainda, falar de alguns interessantes, era a velocidade que na altura própria deram brado. Gil Moreira, nome muito conhecido na velocidade nacional, figurou num deles.

Atletismo, basquete, pugilismo...

O atletismo viu também relações franco-lusas. Nesta modalidade, esclareça-se, a França tem sido brilhante, mercê de valores como Ladoumege, Geo André, Bouin, Guillemot. No nosso País, exibiram-se, há anos, alguns bons atletas tricolores—Cerboney, etc.

Disputaram-se jogos de basquetebol, sempre com vitórias francesas. No Estoril, realizou-se um curioso Portugal-França de juniores. E num desporto algo semelhante com aquele, o voleibol, as relações com os Franceses caracterizaram-se já por um agradável êxito lusitano.

Entre pugilistas também tem havido contacto. Digamos, a propósito, que a França deu ao box Eugénio Ciqui, Carpanier, Cerdan, Marcel Thé e Pladner. Este Pladner combateu com o nosso compatriota Faustino Rodrigues, ganhando o visitante: Pladner, observe-se, foi um

dos melhores pugilistas do Mundo na sua categoria. Era conhecido pelo «homem sombra» e cremos que chegou a ser campeão mundial.

A época de ouro da esgrima e outras modalidades

A presença de bilharistas portugueses nos campeonatos do Mundo, dois dos quais já se realizaram em Portugal, do mesmo modo favoreceu o embate dos nossos jogadores com os franceses. E, de certo modo o valor dos lusitanos, tem ficado claramente patenteado nessas competições, com a inserção de Franceses, já o nosso célebre compatriota Alfredo Ferraz ganhou dois campeonatos, em partida livre e fantasia. A França possui excelentes jogadores, como Roger Contu, e é francês o sr. Avé, elemento preponderante no bilhar internacional.

Por iniciativa do Grã-não Cubo Português tivemos, há anos, a visita de uma equipa de ginástica de equipa e a participação de alguns excelentes ginastas olímpicos em sarau. Entre outros, exibiram-se aqui Ramundo Dot, o melhor ginasta tricolor, Weingand, Touchard e graciosas, ginastas, com especialíssima evidência, em todos os aspectos, para a gentilíssima m.ª Touchard, uma francesa na bem... francesa.

E o contacto luso-francês alarga-se a outras modalidades.

Ao automobilismo; ao remo; à esgrima, desde a época de ouro em que os Portugueses, Silva, Jorge Paiva, Mascarenhas de Meseses e outros quase exerciam o patriarcado da modalidade, até o campeonato do Mundo disputado em Portugal, e no qual se evidenciou o jovem Orio; ao hóquei em patins, nos torneios europeus e mundiais, sem esquecer a visita, há anos, de uma equipa de clube, julgamos que do Biarritz, que trazia um jogador famoso e que deixou eco em Portugal, Sabalette; à natação, desporto em que a França produz homens de alta categoria, como Tarris, Cartonnet, Vallerey, Nakache, Boiteux, Alex Jany e tantos outros, em que se registou a ida de Bessone Bastos à famosa travessia de Paris e a vinda das graciosas raparigas de «Les Moultes» em exercícios artísticos; ao raguebi; ao ténis de mesa; ao tiro, sendo de salientar que em França conquistou o malogrado Dr. António Martins dezenas dos seus mais belos triunfos; ao ténis de mesa, através de competições internacionais; ao hipismo, num intercâmbio de grandes cavaleiros; importando lembrar que em Fontainebleau alcançou José Mousinho, com o inesquecível «Hebraico» um título mundial; ao ténis, registando-se a presença em Portugal de célebres tenistas tricolores, tais como Cochet e Borotra e a extraordinária Susana Lenglen, etc.

O desporto-rei

Como é evidente, a maior projecção destas relações encontra-se no futebol. E neste desporto tais relações são longínquas, desde as excursões do grupo de «La vie au grande air de Medoc» e do F. C. Set e, a última Taça Latina, disputada no nosso País, e ganha pela equipa do Rems.

Jogos Portugal-França e Lisboa-Paris têm assinalado este aspecto das relações desportivas franco-lusas. Temos ganho e temos perdido e aqui, dada a expansão e popularidade de tal jogo, não parece oportuno referir os resultados de todos os desafios entre a França e Portugal. Realizou-se o 1.º em Toulouse, em 18-4-926, e aí fomos batidos por 4-2. Desforramo-nos bem, no Lumiar, num dia de chuva grossa, cerca de um ano depois (16-3-927), ao vencermos por 4-0, numa partida em que «Pepe» e José Manuel Martins brilharam e quase ridicularizaram o gigante defesa Walt...

Outros resultados: 1-1 em Paris (29-4-928); 0-2 em Paris (24-3-929); 2-0 no Porto (22-2-930); 2-3 em Paris (28-1-940), no desafio da amizade, já em plena guerra; 2-1 em Lisboa (14-4-946); 0-1 em Paris (23-3-947); 2-4 em Lisboa (23-11-947); 0-3 em Paris (1952) na fase dos treze jogos sem vitórias dos Portugueses.

As selecções B defrontaram-se por duas vezes. Em Bordeaux perdemos por 4-2; em Lisboa, triunfamos por 3-0, sendo todos os golos marcados por Aguiar.

E' vasta, como se verifica num esboço rápido e, acrescentemos, sem visar um documentário rigoroso, a intimidade desportiva de Portugueses e Gauleses. Importa repetir que ela se caracterizou sempre pela mais viva simpatia naquele plano em que, efectivamente, devem manter-se estas relações, à margem de outros aspectos que não sejam exclusivamente desportivos. O desporto, pela sua essência e alcance, não pode deixar de representar, no sector das relações internacionais, outra coisa que não seja um desejo de aproximação, de reforçamento de elos de amizade. E permitam-se nos afirmar que, a amizade luso-francesa, reflectida noutros sectores da actividade nacional, nunca foi obscurecida por sucessos observados no desporto. Pelo contrário. O desporto tem dado contribuição valiosa para cimentar essas relações amigas.

RÁDIO RECEPTORES PYE E CONTINENTAL

EM MÓVEIS, DE MESA E PORTÁTEIS
Para correntes alterna e contínua, pilhas ou baterias

GIRA DISCOS E PICK-UP «COLLARO»

ALTO-FALANTES «GOODMANS»

AMPLIFICADORES DE SOM

GRAVADORES DE SOM

INTERCOMUNICADORES EDISWAN

EMISSORES RECEPTORES PYE «DOLHPIN»

FRIGORÍFICOS G. E. C. E ASTRAL

Ferros de soldar e engomar eléctricos.

LEOPOLD SHIROI

Lisboa — Rua dos Fanqueiros, 17/19 — Tel. 20376

JOALHARIA MERGULHÃO

ANTIQUÁRIO

CASA FUNDADA EM 1895

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS,
ANTIGAS E MODERNAS. JOIAS E RELÓGIOS

Rua de S. Paulo, 162

Telefone 30013

LISBOA ■ PORTUGAL

AOS ARMEIROS

Durante a próxima época de caça a «PÓLVORA P. S. B. PROGRESSIVA» vai ser a preferida pelos numerosos Caçadores que já verificaram as excellentes características desta Pólvora Nacional.

VELOCIDADE MÁXIMA.
PRESSÃO REDUZIDA.
ÓPTIMO AGRUPAMENTO.
NÃO ATACA AS ARMAS.

As encomendas podem ser feitas desde já aos fabricantes:

EXPLOSIVOS DA TRAFARIA, S. A. R. L.

SEDE E FABRICAS NA TRAFARIA
TELEFONE 206

ESCRITÓRIOS EM LISBOA
R. DA PRATA, 81, 3.º, DT.º
TELEFONE 2 2663

SENATEJO INDUSTRIAL, LDA.

Projectos e aparelhagem de iluminação e sinalização
Material eléctrico, de rádio e telecomunicações

EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS

Rua do Alecrim, 46 — s-lorj

LISBOA

Tel. 34447

O Instituto Francês em Portugal

tem desempenhado importante papel nas relações culturais franco-lusas



Pierre Hourcade, actual director do Instituto

Foi por iniciativa de Pierre Paris, então director do Instituto de Altos Estudos Hispânicos que se fundou, em 1928, o Instituto Francês em Portugal. Separado, desde a sua origem, do Instituto de Espanha, ficou, tal como este, dependente da Universidade de Toulouse.

Esta dependência tornou-se teórica após a guerra, pois que, desde então, sómente se manifesta pelo envio de um relatório anual do conselho da Universidade e pela subordinação do centro de bacharelato de Lisboa — organizado sob a responsabilidade do Instituto — às faculdades de Toulouse. E, todavia, é assinalar o facto de se verificar este testemunho do carácter fundamentalmente universitário do Instituto Francês.

O seu primeiro director em Portugal foi Leon Bourdon, figura de recorte inesquecível, alto, loiro, de aspecto nórdico, que actualmente é professor de estudos portugueses e brasileiros na Faculdade de Letras de Paris.

De 1935 a 1941, o Instituto foi orientado por Raymond Warnier, personalidade que conquistou, nos meios cultos de Lisboa, as maiores simpatias.

Depois, após uma interrupção de um ano, durante o qual em França foi estabelecido o regime de Vichy, tomou a direcção do importante organismo o seu actual director, Pierre Hourcade, antigo aluno da Escola Normal Superior, formado em Letras.

Rapidamente, Pierre Hourcade, pela sua alicante, presença e simpatia e pelo seu espírito culto e actualizado, tornou-se uma das mais prestigiosas figuras da colónia francesa no nosso País.

O Instituto em Portugal

O Instituto Francês dispõe, em Lisboa, de um local próprio, anexo aos edifícios da embaixada e edificado sobre os alicerces das antigas cavalarias do Palácio de Abrantes. O imóvel foi inaugurado em Junho de 1939, por Amé-Leroy, então embaixador da França em Lisboa.

A sua situação um pouco excêntrica e sobretudo a sua relativa exiguidade constituem, segundo nos declarou Pierre Hourcade, um em-

baraço para o desenvolvimento das actividades do Instituto. Assim, a direcção viu-se obrigada a utilizar como anexo, em 1944, os dois andares situados na Rua das Praças, 13-A, que tinham servido de sede à Missão Universitária na época da ruptura com Vichy. Para as novas instalações foram, então, transferidos os cursos de língua, a secção científica, os serviços de contabilidade e os arquivos. Esta solução incómoda e onerosa não foi, todavia, senão um paliativo de ocasião para os inconvenientes acima indicados.

As actividades do Instituto de Lisboa, como já é do conhecimento do publico interessado, são múltiplas. Os cursos práticos de língua, cuja frequência é progressiva, têm, actualmente, uma frequência de 600 a 650 alunos, com predominância dos cursos médios e superiores de 3.º, 4.º e 5.º anos.

Os cursos especiais, que incluem civilização francesa e exercícios práticos, destinam-se aos estudantes da secção de filologia romana da Faculdade de Letras e futuros professores de francês.

Semanalmente são promovidas conferências feitas por professores da Missão Universitária ou por personalidades portuguesas. Para o mesmo fim, são promovidas palestras extraordinárias no Instituto e, sobretudo, nos estabelecimentos de ensino superior, por professores e cientistas franceses convidados sob o patrocínio da Direcção das Relações Culturais, segundo um programa de conjunto estabelecido em cada ano universitário.

Estes serviços culturais são secundados pela existência de uma biblioteca de 16.000 volumes e pela organização de concertos, quer com artistas portugueses, quer com virtuosos franceses que beneficiam do patrocínio material e moral da Associação Francesa de Acção Artística.

Do mesmo modo são organizadas exposições documentárias e artísticas. Entre as primeiras recordamos as que, recentemente, se realizaram no próprio Instituto para comemoração dos centenários de Balzac e Victor Hugo e, ultimamente, para comemoração do 10.º aniversário da morte de Giraudoux.

Das exposições artísticas, apresentadas em

salas portuguesas, salientamos as que se realizaram nos últimos anos, com grande êxito: a exposição de tapeçaria francesa, em 1952, no Museu de Arte Antiga e a da gravura francesa contemporânea, em 1953, no Palácio Foz.

Muitas destas iniciativas culturais devem-se à incansável actividade de Pierre Hourcade, espírito empreendedor, sempre pronto a dar o maior do seu entusiasmo a este género de manifestações.

Outras actividades há ainda a assinalar: o serviço de informações universitário e de correspondência escolar; a secção científica e técnica, com biblioteca privativa, o serviço de documentação, em contacto permanente com a Faculdade de Ciências e as escolas de engenharia.

No capítulo de publicações empreendidas pelo Instituto Francês, há a registar algumas obras, hoje já com a sua tradição cultural bem firmada: a Coleção dos Estudos Portugueses, que tem em publicação o seu 9.º volume; o Boletim de Estudos Portugueses que publicou, recentemente, o XVII tomo; e o Boletim do Centro de História do Teatro Português, que há cinco anos sai regularmente. Ainda dentro deste capítulo há a incluir «Análise», boletim de documentação bibliográfica sobre as publicações científicas e técnicas francesas, editada pela secção científica; o boletim trimestral de documentação económica, editado pelo Centro de Documentação Francesa do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Dentro das suas actividades o Instituto procede ainda à selecção dos candidatos às bolsas de estudo em estabelecimentos de ensino francês e férias de estudantes em França.

Além do seu director, de um bibliotecário, encarregado dos cursos práticos, de uma secretária com a mesma tarefa, de um professor, de duas secretárias-dactilógrafas e do pessoal menor, o Instituto beneficia, sómente, da colaboração parcial de professores que, aliás, exercem serviço em diversos estabelecimentos de ensino. Desse modo, o sr. Révah, agregado espanhol, encarregado do curso para os estudantes da Faculdade de Letras e animador do Cen-

tro de História do Teatro, lecciona a classe de português nos cursos superiores da secção secundária francesa do Liceu Charles Lepierre. Igualmente, o sr. Allen Lyondi, que tem a seu cargo a documentação e a correspondência escolar, tem, simultaneamente, a regência do 5.º ano daquele liceu e, no Instituto, os cursos superiores de língua. O sr. Hinterlang, delegado-geral da Alliance Française, assegura os serviços de bolsiros e o da organização de exames.

Por outro lado, estão adstritos à Missão Universitária três professores ligados a estabelecimentos de ensino superior portugueses: na Faculdade de Letras, o prof. Saunal, agregado de espanhol, encarregado do curso dos estudos franceses; no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, o prof. Jean Granie, licenciado em Direito, grande animador do Centro de Documentação Francesa, fundado em 1934, e redactor do Boletim trimestral de documentação; no Instituto Superior Técnico, o prof. Pierre Laurent, que rege a cadeira de Química Orgânica.

Traçado deste modo o quadro das actividades e das personalidades que servem o Instituto Francês em Portugal, poder-se-á fazer um juízo aproximado do que tem sido a sua proficiente acção em prol da cultura e da aproximação espiritual de Portugal e da França.

SOCIÉTÉ ALSTHOM

PARIS



Locomotiva tipo cc 7101 - Record mundial veloc. em caminhos de ferro. Dijon-Beaune, 243 km. hora.

MATERIAIS PARA CAMINHOS DE FERRO: LOCOMOTIVAS

Automotoras, sinalização.

MATERIAIS PARA CENTRAIS TÉRMICAS E HIDROELÉCTRICAS: TURBINAS, ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
APARELHAGEM ELECTRO-MECÂNICA

Delegados:

AGENCIA GERAL DE MATERIAL ELECTRICO L. DA

Rua dos Industriais, 4-1.º (às Cortes) LISBOA

TELEFONES 60692 - 66082

CREDIT FRANCO-PORTUGAIS

LISBOA

Rua da Conceição, 92

Telef. 32512

e

PORTO

Rua Sampaio Bruno, 1

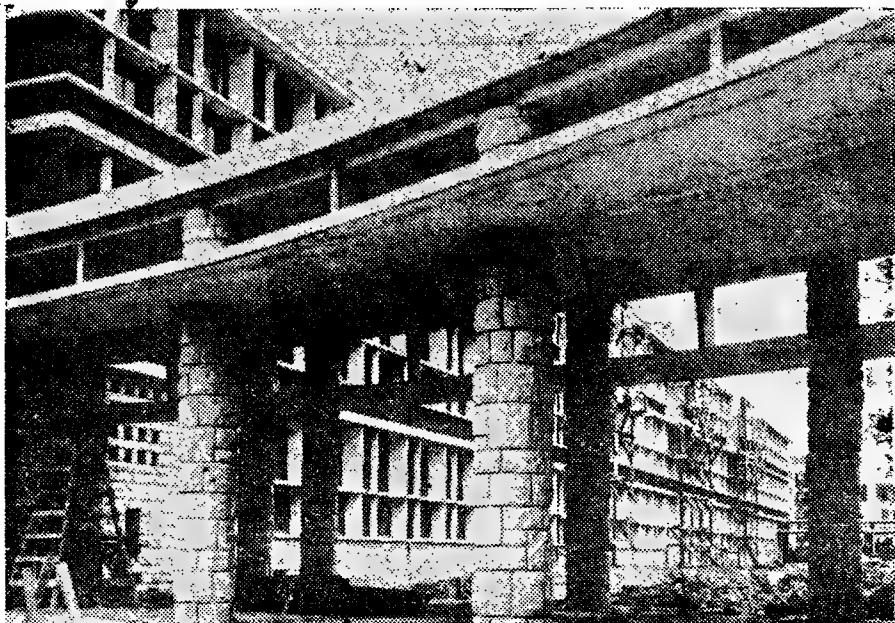
Telef. 21104

Endereço Telegráfico:
«CREDIONAIS»

Fundado em 1895
pelo CREDIT LYONNAIS

Todas as operações bancárias
Aluguer de cofres fortes (FICHET)

Filiais e correspondentes em todos os países estrangeiros



Um expressivo aspecto do magnífico conjunto de edifícios onde está hoje o Liceu Charles Lepierre

O Liceu Charles Lepierre e a evolução do ensino francês em Lisboa

Em 1907, a colónia francesa de Lisboa, desejando dispor de um estabelecimento de ensino para seus filhos em que se falasse a língua-pátria, resolveu criar uma pequena escola primária que servisse esse fim. Do Governo francês de então, a direcção da escola obteve uma modesta subvenção sendo, todavia, o resto das despesas coberto pelos elementos da colónia de Lisboa.

A guerra de 1914-18, ainda que tivesse provocado a mobilização da maioria do pessoal francês, não teve consequências funestas no desenvolvimento da escola, que, imediatamente, após o desfecho das hostilidades, ganhou nova vida e desenvolvimento. Em 1923, foi transferida para um imóvel no Pátio do Tijolo, onde havia de funcionar durante um período de 30 anos. A secção da escola primária vieram juntar-se, pouco a pouco, uma secção primária portuguesa, os cursos anexos de francês prático destinado a adultos e, tempos depois, em embrião de ensino técnico francês.

A esta importante fase da vida do estabelecimento estão ligados, por parte da direcção, os nomes dos srs. Laurent, Jacquier e Readers e, por parte do conselho de administração, o de um homem eminente que, depois de ter sido um dos fundadores da Sociedade da Escola, foi, durante 25 anos, o mais devoto dos seus animadores e o seu mais inteligente orientador: o professor Charles Lepierre.

Foi no ano de 1934 que a direcção da escola foi confiada a Frédéric Pourverelle. A sua iniciativa, encorajada pelo Governo francês, e agregada aos esforços da sociedade, deve-se o desenvolvimento da secção secundária portuguesa, e a criação progressiva da secção secundária francesa, bem como a fundação do jardim de infância e o aumento dos cursos nocturnos.

A importância que o estabelecimento foi ganhando, o peso das despesas que o seu incremento implicava nos problemas pedagógicos que se levantavam, levaram, pouco a pouco, os poderes públicos franceses a lançar um olhar atento sobre o estabelecimento de ensino de Lisboa. Isto é até à altura em que, a 1 de Janeiro de 1939, a Sociedade da Escola confiou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros francês uma responsabilidade que ela tinha assumido, com competência e habilmente, até então. A Sociedade não deixou, por esse facto, de administrar o estabelecimento, a fim de conciliar os estatutos com as exigências da lei portuguesa nesse capítulo. Ainda é a Sociedade que fica responsável pelas actividades da secção portuguesa do liceu e dos cursos anexos, de colaboração com a inspecção superior do Ensino Particular.

Os anos difíceis da guerra foram, todavia, assinalados por uma acentuada prosperidade da escola. Nesse tempo, já não podia comportar nas exiguas instalações do Pátio do Tijolo a crescente população, acrescida dos filhos de refugiados franceses vindos para Lisboa. Desde 1940, punha-se o problema da transferência para um edifício mais bem adaptado às exigências do ensino e que justificasse a confiança das famílias dos instruídos.

Após algumas tentativas de aquisição de um imóvel, a legação da França e a Sociedade da Escola tiveram a agradável surpresa do oferecimento, por parte do ministro Duarte Pacheco, de um terreno maravilhosamente situado à entrada da autoestrada, por um preço muito acessível.

As circunstâncias perturbadoras dos últimos anos da guerra não permitiram que a transacção fosse concluída antes de 1945. Entretanto, o sr. Pourverelle, esgotado por onze anos de incansável actividade em prol do liceu teve de antes do final da guerra, reformar-se prematuramente.

Teve por sucessor um director do quadro dos estabelecimentos de ensino franceses, o sr. Edmond Dumazet que, actualmente, é o previsor do Liceu Charles Lepierre.

Após um novo período de espera durante o qual os projectos de construção foram elaborados e aprovados, o novo imóvel foi iniciado

em 11 de Novembro de 1949. Três anos depois, com o nome de Liceu Charles Lepierre, em homenagem ao grande cientista e amigo do nosso País, fundador e benfeitor da escola, o novo estabelecimento de ensino era inaugurado em presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, do presidente do Município, do secretário de Estado das Belas-Artes francês, do secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês e do embaixador da França, sr. Jacques Du-maine.

O liceu que, neste período da sua actividade já alcançou um prestígio insofismável, tem actualmente uma população de 1.400 alunos (1.100 dos quais portugueses) de quinze nacionalidades diferentes e que estão divididos entre o jardim de infância, as secções primárias e secundárias francesa e portuguesa.

A Sociedade conservou o antigo imóvel do Pátio do Tijolo, onde continuam a funcionar os cursos anexos para adultos, cujo efectivo oscila entre 2.000 e 2.500 inscritos.

A actividade da "Alliance Française" desde que se instalou em Portugal

Entre as actividades culturais francesas no nosso País, teremos de colocar forçosamente, em plano primordial a da «Alliance Française», organismo que há 18 anos tem exercido uma extraordinária acção em prol do intercâmbio cultural luso-francês.

Hoje, o seu nome é já uma garantia e tem o pleno significado das coisas totalmente conseguidas.

Nunca será demais salientar a importância que hoje tem, para a vida de muitos sectores intelectuais, esse contacto estreito e fértil com a França, a sua literatura, a sua arte, com toda a mensagem cultural, em fim, sempre fresca e renovadora que dali constantemente nos chega.

Na retrospectiva das suas actividades no nosso País podemos avaliar quanto o esforço desenvolvido significa, quantas oportunidades, e excelentes, foram proporcionadas aos associados da «Alliance» de contactarem com a mensagem artística da França.

Será, pois, oportuno traçarmos aqui, embora sinteticamente, a breve mas significativa história da sua actividade.

Uma primeira tentativa para organizar agrupamentos da «Alliance Française» em Portugal foi esboçada em 1936, por Raymond Warnier, então director do Instituto Francês. Apesar das circunstâncias pouco favoráveis a tal empreendimento—a guerra civil espanhola, a situação internacional—o sr. Warnier conseguiu a fundação de três núcleos, em Setúbal, Funchal e Viana do Castelo, bem como a constituição de comissões em muitas outras cidades, nomeadamente em Lisboa e no Porto.

Entretanto, aqueles três primeiros centros ganharam, rapidamente, notório desenvolvimento, promovendo-se a fundação de bibliotecas bem apetrechadas, conferências e outras actividades culturais, entre os quais cursos de francês, iniciativas estas que foram acolhidas com extraordinário interesse pelos sectores intelectuais daquelas cidades.

Todavia, a guerra de 1939-1945 tornou difícil as actividades confiadas à «Alliance», tendo assumido provisoriamente a sua direcção o Instituto Francês. Em 1945, porém, sob o impulso de um delegado geral, o sr. Hinterlang, a «Alliance Française» começou, rapidamente, a animar de novo a sua excelente tarefa.

Em breve ganhou grande expansão, a fim de difundir para muitos centros do País as fontes culturais francesas.

Actualmente, existem comissões constituídas



RAYMOND WARNIER

a cuja actividade, como director do Instituto Francês em Portugal, que durante largos anos exerceu, se ficou a dever o impulso inicial da fundação da «Alliance Française»

da «Alliance» com actividades diversas e locais autónomos em Lisboa, Setúbal, Faro, Figueira da Foz, Viana do Castelo e Funchal; comissões e cursos nos núcleos de Santarém e Beja; comissões em Coimbra e no Porto. Nesta última cidade as actividades da «Alliance» estão coordenadas com as do Instituto Francês, que lhe presta toda a assistência.

A presidência da comissão de Lisboa foi sucessivamente assegurada pelo professor Vitorino Nemésio; depois pelo professor Moses Amzalak, que há anos a faz beneficiar da sua experiência, do seu prestígio e do seu denotado interesse.

Actualmente, a «Alliance Française» tem inscritos nos seus cursos de Lisboa mais de setecentos alunos, numero que deixa bem avaliar o interesse dos lisboetas pela língua francesa. Todos os anos, muitas centenas de alunos, de todas as idades e dos dois sexos, obtêm o seu diploma e, muitas vezes, consideráveis benefícios lhes advêm de tal facto, para a sua vida profissional.

Na provincia o fenómeno é idêntico. Os cursos têm elevada frequência e contam-se por muitas centenas de alunos que anualmente os frequentam.

A esta importante faceta da diminuição da aprendizagem da língua francesa aliam-se outras importantes actividades que, dia a dia, vão ganhando maior incremento. Todos os anos a «Alliance Française» promove conferências da autoria de importantes personalidades vindas prepositadamente de França, concertos com artistas da maior nomeada que vêm trazer a sua mensagem de arte; sessões de cinema através das quais têm sido dadas a apreciar aos alunos da «Alliance Française» algumas das mais importantes obras do cinema francês. Salienta-se neste aspecto a cinemateca francesa de Lisboa que tem nas suas estantes algumas películas de alto nível e interesse.

Como complemento de tudo isto, são organizados, periodicamente, bailes, recepções e passeios que aproximam de maneira vantajosa todos aqueles que participam nas actividades do importante organismo cultural.

Prova bem evidente do êxito obtido pelas actividades da «Alliance Française» em Lisboa é atestado pelo facto de apenas sete anos após a sua constituição ter sido necessário, em 1952, transferir-se a sua sede do andar do prédio que ocupava, na Rua Rodrigo da Fonseca, para um outro mais espaçoso e provido de melhores instalações, na Rua Bramecamp, 11, 1.º, hoje centro de reunião obrigatória de todos quantos têm algo que os relacione com a actividade cultural da instituição.

Fica, deste modo, traçada em breves linhas a história da actividade da «Alliance Française». Todavia, elas não expressam, suficientemente, o que tem sido a vida deste poderoso e incansável organismo cultural, que tantos benefícios trouxe já para a actividade intelectual e artística no nosso País, benefícios que nunca será demais salientar e louvar pelo seu significado intrínseco imediato.

DISTINÇÃO NECESSÁRIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. É de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

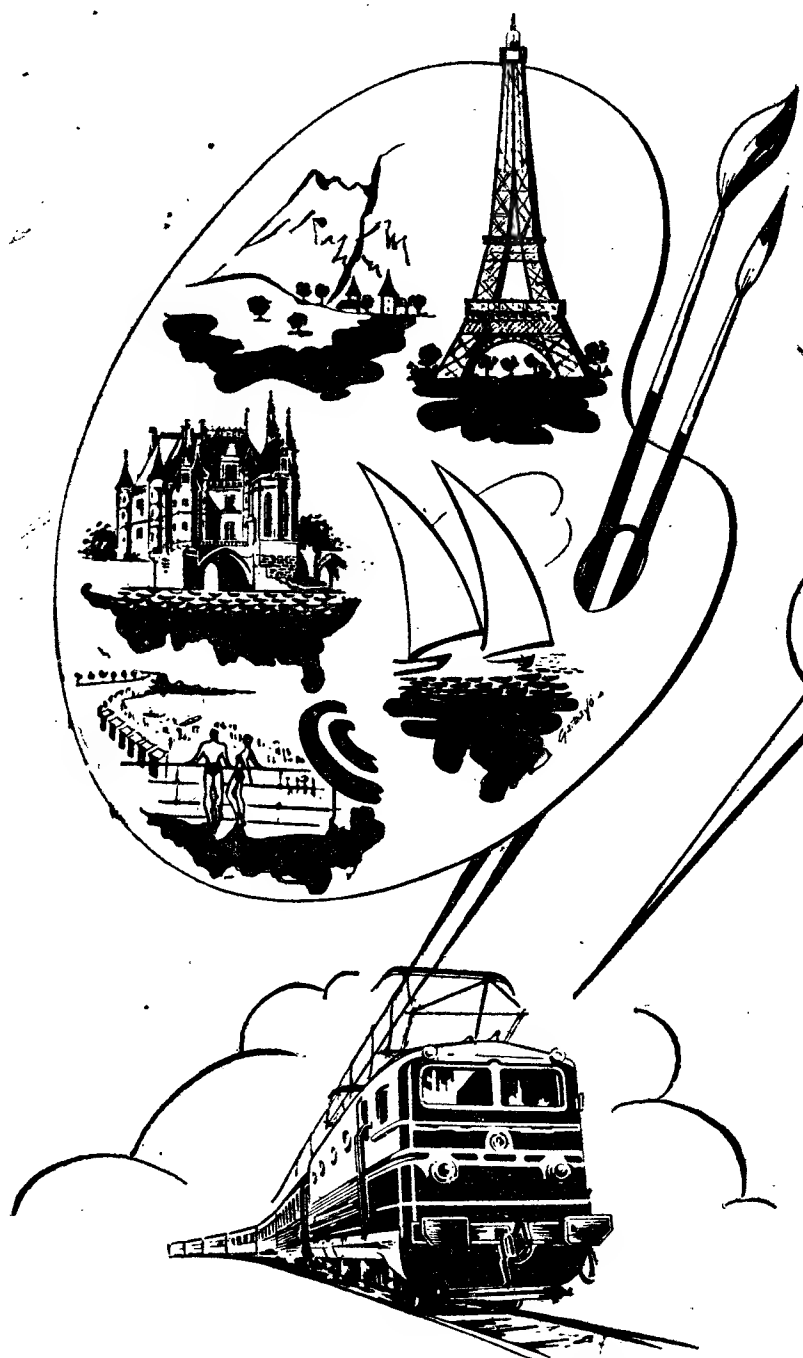
FAZ FOTOGRAFIA?
EXIJA



60 ANOS AO SERVIÇO DA FOTOGRAFIA

CHAPAS, PAPÉIS E FILMES
GARCEZ, LTD. — LISBOA

O melhor sitio para passar as suas férias é a **FRANÇA**



ESCOLHA ENTRE

as suas praias alegres, as suas montanhas grandiosas, os seus campos verdes, as suas cidades artisticas.

O COMBOIO...

o levará com toda a
COMODIDADE
VELOCIDADE
PONTUALIDADE
ECONOMIA

Excursões em
autocarros **S.N.C.F.**

Bilhetes turísticos a preços reduzidos
Consulte o seu Agente de Viagens, A. C. P. ou a



CHEMINS DE FER FRANÇAIS

Av. JOSE ANTONIO, 57 - MADRID

Policlínica da Rua do Ouro

ENTRADA

Rua do Carmo, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões - As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia geral e operações - As 16 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias - As 13 horas
Dr. Romão Lott — Doenças nervosas, electroterapia - As 14 horas
Dr. Mário de Mattos — Doenças dos olhos - As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estômago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais Todos os dias - As 15 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos - As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das Senhoras e operações - As 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças - As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese - As 10 horas
Dr. Norton Brandão — Pele e sífilis - As 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras - As 16 horas
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X - As 16 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia - As 16 horas
Análises Clínicas

Ponte do Guadiana

A. C. P. vende bilhetes especiais de ida e volta das estações e apeadeiros do ramal de Moura para a Ponte do Guadiana, aos preços seguintes:

Procedências	1.ª classe	3.ª cl.
Beja	19500	12500
Neves	13500	9500
Baleizão	10500	6500
Quintos	6500	3500
Serpa-Brinches	6500	3500
Pias	13500	9500
Machados	21500	14500
Moura	26500	17500

Os bilhetes são válidos, para a ida, no dia da venda, e para regresso, até às 24 horas do dia seguinte.

Excursões

CIRCUITO TURISTICO DA REGIAO DOS 3 CASTELOS

Todos os Domingos e 4.ª feiras

VISITANDO: CABO ESPICHEL, SESIMBRA, SERRA E PORTINHO DA ARRABIDA, SETUBAL, PALMELA E AZEITAO

Ao preço de 60\$00 cada viagem

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

DE

João Cândido Belo & C.ª, L.ª

Marcações em: CACILHAS: Posto da Empresa-Telefone 188-(Almada)
LISBOA—Agência de Turismo «Santa Maria Ld.ª»-R. Ouro, 292, 1.ª-D.
LISBOA—Turismo de Moçambique—Rua do Ouro, 87-2.ª, Esq.

GRANDE PARTE DAS INSTALAÇÕES

das
**C. R. G. E. Gás e Electricidade
de Lisboa****SÃO DE PROVENIÊNCIA FRANCESA**

Entre os seus engenheiros, contam-se alguns formados nas grandes escolas de França

O grande publico não supõe geralmente qual a soma de esforços, de saber e de capacidades de vária ordem que é necessária para montar e manter, dia-a-dia, de ano para ano, durante o longo periodo de mais de meio século, uma empresa como a C. R. G. E.

Ao serviço do publico, e procurando sempre satisfazer as exigências cada vez maiores do consumidor, velando pela sua segurança e lutando por vezes com dificuldades quase insuperáveis, a C. R. G. E. tem sabido cumprir a sua alta missão.

Sucessivas centrais eléctricas, actualizadas de acordo com as necessidades crescentes do publico e os progressos da técnica, fábricas de gás, uma após outra, têm contribuído, como poucas iniciativas, para elevar o nível de vida da Capital e de extensa zona circunvizinha.

A evolução da técnica, como a eficiência dos seus serviços, exigem constante renovação de materiais e de processos.

E onde quer que surja uma inovação que melhore a qualidade e o rendimento dos seus serviços, logo a empresa a estuda, a adopta e a importa, para melhor servir.

Não vale a pena historiar o que foi o começo desta empresa, cujos primeiros directores foram franceses, quando a electricidade era apenas uma preocupação de sábios, em laboratórios de física, nem lembrar o que foi a revolução trazida pela chama do gás canalizado, não só para a iluminação publica e particular, mas sobretudo para a comodidade da vida doméstica.

De mais, quem se recordará hoje da primeira central, eléctrica, do Salitre, ou do primeiro gasómetro de Lisboa?

O que interessa lembrar hoje, aqui, ao render um preito de homenagem á França, que durante este mesmo periodo de 60 anos se achou sempre entre os grandes países inovadores, tanto no campo da ciência pura como no das suas aplicações práticas, é que é quase impossível conceber o que seria a vida moderna sem a alta contribuição que á França se deve.

Dos seus Laboratórios, das suas Universidades e das suas grandes Escolas saíram os ensinamentos dos precursores, e a orientação dos técnicos, como da sua industria admirável saíram as mais perfeitas realizações práticas.

Os seus livros didácticos, os seus compêndios de especialidades, sempre foram considerados entre os melhores, pela clareza da sua exposição elegante e precisa, pela alta qualidade da sua ordenação sistemática.

Pelo poder de irradiação da sua língua, a França contribuiu, mais que nenhum outro país, para difundir pelo Mundo as aquisições recentes da sua elite de inventores e de técnicos experimentados.

* * *

Para só falarmos das instalações actuais da C. R. G. E., que sempre procuraram o melhor material, donde quer que ele viesse, é-nos grato verificar que, no ramo da electricidade, a Central Tejo, possui um grupo turbo-alternador de produção francesa; a rede eléctrica conta várias subestações de transformação de corrente alterna em continua, por meio de comutatrizes francesas, sem contar toda a espécie de aparelhagem de alta tensão, quer na Central, quer nas subestações, nos postos de transformação e na rede, bem como toda a espécie de material eléctrico, nomeadamente contadores de origem francesa.

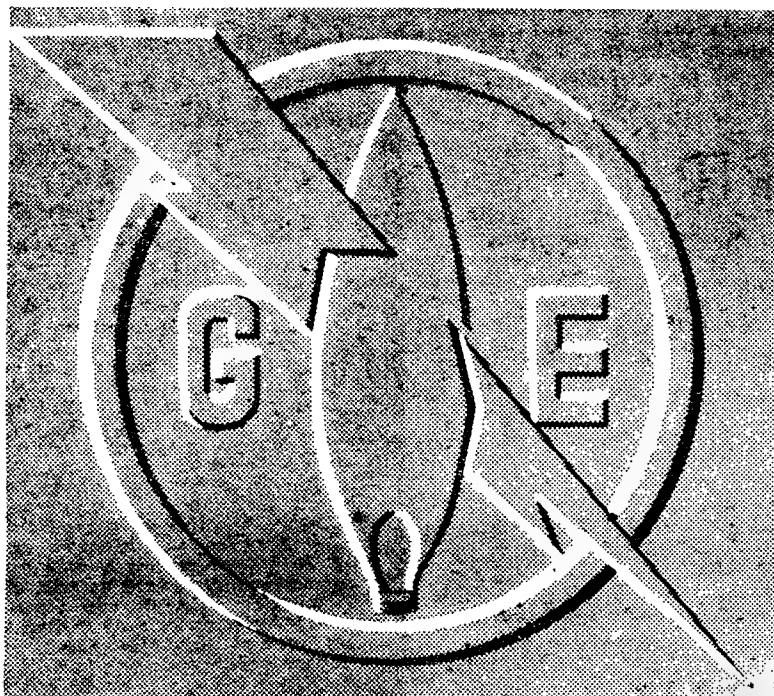
No ramo gás, a maior parte da nova fábrica da Matilha, que é justamente considerada como uma instalação modelar, é constituída por material de concepção e realização francesa.

Franceses são os seus fornos de destilação continua, como são também as instalações de tratamento fisico e químico do gás. São também de proveniência francesa os contadores de gás de Lisboa.

E ainda francesa a recente instalação do gás a água carburado, para só nomear as principais contribuições da França nesse conjunto moderno, que, além do gás, fornece o mercado português de uma grande variedade de subprodutos da destilação da hulha.

Entre os engenheiros da C. R. G. E., alguns saíram especializados das suas grandes Escolas e alguns deles merecendo até as primeiras classificações de todo o curso.

Que melhor homenagem poderíamos prestar á França, do que apresentar aos leitores do «Diário de Lisboa» a grande parte que lhe cabe na eficiente actividade da C. R. G. E.?

**Serrações Reunidas, S. A. R. L.****VIANA DO CASTELO
PORTUGAL**

Télégrammes - MADEIRAS / Viana do Castelo
Téléphones - 21285 - 21286

- TOUS EMBALAGES
- BOIS DE CONSTRUCTION
- CHARPENTE

En pin Maritime

Usines placés au Nord du Portugal,
départements forestiers

Représentantées au Maroc par la Société
«**PORESTALE INDUSTRIELLE ET
COMMERCIALE**», Rue d'Audeng,
CASABLANCA

DAVUM EXPORTATION

96, Rue Amelot

PARIS

Organização geral de vendas para exportação das fábricas:

Dillinger Hüttenwerke A. G.

Dillingen A. D. (Sarre).

«Sidelor» Union Sidérurgique Lorraine — Paris

FOLHA DE FLANDRES

de superior qualidade laminada a frio, altamente apreciada pelos industriais conserveiros metropolitanos e ultramarinhos, desde 1930

Matéria prima fornecida pela sua aderente «Sollac», Sté Lorraine de Laminage Continu, fábrica ultra-moderna de laminagem continua a frio

*

Agentes exclusivos para Portugal e Provincias Ultramarinhas:

Nogueira Limitada

LISBOA

107, 1.ª, Rua dos Douradores

Telefs. | 21381/2
23095

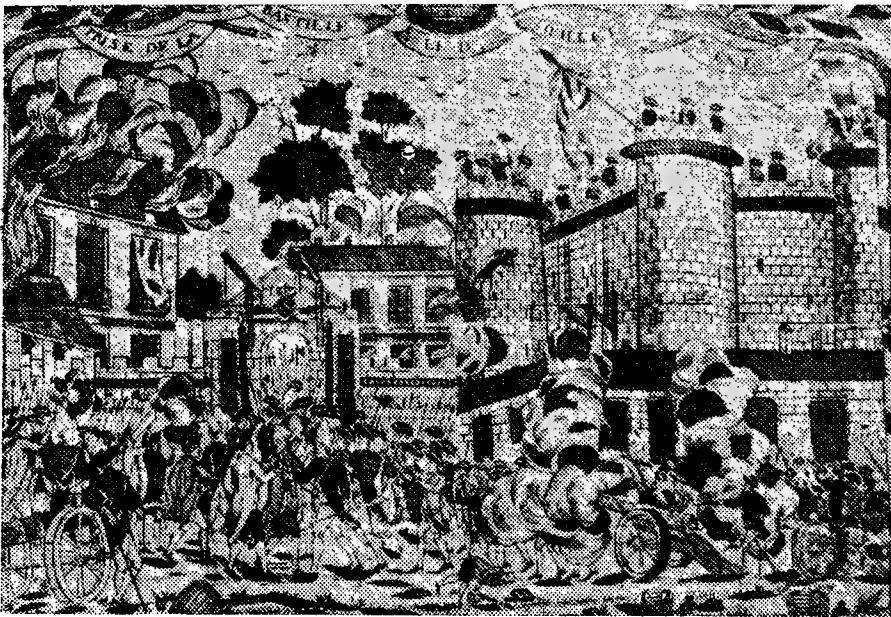
Teleg. Nogueiralda-Lisboa

PORTO

136, Rua do Almada

Telefs. | 27167
24547

Teleg. Nogueira-Lisboa-Porto



Uma bela gravura da época, representativa da tomada da Bastilha, notável pela minúcia dos temas que nela figuram, particularmente indumentária e armaria

A

LIVRARIA BERTRAND
está publicando em tomos mensais o volume

PORTUGUÊS-FRANCÊS

do Grande Dicionário

DOMINGOS DE AZEVEDO

cada tomo 40\$00

Está à venda o volume **FRANCÊS-PORTUGUÊS**

Enc. em percalina 500\$00
" em pele 560\$00

Vivem em Portugal 1.750 franceses

que exercem profissões diversas
principalmente no Comércio e na Indústria

Vivem, actualmente, em Portugal continental cerca de 1.750 franceses, constituindo uma colónia unida e laboriosa, que não desmerece as tradições criadas pelos naturais de França no nosso País. Longa tradição, aliás, fundamentada nos primeiros anos da nossa nacionalidade, ou mais cedo ainda, quando da vinda para a Península dos príncipes franceses que colaboraram na reconquista e com o estabelecimento dos monges de Cluny no território donde nasceu Portugal.

Hoje, são professores, cientistas, técnicos, industriais, comerciantes e agricultores—já que os tempos mudaram e os guerreiros se dispensam—todos empenhados em prosperar individualmente e concorrer, consequentemente, para a prosperidade do país em que vivem. Muitos deles afeiçoam-se de tal modo a este cantinho ocidental da Europa, que os seus hábitos estão nacionalizados por completo, com gostos e reacções tipicamente portugueses.

Nas próprias habitações de cada um, nos escritórios e nas oficinas, as características portuguesas predominam, demonstrando cabalmente terem sido eles a adaptarem-se e não o meio ambiente a falsear-se para os receber. Essa inteligente adaptação é um dos aspectos mais louváveis da vida da colónia francesa residente em Portugal, uma vez que ela se tem feito sem, de modo algum, recorrer à desnacionalização total e parcial dos indivíduos que a constituem, mantendo estes um arraigado espírito de carinho e amizade para com o país que os viu nascer.

Um dos factores que mais concorre para este estado de coisas é a semelhança de tipos biológicos e espirituais franceses com os portugueses, principalmente no que diz respeito aos naturais da zona mediterrânica francesa, onde o próprio sistema alimentar é particularmente parecido com o nosso. Dessa facilidade de adaptação temos, hoje, sinais bem evidentes, em dezenas de organizações comerciais e industriais francesas, cuja laboração em Portugal é tão activa e rendosa como a das indústrias e comércio de gerência nacional. Neste último ramo de actividade para resguardar os interesses dos franceses e dos portugueses que fazem, entre si, transacções comerciais, existe em Lisboa a Camara do Comércio Francês em Portugal e, por sua vez, em Paris, a Camara do Comércio Franco-Português. Esta tem exercido ampla acção em prol das trocas comer-

ciais entre os dois países, tratados de comércio e, sobretudo, dependendo os interesses dos comerciantes portugueses que levam para França as suas mercadorias. Deste facto nasce, consequentemente, a boa vontade do comércio português em aceitar os produtos franceses. Assim, entre outras coisas, Portugal importa de França coiros, contraplacados, diversos produtos químicos, fio de linho, batata, azeite, biscoitos, queijo, máquinas agrícolas, isoladores e aparelhagens eléctricas, pneumáticos, automóveis e acessórios, cristais, instrumentos ópticos, alumínio, papel e vernizes. Todos estes produtos, e os muitos outros que não referimos, estão mencionados num tratado de comércio que vigorará até 31 de Março de 1955.

No capítulo industrial, bastará citar organizações como as de H. Vaultier, M. Carp e Minas da Borralha, para termos uma noção exacta do valor da actividade dos franceses em Portugal. E, aliás, neste sector que, em Portugal, existe maior contingente de franceses, na sua maioria técnicos e engenheiros que no nosso País ajudam a montar a maquinaria que irá servir novas indústrias. E assim se vai consolidando, dia a dia, a actividade dos franceses em Portugal.

Há dez anos, quando a quase totalidade do território francês se encontrava libertado das tropas germanicas, que o ocuparam durante a última guerra mundial, o «Diário de Lisboa» ouviu o sr. Maxime Vaultier, então presidente da Camara de Comércio Francesa. Nessa altura, este importante industrial, referindo-se às relações luso-francesas, afirmou:

—Os pontos de contacto entre os nossos dois países são múltiplos. Países com origens racionais, religião e cultura semelhantes, tudo contribui para um estreitamento cada vez maior entre eles. Não duvido, mesmo, de que muitas surpresas surgirão logo que as comunicações entre os dois países se normalizem, tanto nos aspectos culturais como económicos.

Isto há dez anos, quando o fragor da batalha ainda ressoava pelos campos da Europa. Hoje, vemos com satisfação que, se não houve surpresas, do contacto entre os dois países nasceram, realmente, melhorias notáveis, para ambos e, sobretudo, mais se enraizou, nos 1.750 franceses residentes em Portugal, o amor pelas nossas gentes e o interesse pelos nossos problemas.

CITROËN

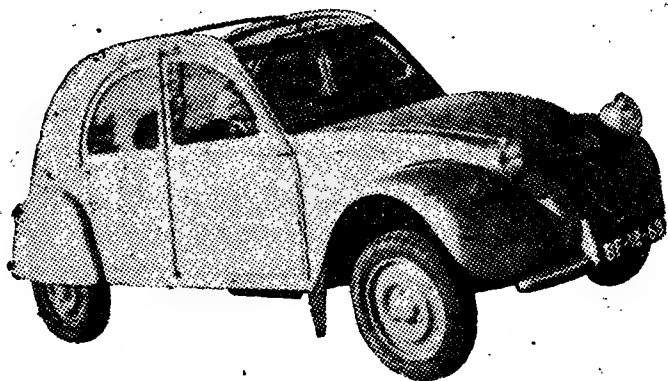
A FAMILIAR

Tracção à frente

O VERDADEIRO AUTOMÓVEL DE 8 LUGARES

Para Particulares ou Serviço de Aluguer

Espacioso—Seguro—Estável—Robusto—Económico



BERLINE

O Carro ideal para a Cidade e para o Campo
4 Amplos lugares — 4 Portas

Automóveis CITROËN S. A. P. R. L.

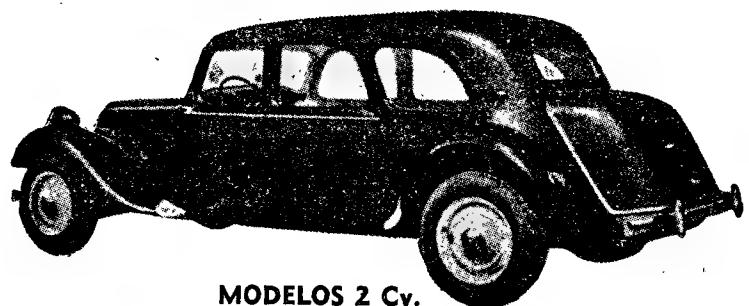
9, Avenida Praia da Vitoria

Telefones 41141 - 41142

LISBOA

Agentes Em Todas as Capitais de Distritos

Continua a aumentar a produção dos seus afamados modelos de «Tracção à Frente», bem como dos Fourgons e Chassis a gasolina e Diesel.



MODELOS 2 Cv.

OS VERDADEIROS VEÍCULOS UTILITÁRIOS

Tracção à Frente — Direcção de Cremalheira — Travões Hidráulicos às 4 rodas — Suspensão independente às 4 rodas (por braços articulados e molas em espiral, com estabilizadores de inércia) — Consumo 4/5 litros aos 100 km.

FOURGONETE

Para 250 Kg. de carga útil
Larga porta à rectaguarda

Mista

para 4 passageiros (incluindo o condutor) e carga



BERLIET o maior construtor francês de veículos industriais

utiliza na região de Lyon mais de cinquenta mil trabalhadores

A cabeça da produção de veículos industriais Diesel, Berliet vendeu em 1953 mais de 50 % da totalidade de camiões e autocarros absorvidos pelo mercado francês.

A indústria das fundições é uma das mais importantes da França. O visitante—técnico ou profano—encontra ali a capital alucinante do «império do diesel», com seus quatro sectores: ferro, aço, bronze—alumínio e moldes para madeira e metal.

Em cada mês, fundem-se mil toneladas de metal. A fundição do aço, equipada também com fornos eléctricos, produz quinhentas toneladas de metal no mesmo espaço de tempo. Aqui, com em toda a parte, o esforço considerável de modernização, orientado, sobretudo, na procura da automaticidade, dá agora os seus frutos: os cadinhos são carregados com o auxílio de um electro-man e um só operário, trabalhando com quatro aparelhos Simpson, trata por hora sessenta toneladas de areia para os moldes de fundição do aço.

Sob o punho infernal dos martelos-pilões, a pasta vermelha do aço torna-se tão dócil, como a massa tenra sob o rolo da cozinheira. O edifício das forjas abriga uma centena de máquinas que vão desde o minúsculo martelo pneumático ao maior martelo-pilão. E é sob os trovões conjugados desta artilharia de todos os calibres, que nascem as enormes cambotas que pesam 300 quilos, as molas de suspensão e, até, as peças levíssimas que pesam apenas algumas dezenas de gramas (os mimos do pai Vulcano...).

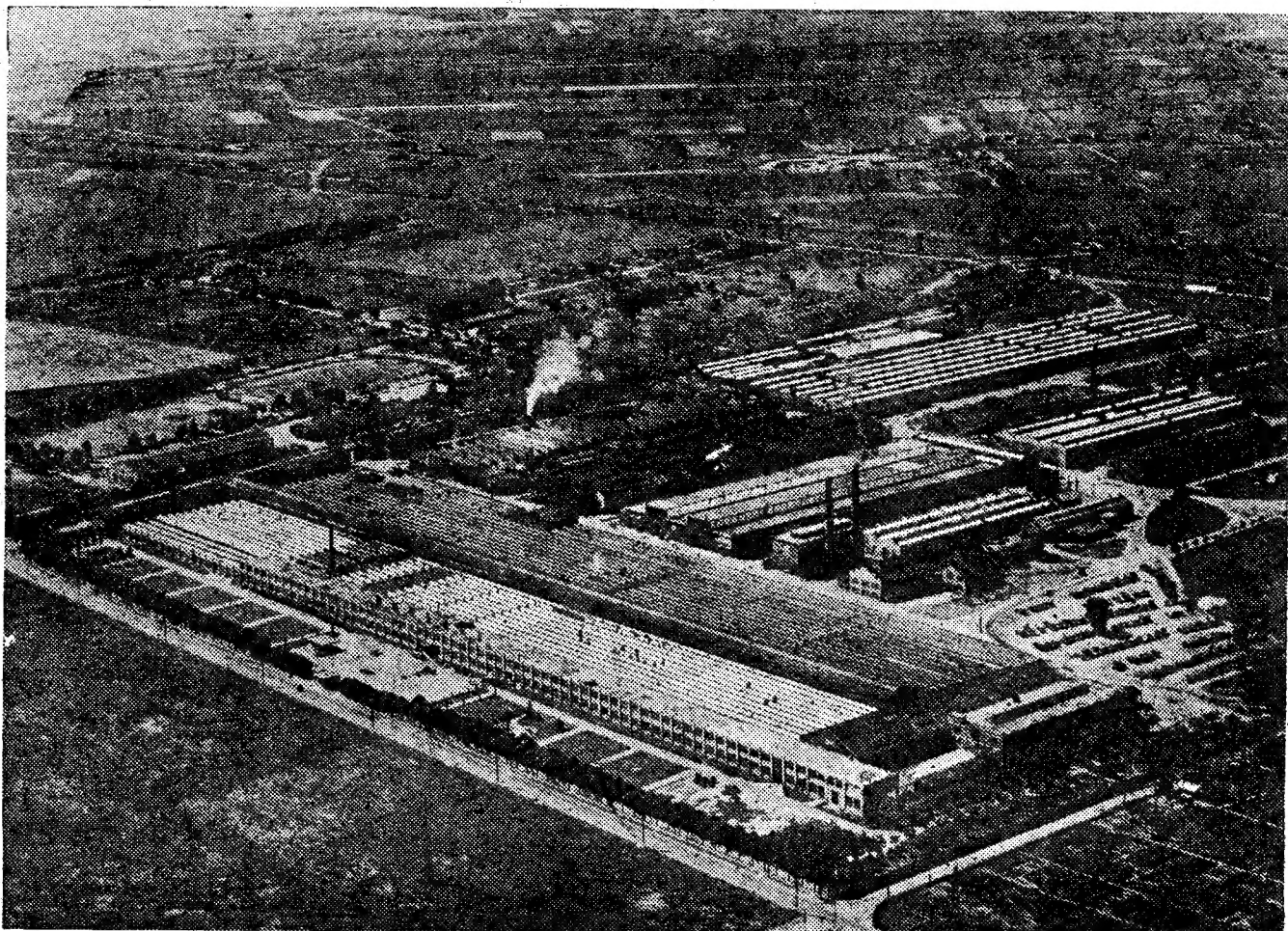
A oficina de estampagem dispõe de uma enorme bateria de prensas, que vão de 32 a 2.000 toneladas. Estampam-se a frio tectos de cabanas e portas tão facilmente como se fossem simples anilhas ou as longarinas e travessas dos «chassis», cujas espessuras vão até 12 milímetros.

2.600 operários trabalham no edifício das oficinas de mecânica cujo «hall» central tem mais de meio quilómetro de comprimento. Ali se armazenam todas as peças mecânicas e ali se montam todos os órgãos separados, tais como os motores, caixas, diferenciais, etc. Assim é possível ver-se, com frequência, um operário que vigia diversas máquinas automáticas. E é também possível afirmar que este material é seleccionado entre as melhores produções dos construtores especializados do Mundo inteiro.

Entre as muitas referências que seria justo acrescentar, há que destacar a bateria de grandes tornos automáticos Gridley, nos quais são talhados no bloco todas as peças que precisam de oferecer grande resistência, tais como as porcas de direcção de esferas, carretos de caixas de velocidade, etc.

Desde a Libertação os serviços de estudo renovaram a escala de veículos fabricados

Todas as indústrias nascem da arte do engenheiro porque aquelas não podem dispensar os artistas, cujo poder criador e cujo sonho exacto



Vista geral das instalações perto de Lyon

O primeiro dos Berliets modernos, o famoso camião GLR (5 cilindros 120X140) é hoje considerado como o mais rápido camião de longo curso.

Pouco depois, era lançado o 4 cilindros GLC que se tornou o campeão da tonelagem média.

A Berliet propõe agora aos construtores de obras públicas os numerosos tipos em série de básculas com basculamento traseiro ou em três lados.

Devemos acrescentar que a escala dos veículos da grande firma lionesa vai de 4 T. uteis a 35 T. de peso total em andamento (G. P. M. + reboque), notando-se, ainda, dois tipos de camiões, o GLB 4X4 e o GLC 4X4, que se adaptam perfeitamente às explorações florestais em todas as regiões, nos domínios agrícolas, nas explorações mineiras, nos transportes improvi-

cia, conforto, rendimento excepcional e economia que os distinguem.

Numerosos estudos, publicados na imprensa técnica internacional e, principalmente, na americana, chamam a atenção para o enorme interesse que suscita uma nova fórmula Berliet, nascida da criação da «plataforma-armada», que está a ser empregada, nos famosos autocarros PLR 10 inter-urbano ou urbano, ou no PBR 10, de três eixos, especificamente urbano.

Esta «plataforma-armada» é composta de uma forte viga horizontal com uma secção trapezoidal de chapa de aço. Sobre esta espinha dorsal, vão soldar-se, transversalmente, travessas muito altas, permitindo o espaço a localização de grandes cofres, depósito de combustível, acumuladores, caixa de velocidade e, por fim, o motor horizontal (6 cilindros 150 C. V.), cujo afastamento do solo permite que o autocarro seja usado nos itinerários mais difíceis.

O conjunto da «plataforma-armada» tem ainda uma grande rigidez em todos os sentidos,

com um ganho de peso sensível sobre as soluções clássicas. Os perfis fechados, que servem de estrutura à carroçaria, são soldados à plataforma em toda a altura das travessas (40 cm.), o que dá ao autocarro uma coesão perfeita.

O abaixamento do centro de gravidade e a excelente distribuição de pesos sobre os eixos garantem estabilidade incomparável, melhoria de conforto e duração notável do veículo.

O interior, completamente livre, presta-se aos serviços mais úteis ou aos mais luxuosos.

Em face dos resultados adquiridos, qualquer comentário parece supérfluo, sobretudo se se disser que a Empresa Nacional de Transportes Colectivos de Santiago do Chile, na América Latina, utiliza a frota mais importante (200 autocarros) unicamente constituída por estes veículos.

Mais de 4 milhões de quilómetros foram já percorridos pelas primeiras unidades fornecidas a esta companhia, que encara a possibilidade de passar uma nova encomenda de 250 veículos.



Linha de acabamento de autocarros (uma partida de duzentos para Santiago do Chile)

devem encerrar inexoravelmente a poesia singular do progresso dentro das regras da técnica. Sem pausas nem desfalecimentos, os serviços de estudo e fabricação de Véhicules seguem a evolução—e precedem-na, até frequentemente—tendo em vista os problemas que os clientes apresentam, em função de certas exigências novas que periodicamente se apresentam em todas as latitudes: conforto, segurança, velocidade, tonelagem, resistência contra o desgaste e rendimento, etc.

E' assim que, após a Libertação, se procedeu a uma revisão total da escala de veículos fabricados, procurando-se atingir o mais alto nível de qualidade para cada um dos novos modelos.

sados sobre pistas e, nas deslocações demonstrativas em novos pisos.

No que respeita ao capítulo «transportes colectivos» obtiveram-se resultados não menos eloquentes, graças a um clarividente estudo do mercado que soube determinar as necessidades exactas e corresponder-lhes com uma perfeita adaptação do material.

Podem, ainda, considerar-se os grandes êxitos dos autocarros Berliet, tanto nos estrangeiros (principalmente os de grande capacidade) como, em França, os de todos os modelos.

Do catálogo respectivo, constam 5 modelos de 24 a 125 lugares, podendo ser equipados para o serviço urbano ou para as ligações inter-urbanas, com a grande margem de poten-

Muitas dezenas de obras da nossa engenharia civil tiveram a colaboração de técnicos franceses

Quando, em Portugal, decresceram os recursos económicos que nos haviam lançado no caminho das grandes navegações, havia uma larga parcela por inscrever na enorme página da técnica da Engenharia. Portugal que arquitectara e construíra monumentos e pontes famosos, talhados na pedra dura, Portugal das grandes construções navais, não pôde sempre competir com a evolução da técnica de Engenharia. E foi então que se voltou para a França a luminosa França a que estava ligada pelo espírito, pela cultura e por tantos outros laços de latinitude. Todo o século XIX, com os seus maravilhosos inventos e descobertas, construtivos e pacíficos, se documenta com esse apelo à técnica francesa. Ao mesmo respondeu a França com eficiência e honestidade, como o provam, precisamente, essas dezenas e dezenas de obras de vulto realizadas em Portugal sob a sua égide. A lição colhida no seu próprio solo frutificava na terra portuguesa. Foram muitos, de facto, os engenheiros e técnicos franceses que vieram a Portugal projectar as nossas pontes e as nossas estações que, depois, eram construídas por sociedades como L'Etablissement Eiffel, a Société des Forges et des Ateliers Acusot e a Cia de Fives-Lille—principalmente, as pontes construídas em ferro, destinadas à nossa rede ferroviária e rodoviária. Destaquemos, entre estas, as pontes D. Maria Pia, sobre o Douro, ligando Gaia à capital do Norte; as pontes sobre os rios Cávado,

Ancora e Neiva; a ponte de Viana do Castelo, que, como a de D. Maria Pia, foi projectada e executada pela sociedade Eiffel; ainda, as pontes sobre os rios Tamega e sobre o Tejo, estas junto de Santarém e da Chamusca; as do Zêzere, bem como as que servem as linhas férreas da Beira Alta, Sintra e Setúbal.

Trata-se, na verdade, de uma magnífica contribuição, sobretudo se tivermos em conta que todas estas realizações, algumas das quais com mais de um século de funcionamento, revelaram permanentemente a sua eficiência, consagrando o valor da técnica francesa que, assim, marcou entre nós a capacidade realizadora da França. Essa capacidade assinala-se, ainda, nas obras de construção do porto de Lisboa, em parte a cargo do empreiteiro Hersent, segundo o impulso de Emílio Navarro, então ministro das Obras Públicas. Em 1889, a margem do Tejo cobria-se da aparelhagem e maquinaria francesas, com lugar especial para uma draga destinada à remoção de areia e lodos. Era, por certo, a primeira que aparecia em Portugal essa traz da por Hersent que interveio, também, na construção da doca de Alcantara e dos estaleiros navais, na Rocha do Conde de Obidos.

Seria, porém, uma longa enumeração dar todos os nomes chamados da França para ajudar a erguer o progresso de Portugal—esse progresso que continua e que, se já hoje não depende, como há um século, totalmente da técnica da França e dos Franceses—ainda vai lá buscar muitas das suas melhores participações.

Um camião não se compra todos os dias...



portanto, quando comprar, não deixe de, por uma pequena diferença, comprar o melhor.

OS NOVOS MODELOS

BERLIET-DIESEL

PARA 7,5 E 10 TONELADAS DE CARGA, SÃO OS
MAIS PERFEITOS CAMIÕES DA ACTUALIDADE

Estudados de raiz pelos engenheiros da mais completa e de uma das maiores fábricas do Mundo de camiões DIESEL, dispõem de

MOTORES de grande duração
DIRECÇÃO montada em esferas
TRAVÕES a ar comprimido
FREIO ao motor
CHASSIS fortíssimos
PNEUS de carcassa metálica

SÃO VERDADEIROS CAMIÕES DIESEL PARA TRANSPORTE DE GRANDES TONELAGENS

os serviços e assistência técnica **BERLIET-diesel**
em Portugal são reconhecidamente dos melhores.

A. A. SILVA

LISBOA - Av. 24 de Julho, 26-B
PORTO - Rua Firmeza, 502-506
Serviços técnicos e oficinas em PAÇO D'ARCOS

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS

Séde em Ponta Delgada

Carreiras regulares entre o Norte da Europa e Portugal
Carreiras regulares entre a América do Norte e Portugal

Frota : Navios «RIBEIRA GRANDE», «MONTE BRASIL», «HORTA», «VILA DO PORTO», «SAN MIGUEL», «LACOA», «SETE CIDADES» e «PERO DE ALENQUER».



DELEGAÇÃO E AGÊNCIA EM LISBOA :

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 24-4.º

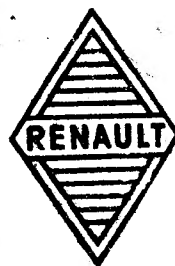
NO PORTO :

RUA DA NOVA ALFANDEGA, 20

L. HENRY GRIS, Ltda.

Impressores - Timbradores - Gravadores

NOME COM MAIS DE 100 ANOS NAS ARTES GRÁFICAS, E PRIMEIRA CASA ESPECIALIZADA EM TIMBRO-RELEVO, COMUNICA AOS SEUS EXCELENTÍSSIMOS CLIENTES E AMIGOS QUE MUDOU PARA A AVENIDA JOÃO CRISOSTOMO, 44-B, TELEFONE 5 0261, AS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES, ONDE ESPERA CONTINUAR A RECEBER AS V. PRESADAS ORDENS



RENAULT

1954

4 C.V.

Mais de 500.000 em circulação
4 portas - 4 lugares - 6 litros aos 100 kms.

FREGATE

O carro mais discutido da actualidade
6 lugares - 10 1/2 litros aos 100 kms.
130 kms. por hora

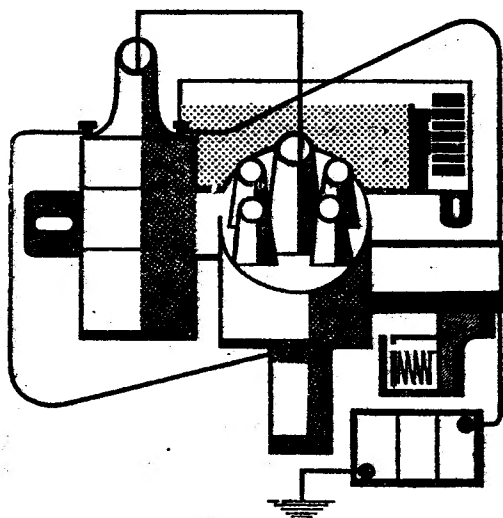
CONCESSIONARIOS NO SUL:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, L.ª

Rua da Escola Politécnica, 259

STAND — Av. da Liberdade, 71

OS EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS



da maioria dos

AUTOMÓVEIS

AUTOCARROS

e

CAMIÕES

franceses

são representados
em Portugal

por

A.A. SILVA

**SERVIÇO COMERCIAL E ESTA-
ÇÃO DE SERVIÇO na**

av. 24 de Julho, 26-B (a 500 m.
do Cais do Sodré) Telef. 61583
-66825

**OFICINAS, ESCRITÓRIO TE-
CNICO, ARMAZÉM DE PEÇAS
EM PAÇO D'ARCOS**

SUCURSAL NO PORTO:

R. FIRMEZA, 502 506 - TELEF.
23566

**DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA
EM TODO O PAÍS DAS
FÁBRICAS:**



A tomada da Bastilha

(Continuação da 17.ª página)

tropas reais. Logo, era, no espírito de todos os Parisienses, a «chave» estratégica que assegurava ao seu possuidor o domínio da cidade.

Em 1789 ainda se lhe reconhecia esta função: um panfletto distribuído pelas ruas da cidade, na véspera do 14 de Julho, anunciava que as tropas enviadas dos arredores de Paris, para a manutenção da ordem no «faubourg» de Saint-Antoine, seriam detidas pelo canhão da Bastilha.

Mas guardava-se também a recordação das detenções arbitrárias que, dizendo respeito somente a pequenos delitos de opinião, tinham povoado as sinistras masmorras da prisão. Estas detenções causaram grande agitação, pois que, sob os reinados de Luís XV e Luís XVI, as suas principais vítimas eram homens de letras ou panfletários: o mais célebre, embora a sua prisão tivesse sido de pouca duração, foram Voltaire e Marmontel.

Desse modo, a tomada da Bastilha foi interpretada, desde o dia imediato, como uma vitória sobre o despotismo e, simultaneamente, sobre uma vingança de Paris contra o poder.

E o duplo aspecto da jornada do 14 de Julho explica que, se indescul-

páveis excessos foram cometidos, o povo parisiense soube, ele próprio, pôr-lhe freio. A conquista duma fortaleza, que era um motivo de temor, deu ao povo a oportunidade de se desentenciar de todas as paixões, o ódio, a vingança, as represálias. Todavia, a capital, que, devido à fuga das autoridades, ficou alguns dias à mercê do povo, não sofreu qualquer dano: não houve nem incêndios nem pilhagens. Até mais: os relatórios da Polícia mostram-nos que nunca se deram tão poucas mortes ou desordens como nesta ausência do poder, durante a qual o povo foi o senhor da rua.

Nos dias que se seguiram, a nota dominante foi a da alegria popular. O arcebispo de Paris mandou celebrar um «Te Deum» em Notre-Dame. O rei Luís XVI dirigiu-se à Câmara Municipal, pôs a roseta vermelha e azul no chapéu e o seu aparecimento numa das janelas deu lugar a manifestações transbordantes de entusiasmo. Todo o país estava convencido de que o reinado do «bon plaisir» tinha acabado: todos se entregavam à alegria e à esperança de uma reconciliação durável entre a corte e o povo.

Não houve talvez na História da França período mais eufónico que esse. Durava ainda no ano seguinte, quando, nas ruínas da Bastilha, foi organizado um baile para comemorar o 1.º aniversário da queda da fortaleza. Sobre os alicerces das oito torres foram plantadas árvores e, suspensão delas, estendia-se uma cadeia de lanternas e festões. A entrada podia-se ler um cartaz: «Aqui dança-se». Antigos prisioneiros bailavam quadrilhas no local das suas masmorras. Ornamentos com pedras ou pedaços de ferro arrancados às ruínas eram ostentados ao peito com o orgulho de condecorações.

Os diplomatas estrangeiros acreditados junto da corte referiam, nos seus relatórios, estas ingenuas manifestações. Todavia, deixavam pressentir que a situação não tardaria talvez a tomar um aspecto inquietante.

O enviado do rei da Sardenha, marquês de Cordon, evoca esta «imagem risonha da paz e da alegria» com o sentimento de que ela seria de pouca duração. O embaixador da Inglaterra, duque de Dorset, assinala a ofensa feita ao rei de França como se ela tivesse sido feita ao seu próprio soberano—e via também o futuro com as mais negras sombras.

O diplomata que mais de perto acompanhou os acontecimentos foi o embaixador de Espanha, conde de Fernan Nuñez, a quem o povo havia requisitado o coche. Ele incluiu no seu relatório um plano de ataque à Bastilha. E' o testemunho estrangeiro a que devemos a análise mais completa e colorida desta jornada revolucionária. Não era absolutamente nada favorável às novas ideias, mas não deixava de considerar que «o nome da Bastilha fazia, apesar de tudo, tremer toda a França e ressoava com horror nos ouvidos de toda a Europa».



Uma escultura monumental

de João da Silva
debruçada sobre o Loire



Não foi apenas nos campos de batalha que a Grande Guerra fortaleceu os laços da fraternidade franco-portuguesa, pois, pode dizer-se que, sendo ela, já de si, uma consequência dessa fraternidade, dela nasceram outras cadeias de amizade e de compreensão. Assim o testemunha, por exemplo, o monumento de mestre João da Silva, erguido aos filhos do Poulignen, mortos na Grande Guerra. Ergue-se a uns 18 quilómetros de Saint-Nazaire, sobre o Atlântico, e foi inaugurado em 1920. A figura de bronze simboliza as gerações que hão-de vir, num gesto simples de homenagem áquelas que se sacrificaram pela França. No plinto de granito, entre as outras legendas, lê-se a frase de Ernest La-visse, síntese do espírito que promoveu a obra de homenagem: «Jamais une génération ne fut obligée autant que la vôtre au devoir de reconnaissance envers ses aînés». Está é uma das raras obras monumentais francesas, saídas das mãos de um português. Debruça-se sobre as águas do Loire inferior e, no seu conjunto, não é verdade que o recinto evoca de algum modo, na sua singeleza, a poesia de S. Pedro de Alcantara?

A França

e o seu lugar no Mundo

(Continuação da 17.ª página)

ventou necessita de passar pelas suas mãos, a fim de se espalhar com a forma definitiva.

Pais admirável pelo pensamento, pela cultura, pela razão e pela consciência!

Quem fez mais do que ela pela liberdade que tornou acessível aos mais humildes e quase até aos cativos?

Nós, os Portugueses, temos pela França não só amizade, mas até carinho. Nas nossas viagens, é o rumo preferido: corremos a Paris, como quem busca uma nascente miraculosa onde se mata a sede de modernismo, na sua feição simpática de abraço que nunca mais se desata.

Nos seus bulevares, passeia todo o globo terrestre, nos exemplares cuidados de quantas raças desejam apreciar os frutos da civilização que se oferece à vida, como os pomos, nos pomares. Nos momentos em que, por toda a parte, fenece a alegria, multiplicando-se as fadigas e as inquietações, há um recurso para os que não se resignam à luz baça dos poentes invernosos—Paris, Paris, Paris...

Ainda, sob este ponto de vista, a França recebe as bênçãos da Humanidade!



DR. MARCELO MATIAS
embaixador de Portugal em Paris



GILBERT ARVENGAS
embaixador de França em Lisboa

A. SERRA CAMPOS FERREIRA

Rua António Maria Cardoso, 27 LISBOA

AGENTE E DISTRIBUIDOR:

VINHOS DO PORTO «TAYLOR» — ESPUMAN-
TES NATURAIS E BRANDY «SÃO DOMINGOS»
— VINHOS DE MESA «SOGRAPE» — LICORES
«COINTREAU» — CHAMPAGNE «MERCIER» —
COGNAC «DENIS-MOUNIÉ» — GIN «FINSBU-
RY» — VINHOS DE JEREZ «RUIZ Y HERMA-
NOS» — SCOTCH WHISKY «ROTHSAY» e
«DANDIE DINMONT» — VINHOS DE BOUR-
GOGNE «PIAT» — VERMOUTH «CARPANO» —
ARMAGNAC «ST. JACQUES» — VINHOS DA
MADEIRA «ADEGAS DO TORREÃO» — CARA-
MELOS E DROPS «SHARP'S» — CONFEITARIA
LICOROSA «WILKINSON'S» — MOLHOS «GOO-
DALL'S» — QUEIJO GRUYERE «RIGI» — CORN
FLAKES «LATHAM'S» — FOIE-GRAS E TRUFAS
«LEYMARIE» — CHOCOLATES «LA MAR-
QUISE DE SEVIGNÉ» — PRODUTOS «COMPAL»

Tele { gramas: SECAMFER
fones: 28949 e 33630